

Novelas do Minho – I
de Camilo Castelo Branco

MARIA MOISÉS

A Tomás Ribeiro

São passados dez anos depois que vieste aqui. Foi ontem; e a pedra onde gravei o teu nome está denegrida como a dos túmulos antigos. Debaixo dela estão dez anos da nossa vida. Jazem ali os homens que então éramos. Estou vendo Castilho encostado ao friso da coluna tosca; estou ouvindo os teus versos recitados em nome de meus filhos... Ah! É verdade... tu não os recitaste porque tinhas lágrimas na voz e no rosto. – Que faria de ti a política, meu querido, meu poeta da Pátria e da alma?

S. Miguel de Seide, Novembro de 1876

PRIMEIRA PARTE

O pequeno pegureiro contou as cabras à porta do curral; e, dando pela falta de uma, desatou a chorar com a maior boca e bulha que podia fazer. Era noite fechada. Tinha medo de voltar ao monte, porque se afirmava que a alma do defunto capitão-mor andava penando na Agra da Cruz, onde aparecera o cadáver de um estudante de Coimbra, muitos anos antes. O povo atribuíra aquela morte ao capitão-mor de Santo Aleixo de além-Tâmega, por vingança de ciúmes, e propalava que a alma do homicida, de fraldas brancas e roçagantes, infestava aquelas serras. O moleiro das Poldras contrariava a opinião pública, asseverando que a avantesma não era alma, nem a tinha, porque era a égua branca do vigário. A maioria, porém, pôs em evidência o facto psicológico, divulgando que o moleiro era homem de maus costumes, tinha sido soldado na guerra do Rossilhão, não se desobrigava anualmente no rol da igreja, nem constava que tivesse matado algum francês.

Era por 1813, meado de Agosto, quando o pastor chorava encolhido, a um canto do curral, e pedia ao padre Santo António com muitas lágrimas que lhe deparasse a cabra perdida.

João da Lage, o amo, assomou à porta da corte, e bradou:

– Perdeste alguma rês?

O rapaz tartamudeou, tiritando de medo.

– Perdeste, ladrão? vai em cata dela, e, olha lá: se a não trouxeres, não me apareças mais, que te arranco os fígados pela boca.

E deu-lhe dois valentes pontapés à conta.

Este João da Lage era homem de princípios menos maus, assentados em religião e pátria; havia matado dois franceses doentes nas ambulâncias retardadas, e acreditava que o fantasma era a alma do capitão-mor e não a égua branca do vigário.

O rapazinho deitou a correr, e lá foi caminho da serra. Tendo de optar entre os malefícios da alma penada e a biqueira do tamanco do amo, preferia encontrar o defunto capitão-mor. Ainda assim, ia rezando alto quanto sabia da cartilha: os Pecados mortais, as Obras de misericórdia, os Sacramentos da Santa Madre Igreja, tudo. À saída da aldeia, recuou estarrecido. Vira um fantasma branco a destacar das trevas, e agachado na raiz de um castanheiro.

– Ó Zé da Mónica, és tu? – perguntou o suspeito fantasma.

– Sou eu, tia Brites – respondeu o rapaz suspirando ofegante – Credo! que medo você me fez!

– Tu onde vais a esta hora?!

– Vou à cata de uma cabra. Você viu-a?

– Eu não. Olha lá, a tua ama Zefa também anda à procura da cabra?

– Agora! A senhora Zefinha está doente há mais de mês e meio na cama.

– Isso sei eu; mas havia de jurar que a vi saltar agora o portelo da cortinha do rio! Se não era a Zefa era o demo por ela!

O rapaz tornou a tolher-se de medo, e perguntou a meia voz:

– Seria a alma?

– Do sr. capitão-mor? Não me pareceu; que ela ia de saia escura, e levava um saiote pela cabeça.

Neste comenos, descia o moleiro do lado da serra pela barroca escura com dois jumentos carregados de foles, e vinha cantando:

Já fui canário do rei,

*Já lhe fugi da gaiola,
Agora sou pintassilgo
Destas meninas de agora.*

– Pra pintassilgo estás muito fanhoso, ó Luís! – disse galhofando a Brites do Eirô.
– Olá, sua bruxa, que feitiços está você a fazer aí? – respondeu o veterano do 2.º regimento do Porto – Não me meta medo aos burros que eles já estão estacados a olhar pra você.

Deixe passar os parentes.

– Eu não sou da tua família, ouviste, jacobino? – replicou a velha, e fazendo-lhe duas figas, acrescentou: – toma, que te dou eu, herege!

– Ó tio Luís! – perguntou o pegureiro – vocemecê viu aí na Agra da Cruz uma cabra?

– Não a vi, rapaz, mas ouvia-a berrar lá para o rio. Mete aí pela cangosta do Estêvão, e vai pela beira do rio abaixo que a topas lá para a Várzea das poldras ou na Ínsua.

– Está mesmo indo... – interveio a tia Brites – Boa hora é esta para um rapazinho se meter à cangosta do Estêvão!

– Então que tem?

– Que tem?! Vai perguntá-lo à Zefa do João da Lage que ficou lá tolhida uma noite, e nunca mais teve saúde.

– Sim, sim, tia Brites; você lá sabe desses tolhiços, e eu também sei como as raparigas se tolhem nas cangostas. Tens medo, rapaz?

– Tenho, sim, senhor.

– Espera aí que eu venho já.

E, tangendo os burros que espontavam o tojo dos valados, foi descarregá-los, encheu-lhes a manjedoura de erva, gargalçou da borracha uma vez de vinho, e voltou onde o esperava o pastor, a quem a tia Brites contava casos vários de almas penadas.

– Vamos lá, pequeno – disse o moleiro – Conheço bem o teu amo, e sei que ele à conta da cabra, se tiver meio quartilho de aguardente no bucho, é capaz de te quebrar os braços; por isso é que ta vou ajudar a procurar. De que tens tu medo, rapaz? É da alma do capitão-mor? Não sejas tolo. As almas boas dos que morrem são de Deus, não fazem mal a ninguém; e as más são do diabo, que as não larga das unhas.

– Arrengo-te eu! este homem está vestido e calçado no inferno! – murmurou a tia Brites, erguendo-se indignada, benzendo-se de ombro a ombro, e do alto da cabeça ao umbigo.

– Que está você a rosar, mulher! Que este rapazelho seja parvo, tem desculpa; mas você, com mais de setenta anos na carcaça, já tinha tempo de ter juízo nesses cascos. Você já viu almas, ó criatura?

– A mim não me impecem, graças a Deus! – respondeu Brites com desvanecimento – Elas bem sabem com quem se metem.

– Não se metem no seu corpo? Pudera... – redarguiu o veterano sempre risonho – Eu se fosse alma penada, topando com você, desatava a fugir. A alma que se metesse nesse corpo, devia sair suja como a ratazana dum cano.

– Vai-te, vai-te, jacobino; cruces, diabo, cruces! – exorcismou a tia Brites com dois dedos em cruz, e meteu-se em casa às arrecuas.

– É o que te digo, rapaz. Deixa lá asneiar o povo. Olha se te guardas de alguma sacholada de teu amo, que das almas do outro mundo te livro eu.

O moleiro ia conversando com o pastor pela pedregosa cangosta do Estêvão. Apesar das palavras animadoras do veterano, o rapaz, ao passar nos lanços mais escuros do pedregal, ia orando mentalmente fragmentos da Cartilha. Os vaga-lumes fosforeavam entre os silvedos, e às vezes um melro assustado batia as asas na ramagem das sebes. O pastor então maquinalmente agarrava-se ao braço do moleiro que lhe metia a riso a covardia.

Ao fundo da viela, que desembocava no rio, havia dois portelos, um à direita para uma várzea de milho espigado com grande folhagem, outro à esquerda para um panascal que entestava com a corrente do Tâmega. Saía então do rio para a cangosta um grande vulto alvacento chofrando na água com pernadas longas e mesuradas. O rapaz expediu um ai rouco e, agarrando-se aos suspensórios de couro do moleiro, gritou:

– Ó tio Luís, ó tio Luís!...

– Que é?

– Vossemecê não vê?

– Vejo, pedaço de asno, vejo; é a alma do capitão-mor que anda a pescar bogas com chumbeira... Não vêes que é um homem em fralda? Abre esses olhos, bruto!

Era o caseiro da quinta de Santa Eulália, que vinha batendo com a chumbeira as angras do rio por onde o escalo costumava acardumar-se.

– És tu, ó Francisco Bragadas? – perguntou o moleiro.

– Sou.

– Ouviste por'i berrar uma cabra?

– Há pedaço, berrava ali no bravio do Pimenta; mas já depois a ouvi lá pra baixo na Ínsua.

– O peixe cai? Dá cá duas bogas para eu cear.

– É má noite. O peixe meteu-se aos poços. Anda coisa má por aqui... Vou-me chegando a casa.

– Coisa má? Topaste algum avejão no rio? Olha que a alma do capitão-mor anda na serra; mas talvez viesse tomar banho, que a noite está quente.

– Homem – volveu o pescador escrupuloso – deixemo-nos de graçolas. Aí bem perto donde tu estás, para lá desses salgueiros, ouvi eu, quando passei pra riba, uma coisa que parecia uma criatura a chorar e a gemer.

– Isso era coruja ou sapo – replicou o moleiro com a intemerata certeza das ciências naturais – Se tens medo, vou contigo; mas hás-de repartir do peixe que levas... Lá está a cabra a berrar, ouves, rapaz?

– Já passou para além do rio – disse o da chumbeira – havia de ser pelo açude. Tendes que fazer. Adeus, Luís.

– Má raios partam a cabra! – praguejou o moleiro – Temos de ir passar às poldras. Olha que espiga! Eu antes queria pagar a rês a teu amo que ir agora além do rio!

Neste momento, ouviram gemidos, que pareciam pouco distantes, à beira do rio.

O pastor, com as mãos fechadas sobre a boca, e pondo-se de cócoras, disse:

– Ai Jesus!

– Aquilo é cousa! – observou o veterano com pachorrenta reflexão. – Bem dizia o outro. Não é coruja nem sapo... Agora é!

– Então que é, tio Luís? – perguntou o rapaz com a rouquidão afónica do pavor.

– É uma mulher a chorar, tu não ouves? Vamos ver quem geme antes de mais nada.

Transpôs o moleiro de um pulo o valado, tossindo de maneira que significava coragem neste bravo do Rossilhão; mas que em outros bravos que tossem não tem

sempre o mesmo significado. O pequeno seguia-o tão de perto que o trilhava nos calcanhares.

Seguiu bem rente a ourela do Tâmega; de vez em quando ouvia os gemidos, mas pareciam-lhe mais longe ao passo que mais se avizinhava, porque a voz ia esmorecendo em soluços abafados. Ao cabo do ervaçal adensava-se uma moita de álamos e salgueiros, e lá no interior o rio espraiava-se, formando lençol de água murmurosa, onde os pescadores colhiam com a chumbeira as bogas no tempo da desova. Ao chegarem ali, ouviram estas palavras:

– Quem me acode, que eu morro sem confissão!

– Ela é a senhora Zefinha! é a minha ama! Valha-me Deus! – exclamou o pastor, e com incrível ânimo rompeu a direito por entre a ramaria do salgueiral, e saltou, sem arregaçar-se, ao rio, que lhe dava pelo joelho. O moleiro seguiu-o. Com meio corpo a água e os braços enroscados no esgalho de uma árvore, entreiram mal distinto na escuridão cerrada pela ramagem, aquele vulto e mulher, que repetia as palavras:

– Quem me acode, que eu morro sem confissão!

– Ó senhora Zefinha! – disse o rapaz – é vossemecê? – e deitou-lhe os braços ao peito erguendo-a para si. – Ó tio Luís, ajude-me que eu não posso!

– Eu cá estou – disse o moleiro, levantando-a a custo, porque ela tinha as mãos recurvas e os braços rijamente hirtos no tronco de salgueiro como se em ânsias de asfixia se houvesse agarrado nele.

– Isto que foi, Josefa? – perguntou Luís, tomando-a nos braços, e galgando a custo o valado que se esbarrondava cedendo aos pés vacilantes de Luís, molhados pela água que escorria dos vestidos.

A filha de João da Lage, estorcendo-se nos braços do moleiro, dizia com palavras soluçantes:

– Não me leve para casa, pelas almas benditas. Deixe-me deitar na terra, e vá chamar o sr. vigário para me absolver, que eu estou a expedir.

– Tem paciência, moça; aqui não te deixo, que estás toda ensopada em água, e tens a cara a arder... Tu caíste ao rio, Josefa? que vieste aqui fazer tão de noite?

– Jesus valei-me! Jesus acudi-me! Jesus salvai-me! – murmurava ela perdendo o alento, e tiritando em calafrios.

Luís, receando que a convulsa rapariga lhe expirasse nos braços, atirou-a para o ombro direito, e apertou o passo por entre o ervaçal, dizendo ao rapaz que fosse adiante avisar o amo.

No momento em que transpunha o portelo com o embaraço do peso e do estorvo que lhe fazia o vestido molhado, teve de colher as saias com a mão esquerda; e neste lance, sentiu nas costas da mão um contacto de líquido quente com fartum enjoativo de sangue. Então pensou que ela estivesse ferida, e perguntou:

– Tu feriste-te, Josefa?

Ela não respondeu, nem gesticulou levemente. Os braços pendiam inertes ao longo das costas do moleiro, e a cabeça balançava maquinalmente conforme os movimentos variados que ele lhe dava ao corpo ajeitando-o para saltar a parede escadeada. Vencida a dificuldade, e conseguindo assentar o pé no trilho pedregoso, por onde viera, sentou-se esbofado no respaldo duma fraga; e, como gelado do terror do cadáver que lhe parecia resfriar nos braços, tremia, descendo do ombro para o regaço a mulher que efectivamente estava morta.

Chamou-a, agitou-a, invocou as almas à míngua dos recursos humanos; e, encostando-a à ribanceira, enxugava com a rama de fetos secos o suor que lhe gotejava das faces ao peito.

Poucos minutos depois, João da Lage, o vigário, e outras pessoas atraídas pela curiosidade ou pela compaixão, desciam a cangosta do Estêvão com fachos de palha acesos. A Brites do Eirô, que os vira passar, juntou-se ao grupo dizendo que, ao toque das Trindades, tinha visto Josefa saltar para o campo da Lagoa e meter para o lado do rio, com o saíote pela cabeça.

Na extrema da viela encontraram o Luís moleiro sentado à beira de Josefa que, vista à luz dos archotes, parecia viva porque tinha os olhos abertos.

– Que é isso, rapariga? – perguntou o pai.

– Não lhe pergunte nada, João, que ela está com Deus – respondeu Luís.

O vigário, apalpando-lhe as mãos e o rosto, confirmou:

– Está coberta de suor frio. Que foi isto? – ajuntou ele voltando-se para o João da Lage – você há-de saber pouco mais ou menos por que esta boa rapariga se deitou a afogar!

– Eu não sei – respondeu o pai com a serenidade de um estranho narrador. – Ela estava doente há mais de mês e meio; mandei chamar o boticário de Friúme; ele receitou-lhe não sei que barzabum de xaropadas que a rapariga nem pra trás nem pra diante. Ora vai hoje ali pela sesta fui achar a minha Maria a chorar, mas nada me disse. Depois, fui regar um campo de milho, e quando tornei a casa à noite, e perguntei por minha mulher, soube que ela estava ainda no palheiro. Fui-me onde a ela, perguntei-lhe o que tinha, e ela já me não respondeu, porque estava sem acordo; peguei nela e deitei-a na cama; e agora quando lá chegou o rapaz com a notícia, ia eu mandar chamar o barbeiro das Vendas Novas a ver se ma sangrava.

Nesta conjuntura, voltaram-se todos para um dos campos por onde vinha correndo a mãe da morta, chamando a filha a grandes brados.

Os archotes erguidos ao alto alargaram a penumbra e condensaram mais a treva por onde o vulto da mulher vinha crescendo com as mãos na cabeça. A Brites aconchegava-se do vigário a fim de, no caso de intervenção diabólica, se encostar à coluna da igreja. Luís meditava nas revelações do lavrador, e João esperava quieto, silencioso e estúpido a chegada da mulher.

Ela saltou do campo à barroca por cima do tapume de espinheiros e silvas, foi direita à filha, deitou-se sobre ela a beijá-la, a sacudi-la, a chamá-la com gritos de louca, e ali perdeu os sentidos entre os braços brutais do marido que se esforçavam por desprendê-la da morta.

*

Vinte e quatro horas depois, o cadáver de Josefa de Santo Aleixo, a loura mocetona, desceu à cova, porque o fedor da podridão obrigara a alterar o estilo das quarenta e oito horas sobre a terra. Maria da Lage, a mãe, diziam que dava em louca, porque não comia, nem bebia, nem chorava; e, durante a noite, fugira para o lado da serra. O pai da defunta, aborrecido dos interrogatórios impertinentes que lhe faziam os vizinhos e parentes acerca das causas que levaram Josefa a matar-se, fechou-se na adega; e, nas securas da sua ardente aflição é natural que bebesse.

O leitor urbano mal imagina como são estes pais e maridos rurais quando lhes morrem as filhas ou as mulheres. Os mais lúgubres, se estão seis horas no forçado jejum a que os obriga a funeral lareira apagada, começam a cair num sentimentalismo de burros com fome. Nunca vi uma lágrima luzir nestas caras. Às vezes, morrem mães que deixam um grupo de crianças ali a chorar num canto da cozinha. Os viúvos olham para os pequeninos de través, e ralham-lhes brutalmente. A estupidez é mais valente que a morte. Se falta a luz que adelgaça e rompe a treva do homem bárbaro, à mistura com a

velhacaria que a civilização lhe tem dado, o cérebro e o coração são umas empadas de massa inerte, umas substâncias granulosas ou fibrosas contidas em sacos membranosos. Não há nada mais bestial que o homem sem a alma que se faz na educação. A mulher já não é assim. A maternidade é uma ilustração que lhe dá a intuitiva inteligência do amor e das grandes tristezas. Essas, em toda a parte, a chorar, são mulheres; e, ainda na derradeira curva que atasca em lama a espiral da degradação, é-lhes concedido remirem-se pelas lágrimas. Estas reflexões não são todas minhas: quem fazia algumas era um escrivão do juiz de paz, que fora desanojar o João da Lage; e, posto a um canto do sobrado, conversava com um minorista da Póvoa, que assistira aos responsos.

– Você conhecia esta rapariga, padre Bento? – perguntou o funcionário ao minorista.

– Vi-a uma vez na romaria de S. Bartolomeu, fez um ano em 24 de agosto. Assisti-lhe aos exorcismos na capela do Santo.

– Ah! conte-me isso... ela tinha demónio no corpo? Note você, padre Bento, que os espíritos maus quase sempre se ferram nos bons corpos!

O tonsurado entreabriu um sorriso de forçada complacência, e não deu azo a que o espírito-forte abrisse a válvula dos sarcasmos, por causa dos quais havia sido expulso de um convento graciano onde noviciava, e também porque sabia francês, e lia *O Citador* de Pigault Lebrun, e chamava à carniceria da revolução francesa a grande operação da catarata social. Dizia cousas como os socialistas de hoje, que estão a chocar o ovo de uma cousa pior, que há-de ser os socialistas de amanhã.

– Bonita era ela... – concordou o estudante de teologia dogmática; e, movendo pausadamente a cabeça como quem confirma uma recordação dolorosa, acrescentou: – Bem sei eu quem foi a causa deste suicídio...

– Sabe? e está calado com isso...

– Estou, e... estarei – respondeu discretamente.

– Já sei quem foi a causa de se suicidar a Josefa – acudiu o escrivão.

– Sabe?... então quem foi?!

– Foi você, padre!

– Não me diga isso nem a rir! – acudiu o teólogo com semblante mortificado.

– Estou a brincar, padre Bento. Sei quem é o meu amigo; sabe-o toda a gente; mas conte-me essa história se confia em mim.

– Lembre-se que essa pobre mulher ainda está quente na terra. Conversaremos outro dia.

O minorista ergueu-se, quis despedir-se de João da Lage, que se fechara na adega com a sua dor, e saiu acompanhado do escrivão, que o não largou até lhe arrancar o segredo às relutâncias do escrúpulo. O futuro presbítero compreendia cristãmente o dever da caridade; mas, vencido pela pertinácia do amigo, disse o que sabia, encarecendo o melindre da revelação. Sumariamente contou o seguinte:

Que Josefa, quando foi exorcismar-se à capela de S. Bartolomeu, a Cavez, não tinha no corpo o espírito imundo; e acrescentou entre parêntesis que não duvidava da existência de demónios *súcubos e incubos*¹.

¹ A profunda certeza de que o corpo humano está exposto às invasões diabólicas, entra no Minho, em capacidades de bacharéis. Vinte e oito anos depois que o minorista professava crenças em obsessos, por 1841, na freguesia de Ribas, concelho de Celorico de Basto, um moço de lavoira requeria ao juiz de paz – que o era dos órfãos também – neste sentido: «Que a alma de certa pessoa se lhe metera no corpo, e o não deixava dormir, exigindo-lhe um sermão e certo número de missas; e, como ele, suplicante, era pobre, requeria que esta despesa fosse feita à custa da caixa dos órfãos».

O juiz de paz ponderou sèriamente e conscienciosamente a justiça do pedido; mas não quis ainda assim decidir sem consultar pessoas de maiores teologias. Mandou, pois, ouvir o doutor curador dos órfãos; o qual respondeu «que se ouvisse prèviamente o conselho de família». O conselho reunido deliberou que,

E demonstrou que havia obsessos, autorizado com S. Gregório, Santo Atanásio, Santo Hilarião, que lutou com eles em forma de mulheres. O escrivão replicava que todos os homens eram Hilariões, e cada qual era o demónio de si mesmo; porém não citava autor digno de crédito; toda a sua erudição neste importante assunto era um fragmento de má e velha poesia francesa que dizia assim:

*On se livre à la volupté
Parce qu'elle flatte et qu'on l'aime:
Et si du diable on est tenté,
Il faut dire la vérité:
Chacun est som diable à soi-même.*

O minorista, ouvida a tradução da quintilha, confundiu o adversário com latim; e, a respeito da filha de João da Lage, continuou:

– Não era possessa; era a paixão que a desnor-teava. O sr. Maurício conhece o morgado de Cimo de Vila?

– Se conheço! aquele cadete de cavalaria de Chaves que estudou primeiro para frade crúzio, e assentou praça quando ficou senhor da casa por morte do irmão!... Esse rapaz foi para a corte com o pai... Foi ele então quem na apaixonou...

– Foi. Há quem os visse no bosque de amieiros da Ínsua, defronte da Granja. O senhor sabe...

– Conheço esse bosque. O meu padre mestre de latim chamava-lhe a Ilha dos Amores; foi lá que todos os bons latinistas meus condiscípulos leram a Arte de amar de Ovídio; e o cadete, pelos modos, aplicou as teorias do Sulmonense...

– Não vamos tão longe, sr. Maurício – emendou o minorista. – O que se diz é que ele passava o Tâmega nas poldras, com a cana de pesca e o cacifro; depois, metia-se na Ínsua, e a Josefa ia lá ter.

– Tudo isso é inocentemente pastoril. Depois ele fazia de Felício, e ela de Florisa, como os pastores de Fernão Álvares do Oriente, e altercavam os seus queixumes ao som do arrabil... Vamos ao fim do conto: a rapariga frágil e bonita...

– Devagar – atalhou o prudente moço – Não inventemos culpas, atidos à lógica dos delitos. É necessário atender aos temperamentos das pessoas, quando não quisermos extremá-las pela virtude.

– Padre, eu não o percebo. Quer dizer que eles se amavam honestamente? Diga isto assim pelo claro, que eu acredito tudo quanto há virginalmente extraordinário em um cadete de cavalaria de Chaves.

– Digo o que sei e presumo sempre o melhor quando não tenho provas do pior. E, quando as tenho, calo-me. O que afirmo é que o morgado de Cima de Vila, chegando há dois meses de férias de Coimbra, onde estuda matemática, pediu ao vigário de Santa Marinha que o casasse com Josefa de Santo Aleixo. O vigário recusou-se e avisou Cristóvão de Queirós, pai do cadete. O fidalgo saiu, como o senhor sabe, com o filho para a capital; e lá, como o cadete quisesse fugir-lhe, ou mesmo recusasse obedecer-lhe, meteu-o no Limoeiro. Entretanto, Josefa suicida-se. Agora, seja qual for a causa que

visto o doutor curador não impugnar, era de parecer que se concedesse à alma a graça que requeria, e se aliviasse o rapaz do vexame. Em consequência, pregado o sermão e ditas as missas, o rapaz ficou são e escoreito. (Veja o *Periódico dos Pobres no Porto* de Maio de 1842, e a *Revista Universal Lisbonense* do mesmo ano, pág. 430). O doutor curador de Celorico provavelmente está hoje no Supremo Tribunal de Justiça a lavar acórdãos. Semelhante magistrado, se conservar ainda no espírito as velhas crenças até certo ponto cristãs, decerto não fará justiça de moiro.

levou esta mulher morta à desesperação, a caridade o que aí vê é uma desgraça, e a religião chora uma alma condenada.

– Adivinhei o que o padre não sabe...

– Nem quero saber – acudiu o minorista, e retirou-se, agitando rapidamente ambas as mãos com gestos negativos.

*

A nossa curiosidade nesta época de escalpelo, vai além dos limites que o teólogo abalizou à sua. Desenterre-se o cadáver, e venha para o anfiteatro anatómico.

Josefa não fora caluniada pelo escrivão, quando ele lhe malsinou a inocência nos sinceirais da Ínsua. Uma cousa verdadeira, que os maus homens quase sempre têm, é a crítica mordaz dos costumes. Percebem e farejam os actos mais absconditos da sociedade, como se a sociedade fosse obra deles.

As pessoas cândidas e boas vivem constantemente logradas, e andam tão vendidas nesta feira de pecados, como o Serafim do auto de Gil Vicente. Enlevadas no especulativo, pairando ao de cima destas ambulâncias em que todos gememos amputados na alma ou no corpo, quando cuidam que é virtude e resguardo a ignorância das cousas mundanais, vem o Mercúrio do poeta jogralesco de D. Manuel, e diz-lhes:

*Muitos presumem saber
As operações dos céus,
E que morte hão-de morrer,
E o que há-de acontecer
Aos anjos e a Deus,
E ao mundo e ao diabo.
E o que sabem tem por fé;
E eles todos em cabo
Terão um cão pelo rabo
E não sabem cujo é.*

Isto que diz aquele grande realista do século de quinhentos, é verdade. Os que se derem a parafusar operações do céu, quando mal se precatarem, são filados, onde quer que seja, pelo mastim da ironia que lhes crava o dente canino da chufa. Estes bons corações passam entre nós mordidos, espavoridos, com os dedos no nariz, e vão deixando os paletós nas mãos incontinentes das Zuleikas.

Maurício, o escrivão, tinha no corpo a nevrose que aumenta o calibre da retina, e lhe espelha imagens através dos corpos opacos. Raciocinou com a lógica dos corruptos, que é a arte de pensar bem. Quem pensava mal era o teólogo, imaginando que o cadete e a loura de Santo Aleixo, emboscados no choupal da Ínsua, eram mais inocentes que os pássaros. Não se pode ser perfeito hoje em dia sem se ser um bocadinho idiota. A esta saudável ignorância das misérias do próximo chamava o meu padre Manuel Bernardes «trevas claríssimas».

*

Ora vamos à história já que me coube em sorte arpoar com pena de ferro, no fundo lodoso deste tinteiro, as frases do meu tempo.

Era pescador e caçador António de Queirós e Meneses. Viu no monte a filha do lavrador de Santo Aleixo. As serras têm sombras do infinito. O coração aí é maior que

as dimensões do peito. O homem como se vê só, no cabeço de um fragedo, dá-se grandeza extraordinária, mede-se pelo comprimento de horizonte a horizonte. Se o amor lhe rutilou aí como um relâmpago que fulgura numa vasta cordilheira de montes, é um amor olímpico, titânico, imenso, que disparado sobre a modéstia e singeleza duma rapariga montesinha, faz lembrar Camões:

..... *Qual será o amor bastante
De ninfa que sustente o de um gigante?*

Andava ele cursando retórica em Coimbra para ir vestir o hábito de frade fidalgo em S. Vicente de Fora. Tinha vinte e dois anos, e aspecto pouco de bernardo. Era magro e pálido, da palidez dos que amam, segundo o preceito ovidiano: *Paleat omnis amans*. Tinha êxtases nos píncaros das serras, como se ouvisse as harmonias das esferas. Sentia o grande vazio que a retórica lhe não enchia. Queria o amor, não queria tropas; preferia uma mulher feia, se as há, à mais nítida metáfora de Cícero ou Vieira.

Nestas ideias o encontrou Josefa da Lage, nos montados da sua freguesia. Coraram ambos. Este rubor era o primeiro lampejo do incêndio. Depois, à volta de poucos dias, o fogo levou de assalto aquele combustível edifício de inocência, cheio de fluidos inflamáveis. A serra tinha penhascais, bosques, cavernas, insinuando o amor selvagem. Rodeava-os uma natureza contemporânea do homem vestido da pele do seu confrade em civilização, o grande urso e o grande veado. A forma selvática e antiga do proscénio deu-lhes jeitos de antigos actores da vida animal. Ninguém que os visse, ninguém que lhes lesse os grandes livros do padre Sanches, acerca do matrimónio. Oh! a solidão, entre dois amantes, faz os poetas; mas talvez primitivos de mais, algum tanto gaélicos, normandos, alheios de tudo o que é epistolografia amorosa, – peles-vermelhas no rigor antropológico, à vista do modo como a gente em honesta prosa costuma casar-se.

Assim seria; mas eles adoravam-se.

– Não serás frade! – disse-lhe o coração a ele.

– Assim que meu pai morrer – disse ele à filha do lavrador – caso contigo. Vou sentar praça, quer meu pai queira quer não. Sou o morgado, porque meu irmão mais velho morreu.

Ela, para ser feliz até às lágrimas, não precisava destas esperanças. Preferia tê-lo e amá-lo nas matas chilreadas, nos desfiladeiros dos montes, no sinceiral da Ínsua, nas alcovas de ramagem que só eles e os rouxinóis conheciam nas margens do Tâmega.

Foi por aí que deslizaram três meses do estio e outono de 1812. Ele foi para Coimbra, com farda de cadete.

O velho fidalgo de Cimo de Vila ponderou na mudança de ideias do filho. Escodrinhou razões secretas que o movessem; todavia, não o contrariou. Tinha meninas para conservar a raça dos Queiroses e Meneses; mas a casta varonil iria pelas gerações além menos sujeita a reparos de genealógicos.

Nas suas pesquisas descobriu que o filho, vindo a férias do Natal, passara o Tâmega, e caçara nos montados de Santo Aleixo. Foi visto. É que os arvoredos estavam desfolhados; os choupos da Ínsua mostravam as grimpas curvadas à flor da corrente arrebatada; nos recôncavos das penedias em vez dos froixéis da relva, havia lençóis de neve, palmilhada pelos lobos. Como não tinham florestas confidentes, foram vistos à beira do rio, ali mesmo, na cangosta do Estêvão, sentados naquela fraga, onde o Luís Moleiro encostou o cadáver de Josefa. O velho não deu a mínima importância à denúncia, logo que lhe disseram quem era a rapariga.

– Antes por lá que pelas criadas da casa – disse o assidado fidalgo. – É rapaz, e precisa de se divertir.

No último quartel da vida, os pais... e até as mães – santo Deus! – dizem aquilo. *Precisam divertir-se* os filhos: levem a desonra onde quer que seja; mas não corrompam a disciplina doméstica, não embarrem pelas criadas, não perturbem o serviço da casa. Com que zelo estas matronas veneram a moral da cozinha, da salgadeira e da dispensa!

*

Nas férias de Páscoa, António de Queirós viu chorar Josefa. Não eram lágrimas de amante magoada, nem de filha malquista de seus pais: eram lágrimas de mãe. Entrara-se de uma terrível vergonha e confusão. Ninguém a suspeitava: e ela se alguém a encarava a fito, estremeceu. A mãe era cruel com as mulheres manchadas. No seu serviço não entrava jornaleiro de má nota. Não se ajoelhava na igreja à beira de criatura de ruim vida. Dava-lhe este direito haver sido filha humilde e esposa honrada do homem com quem a casaram, o João da Lage, que era vesgo, cambado, lanzudo e bêbedo.

O pai viu de longe, uma tarde, Josefa a conversar em uma barroca com o fidalguinho, e disse-lhe:

– Se tua mãe o sabe dá-te cabo do canastro, rapariga.

Não lhe bateu, porque estava sempre às avessas da mulher. Se ele imaginasse que a mãe fechava os olhos às toleimas da moça, então com certeza lhe dava.

A rapariga tremia pois da mãe, e queria fugir; mas o cadete, cheio de bons propósitos, jurou-lhe que viria casar com ela, antes de cinco meses. Dizia o cirurgião que o velho tinha uma anasarca, e não viveria mais de três. O estudante contava com isto, e dizia-o com uma sossegada fleuma como se se tratasse da esperançosa morte de um parente desconhecido para onde houvesse de lhe vagar a administração de um vínculo. Pobres pais! A verdade é que o fidalgo tinha as pernas inchadas, e prometia não incomodar muito tempo a sua família.

Passados os cinco meses aprazados, Cristóvão de Queirós desinchou ao contrário da Josefa da Lage. Parecia castigo um pouco zombeteiro! O estudante, quando recebeu esta nova com os parabéns do cirurgião, foi à terra; e, como disse já o minorista, expôs ao vigário o estado melindroso da rapariga, e pediu-lhe que os recebesse. Já sabem que o vigário denunciou ao velho o propósito do jovem doido que pensava envergonhar seu pai, não só descendente de Bernardo del Carpio, ilustríssimo galego, sobrinho de el-rei D. Afonso, o Casto, mas também representante de Fernão de Queirós, castelhano que entrou em Portugal a servir el-rei D. Fernando contra o de Castela, – um renegado da pátria.

O fidalgo, quando tal ouviu, mandou selar as mulas dos lacaios e pôr aos varais da liteira a parelha dos nédios machos. O filho recebeu ordem de acompanhar seu pai à corte, onde não havia corte nesse tempo. A surpresa abafou a reacção do moço; mas o velho, em todo o prumo da sua soberba, se o filho reagisse, iria à sua panóplia – que era um feixe de montantes e partazanas ferrugentas encostadas a um canto da tulha – e seria capaz de lhe meter um ferro de lança no degenerado peito! Assim fizeram sempre Queirozes, os *bons*, entenda-se; porque há em Portugal outros Queirozes, que não vêm de Bernardo del Carpio – o qual matou o rei dos Longobardos em Itália – e estes fazem o que lhes parece, porque não são dos bons, nem têm diplomas de assassinos desde o século X².

² Como agora se está operando em Portugal um renascimento de estudos proveitosos, indico à mocidade a leitura atenta de tudo que entende com Bernardo del Carpio, e principalmente *a História verdadeira do mesmo em idioma lusitano por António da Silva*, Mestre de Gramática, Lisboa, 1745, 4.º.

Chegados à capital, o solarengo provinciano, sem consultar o filho, agenciou-lhe noiva entre as mais estremes do sangue germânico das Astúrias. Isto de esposas, quanto mais bárbaras na origem, melhores. Quem puder hoje provar, com trinta e seus quartéis, que seu trigésimo avô era celta, ibero, huno, vascónio, ou gépida, tem barrigadas de orgulho de raça; mas bom será que tenha doutras para a digestão. Os árabes eram inteligentes, civilizados e finos: porém vão lá filtrar em uma neta de Pelágio ou Cid uma gota de sangue muçulmano! É uma árvore podre, uma genealogia estragada: porque pode ser que alguma dessas Urracas, Ortigas ou Gelorias antigas passasse pelo harém do amir de Córdova, Al-horr-Ibn-Abdur-rahman-Ath-Thakefi, sujeito que foi muito amado pela melodia suavíssima do seu nome.

Não estava no rol das infelizes senhoras de raça mista a destinada esposa de António de Queirós. Era Teles de Meneses, mas dos bons, oriundos de uma D. Ximena, filha de Ordonho 2.º, que fugiu ao pai com um cavaleiro, que a abandonou em um bosque donde a mísera foi dar ao sítio que hoje é Turgueda, na comarca de Vila Real, e aí casou com Telo, lavrador do casal de Meneses ³.

³ Os linhagistas contam assim a origem desta ilustre família. Do raríssimo *Nobiliário* manuscrito de Damião de Gois damos o traslado da original e romântica formação da família Meneses e Teles. «Os Teles e Meneses há-se por certeza descenderem de el-rei D. Ordonho II de Leão, pela infanta D. Ximena, a qual, enamorada de um cavaleiro da corte de seu pai, determinou fugir com ele; e, tomando de suas jóias e vestidos o que pôde, certa noite executaram este intento, tomando-a ele nas ancas do seu cavalo; e, como as terras não eram tão povoadas como agora, e havia grandes matas, eles se embrenharam nelas, por fugirem de quem os buscava. O cavaleiro, reconhecendo o mal que tinha feito, ou por temor ou por força do fado, com o pretexto de que ia buscar mantimento, se foi, e nunca mais tornou. Vendo a dita infanta sua tardança, e conhecendo sua fugida, com muitas lágrimas começou a caminhar por aquelas matas com grande risco e trabalho, e no cabo de alguns dias foi ter a um casal que se chamava Meneses (no termo de Vila Real, freguesia de Turgueda junto da grande serra do Marão) onde morava um lavrador que se chamava Telo, com sua mulher, os quais espantados desta novidade por este seu casal estar metido em uma grande montanha, compadecidos das lágrimas da hóspeda, e agradados da sua grande formosura a recolheram em sua casa, na qual a infanta, despiando os seus ricos saios, se vestiu de saial, e, ocultando quem era, os ficou servindo como criada, até que, morrendo a mulher deste lavrador, este casou com ela, pensando fazer-lhe nisso esmola. E deste matrimónio tiveram filhos. Dali a muitos anos, andando el-rei D. Ordonho, correndo a sua terra, já esquecido de sua filha, foi ter àquele casal, onde Telo com sua filha morava, e onde o lavrador o agasalhou como pôde. A infanta vendo ali seu pai, a toda a pressa fez do brocado dos seus vestidos que ainda guardava, dois pelotes a dois filhos que de seu marido tinha, que parecendo-se com ela, eram muito louros e formosos, e logo guisou umas mal passadas que era a maneira de comer de que seu pai se pagava, e nelas deitou um anel que o dito seu pai lhe dera; e, feito isto assim, mandou este guisado pelos filhinhos que com muita graça apresentaram na mesa de el-rei os pratos; o qual, vendo esta novidade, perguntou a Telo que mulher era a que tinha; e, contando-lhe ele o sucesso passado, de como ali tinha vindo aquela mulher, o dito rei se levantou da mesa, logo, e se foi onde ela estava, que, prostrada em joelhos com muitas lágrimas, foi recebida de seu pai com grande piedade e contentamento, e trazendo consigo para a corte a filha, marido, e meninos fez ao genro muitas mercês, e dos dois meninos se afirma procederem os Teles e Meneses, formando os ditos apelidos do lavrador e do casal».

Até aqui o celebrado cronista de el-rei D. Manuel. Se o amigo de Lutero e Erasmo era tão verídico historiador como genealógico, mui graves contas há-de ter dado a Deus, depois de as cá ter dado ao conde da Castanheira que lhe bateu directa e indirectamente, por causa de sua bisavó D. Maria Pinheira, de Barcelos. Convém saber que o rico-homem Telo Martins, oriundo das Astúrias, e quinto neto de D. Fruela II, foi senhor de Meneses, na Navarra, por troca de Malagan que fez com Afonso VIII, na era de 1217, (ano de Cristo 1179). Meneses era na Navarra, e não em Turgueda nas faldas do Marão. Deste Telo descende D. Afonso Teles que casou, em segundas núpcias, com D. Teresa Sanches, filha ilegítima de D. Sancho I e de D. Maria Pais, a Ribeirinha. Desta vergôntea é que abrolharam ao diante flores como Leonor Teles. Quanto ao anel que fazia parte do guisado de Ordonho II encontra-se memória dele nas armas de todos os Meneses, bons: Cantanhedes ou Marialvas, Taroucas ou Penalvas, etc. Não se compreende que a fábula da fugitiva filha do rei asturiano seja rejeitada como patranha, e nos timbres das armas dos Meneses apareça uma figura de mulher de cabelos soltos com um escudete de ouro e um anel perfilado de vermelho com um rubi engastado. Eis aqui um bonito assunto para os saraus literários da

– Escolhi-te mulher – disse Cristóvão. – É ainda tua parenta por Meneses. Não é herdeira; mas o irmão morgado está ético, e o segundo-génito é aleijado e incapaz para o matrimónio. Virá ela portanto a herdar os vínculos. É preciso que a visites hoje comigo.

– Meu pai – respondeu António com respeitosa serenidade – pode V.^a S.^a dispor da minha vida; mas do meu coração já eu dispus. Ou hei-de casar com uma rapariga de baixa condição a quem prometi, ou não casarei nunca.

O velho pôs a mão convulsa nos copos do espadim, arquejou largo espaço, e disse:

– Duvido que você seja meu filho. Proíbo-lhe que se assine Queirós de Meneses. Adopte o apelido de algum dos meus lacaios.

António levantou o rosto e redarguiu:

– Não se ultraja assim a memória de minha mãe.

O velho lutava entre a cólera e a vergonha. Estendeu o braço, e apontou-lhe a porta, rugindo:

– Espere as minhas ordens no seu quarto.

Ao outro dia, um mandado da regência ao intendente geral da polícia ordenava a prisão do cadete de cavalaria, António de Queirós e Meneses, no Limoeiro.

*

Josefa esperava confiada, mas aflita. Não sabia escrever, não tinha ninguém a quem pedir a esmola de uma carta. A mãe olhava para ela com atenção, mas sem desconfiança. Fazia-lhe umas perguntas da maior naturalidade, e inferia das respostas que a rapariga não estava sã. O cirurgião da terra que matava pelo, *Portugal Médico* e pelo *Mirandela*, receitava-lhe emplastos de ervas orjavão e semprónia, fervidas em um quartilho de aguardente. Ao fim de quatro meses, João da Lage, que matava o bicho todos os dias, e tão copiosamente como se tivesse no estômago a arca de todas as bestas-feras diluviais, queixou-se rusticamente das sangrias que sofrera o pipo. A mulher refilou; e, no apuro da sua indignação, bradou-lhe:

– Ainda eu te veja como está a rapariga!

– Salvo tal lugar! – retrucou – Rebentada te veja eu a ti!

O cirurgião continuou até ao quinto mês; depois, sorrindo com certa velhacaria, tocou brandamente na face da doente, e disse-lhe a meia voz o que quer que fosse muito semelhante ao que uma comadre, pela boca de Gil Vicente, havia dito três séculos antes a Rubena:

Isto é cousa natural,

E muito aconcedeira.

Se nunca fora outra tal,

Disséramos que era mal,

Por serdes vós a primeira.

A vida íntima é cheia de passagens ridículas. A gente, que escreve casos tristes, se lhes não joeirasse a parte cómica, não arranjava nunca uma tragédia. Estava ali aquela desgraçada mulher sobre as brasas do seu suplício, e à volta dela a bruta vida de seus pais – ele a esconder o pipo da aguardente de medronho, a mãe a pisar a erva semprónia

e a pedir sinceramente ao céu que lhe levasse o marido em uma das suas frequentes borracheiras.

Josefa já não saía da cama, a fim de evitar que a vissem. Expedia gritos de indizível angústia, estorcia-se em frenesins. Tinha alanceada a alma pelo tormento da desesperação. António de Queirós não chegava!

Um dia, porém, uma mulher não conhecida de Maria da Lage, muito velha e bem agraciada de semblante devoto, perguntou-lhe no adro, ao sair da missa, como estava a sua Josefa. A lavradeira disse mal humorada o que sabia da doença, e perguntou-lhe quem era. A curiosa respondeu que era de além-Tâmega, e viera àquela freguesia por causa de um sonho que tivera. E, dizendo isto, levantou os olhos para o céu, e baixou-os logo para a terra com humildade de pessoa indigna das mercês do alto.

– Então que sonhou você, tiazinha? – perguntou Maria da Lage aconchegando-se da mulher com bastante fé.

– Em sua casa lho direi, pois que a sua casa é que venho.

E deixou cair uma das contas de pau preto, que batendo na imediata do rosário, fez o soído de umas castanhetas.

Quando entraram no quinteiro, saía o lavrador da adega, onde pela terceira vez fora matar o bicho, aquela hidra de Lerna que botava cabeças todo o santo dia no bucho hercúleo de João da Lage. Vendo a companheira da esposa, perguntou-lhe:

– Quem é essa criatura, ó Maria?

– Que te importa? Se havias de ir à missa, ficaste a beber borracho! Entre cá pra dentro, santinha.

– Guarde-o Deus, sr. João – disse a hóspeda.

– Vocemecê não é a Rosária, a mulher do Manuel Tocha, caseiro do sr. sargento-mor da Temporã? – perguntou João, infitando-se nela.

– Sou, sim senhor.

– Valha-a o demo! Custou-me a conhecê-la! Você vem assim a modo de quem anda a pedir pra uma missa! Se quer beber, entre cá. Você parece esmaleitada, mulher!

– Deus lhe dê saúde; agora não é preciso. Vou cá dentro conversar com a sua companheira à conta de umas meadas.

– Meadas? Vocês lá as arranjam... – disse ironicamente João, ao que a mulher retorquiu:

– Vai-te deitar.

Ele não se ofendeu, porque, em verdade, foi-se deitar, como quase sempre ia, nos fenos do palheiro, onde tinha visões como nunca tiveram os narcotizados califas de Damasco, ressupinos em almofadas da Pérsia...

Entretanto, a mulher de Manuel Tocha revelava à mãe de Josefa que sua filha estava doente de morrer, se lhe não acudissem...

– Tenho-lhe posto cataprasma de orjavão e semprónia, há quatro meses a oito todas as noites – atalhou Maria da Lage.

– Isso não lhe faz nada; é o mesmo que pô-las na barriga daquela cadela, – e apontava para uma perdigueira que uivava, ouvindo tocar ao longe uma requinta.

– Raios partam a cadela! isto é agouro! – exclamou a dona da casa, remessando-lhe um canhoto às pernas com grande cólera.

– Sua filha está enfeitçada, tia Maria – prosseguiu a outra.

– Eu já a levei ao sr. São Bartolomeu – contraveio Maria.

– O santinho tira o cão tihoso, mas não desfaz os bruxedos – replicou Rosária Tocha. – Vamos ver se ainda lhe podemos valer.

– Deu-lhe pra inchar! – observou a mãe da enfeitçada.

– Não qu'ele é isso quando o feitiço adrega de pegar d'ostrução – explicou suficientemente Rosária.

– Vejam vocês! – voltou a outra assombrada, cruzando os braços. – Quem ma tolheu?

– Isso agora! – e olhou para o tecto – Vamos, leve-me onde a ela, que eu preciso requerê-la. Aqui levo as arrelíquias pra lhe deitar ao pescoço.

E mostrou dependuradas de um negalho surrado e sebáceo as seguintes, entre outras coisas cabalísticas: duas figas de azeviche, duas pontas de vaca loira, um canudinho de latão como um agulheiro, outro como um dedal, o sino-saimão aberto em placa de chumbo. Dizia ela que os canudos continham ossos das sete irmãs santas naturais de Basto, de S. Cucufate de Braga, de S. Pascásio, bracarense também, e de S. Rosendo, do Porto, cidade que ainda não deu outro santo, nem promete. E, exibidas as relíquias, acrescentou:

– Preciso ficar sòzinha com a doente, e vocemecê enquanto eu lá estiver não me corte o ar, entende?

– Olhe que eu não sei o que vocemecê diz, santinha, lá disso de cortar o ar, salvo seja.

– Não abra a porta do quarto em que a tolhida estiver comigo percebe agora?

– Ah! quanté isso, vá descansada. Feche-se por dentro no sobrado, que ninguém lá vai. Venha daí com Deus.

E, encaminhando a suposta benzedeira ao sobrado alto em que estava a filha, entrou com ela e disse a Josefa:

– Aqui te trago a saúde, rapariga! Mal haja quem te meteu no corpo o feitiço! Tantos diabos o levem...

– Credo! credo – atalhou a benzedeira. – Vá vocemecê rezar sete salve-rainhas, e não fale no berzabum. Nada de chamar quem está quedo.

*

Fechada com Josefa, Rosária escutou à fechadura os passos da outra que descia; e, abeirando-se à doente assustada pela inopinada visita,, disse-lhe com o maior e mais desbeato desempenho:

– Eu venho aqui com um recado do fidalgo novo de Cima de Vila.

– Ele onde está? – exclamou Josefa em ânsias de alegria.

– O sr. Antoninho está preso em Lisboa.

– Ai meu Deus! preso!

– Não barregue, fale baixo, que se nos ouvem, lá vai tudo com a breca. Eu lhe conto, Josefinha. O fidalgo escreveu de Lisboa ao filho do meu amo, que é o sr. sargento-mor da Temporã, a dizer-lhe que o pai o metera em ferros de el-rei porque ele não quisera casar com uma menina de lá, e diz que o não tira da cadeia enquanto ele teimar que não casa. Olhe que diabo de homem, Deus me perdoe! E vai ao depois, o sr. Antoninho escreveu ao meu patrão novo a contar-lhe isto e aquilo e aqueloutro, pr'aqui, pr'acolá, e escreveu-lhe então a dizer-lhe que a sr.^a Josefinha estava nesse estado, e coisas e tal, como o outro que diz, que em bom pano cai uma nódoa. E vai depois, o meu amo foi onde a mim, e contou-me resvés tudo, e até me leu a carta, que as bagadas me caíam quatro a quatro por esta cara abaixo (e alimpava a cara enxuta ao avental). Ó filha, as mulheres nasceram para os trabalhos! Não chore, criatura, que eu vou dizer-lhe ao que venho e vocemecê vai ficar alegre como uma levandisca. O meu patrão mandou-me chamar, leu-me a carta, e disse-me que viesse eu falar com vocemecê, custasse o que custasse, e lhe dissesse que fugisse quanto antes de casa e fosse ter à quinta do

Enxertado, que é do sr. Antoninho, e lá seria recolhida pelo feitor até ele vir de Lisboa. Ora aqui tem.

– Pois sim – exclamou Josefa com exaltação e profundamente abalada. – Eu fujo amanhã, porque tenho medo que minha mãe me mate, se desconfia. O pior é que não sei o caminho para o Enxertado.

– Não tem que saber...

E explicou-lhe o trilho que devia seguir passadas as poldras do Tâmega; mas, para se não enganar, disse que mandaria o rapaz das cabras esperá-la na encruzilhada do Mato, ao pé da caixa das alminhas, e não descobrisse ela quem era ao rapaz, e que lhe dissesse somente «anda lá».

Rosária embiocou o rosto no lenço, enfiou as camândulas no pulso esquerdo, e desceu as escadas. Maria da Lage saiu-lhe da porta da cozinha com a boca aberta e cheia de interrogações:

– Então?

– É o que eu lhe dizia, criatura – respondeu Rosária. – Pegou-lhe deveras; mas tem cura. Vá vê-la que já não parece a mesma; tem outro doairo na cara, está com uma pele de rosto que parece uma rosa, benza-a Deus!

– Pois ela sãzinha e escorreita é como não há muitas; e então virtude? Isso é que nenhuma, nem na mais pintada! As outras por aí na freguesia todas têm rapazes que lhe rentam, e algumas... sabe Deus o que elas fazem. Cala-te boca! (e, estendendo os beiços, esbofeteava-os). A minha Josefa nunca tolejou tanto como isto. Andaram aí atrás dela os fidalgos de Agunchos, a mais os filhos do sr. capitão-mor, Deus lhe fale na alma, que é um que dizem que anda a penar na Agra, vocemecê há-de ter ouvido dizer...

– Sim, sim, Deus o despene!

– Pois é verdade, e a rapariga teve bons casamentos falados, e lá quem na tirasse das suas devoções, de ir lavar ao rio, e de guardar as ovelhas era matarem-na. Pois olhe que esses feitiços são invejas das desavergonhadas que não podiam levar à paciência a virtude da minha Josefa. Havia de ser a brejeira da Rosa da Fonte e aquela tinhosa da Bernarda do Manel Zé! Cala-te, boca! Enfim, vocemecê agora há-de mastigar um bocado de presunto para beber uma pinga do velho.

– Deus lho acrescente, sr.^a Maria: eu jejuo para ganhar o jubileu. Vou-me indo que são horas. Adeusinho, se for preciso que eu cá torne, não tem mais que mandar-mo dizer.

Maria galgou as escadas, e foi topar a filha sentada na cama a desengrenhar os seus loiros e bastos cabelos com uns meneios largos de braços e um atirar de tranças para trás que parecia uma alegre amante a pentear-se para ver passar o noivo amantíssimo.

– Ora ainda bem! – exclamou a risonha velhota. – Foi o meu padre Santo António que trouxe cá a santa da mulher! Vais-te prantar a pé, rapariga? Há cinco semanas, fá-las amanhã, que não saís desse ninho! Queres tu comer? Vou-te buscar uma tigela de caldo uma posta de presunto e um pichel de vinho. Bebe-lhe, cachopa, e mal hajam as invejosas que te fizeram a mandinga. Hão-de roê-la! Sabes quem foi?

– Quem foi o quê, senhora mãe?

– Quem te fez o feitiço? ninguém foi senão a Bernarda do Manel Zé que te veio aqui pedir um dia, lembras-te, o teu jaqué amarelo com botões azuis. Foi para te fazer o feitiço no jaqué.

– Àgora foi, coitada da pobre rapariga que é tão boa! – contradisse Josefa.

– Então quem foi? – interpelou a mãe com azedume – quem foi?

– Eu sei lá, senhora mãe! quem foi o quê?

– A mulher que aqui esteve contigo não te disse que era feitiçaria o teu mal?

Josefa, caindo em si, respondeu balbuciante:

– Ah! sim, isso disse ela, mas...

– Mas quê? Não foi outra senão aquela tísica que não quer que haja outra mais bonita na freguesia. Pões-te a pé ou não?

Josefa com o pente na mão direita descaída e inerte, e a cabeça encostada à mão esquerda, sentia-se como cansada, esvaída de alento, e esmorecida como se o súbito incêndio de felicidade fosse um lampejo de estopas que se inflamam e nem faúlhas deixam. É que ela nesse momento sentira uma dor física, desconhecida, não forte, mas acompanhada de um calafrio. A mãe, vendo-a mudar de cor, atribuiu o desmaio a fraqueza, e correu a trazer-lhe uma farta malga de caldo fumegando por entre uma floresta de couves recheadas de feijões vermelhos. Quando entrou no quarto, viu a filha fora da cama, vestindo as saias com agitação febril, e chamando Jesus, com os dentes cerrados.

– Que tens tu, mulher? – exclamou a mãe.

– Estou aflita, muito aflita! Jesus, valei-me! – dizia Josefa entre gemidos, sentando-se, erguendo-se, e fazendo até uns gestos diante da mãe como se quisesse ajoelhar-se-lhe com as mãos erguidas.

– Que tens, mulher? – bradava a mãe, seguindo-a espavorida naqueles trejeitos frenéticos. – Dói-te alguma coisa?

– Tenho uma dor muito grande... muito grande...

E, como levasse as mãos aos quadris no ímpeto da dor aguda, a mãe quedou-se como estupefacta a olhar para ela. Neste instante fez-se-lhe luz na alma a um clarão infernal. Aqueles gritos e contorções recordaram-lhe que havia sido mãe: viu, como nunca vira, os sinais exteriores do crime nem sonhado; os modos suplicantes da filha confessavam o crime:

Fez-se uma desfiguração improvisa e medonha nas feições de Maria da Lage, quando, crescendo para a filha, com as mãos fincadas nas fontes, bramiu:

– Tu que tens? tu que fizeste, amaldiçoada?

Josefa ajoelhou-se, com as mãos no rosto lavado em lágrimas, e murmurou:

– Deixe-me chorar, minha mãe, que eu à noite vou-me embora.

– Vais-te embora, malvada? Então pra onde vais tu? Morta te veja eu antes de à noite! Pra onde queres tu ir? Quem foi que te botou a perder? Respondes, mulher perdida? Olha que se me gritas de modo que alguém oiça, dou-te com o olho de uma enxada na cabeça! Pois tu! pois tu!... Ai! que eu endoideço! ai que eu endoideço!...

E, com as mãos na cabeça, partiu a fugir escada abaixo, e foi sumir-se no palheiro, dando gritos com a cabeça metida no feno para os abafar.

Entretanto, João da Lage, entrando à cozinha para jantar e não vendo ninguém foi bater à porta da filha.

– Que é de tua mãe, rapariga? – perguntou de fora, porque a língua da chave estava corrida.

– Não está aqui, sr. pai.

– Hoje não se come? Cá vou ver o que está na panela: quando ela vier, diz-lhe que eu cá m'arranjei.

E, de feito, extraindo do pote um naco de tocinho com que fez uma enorme e pingue sanduíche entre duas talhadas de broa, foi para a adega, sentou-se ao pé da cuba, e murmurou: «Aguarda-te João, que tua mãe não faz outro».

Este homem tinha em si algumas faíscas do génio de Diógenes, um tudo-nada do espírito de Epicuro, e o mais era espírito de vinho. Viveu assim largos anos, reformando-se sempre para pior, e morreu aos 80, como lá dizem, coberto de musgo,

que era o sarro interior que lhe porejava na casca. Com alguma sentimentalidade no coração e frugalidade no estômago, morreria na flor dos anos.

*

Com toda a certeza, Maria da Lage sofrera punhalada que rasga profundas fibras em peitos de mães honradas. Era dura de condição, tinha o orgulho selvagem da honra, compreendia barbaramente o dever da mulher, e julgava-se com o direito a murmurar de todas as frágeis, sem discriminar as infelizes. O seu ódio às mães tolerantes com os desatinos das filhas era entranhado, convicto e implacável. Da caridade cristã só entendia o preceito da esmola. O confessor não lhe ensinara outra interpretação da terceira virtude teologal. Não perdoava cegueiras de amor porque não amara nunca. Se imaginava que a filha podia desvairar uma vez, sentia nas mãos as crispações nervosas de quem estrangula um pescoço. Como era deslinguada e mordacíssima nas fraquezas alheias, impunha tacitamente à filha o dever de a sustentar na sua soberba inexorável. Uma ligeira camada de verniz social não sei o que faria desta mulher. Ainda um destes dias contavam as gazetas de uma ilustre dama parisiense que matou a ferro frio uma neta que conspurcara a sua raça em amores abjectos. Em tempos tenebrosos, os mosteiros portugueses eram o dragão com os colmilhos abertos para esta espécie de vítimas que os pais lhe atiravam: se o cubículo claustral as não amordaçava, havia o tronco, a enxerga e a fome; depois a sepultura; mas o brasão limpo. Se há inverosimilhança na crueldade das mães como Maria da Lage é lá onde são raras as que podem ler às filhas o livro da sua vida honesta.

Ao entardecer daquele dia de Agosto, a mãe de Josefa, segundo o marido contou ao vigário na cangosta do Estêvão, foi levada em braços para a cama; e naquele lance, João, ouvindo dizer que o pegureiro perdera uma rês, deixou a mulher a escabujar no catre, e foi interpelar o rapazinho, reclamando-lhe a cabra ou os fígados.

Ao mesmo tempo, Josefa era mais um dos inumeráveis exemplos da força prodigiosa da mãe, quando a soledade e o desamparo a obrigam a socorrer-se de si mesma. Ninguém lhe ouviu os últimos gritos dela nem os primeiros vagidos da criança. Quem ler, em um tratado de obstetrícia, as regras, conselhos e desvelos que a ciência agrupou à volta de uma puérpera, e souber da inutilidade da arte e dos preceitos, quando o infortúnio ou o acaso interceptam o menor auxílio à mãe, nivelando-a nesse lance às espécies irracionais, convence-se de que a mulher do período quaternário (vou assim longe porque na Bíblia se conhecem de nomes as parteiras Séfora e Fua) não carecia de mais assistência que a loba das cavernas. E observa também que os encarecimentos, e demasias da arte a enfraqueceram e melindraram, privando-a da confiança pessoal, da consciência da força própria e de algum modo estorvando as influências directas da natureza.

Josefa, quando descia de manso a escada do seu quarto, amparando-se à parede, trazia debaixo do braço um berço com o filho; era o mesmo berço em que a mãe a criara, uma canastrinha de verga urdida tão densa e solidamente, e com o fundo fasquiado de madeira tão impermeável, que poderia estancar a água sem transudar. Um saiote de baeta dobrado envolvia a criança, deitada sobre a velha enxerga de serradura.

A mãe era robusta; sentia-se esvaída, mas contava consigo, se tomasse algum alimento. Na cozinha não estava ninguém quando ela atravessou de passagem para o quinteiro. Olhou para a lareira a ver se acharia um pouco de caldo. Não o queria para si, era para o converter em leite de sua filha. Pousou o berço no escano; ia levantar o testo do púcaro; mas neste instante ouviu os brados da mãe, cuja cama era na tulha, no

mesmo plano da cozinha. Estremeceu, cuidando que fosse apanhada; pegou na criança, e fugiu, lançando a saia de pano azul pela cabeça, e apertando o berço contra o peito.

O seu destino era o abrigo que o pai de sua filha lhe dera. Da parte de além-Tâmega, logo à ourela do rio, pediria que a fossem guiar no mau caminho da grande légua que a distanciava da quinta do Enxertado. Lembrou-se de José da Mónica, o pastorinho que lhe era muito afeiçoado; mas, ao atravessar o quinteiro, ouviu a voz do pai a preejar contra o rapaz, que perdera a cabra. A Brites do Eirô reconheceu-a a saltar para o campo da Lagoa; o pescador da chumbeira ouviu-a chorar na cangosta do Estêvão, quando amamentava a criança, e lhe parecia que a filha, não achando leite, se lhe estirava hirta nos braços como morta. Atormentavam-na dores outra vez, e sentia-se torvada, desfalecida e sem forças para transpor as poldras que não estavam perto. Havia de atravessar o ervaçal que o moleiro e o pastor percorreram um quarto de hora depois. Quando ouviu vozes, ao longe, no alto da barroca, ergueu-se cambaleando, saltou a vala, invocando o auxílio das almas benditas. Era o Luís moleiro que vinha descendo com o rapaz. Ao avistar as poldras que alvejavam puídas e resvaladiças ao lume da água, teve vertigens, e disse entre si: «Eu vou morrer». Pôs o berço à cabeça, esfregou os olhos turvos de pavor, e esperou que as pancadas do coração sossegassem. Depois, benzendo-se, pisou com firmeza as quatro primeiras pedras; as daí em diante ia como cega; a corrente parecia-lhe casual e negra. Quis sentar-se em uma das poldras; e, na precipitação com que o fez para não cair, escorregou ao rio. A água era pouca, e a queda de nenhum perigo; mas o berço caiu na veia da corrente que era bastante forte para o derivar. Quando ela estendeu o braço já o não alcançou. Arremessou-se então ao rio; mas os altos choupos da margem, encobrando a baça claridade das estrelas, escureceram o berço. Neste lance, perdido o tino, a desgraçada cortou de través para a margem, onde um claro de areia se lhe afigurou o berço.

Quando aí chegou, caiu; e, na queda, agarrou-se ao esgalho do salgueiro em que o pastor e o Luís moleiro a encontraram moribunda.

Sabem os sucessos posteriores, desde que ela expirou nos braços do veterano até que o escrivão do juiz ordinário nos deu o exemplo da dissecação daquele cadáver. Viram que Maria da Lage, rompendo sozinha pelo escuro da noite, quando ouviu dizer que a filha se afogara, foi mãe naquela já tardia explosão de angústia e amor. O remorso pôde mais com ela que a selvajaria da sua virtude; mas ainda viveu seis anos com reveses de demência, e morreu em casa de seus irmãos em Santa Maria de Covas de Barroso, repelindo o marido desde que lhe ouvira dizer: «A rapariga faz-me falta porque não tenho quem me governe a casa».

*

António de Queirós soube no Limoeiro, por carta do seu amigo da Temporã, que Josefa de Santo Aleixo se suicidara no mesmo dia em que ele conseguira enviar-lhe o aviso para a fuga. O informador, espantado do sucesso, atribuía à demência repentina a resolução da infeliz que ainda na manhã desse dia se mostrara contentíssima com a deliberação da fugida para a quinta do Enxertado.

O vigário de Santa Marinha também avisou Cristóvão de Queirós do suicídio da rapariga. O fidalgo conferenciou com a regência, e o intendente geral da polícia mandou passar alvará de soltura ao cadete de cavalaria.

- Vamos para a província, se não quer casar – disse Cristóvão ao filho.
- Nem caso nem vou para a província, meu pai – respondeu António de Queirós.
- Tornará para o Limoeiro.
- Irei já enquanto lá tenho a minha bagagem.

- Para onde quer ir?
- Para o Rio de Janeiro: seguirei lá a vida militar.
- Sabe que é o sucessor dos meus vínculos?
- Disponha V.^a S.^a deles se quer e se pode; a mim me bastariam a felicidade, a mocidade e a alegria que me matou.
- Com quem cuida você que fala? – interpelou o fidalgo com Bernardo del Carpio às cavaleiras que lhe esporeava as ilhargas com o direito de avô. Afuzilavam-lhe os olhos, como ao seu antepassado quando matou o rei dos longobardos em Itália.
- Com quem cuida você que fala? – repetiu o convulso velho.
- Com V.^a S.^a, um homem que eu sinceramente temo, porque tem a minha liberdade e o Limoeiro à sua disposição.
- Não é meu filho! Vá para o Brasil, vá para onde quiser. Sua mãe teve cinco mil cruzados de dote. Dessa sei eu que você é filho. Recebê-los-á hoje, e amanhã partirá.

SEGUNDA PARTE

Francisco Bragadas, o timorato pescador de chumbeira, despedindo-se do moleiro, com certas apreensões agoirentas, teria dado trinta passos rio abaixo com a rede já enrolada, quando ouviu no recanto escuro ou angrazinha da corrente, que espraíava para dentro de um algar, o choro abafado de uma criança. À primeira esfriou de medo; mas esperou a reacção do bom senso. Pé ante pé, acercou-se do lugar sombrio donde vinha a toada incessante daquele ríspido chorar. Ele, que era pai de muitos pequenitos, não podia confundir os vagidos de um menino com os guinchos das desdentadas bruxas, as quais, por via de regra, costumam cacarejar casquinadas de riso quando lavam nas claras águas das ribeiras os seus indecentes arcaboços.

Estendendo a mão, tocou na face tépida da criança. O berço quedara-se enleado na ramagem de um salgueiro vergado pelo peso de uma rede ou pardelho, como lá dizem, que dali, atado nele, atravessava para a margem da Ínsua, – um bosque de choupos assim chamado. As bóias arfadas pela corrente chofravam nos flancos do berço. Francisco Bragadas exclamou levantando a canastrinha:

– Oh! pobre menino! atiraram-te ao rio! Ainda eu mais verei neste mundo? – E, apalpando-lhe o corpo por baixo do saio, disse, maravilhado: – E nem sequer está húmido! isto é milagre!

Como a chumbeira lhe pesava, escondeu-a em uma lura do valado, e deitou a correr para casa, com o berço debaixo do braço.

A mulher de Bernardo, sentada à porta da cozinha, embalava uma filha com o pé, enquanto amamentava a mais nova.

– Cá tens mais um, mulher! – disse ele, quando a avistou.

– Um quê, homem?

– Um criança que pesquei no rio.

– Tu estás tolo, Bernardo?

– Aqui o tens tal qual o topei engasgado num amieiro, berço e tudo. Olha que desgraça, ó Isabel!

A mulher benzia-se: foi buscar a candeia; convenceu-se que era uma criança viva, pôs as mãos, olhou para o céu com profunda mágoa, e exclamou:

– Ó homem, o mundo está a acabar!

– Dá-lhe o peito quanto antes, senão o mundo acaba-se para ele. Aqui to deixo, que eu vou contar aos fidalgos este caso.

– Ai! – exclamou ela examinando a criança – é uma menina ainda não tem cortada a *invide*!

Queria dizer que ainda não estava ligado o cordão umbilical. Isabel tinha a ciência prática da mãe de onze filhos, todos nascidos sem mais auxílio que o do seu homem e o da sua serena coragem naquele acto. Confessava-se na véspera, comungava de madrugada, e depois com o maior sossego de alma e muita conformidade com as dores, matava uma galinha, e dizia ao marido:

– Vamos a isto, Bernardo.

Depois, lá prestava os cuidados à criança, ela mesma a lavava, não na queria enfaixada; dava-lhe aos braços toda a liberdade, todo o alento aos pulmões. Era como as mulheres de Israel, de quem as parteiras egípcias diziam ao Faraó: «As mulheres dos hebreus não são como as dos egípcios; porque elas mesmas se sabem partejar, e, antes de nós chegarmos, parem» (*Bíblia*, Êxodo, cap. 1.º, v.º 19). E dois dias depois, mandava o homem para a lavoura, e ela ia para a labutação da cozinha, dos cevados, da maceira, com umas cores rosadas que parecia uma noiva na véspera de ser esposa.

O caseiro atravessou um campo de hortas e pomares na extrema do qual estava a casa nobre, onde os fidalgos de Santa Eulália costumavam passar o estio para se banharem no Tâmega.

Esta família era do Arco de Baúlhe, gente nobre e antiga. Duas senhoras de outros tempos com seu irmão desembargador aposentado, homem erudito em história pátria, sabendo de cor a *Monarchia* de Brito. Estava hóspede na casa o cónego de Braga João Correia Botelho, ainda frescal, grave, falava muito no *Pentateuco*, e asseverava que o primeiro e mais verídico historiador do género humano fora Moisés – asserto que ninguém lhe contestava. D. Maria Tibúrcia e D. Maria Filipa eram solteiras. Passavam dos cinquenta, idade em que o sexo principia a descaracterizar-se, período equívoco em que a mulher, se não tem filhos que lhe afirmem uma serventia retrospectiva, parece que foi sempre assim, uma coisa melancólica, embalsamada, e presa à bisca sueca pelo espírito e à caixa do esturrinho de 1813 pelo nariz.

Haviam sido feitas de modo e feitio pouco vulgar, mas muito honestas, posto que não antipatizassem com Cupido. Gostavam de alguns sujeitos que fingiram ignorar o sentimento involuntário que acendiam. Elas tinham fogo bastante no peito; mas, por causa da má cara que possuíam, tornaram sagrado aquele fogo de que elas mesmas eram as vestais. Para estas senhoras não tinham significação estas palavras do padre Manuel Bernardes: «Mui íngremes e costa arriba são as veredas da castidade!» Eram castas estas duas irmãs como as melancias são frescas e os tremoços sensaborões: – era o seu feitio e a sua natureza. Na folha de inventário cabia a cada uma dez mil cruzados; porém, nunca exigiram quantia notável de seu irmão, senhor de grandes prazos, o doutor Teotónio de Valadares, que também era solteiro, mas menos casto que as manas. E era isso não pequeno desgosto para elas. O mano doutor tinha servido lugares de magistratura, desde juiz-de-fora até corregedor, em várias comarcas, e por todas elas deixara prole ilegítima. Umhas filhas eram freiras franciscanas, outras eram mães; alguns filhos seguiam as letras, outros as armas: tinha filhos para todos os ofícios e artes. Era o D. Sancho *povoador* de seis comarcas, mas povoador de sua lavra, moto próprio e propagação pessoal.

*

Quando o caseiro, a deitar os bofes pela boca, apareceu a dar notícia do achado da criança no Tâmega, estavam as senhoras e mais o cónego e o irmão a jogar a sueca. Largaram as cartas a um tempo. O cónego ergueu os óculos de tartaruga para a testa, e exclamou:

– Parece um caso bíblico!

– Há factos análogos na história da Lusitânia – observou o desembargador, recordando-se.

Enquanto os dois pilares da história sagrada e profana porfiavam em erudições respectivas ao caso, D. Maria Tibúrcia disse ao ouvido de D. Maria Filipa:

– Olha que isto é marosca., mana!...

– Marosca?

– Sim. Deixemo-nos de tretas... A criança é filha do mano Teotónio.

– Credo! tu que dizes, mana Tibúrcia? O mano doutor não mandava atirar ao rio a criança...

– Isso sei eu; mas arranjava esta comédia com o caseiro. O Bragadas vem ensaiado por ele, e talvez pelo cónego.

– Eu sei! – duvidou a outra. – O mano Teotónio não precisava de estar com estas endróminas... E quem há-de ser a mãe?

– Faltam elas por aí...
 – É necessário – disse o cônego Botelho – baptizar a criança amanhã, que não vá ela morrer, que é o mais natural. Madrinha há-de ser uma de vossas senhorias, minhas senhoras; padrinho há-de ser o sr. desembargador.

– Prontamente! – anuiu o doutor Teotónio.

– Vês? não é ele o pai – disse D. Maria Filipa à irmã a meia voz.

– Será ele o cônego? – redarguiu D. Maria Tibúrcia.

– Não sejas má língua! Olha quem! coitado do homem!...

– Então qual é madrinha? – perguntou o padre.

– Pode ser a mana Filipa – disse a outra.

– Serão vossas senhorias ambas, porque madrinhas têm lugar de mães, ou mãezinhas, que é o diminutivo de madres, mães.

– *Matrecula*, de *mater* – acrescentou conspicuamente o doutor.

– Isso – confirmou o cônego, enquanto as duas irmãs estavam a ver se percebiam o modo como eram mães por um figurado esforço de latinidade.

– E na qualidade de mães substitutas que o sacramento lhes confere, visto que a recém-nascida não tem mãe conhecida, tem de ficar a criancinha a cargo de seus padrinhos, pois que o Francisco Bragadas tem onze filhos... – acrescentou o cônego.

– Serão doze – atalhou o agricultor – mas se vossas senhorias tomarem conta da enjeitadinha, boa esmola lhe fazem.

– Sim, Francisco – disse o desembargador – tomaremos conta da enjeitada. Amanhã iremos a S. Salvador baptizá-la.

O caseiro saiu alegre, a pensar que Deus lhe olharia pelos seus pequenos, em paga de ele acudir àquela criança que, depois de baptizada, se morresse, já teria asas que a levantassem até ao paraíso. Ele não era teólogo, nem conhecia o limbo.

– Como há-de ela chamar-se? – perguntou o cônego.

– Maria, já se vê – respondeu D. Tibúrcia – A mana é Maria.

– Bem sei, minha senhora; mas há-de acrescentar-se-lhe um sobrenome indicativo da circunstância em que foi encontrada, num berço sobre o rio. Muito bem sabe o sr. desembargador o que a Bíblia refere. O ímpio Faraó mandara matar as crianças do sexo masculino, dizendo: «Lançai ao rio todo o que nascer macho, e não reserveis senão as fêmeas».

– Sim, conveio o desembargador, vai o cônego contar-nos o caso de Moisés.

– Justamente, Moisés foi achado no rio, e vinha à flor da corrente deitado num berço. Parecia-me, portanto, que a menina se chamasse Maria Moisés, em comemoração de tão estranho sucesso.

– E porque não há-de chamar-se Maria Ábidis? – perguntou o doutor.

– Ábidis?! – disse o padre invocando a memória – que é isso de Ábidis?!

– É um caso semelhante da história portuguesa, sr. cônego. Leia, leia o meu Bernardo de Brito. Não lhe tenho eu dito cem mil vezes que a nossa história é um tesouro de ricos acontecimentos aplicáveis filosoficamente a tudo quanto há mais extraordinário?! Eu lhe conto de memória; e, se ela me falhar, irei buscar o tomo I da *Monarchia Lusitana* que é livro que nunca me larga. – E tomando do esturrinho de D. Tibúrcia, continuou com ênfase: – Górgoris, rei da Lusitânia, no ano 2806 da criação do mundo, foi o inventor do mel.

O cônego sorriu-se.

– O senhor ri-se – acudiu o doutor.

– Eu cuidei que o inventor do mel houvesse sido o inventor das abelhas – explicou o padre.

– Essa não me parece de homem que lê! Esse casaco que o senhor tem vestido quem o inventou? quem é que inventou os casacos, pergunta a minha curiosidade.

– Eu não sei.

– Se o cónego quer que o inventor do mel haja sido o inventor das abelhas, responda que o inventor dos casacos foi o inventor dos carneiros que dão a lã dos estofos.

– Tem razão – conveio ironicamente o cónego – Vamos à história de Górgoris.

– Que por inventar o mel se chamou o *Melícola*.

– *Meli e colo*: não o inventou, *cultivou-o*: são coisas diversas – reguingou o padre.

– Inventou, de *invenio* – *eu acho*. Achou-o.

– Ai! que fazem sono à gente com a seca dos latinórios!... – atalhou D. Maria Filipa – Vá, mano, conte lá a história.

– É melhor – obtemperou o hóspede – eu não interrompo mais seu mano, minhas senhoras.

– Interrompa quanto quiser, que eu cá estou. O rei da Lusitânia Górgoris teve uma filha que se apaixonou por um homem e baixa extracção. O que denunciou estes amores foi, diz Bernardo de Brito, em uma palavra de cunho português de lei, foi a «emprenhidão».

– Credo! que palavra! – exclamou com engulho D. Maria Tibúrcia.

– Não parece palavra de pessoa eclesiástica! – notou a outra senhora não menos escandalizada.

O mano Teotónio, como tinha piscado o olho direito ao cónego, ria-se; e o cónego, com a maior gravidade, disse:

– Minhas senhoras, os antigos faziam as coisas e diziam-nas; hoje em dia a civilidade não permite dizê-las. Ande lá com a filha de Górgoris, sr. desembargador.

– Deu ela à luz um menino, que o avô deitou às feras; e, como as feras o não comessem, atirou-o ao Tejo. Foi o menino encontrado no sítio que hoje chamam Santarém; e, como quer que uma corça lhe desse o primeiro leite, chamou-se o menino Ábidis, e daí veio chamar-se ao lugar Esca Ábis (manjar de Ábidis), e, corrupto, Scálabis, etc.

– Tudo isso me parecem vocábulos corruptos e interpretações corruptíssimas, objectou o cónego Botelho – e, ainda que as entendesse, fábulas de Brito não me engodam. Esse frade, se não inventou o mel como Górgoris, inventou Laimundus, e Mestre Menegaldo e Pedro Aladio, que existiram tanto neste mundo como o tal Ábidis. Enfim, sr. doutor Teotónio de Valadares, permita-me que eu repugne a que a enjeitada tenha um sobrenome procurado na fábula⁴.

*

Quando os sinos de S. Salvador festejavam com três repiques o baptizado de Maria Moisés, os sinos de S. Aleixo dobravam a finados. A criança saía da pia baptismal, ao mesmo tempo que o esquife da mãe, posto no lajedo da igreja, entre quatro círios, era responsado por alguns clérigos que franziam os narizes ofendidos dos miasmas da carne podre. A opinião dos padres e dos assistentes ao ofício era que a

⁴ O desembargador entupiu; mas eu não me calaria às razões do cónego, nem às de João Pedro Ribeiro, nem às de Schoefer, nem às dos srs. A. Herculano, Hubner e Pinheiro Chagas. Creio em Bernardo de Brito como nos Lunários Perpétuos e nos Discursos da coroa, desde que li na *Monarch. Lusit.*, t. 1.º pág. *mihi* 109, estas linhas que são do meu bernardo e mestre, as quais encerram um programa de lealdade que só pode ceder à lisura do manifesto de um deputado garraio: O historiador que presume de verdadeiro e quer autoridade em suas cousas, mais seguro lhe é ficar falto por escrupuloso que dizer muito com o perigo do seu crédito. É o mais que podia dizer Hallan, Herder, Martínez Marina, Niebuhr ou Thierry.

suicida praticara aquele crime porque devia ter chagas de lepra que a corroíam. O vigário consentia que a enterrassem em sagrado, porque a moribunda, segundo o testemunho do moleiro, pedira fervorosamente a confissão.

Quando a família de Santa Eulália ia a caminho de casa com a afilhada, o cônego, ouvindo além-Tâmega o tanger a finados, disse:

– Uns nascem e outros morrem... Não saberei eu dizer quais são os mais felizes...

– Eu cá por mim antes queria nascer que morrer – disse D. Maria Tibúrcia com a energia explosiva dos dizeres sentenciosos e finos.

Conversaram a respeito da enjeitada, até toparem um homem de Santo Aleixo a quem perguntaram quem lá morrerá. Contou ele que se deitara ao rio a filha do João da Lage.

– A Josefa? – perguntou Isabel, a mulher do Bragadas que levava a menina – Você que me diz, homem? A Josefa, que era a virtude em carne e osso! e então bonita, fidalgas? Faz p'rá semana santa dois anos que ela foi de Madalena na procissão do enterro. Ai, senhoras, que eu não quero que haja mais lindo anjo do céu!

– Por que se matou ela? – perguntou o desembargador.

– Saberá vossa senhoria que até esta manhã não se dizia nada ao certo. Uns diziam que ela não podia aturar o pai que, com licença de V.^{as} S.^{as}, é um bêbedo.

– Eu dou licença – disse o cônego rindo.

– Outros – prosseguiu o informador – dizem que lhe subira o flato ao miolo; mas o que por lá corria agora é que ela... Enfim, morreu, acabou-se... Deus lá sabe.

– Mas que é que dizem? – instou o doutor.

– Enfim, V.^a S.^a manda... O que dizem é que aí pelo verão ia por lá um fidalgo... O sr. Antoninho de Cimo-de-Vila...

– Não queremos saber disso... Misérias, misérias... Vamos embora... – atalhou D. Maria Tibúrcia.

– E abandonou-a? – perguntou o cônego.

– Nada; o que dizem é que o fidalgo velho meteu, à conta dela, o filho no Limoeiro, e ela então, isto é o que dizem, atirou-se ao rio. Eu digo o que ouvi, que eu não sei nada... Sim, eu não sei se isto que dizem, se assim é nem se não é. Deus lá sabe.

O desembargador foi discorrendo acerca da corrupção dos costumes, que atribuiu a Voltaire, a Rousseau e a Helvetius, posto que nunca os lesse, o que ele confessava com honrada jactância. Deu como prova da corrupção das aldeias um suicídio e uma tentativa de infanticídio no mesmo dia e na área de um quarto de légua. Fez ao propósito reflexões políticas e até proféticas. Previu o advento monstruoso das ideias jacobinas. Disse que, na qualidade de desembargador, lavraria a sentença de morte dos portugueses que militavam na França com o tigre da Córsega. Citou os generais portugueses que deviam ser enforcados; e, num rapto de vidente, exclamou: Quem viver dez anos há-de ver caída a inquisição, ó sr. cônego!

– Deixá-la cair – disse o padre.

– Deixá-la cair? E a fé?

– Qual fé? a estátua que está no frontal da Inquisição no Rossio? Deixá-la cair também, contanto que nenhum de nós esteja debaixo.

– Falo na fé, no dogma, sr. cônego!

– Ah! isso é outra coisa... Cuidei que me falava da Fé de pedra, sr. desembargador

5

⁵ A estátua da Fé, que estava encimando a fachada do palácio do Santo Ofício no Rossio, foi derrubada com uma corda e despedaçada em 1821. Na manhã do dia seguinte os inimigos da revolução liberal afixavam nas esquinas este pasquim:

*

Este cónego, cujo retrato eu vi há dias, em Braga, na galeria dos benfeitores do hospital de S. Marcos, não era, como se vê, um estrénuo defensor do Santo Ofício, nem acreditava nas invencionices de Bernardo de Brito, mas dava aos pobres inválidos e enfermos parte de suas rendas, e estimulava, como há pouco presenciámos, a caridade dos seus hospedeiros amigos, em benefício da enjeitada. Folguei de ver aquele ridente aspeito em que reluzem uns olhos sagazes, posto que já desvidrados pelo puer dos setenta anos. Estava ao pé de mim o nonagenário provedor da Misericórdia que me disse ter ainda conhecido aquele alegre ancião com a sua cabeça veneranda à gelosia de uma casinha na rua de Água. Foi ele quem recolheu no convento das Teresinhas de Braga, aos quinze anos, Maria Moisés, quando já eram falecidos o desembargador, e uma das irmãs, a madrinha da enjeitada.

Pelo que respeita a D. Maria Tibúrcia, não sei se me acreditam, mas a minha obrigação é atirar para aí com as pérolas da verdade sem me preocupar com o destino delas. D. Maria Tibúrcia, preenchidos os cinquenta e sete anos, casou com um mancebo, que estudava teologia moral com tanta incapacidade, que preferiu D. Tibúrcia com 10.000 cruzados, ao Mestre Larraga com a ciência do céu. Este moço fazia sonetos e madrigais. Conhecia toda a simbólica das flores; mas não as comia como Esdras, a única pessoa que eu saiba, que se sustentou catorze dias de flores. *Manducabis solummodo de floribus*, disse-lhe o anjo; deu-se bem o florífago, e – acrescenta Isidoro de Barreira – tornou a comer outros sete dias flores, e a sustentar-se⁶. A idiossincrasia do marido de Tibúrcia não eram flores: era boi e leitão, frigideiras de Braga e morcelas de Arouca.

O desembargador quis pôr a irmã por demente; mas ela, que perfazia quatro emancipações completas, não lhe refilou os dentes, porque os não tinha, mas safou-se de casa e desmaiou cheia de pudor e dengue nos braços do seu bardo e marido.

A outra, D. Maria Filipa, injuriou-a até ao extremo de lhe dizer, cara a cara: - Estás uma carcaça e queres casar! Não tens vergonha! Põe um cáustico nessa cabeça, doida!

Depois, fez testamento, e deixou 5.000 cruzados a sua afilhada Maria Moisés, representados na quinta de Santa Eulália, na margem direita do Tâmega.

O tutor e director da recolhida, o cónego Botelho, desejou residir um verão na quinta de Santa Eulália para repassar tristemente na memória os vinte estios que aí folgara com o seu amigo Teotónio e com as duas irmãs, que ele, em dias de alegre humor, chamava as duas biscas, como quem diz que só tinham préstimo para a suca. Maria, a herdeira da quinta, acompanhou-o, resolvida a não tornar para o convento. Ideara um viver muito diverso do monástico. Não podia conventualmente exercitar umas estranhas humanidades que lhe agitavam o coração desde que sua madrinha lhe legara recursos para as realizar.

Assim que chegou a Santa Eulália revelou ao cónego o seu pensamento: era criar meninos enjeitados!

Era bom e caridoso o padre; mas achou tão original e extravagante aquela ideia em uma menina de dezoito anos, que lha desaprovou em termos enérgicos. Sabia o

*ESPERANÇA não há;
FÉ já não temos;
E CARIDADE?
Nós lha faremos...*

E fizeram.

⁶ Esdras, 4. 9. Isidoro de Barreira, *Tratado da significação das plantas*, etc., pág. 21.

cónego que uma anónima viúva francesa abrisse um asilo de expostos perto de Saint-Landry; não ignorava que uma respeitável matrona, Isabel Lhuiller, auxiliara S. Vicente de Paulo em dar abrigo às crianças abandonadas; mas uma menina solteira a lidar com enjeitados figurou-se-lhe exercício menos consentâneo com a pureza e candura de anos tanto em flor. Além disso, Maria Moisés, sozinha, sem família, sem auxiliares, e desprovida de recursos bastantes, em que espécie de serviço aos enjeitados empregaria a sua caridade? Indo buscá-los à roda para os criar em sua casa? Assoldando amas para a criação física e mestres para a criação moral? mestres para as letras e para os ofícios? Em que veios de imaginário ouro se alimentara esta utopia que poderia ser virtuosa se não fosse indiscreta?

Ela ouviu silenciosa o cónego, depois de muito instada a explicar o seu propósito, e disse singelamente:

– O meu desejo é dar aos enjeitados a caridade que eu recebi.

– Mas tencionas procurá-los?

– Isso não; espero que a divina Providência os leve onde eu estiver.

– És uma virtuosa criança, Maria – replicou o padre – mas vieste tarde à procura dum mundo que passou. Exercita a caridade quanto as tuas forças to permitirem; porém, não vás além do que te rende esta quinta. Oito carros de milho, quatro pipas de vinho, e dez almudes de azeite é o teu rendimento. Contam-se milagres de multiplicação que talvez se possam repetir no teu pouco; mas o mais prudente é contares pela aritmética que eu te ensinei. Quem tem seis por ano e gasta sete, ao fim de seis anos tem só um. Gasta os seis, Maria, os seis somente em obras justas de misericórdia, e não dês alento aos costumes depravados tomando a teu cargo os filhos que as mães abandonam.

– Também eu fui abandonada – disse ela.

Ora, passados alguns dias, Maria Moisés tinha em casa dois meninos na primeira infância. O velho Francisco Bragadas, que era agora caseiro da enjeitada que encontrou no rio, contou-lhe que a moleira da Trofa, viúva de um soldado que estava lá para as Ilhas com o irmão do sr. D. Miguel, morrera de *cambras* deixando dois filhos pequenos, que não tinham migalha de pão.

– Vê, sr. cónego? – disse ela – Já tenho dois!

– Esses dois iria eu buscar-tos, se o reumatismo me deixasse, menina.

– Então vou eu?

– Pois vai, Maria, vai... Assim, acredito eu que a divina Providência tos manda. E olha que são mais dignos de compaixão os órfãos que viram morrer sua mãe, do que os enjeitados que a não conheceram.

*

A filha que Isabel, mulher do Bragadas, amamentava, quando o marido lhe levou a enjeitada, era agora uma guapa moça de quem Maria se afeiçoara fraternalmente. Joaquina, posto que pobre, fora pedida por um lavrador abastado de Cavez; deviam casar no S. Miguel, depois das colheitas; mas na noite de 24 de Agosto, quando em Cavez se festeja o S. Bartolomeu, os festeiros do Minho brigaram com os de Trás-os-Montes, segundo o bárbaro estilo daquela romagem. O tiroteio de ambas as margens do Tâmega principiou às dez da noite. Ao romper da alva, os turbulentos acometeram-se peito a peito de clavinas engatilhadas, e dos dois valentes que caíram mortalmente feridos na ponte, um era o noivo de Joaquina. A rapariga ainda o viu moribundo; quis despenhar-se da ponte, e foi levada sem alento para casa da mãe do morto, que a tratou com o amor que tinha ao filho. Volvidos alguns dias, tornou para casa de seus pais. Maria Moisés deu-lhe uma cama em sua casa, e fez-se a sua enfermeira moral; todavia

as angústias da rapariga recresciam, e o propósito o suicídio revia-lhe nas meias confidências à sua benfeitora.

Uma noite, acorçoada pelo amoroso desvelo de Maria, a filha do Bragadas, com mais lágrimas que expressões, revelou que estava perdida, porque o pai de seu filho já não podia remediar a sua desonra.

A enjeitada quedou-se a olhar para Joaquina com muita tristeza e espanto. Do seu próprio nascimento inferia ela uma desgraça semelhante à de Joaquina; mas o pudor, a religião, a repugnância congenial da sua vida pura sofreram uma dor íntima com a inesperada confissão. O coração decerto as tinha, mas não lhe inspirou de pronto palavras confortadoras. Separou-se dela fundamente magoada e pensativa; mas não adormeceu. Alta noite ouviu ringir a porta do quarto de Joaquina. Ergueu-se alvoroçada pelo pressentimento de que a infeliz rapariga ia matar-se. Não a encontrou no quarto; correu à porta da sala de espera que ela nesse momento abrira. Reteve a desvairada, e disse-lhe abraçando-a:

– Onde vais?

Joaquina, com a vista vaga e turva de quem chorou até que a demência lhe secasse as lágrimas, sentindo-se apertada ao seio daquela a quem se confessara mãe desonrada e perdida balbuciou:

– Não diga a ninguém a causa da minha morte, que meu pai está muito acabado; e, se ele o souber, morre de paixão...

– Fala baixinho, que não ouça o sr. cônego – disse Maria apontando para o quarto do hóspede – Vem para o meu quarto, Joaquina, e lembra-te que eu sou aquela enjeitada que teu pai pôs no colo de tua mãe quando tu lá estavas. Vem; e, se és minha amiga, não chores, nem me assustes.

*

No começo do inverno, Maria Moisés saiu de Santa Eulália, e pediu aos seus caseiros que deixassem ir com ela a sua filha.

– Para onde vai a senhora então? – perguntou o Bragadas.

– Vou passar o inverno em Braga, onde tenho as minhas amigas do convento. Aqui lhe deixo os meus órfãos, que já podem ir à escola. Trate-os como costuma tratar os filhos que não têm mãe, sim?

– Vá descansada, mas, ó senhora, isto de escola pra que monta? Eu também não sei ler, nem nunca me fez minga. Lá se eles tivessem que comer, vá; sabendo ler, não era mau; mas o que eles carecem é de se pegar ao trabalho, guardarem uns cevados enquanto não podem ir para o monte com a rês, e depois é agarrarem-se à enxada e à rabiça do arado.

– Não quero, sr. Francisco. Quero que aprendam, e depois veremos. Talvez os mande para o Brasil.

– Ah! a senhora está a ler! qué-los fazer brasileiros? Boa vai ela! Se vai nesse modo de vida, queira perdoar-me, mas a minha ama dá conta do que tem. Olhe que os milhos este ano quase que não espigaram, e as oliveiras estão tolhidas da ferrugem. Vinho, então, não se enche a cuba pequena.

– Paciência. Para nós e para os pequenos sempre há-de chegar.

Na primavera seguinte, Maria e Joaquina voltaram à quinta. O caseiro, quando viu apear uma mulher desconhecida com uma criança nos braços, perguntou à filha:

– Aquilo que é, ó moça?

– É uma enjeitada de que tomou conta a senhora. Puseram-na no pátio da nossa casa, e a senhora não a deixou deitar à roda.

– Está bem aviada a senhora! – tornou o Bragadas com bastante rabugice e algum zelo pelas comodidades da sua ama – E tem de pagar e dar de comer à mulher que a cria?

– Pois ela!...

– Ora adeus, adeus! isto assim vai tudo pela água abaixo. O melhor é dizer que a quinta dos fidalgos do Arco é agora a roda dos enjeitados. Esta senhora carece de tutor, quando não, daqui a poucos anos, está a tocar ao viático.

– Olhe que ela ouve, meu pai.

– Deixá-la ouvir...

– Ralhe, ralhe, tio Francisco que eu não me ofendo – disse Maria Moisés, sorrindo – Que tem que eu morra pobre? Acabarei como comecei. Já nasceu alguém mais pobrezinha que eu? Não se arrependa de ter sido quem deu causa a que eu fosse a dona desta quinta. Se eu ficar sem ela, tio Francisco, é porque a reparti por muitos pobres; mas a melhor porção há-de ser a minha, porque o prazer de dar é muito maior que o de receber.

– Sim, sim... – obtemperou ironicamente o Bragadas, com o seu frio egoísmo de velho. – A senhora lá sabe o que lhe convém. O que eu lhe digo é que, se se espalhar a notícia de que a senhora recolhe os enjeitados verá que lhe chovem em casa como a praga do Egipto. E olhe que está em terra azada para meter em casa mais garotos do que andam na escola do Farripas, em Santo Aleixo. Isto por aqui é um louvar a Deus de mulheres perdidas... Já não há pais que saibam criar as filhas com pão e pau...

Joaquina afastou-se com os olhos manejados de lágrimas, e Maria Moisés, retirando-se, cortou a diatribe que o pai austero vociferava contra a dissolução dos costumes.

*

O cónego Botelho, no estio de 1835, fez a última visita à quinta de Santa Eulália.

– Venho despedir-me – disse ele – despedir-me de ti, e destas árvores que eu vi plantar. Este olmo que ainda tem um sinal de letras, fui eu que o plantei há vinte e três anos. Chamava-se a árvore do cónego. Lá pela vida fora, Maria, quando te sentares neste banco de cortiça, lembra-te do teu amigo. E, para que possas mais alguns anos possuir a tua quinta e ser a dona da árvore do cónego, saberás que no meu testamento reparto entre ti e a Misericórdia de Braga os meus poucos haveres. Receberás quatro mil cruzados. É o mesmo que deixá-los a um hospício de infância desvalida. Aplica-os segundo o teu plano caritativo; mas não sacrifiques o passadio da tua velhice. A esmola é boa mas a prodigalidade é má, ainda quando se quer justificar com o título usurpado de caridade. De vez em quando, Maria, vem sentar-te aqui onde agora estamos, quando eu já estiver dormindo o sono eterno, e imagina que me ouves estes conselhos que te deixo.

*

Faleceu o cónego João Correia Botelho em 1836. Maria Moisés, neste ano, transcendia de júbilo, porque a profecia de Francisco Bragadas se realizara; três expostos lhe pusera a Divina Providência no pátio, durante o ano. Como conforto à saudade do seu benfeitor, dera-lhe Deus a alegria dos três enjeitados, pobrementemente enfaixados em pedaços de lençóis velhos e baetas rapadas. Lavava-os e vestia-os, baptizava-os e alimentava-os com leite de ovelha enquanto não apareciam amas. As amas desciam das terras de Barroso, vermelhaças, grossas, de grandes peitos e quadris.

O velho Bragadas dizia que a patifaria era tal que as amas eram as próprias mães dos enjeitados que regateavam o ordenado da criação antes de darem os seios exuberantes aos filhos. E declamando contra a estragação dos costumes, exceptuava sempre as suas filhas, dando-as como exemplo. Joaquina ouvia com a alma confrangida as exclamações do pai; mas a dor e a vergonha eram bem remuneradas pelo prazer de abraçar um gordo rapaz que lhe chamava tia.

Por toda a corda de Basto e Ribeira de Pena, por todo o Barroso e Cerva, daquém e dalém-Tâmega, propalou-se que uma senhora de grande riqueza e caridade aceitava enjeitados em sua casa. Onde chegou a nova foi também o sobrenome da senhora: chamavam-lhe a santa Moisés, sem respeito a processos de canonização. Da confluência de expostos à quinta de Santa Eulália pode inferir-se que a virtude e a castidade de uma mulher era um afrodisíaco para a fecundidade das outras.

Principiou a inquietar o ânimo de Maria o receio de não poder com tamanho encargo. Assaltavam-na a cada passo as reflexões do cónego Botelho. Quando se assentava à sombra do olmo, ouvia-o com saudade, e pedia a Deus que a ensinasse a responder aos argumentos do padre, e lhe desse meios para ver criados os dez enjeitados que tinha em casa, e os que mandara criar fora.

Os filhos da moleira já tinham ido para o Brasil; outros andavam na escola; as meninas tinham mestras, que eram Joaquina em coisas de costura e Maria no ler e escrita.

A herança do cónego e os rendimentos da quinta, na verdade mal administrados, supriram ainda assim as despesas no transcurso de dez anos. Maria, com a sua fama de santa, era havida em conta de tola pelos velhacos. A falsa piedade explorava-a. Festas de capelas, votos de missas pedidas, resplendores para uns santos, capas para outros, esmolas para entrevados de longe, esmolas para aleijados que iam a caldas e a mar, esmolas para rapazinhos que iam para o Brasil, para cabaneiros a quem o incêndio devorou a choça – com verdade ou impostura – ninguém ia da sua porta com as mãos vazias.

– Eu também sou pobre – dizia ela.

– Tem a graça de Deus que lhe dá tudo – respondiam os pedintes, com a certeza de que ela já havia pedido alguns centos de mil réis sobre a quinta.

As irmandades, que lhe emprestavam o dinheiro a juro, pediam-lhe donativos para reformar paramentos de sacristia, e madeiras para os vigamentos das igrejas.

Como só de per si já não podia cuidar na educação dos enjeitados, Maria Moisés pedia às pessoas abastadas que a auxiliassem, não com dinheiro, mas com a caridade de se encarregarem de alguns. Assim foi que o abade de Pedraça tomou para si aquele pequenino que se chamou Álvaro, e depois legou ao filho natural do visconde de Agilde o farto ouro que parecia trazer consigo o condão de virtude da enjeitada de Santo Aleixo⁷.

*

Em 1850, trinta e oito anos depois que saíra de Portugal, chegou à sua casa de Cimo-de-Vila em Ribeira de Pena, António de Queirós e Meneses, reformado com a patente de general no império brasileiro. Tinha sessenta anos. Não casara, nem granjeara família de ordem nenhuma. Viera só, mais velho que a sua idade, cheio de condecorações e mais nada. António de Queirós era rico em Portugal. Os vínculos não pôde o pai desviá-los da linha varonil, nem os mordomos por ele encarregados da fiscalização dos grandes bens lhos depreciaram. As irmãs, casadas com pequenas

⁷ Veja *O Filho Natural*.

legítimas, assim que chegavam navios brasileiros com a notícia das febres devastadoras, sentiam um vago contentamento na hipótese de ser Deus servido levar-lhes o mano general. Como viviam casadas com uns fidalgotes de meia escudela, fragueiros, brutos e forçados, à míngua de recursos, a matarem coelhos para matarem o tempo, aquelas senhoras mandavam deitar as cartas a uma criada velha para saberem se lhes viria alguma herança. Entretanto o irmão, de vez em quando, ordenava ao mordomo que lhes desse porção das suas rendas supérfluas.

O general chegou inesperadamente, recolheu-se à casa onde nascera; e tão funda amargura o avassalou que se arrependeu de voltar à terra natal, onde lhe entraram redivivas e pungentes ao âmago da alma as recordações de Josefa de Santo Aleixo – a sombra plangente que lhe seguira todos os passos da vida.

Perguntou pelos seus amigos da mocidade: todos eram mortos, exceptuado Fernando Gonçalves Penha, da casa da Temporã, aquele que, a seu pedido, enviara a astuta caseira a Santo Aleixo com o recado da fuga. Este mesmo, que seguira a carreira das letras, era juiz em uma das Relações do reino. Escreveu-lhe Queirós, noticiando-lhe a sua chegada. Vem, para que eu não morra sem ver um amigo da juventude – dizia ele.

Gonçalves Penha foi pressurosamente. Os dois velhos abraçaram-se a chorar. Reconheceram-se pela voz. Era tudo o mais uma transformação em que os vermes do sepulcro já pouco teriam que destruir. António de Queirós, o esbelto cadete de cavalaria que o outro conhecera de cintura feminina, e olhos negros docemente ameigados por alma apaixonada, era agora um ancião de grandes barbas brancas, olhos apagados, e faces angulosas, a tiritar de frio, no amplo casacão de baeta.

– Há quantos anos me não escreveste? – dizia Gonçalves Penha.

– Há trinta e sete. Recebi duas cartas tuas, que ainda tenho, datadas de Coimbra.

– Só duas? Escrevi-te mais; porém, depois que teu pai morreu me disseram teus cunhados que entre os papéis dele apareciam cartas que eu te escrevera falando-te daquela rapariga de Santo Aleixo. A onnipotência de teu pai chegou a subornar o fiel do correio de Vila Pouca de Aguiar. Parece-me – prosseguiu o desembargador reparando na comoção de António de Queirós – que ainda te sangra o coração...

– Ainda. Nunca, nunca se fechou a ferida. Está essa infeliz diante dos meus olhos como a vi, tal qual ela era, há trinta e oito anos. Que me dizias tu nessas cartas que eu não li?

– Posso lá lembrar-me agora!... isso vai tão longe... Só me recordo... deixa-me ver se reuno umas ideias vagas... Sim... eu mandei lá a minha caseira...

– Recordo-me, e Josefa respondeu alegremente que fugiria para o Enxertado na noite do dia seguinte; mas, nesse mesmo dia à noite, 27 de agosto de 1813, suicidou-se.

– Ah! vou-me lembrando... Esse suicídio é que eu punha em dúvida nas minhas cartas que não recebeste.

– Porquê? então mataram-na?!

– Já não vive há muitos anos o cirurgião que a tratou; eu saí daqui há trinta e cinco e nunca mais o vi; se ele vivesse, poderia ajudar-me a recordar. Espera lá... Como a velhice nos varre tudo da memória! Ah! uma circunstância... o aparecimento de uma criança no rio...

– O quê?

– Espera, António, não me quebres o fio das recordações.

Gonçalves Penha tapou a cara com as mãos, curvou-se bamboando a cabeça, ergueu-a com ímpeto, e disse:

– Parece que vejo reviver o passado... Olha, Queirós, na mesma noite em que essa rapariga apareceu moribunda no rio, um homem que andava à pesca encontrou uma criança viva num berço levado à tona de água. Falando eu a este respeito com o

cirurgião, me disse ele que a Josefa talvez não se suicidasse; mas que morresse quando ia a fugir com a criança para tua casa.

– Não pode ser – atalhou António de Queirós.

– Porque não pode ser?

– Era cedo para ter já nascido o filho.

– Isso mesmo disse eu ao cirurgião, contando-lhe o que sabia da tua carta escrita do Limoeiro, porque tu, se bem me lembro, dizias-me que...

– Faltava um mês.

– Justamente; mas o cirurgião convenceu-me de que bastava a alegria de fugir, quando se julgava abandonada, para lhe produzir um forte abalo. E espera... outra circunstância... a minha caseira foi disfarçada a uma quinta onde estava a criança que apareceu, e soube com certeza que foi achada nesta mesma noite, e que...

– Onde era essa quinta? – interrompeu o general.

– Ó filho! isso é que te não posso dizer já; mas deixa estar... a caseira deixou filhos que ainda são meus caseiros. É natural que eles a ouvissem muitas vezes falar do caso milagroso da criança que apareceu deitada num berço de junco. Eu te direi o que souber. Ó Queirós – exclamou o juiz com entusiasmo – e se tu descobrias agora o teu filho!

– Não me passa pelo espírito esse devaneio, meu amigo. Eu quisera antes que a morte dessa infeliz não fosse um acto de desesperação; mas, pensando bem, Gonçalves, porque havia de suicidar-se ela?...

– Sim, tendo-me dito a caseira que a rapariga chorava de alegria? António... recordo-me eu agora perfeitamente de que, nas minhas cartas, te dizia que o teu filho podia existir... E foi por isso mesmo que teu pai as subtraiu... Não te parece?

– É possível; mas... que novas dores a esperança me está gerando na alma! A esperança! Que posso eu esperar das transformações de trinta e sete anos, meu amigo?

– Tens razão... Ainda mesmo que o pequeno encontrado fosse o teu filho, há que anos terá morrido o homem que o encontrou no Tâmega? Que destino levaria o rapaz? Ainda assim, olha que eu sei de casos de mais dificultosa averiguação que se tiraram a limpo. Os processos por causa de sucessões estão cheios de factos que parecem novelas, e nas genealogias há muitos dessa espécie.

*

Ao outro dia, o general Queirós de Meneses saiu, pela primeira vez, do seu carrancudo solar, e caminhou a pé e sozinho na direcção do Tâmega. Os homens antigos, quando o viam ao longe, descobriam-se e paravam. Ele parava também diante deles, mandava-os cobrir, e perguntava quem eram. Alguns haviam sido seus companheiros na caça, outros brincaram com ele na infância, e lembravam-se das travessuras do fidalguinho. O general recordava-se daqueles nomes, dava esmola generosa aos necessitados, e oferecia a sua amizade aos outros.

Chegando à ourela do Tâmega, parou defronte da Ínsua. Era ali que Josefa esperava o juvenil aspirante embrenhada no choupal. Um conhecido amieiro de tronco esgalhado em ramos recurvos já não existia. Nesse lugar estava uma azenha, com uma barca de passagem amarrada a uma argola de pedra chumbada na parede.

À porta do moinho apareceu a moleira a perguntar-lhe se queria passar para além.

– Quero.

Já dentro da barca, perguntou-lhe se aquela azenha ali estava há muito.

– Há nove anos, meu senhor. Ali mais arriba havia um moinho que a cheia me levou. Fiquei com dois filhos pequenos, sem modo de vida, nem uma choupana; mas a mãe dos pobres acudiu-me. V.^a S.^a há-de conhecer a senhora da quinta de Santa Eulália.

– Não conheço.

– Então, ainda que eu seja confiada, não é de cá.

– Sou; mas tenho estado longe.

– Lá isso sim; que dez léguas em arredor toda a gente conhece a senhora de Santa Eulália. Não há outra assim no mundo. Só de enjeitadinhos tem onze de portas a dentro.

– Onze!

– É o que lhe eu digo, senhor.

– Bom é que haja uma santa onde há tantas mães que abandonam os filhos.

– Não que ele também há muita desavergonhada por esse mundo de Cristo. Mulheres más por aqui é uma casa sim e outra não à ida para cima; mas à vinda para baixo são todas.

O general sorriu-se e disse:

– Bem faz você em viver perto da ilha; quando a corrupção for geral, fuja para lá.

– Pudera! mas a mim já me não pega o andaço. Tomara eu pão para os meus filhos. Trabalho muito, e o corpo não me pede folia. Tenho esta barca a meter água, e Deus sabe quando terei outra. A mãe dos pobres já me prometeu a madeira; mas eu até já tenho vergonha de lá ir.

– Pois não vá. Amanhã vá você à casa de Cimo-da-Vila, pergunte pelo Queirós, e receberá dinheiro para a sua nova barca.

– Bendito seja Deus! Então V.^a Ex.^a é o sr. general que chegou há dias?

– Adeus, apareça, mulherzinha.

Saltou à margem.

– V.^a Ex.^a quer que eu espere? – perguntou a barqueira.

– Não, que vou passar às poldras de Santo Aleixo.

E caminhou pela orla do Tâmega até saltar o combro que descia para a Cangosta do Estêvão. Como ia fatigado, sentou-se enxugando o suor, na fraga a que o moleiro encostara o cadáver de Josefa, e lembrou-se que ali mesmo haviam estado sentados ambos em uma tarde de julho. Em baixo murmurava a corrente agitando as franças dos salgueiros, coaxavam as rãs, e às vezes um escalo de ventre prateado saltava à flor da água. Ele parecia ver e ouvir; mas via e ouvia no passado o rosto e a voz de Josefa, e embebia no lenço as lágrimas.

Subiu o íngreme barrocal da Cangosta. Entrou na aldeia de Santo Aleixo, e sentou-se no adro. O cansaço ansiava-o. Da casa da residência saiu então um clérigo ancião, apoiado na bengala, e sentou-se à sombra do plátano do adro, com o breviário debaixo do braço. Reparando no desconhecido, cortejou-o e ofereceu-lhe a sua residência.

– É o reitor desta freguesia? – perguntou o general.

– Sim, senhor. V.^a S.^a não é de aquém-Tâmega?

– Não sou. Está aqui reitor há muitos anos?

– Há vinte e sete.

– Aqui é aldeia de ricos lavradores, ao que parece.

– Há proprietários muito ricos, os Pimentas, o tenente-coronel, o antigo capitão-mor, etc.

– Se lhe não custa, sr. reitor, pois que é tão atencioso com os forasteiros, iremos dar um passeio por esta aldeia que me parece muito pitoresca.

– Da melhor vontade.

O reitor dizia-lhe os nomes dos possuidores dos melhores edifícios. Chegaram a um recanto onde se viam ruínas de uma casa de lavrador muito espaçosa. O general parecia querer reconhecer o sítio e a casa.

– Aqui – disse o vigário – morou um lavrador que morreu há três anos com mais de oitenta. Chamava-se o João da Lage. Bebia um quartilho de aguardente todos os dias, e chegou a idade tão provecta! Fiem-se lá nos médicos! Desta casa tenho eu uma recordação muito funesta. Há que anos isto vai!... Perto de quarenta... Em 1813, quando eu era minorista, vim aqui assistir com a minha sobrepeliz aos responsos de uma pobre rapariga que se afogou no Tâmega, uns disseram que por vontade própria, e outros disseram que por desastre. Era uma flor a moça. Ainda me recordo que, morrendo ela à noite, foi preciso enterrá-la ao outro dia, porque não se podia sofrer o cheiro do cadáver. Como a morte em poucas horas transformara uma criatura linda como os anjos num charco de podridões?

– Que motivo se deu para o suicídio ?

– Não tenho a certeza; tenho a suspeita; porém, *perdoai aos mortos*, dizem os livros sagrados. O nosso dever é orar por eles, e não os chamar a contas.

O reitor, que assim falava, era aquele padre Bento da Póvoa que já em anos de indiscretas verduras queria que o escrivão respeitasse o cadáver ainda quente da suicida.

O general absteve-se de interrogações; todavia, o padre acrescentou:

– Esta casa vai desaparecer daqui. João da Lage morreu pobre. Devia tudo às irmandades e à fazenda. Gastou trinta mil cruzados, desde que a mulher lhe morreu de paixão lá para Barroso. Um brasileiro comprou esta quinta, que esbeixa lá em baixo com o rio, e está arrasando a casa para fazer um palacete. Ainda acolá se vê de pé um sobrado onde eu vim para acompanhar a morta à igreja. Ali é que ela dormia. Parece que V.^a S.^a está magoado com a história da pobre moça... – disse o vigário atentando nas lágrimas represadas do ancião.

– Todos os velhos são fáceis em chorar... Continuemos o nosso passeio, sr. vigário. Daqui desce-se para as poldras?

– Sim, senhor, por esta viela; depois, lá ao fundo, salta-se ao campo da direita. Eu acompanho-o até lá, porque vou ver uma doente que mora à beira do rio.

Quando chegaram às poldras, perguntou o general:

– O sr. vigário nunca ouviu dizer duma criança que apareceu por aqui num berço ao de cima da corrente?

– Foi muito perto daqui, talvez cem passos, onde o rio faz uma enseada. Essa criança recordo-me eu muito bem que apareceu na mesma noite em que a Josefa da Lage se afogou. Deu muito que pensar e que suspeitar tal coincidência; mas eu reprovei que se fizessem juízos temerários. Esta terra, ainda mal, que teve sempre pecadoras das que cuidam esconder-se aos olhos de Deus, quando podem aparecer, sem os filhos que enjeitaram, aos olhos do mundo.

– Ouvi dizer que a criança fora salva.

– Sim, senhor, foi encontrada sã e enxuta num berço de canastra por um homem que andava pescando: era o caseiro dos Valadares de Santa Eulália. Deitaram-se muitas inculcas, mas nunca se soube quem era a mãe.

– O homem que encontrou a criança já é falecido?

– Nada, não é; chama-se o Bragadas, e nasceu nesta freguesia. Ainda há dias vi no livro dos baptizados que ele fez já oitenta anos. Mas há aqui um caso que parece conto de romance. O Bragadas é hoje caseiro da mesma enjeitada que ele achou!

– Como?! – exclamou António de Queirós.

– Tem razão de se espantar, meu senhor; mas a verdade é esta. O enjeitado era uma menina de que tomaram conta os fidalgos, que a baptizaram com o nome de Maria

Moisés, por ter sido achada no rio como o santo legislador dos hebreus. Depois, uma das senhoras que foi madrinha, deixou-lhe a quinta de Santa Eulália. Saiu um anjo a criatura de Deus; chamam-lhe a mãe dos pobres; e recolhe, ensina e dá modo de vida a quantos órfãos e enjeitados a mão da desgraça lhe leva ao seu regaço...

– Parece – atalhou o general – que são muitas as probabilidades a confirmar a hipótese de que essa enjeitada seja filha de Josefa... Não concorda comigo?

– Eu já disse a V.^a S.^a que todos os juízos temerários são venialmente pecaminosos quando redundam em desdouro de vivos, e muito mais de mortos que não podem justificar-se. Não sei... E o que eu não sei, para mim é apenas possível. Seja de quem for filha, Maria Moisés é uma mulher que faz lembrar as antigas santas.

– Conhece-a, sr. reitor?

Nunca a vi, mas ouço dizer que tem no rosto a formosura da alma, e que parece ter vinte anos, andando já perto dos quarenta; sim, não há-de ir longe... de 1813 a 1850...

– Trinta e sete...

– É isso, trinta e sete. Pena é que os poucos recursos lhe não permitam ir tão longe como o coração lhe pede. Alargou mais do que podia a área da caridade. Acudia a todas as desgraças com mais liberalidade que prudência. A santa cegueira não a deixava prever os limites das suas medianas posses. Os rendimentos da quinta são escassos e talvez mal pagos pelo caseiro a quem ela não pede contas, ou aceita as que ele quer dar-lhe, porque foi ele quem a salvou. A pouco podiam montar. Verdade é que um cônego de Braga, santo homem que eu conheci, lhe deixou alguns mil cruzados com que ela custeou por bastantes anos as despesas de alimentação e educação de enjeitados e órfãos. Afinal o dinheiro acabou-se, mas a caridade na alma da santa mulher é que não esmoreceu. Não pede nada; mas, se sabe que um fidalgo ou abade rico ou viúvo sem filhos está no caso de poder aceitar-lhe um órfão ou enjeitado, escreve-lhe a pedir pelo amor de Deus que o aceite e sustente com as migalhas da sua mesa. E assim tem conseguido arranjar bastantes; e de alguns se conta que foram para o Brasil e lá estão bem encaminhados.

– Sabe então o sr. reitor que Maria Moisés está pobre agora?

– Pobre de todo não direi, porque a suprema riqueza é a raça de Deus; mas necessitada de recursos para continuar a sua santa dedicação aos infelizes, com certeza está; porque eu sei que ela deve mais de três mil cruzados a várias confrarias; e na porta da minha igreja está um aviso anunciando que quem quiser comprar a quinta de Santa Eulália fale com a dona da mesma. É uma bonita propriedade; mas ninguém lhe dá o que ela vale, porque não há dinheiro, e quem o tem fecha-se com ele, por medo das revoluções que são umas atrás das outras. Os cabralistas querem dinheiro, os patuleias querem dinheiro; agora dizem que os saldanhistas vão sair com a procissão porque querem dinheiro, e em não for uma das três cousas há-de pagar para todos os três partidos. Eu não sei com quem tenho a honra de falar, mas sou franco; o que eu digo é que Deus traga o sr. D. Miguel I a ver se Portugal se endireita de vez.

O general ouvira apenas a toada confusa das fortes razões que o inofensivo reitor de Santo Aleixo queria o sr. D. Miguel. Era febril o desassossego de António de Queirós; como que o afligia o sobressalto da esperança; sentia na sua ânsia a alegria desconexa de um sonho feliz, mas com o inverosímil e desatado das felicidades sonhadas. Abraçou o padre, e convidou-o a passar um dia o Tâmega para ir a sua casa.

– Mas eu não sei com quem tenho a honra de falar... – disse o vigário.

– Eu sou António de Queirós e Meneses, da casa de Cimo-de-Vila.

– Santo Deus! – exclamou o reitor – com quem eu tenho falado!... V.^a Ex.^a não estava na América?

– Estive: há oito dias que cheguei.

– Eu conheci-o em rapaz, sr. Queirós! Olhe que somos ambos da mesma criação, e ainda fomos condiscípulos alguns meses de 1809 em latim na aula do padre mestre Simão no Vale de Aguiar, quando V.^a Ex.^a estudava para crúzio, antes de sentar praça. Veja se se lembra do Bento Fernandes, da Póvoa.

– Bento Fernandes... – repetiu o general.

– Que V.^a Ex.^a e outros patuscos chamavam *Beatus Benedictus, ora pro nobis*.

E o bom velho casquinhava a rir; mas, de súbito, reveste o semblante duma gravidade misteriosa, e diz como em segredo:

– Agora é que eu compreendo as suas lágrimas de há pouco, em frente do quarto onde viveu e foi amortalhada Josefa. V.^a Ex.^a procura sua filha? Suspeita que Maria Moisés seja a sua filha? É, tenha a certeza que é.

– A certeza? a certeza? Veja o que me diz, sr. vigário! – exclamou o general apertando-lhe as duas mãos nas suas com arrebatada alegria.

– Folgo de o ver assim excitado por um sentimento que me demonstra que tem sido infeliz e nunca esqueceu a desgraçada Josefa. Deus me perdoará, se eu nesta hora transgredir o sigilo da confissão; mas, neste caso, seria absurda a observância de um preceito que envolveria um segredo prejudicial à sua felicidade à de sua filha. O senhor Queirós denunciou ao vigário da Santa Marinha a gravidez de Josefa, quando lhe pediu que o casasse clandestinamente...

– É verdade.

– O vigário denunciou a seu pai o bom intento de V.^a Ex.^a. Daí resultou a sua ida para a capital, e depois a prisão. O vigário, pensando que me dava o exemplo de um bom feito, contou-me o que fizera. Fiquei eu sabendo um segredo que nunca revelei, posto que, falecida Josefa, se divulgou por boca do cirurgião e de ma caseira da casa da Temporã. Para mim era ainda duvidoso e Josefa já era mãe quando acaso se afogou ou determinadamente se matou; mas, em 1817, fui eu mandado paroquiar na freguesia de Santa Maria de Covas de Barroso, onde vivia com seus irmãos a mãe de Josefa. Esta mulher tinha intermitências de loucura; mas, nos períodos de lucidez, passava mais amargurada porque chorava sempre pela filha. Em 1818 fui chamado para ouvi-la de confissão, nas vinte e quatro horas que precederam a sua morte. Estava a moribunda então no perfeito uso das suas faculdades; e coberta de lágrimas, me disse que sua filha, na tarde do dia em que morrera, dera à luz uma criança. Perguntei-lhe se era menino ou menina, lembrando-me do aparecimento de Maria Moisés. Respondeu-me que não sabia, mas que tinha a certeza que ela, quando fugiu de casa, levava uma criança, porque, indo ao quarto da filha depois que a vira morta, achara no sobrado uns embrulhos que estavam dentro de um berço de vime, e, procurando o berço, não o achara. Perguntei-lhe se não ouvira dizer que nessa mesma noite fora encontrada uma menina no rio dentro de um berço de vime; respondeu que, apenas dera pela falta do berço, caíra como morta, e quando voltara a si, fugira para casa dos irmãos, onde não sabia como viveu muitos meses, e passara temporadas de que não lhe restava a menor lembrança. Para mim – concluiu o vigário – está provado que Maria Moisés é filha de Josefa.

O general estreitou ao peito o padre Bento, beijou-lhe as cãs, e exclamou com a alegria de uma criança:

– Havemos de ter uma velhice muito feliz... Eu hei-de viver muitos anos, e o padre Bento, o meu condiscípulo, vai ser o meu capelão, e o director da caridade de minha filha!

Ao outro dia, António de Queirós e Meneses, acompanhado do desembargador Fernando Gonçalves Penha e dum tabelião do julgado, passaram o Tâmega, em frente da quinta de Santa Eulália. Tiraram pela sineta do portão com força.

Francisco Bragadas, que estava na eira, de barriga ao sol, recozendo os seus oitenta anos, quando ouviu tilintar a sineta, disse a um neto:

– Vai ver quem é. Teremos mais algum enjeitado? Estou a ver quando começa o desaforo de os trazerem mesmo de dia!

Aberta a porta, entraram os três sujeitos. Francisco, para os ver quando subiam por entre a álea de faias e olmos, pôs a mão na testa contra o sol, e disse entre si: «Querem ver que temos penhora na quinta?» E, levantando-se encostado a um forte tanchão de sobro, perguntou:

– Querem alguma coisa?

– É este cavalheiro que quer comprar esta quinta – disse o tabelião.

– Vai dizer isso à senhora, rapaz – mandou Bragadas, com grande tristeza, e acrescentou: – a quinta não se dá menos de dez mil cruzados.

– Dez mil cruzados! – disse o tabelião espantado – Nas hipotecas está avaliada em seis.

– Não quero saber disso; as hipotecas é isto; são dez mil cruzados, livres para a vendedora – resmoneou o ancião.

– Vocemecê é o sr. Francisco Bragadas? – perguntou o General.

– Para o servir. Não conheço a sua pessoa.

– É o sr. general Queirós, da casa de Cimo-de-Vila.

– Ah! bem me lembro dele quando era moço, ali como aquele meu neto. Quantas vezes nós conversámos no rio! Eu andava com as redes, e ele pescava à cana na Ínsua. Está muito acabado; e mais V. S.^a não é velho. Velho sou eu que já tenho dois carros e mais um⁸.

Neste comenos, chegou o rapaz que levava o recado, dizendo que a senhora mandava subir para a sala.

Queirós, subindo as escadas, amparava-se no braço de Gonçalves Penha, e dizia-lhe ao ouvido:

– Nunca me senti neste abatimento nos combates do Recife e do Lima. As batalhas do coração são as piores. Esta impressão para mim vem tarde.

– Então, coragem! – alentou o desembargador.

Pouco depois que entraram à sala, apareceu Maria Moisés. Ergueram-se todos: mas o General apenas fizera um gesto. Não pudera, e sentara-se, balbuciando palavras que não se perceberam.

Maria era alta, refeita, loura e bela como Josefa de Santo Aleixo: mas de uma beleza mais senhoril, menos rica do colorido da saúde e das insolações tépidas, e do ar puro das serras. Tinham passado por ela alguns anos de convento, e uma vida longa de domesticidade, que desmaia a epiderme compensando-a nas graças mórbidas da beleza aristocrática.

Mas, como quer que fosse, era o retrato de sua mãe, favorecido pela palheta de artista caprichoso que desadorasse as fortes e vivas cores das formosuras do campo; era Josefa de Santo Aleixo, depois de respirar em dez invernos o ar do teatro de S. Carlos, e em dez estios o ar latrinário dos Passeios de Lisboa.

E aí está a razão por que o general, colhido de sobressalto quando esperava a filha sem presunção antecipada da sua figura, entreviu a mãe. O desembargador, para encher

⁸ Nestas províncias do norte contam-se por carros de quarenta medidas as idades que excedem dois carros, ou oitenta anos.

o vácuo do silêncio que se fez, disse que o seu amigo, o sr. general Queirós de Meneses, desejava comprar a quinta de Santa Eulália.

– São dez mil cruzados – repetiu Francisco Bragadas que já estava encostado à ombreira da porta.

– Visto que aqui está a dona, esta senhora dispensa procurador – observou o tabelião.

– O meu caseiro diz a verdade – confirmou Maria Moisés com tristeza e irresolução – eu não dou a quinta por menos de dez mil cruzados.

O tabelião ia replicar com a coarctada das hipotecas, quando o general, fazendo-lhe um gesto de silêncio, perguntou a D. Maria:

– Aceitando eu a quinta pela quantia que se pede, poderei hoje fechar este contrato? Já trouxe comigo o sr. tabelião para lavrar a escritura.

– Preciso ver os títulos – disse o funcionário.

– Vou buscá-los... Então – perguntou ela ao general com hesitação e visível mágoa – V. Ex.^a quer ocupar a quinta imediatamente?

– Não é forçoso isso. Quero comprá-la simplesmente... Depois...

– É porque eu tenho uma numerosa família de crianças que por aqui se criaram e estão educando.

– Desejo vê-las – disse o general com os olhos cheios de lágrimas.

– Pois não, sr. general! – acudiu Maria alegremente. – Ó tio Bragadas, diga à sua Joaquina que mande cá os pequenos.

– A canalha toda? – perguntou o velho.

– Oh! que ingranzéu eles aí vão fazer! – tornou o Bragadas, indo cumprir as ordens de má vontade.

– Parece-me que está com saudades da sua quinta, senhora D. Maria – disse António de Queirós.

– Pode-se dizer que nasci aqui, ou pelo menos aqui vi a luz e o amor de uma madrinha que me criou e me deixou esta propriedade por esmola, porque eu nada tinha... Fui enjeitada, e tenho querido dar aos infelizes que não têm mãe nem pai o bem que recebi dos meus benfeitores. Infelizmente os recursos não me chegaram. Enpenhei a quinta, e agora sou obrigada a vendê-la porque os juros são grandes e mais tarde ou mais cedo as confrarias hão-de tomar conta disto tudo. Vendendo eu a quinta por 10.000 cruzados, pago cinco e tanto que devo, e poderei com o restante amparar alguns anos mais estes pobrezinhos.

Neste instante, entrou um rancho de treze meninos e meninas. Os rapazes vestiam uniforme de cotim escuro, e as meninas de riscadinho azul. O mais velho tinha onze anos, e era aleijado, encostava-se às muletas, e entrara muito contente, saltando na única perna, com uma alegria de idiota. Cumprimentou os circunstantes com desempenho de grande sociedade, e retirou-se às recuadas para a frente do grupo.

– Este aleijadinho é o que ensina os outros a ler; tem muita habilidade, e ajuda-me muito – disse Maria, e acrescentou: – Eu vou agora buscar os títulos.

– Não é urgente, minha senhora. Os títulos, depois – disse o general – O sr. tabelião lavra a escritura, enquanto eu vou dar uma vista de olhos por estas janelas – e encostando-se ao desembargador, segredou-lhe: – Preciso ar.

– Sr. general – disse Maria Moisés.

– Minha senhora.

– Se V. Ex.^a há-de ter caseiro nesta quinta, peço-lhe que conserve aquele velhinho, que tem muitos filhos e netos.

– Sim, minha senhora – respondeu ele com a voz tremente das lágrimas.

– Devo a vida a este homem... Foi ele quem...

– Está bom, está bom – atalhou Bragadas, limpando as lágrimas com a manga da jaqueta.

– Foi ele quem a encontrou no rio... – acrescentou o general.

– É verdade.

– Num berço de vime – ajuntou António de Queirós.

– Que eu ainda conservo – disse ela sorrindo – porque é a herança de meus pais; pelo menos, é possível que minha mãe tivesse aquela canastrinha na mão...

– Parece incrível que o naviozinho não fosse a pique! – disse o desembargador.

– É muito bem tecido – explicou ela. – Eu já fiz experiências no Tâmega com os meus enjeitados, e não foram ao fundo pondo-os eu à flor da água dentro do meu berço. Se V.^{as} Ex.^{as} querem vê-lo?

– Estimava – disse o general.

– Vai buscá-lo, Joaquina.

– Chegue-se cá, sor Bragadas, – disse o general – você é meu caseiro e há-de dar-se bem comigo, esteja certo disso.

– Olhe, senhor, o que eu queria era ficar perto da minha ama – disse o velho.

– Já não sou sua ama, tio Francisco; mas sou sempre a sua amiguinha – e abraçou o ancião, que sacudia a cabeça porque o importunavam os soluços.

Chegara o berço. O general parecia examiná-lo atentamente; Maria Moisés sorria-se ao reparo do fidalgo, e dizia:

– Está já muito velho o meu berço; quando olho para ele é que eu conheço que já tenho muitos anos.

– Esteve este berço nas mãos de sua mãe... – disse António de Queirós.

– Talvez – observou ela – mas quem sabe? Pode ser que nem ela me visse... Custa a crer que minha mãe, com suas próprias mãos, me entregasse à corrente de um rio...

*

Estava lavrada a escritura.

O desembargador Gonçalves Penha contou dez mil cruzados em soberanos sobre a mesa onde o tabelião escrevera.

– Aqui está a quantia estipulada – disse Queirós. – A renda desta quinta continua o sr. Francisco Bragadas a pagá-la à mãe carinhosa dos enjeitados.

– À minha ama?! – bradou o ancião.

– À sua ama.

– Mil anjos o acompanhem na vida e na morte, sr. general! – exclamou Maria.

– Mil anjos são muitos – disse ele – Um anjo só me basta na vida, e esse quero eu que me assista na morte. – E tomando as mãos de Maria, prosseguiu: – Se eu morrer debaixo da luz dos teus olhos, Deus me chamará a si, não pelos meus merecimentos, mas pelas virtudes de minha filha. Pedirás então a Deus por teu pai, Maria?

– Eu! Jesus! Eu! sua filha! – exclamou ela, pondo as mãos convulsas, quando ele a beijava na fronte.

Maria caiu de joelhos, pendente dos braços do pai; e os velhos, e as crianças ajoelharam também trementes e extáticos, sob a faísca eléctrica daquele sublime lance.

*

Tomás Ribeiro, com o teu coração, se tens nele uma lágrima, imagina este quadro e descreve-o, se podes, que eu não posso, nem quero, porque o último feitio das novelas é não pintar, com o colorido gótico dos românticos, os quadros comoventes que rutilam

na alma a faísca do entusiasmo. Agora somente se pintam as gangrenas com as cores roxas das chagas, e com as cores verdes das podridões modernas. Nos literatos o que predomina é o verde, e nas literaturas é o podre.

II**O DEGREDADO**

[...] Por se não perderem da memória dos homens que escreverem depois de nós, tão gloriosos feitos.

JOÃO DE BARROS, *Década I*, prólogo

*Aos Srs. Fidalgos da Casa Real
e Cavaleiros Professos
da Ordem de Cristo*

Ofereço a Vossas Excelências por dois tostões esta biografia de um seu confrade. Vão as suas pessoas, Srs. Fidalgos e Cavaleiros Professos, ufanar-se do irmão de armas que tiveram na sua cavalaria. Deus guarde a Vossas Excelências para confusão de Bonança, de Latino Coelho, de Oliveira Marreca e das outras cabeças da hidra.

De S. Miguel de Seide, aos 20 de Novembro de 1876.

Tem Portugal uns povoados sertanejos que os políticos e os literatos exploram, metendo a riso as coisas e as pessoas de lá. Aqui há trinta anos, os folhetinistas deitaram a garra a Figueiró dos Vinhos e Freixo de Espada à Cinta. Mal diriam eles que deste velho burgo acastelado havia de sair o fulminador de Jeová e do Diabo, o Sr. Guerra Junqueiro, o mais bizarro pintor de uma sociedade morfética e o mais canoro secretário-geral que ainda ouviram ministros do Reino e governadores civis! Eis o ponto culminante onde pode trepar um *aedo* português – falando à grega como eles – se cavalga, pégaso sem esparavões. Poeta que, hoje em dia, com os seus cantares, apanhe emprego de lotação de quatrocentos mil réis, afora emolumentos, corresponde ao grego Simónides, que, em concursos poéticos, ganhou cinquenta e seis bois. Bons tempos! Um hino grego rendia uma manada de reses pesando pouco mais ou menos trinta e dois mil quilogramas; hoje, e aqui no país da madressilva e da laranjeira, não há quem abra concurso de sonetos a meio bife.

A onipotência do plectro, ainda assim! No período tenebroso dos Cabrais, quando o poeta era um hilota que queimava as asas do génio em meios ponches fiados no Marrare das Sete Portas, o Sr. Guerra Junqueiro, se florescesse então, vingaria enternecer ministérios em peso, para demonstrar que na Trácia e em Portugal aparecem Orfeus, quando é necessário mover ursos ao som da lira.⁹

Ali, em Freixo de Espada à Cinta, nasceu também o primeiro jesuíta português, o padre Gonçalo de Medeiros. Dois filhos que não parecem da mesma mãe. Compensações. O mal que fez o jesuíta anda o poeta a remediá-lo.

Depois, chegou a vez à Aldeia de Paio Pires, a Maçãs de D. Maria, a Cucujães e Ranhados. A ironia fez destas povoações uns símbolos de morgados lorpas, de morgadas nutridas, de deputados parranamente beldroegas e de trovistas ainda iscados de romântico solau. Ninguém já ousava dizer que nasceu ali. Muita gente não se baptizava para não haver documento de haver nascido. As famílias decentes emigraram, falsificando os passaportes. É que a ironia dos noticiaristas passara por ali assoladora como as patas dos cavalos númeras e a cimitarra dos filhos do crescente.

Há-de haver um século que a aldeia mais chasqueada era a Samardã¹⁰. Filinto Elísio valeu-se daquela aldeia todas as vezes que necessitou naturalizar um patola. Entre vários lanços das suas obras, escolho o seguinte:

*Saiu da Samardã certo pedreiro
Faminto de ouro, em busca da fortuna;
Embarca, vai-se ao Rio, deita às Minas,
E lida, e foça, e sua, arranca à terra
o luzente metal, que o vulgo adora.*

⁹ Quem quiser saber o que eram os Cabrais e a poesia, há trinta anos, em Portugal, medite neste trecho de um folhetim de Brás Tisana, *Periódico dos Pobres*, de 14 de Março de 1845:

A Sr^a D. Antónia Gertrudes Pusich acaba de enriquecer o Parnaso lusitar.o com uns lindos versos sobre o Judeu Errante... Esta senhora é tanto mais digna de elogios quanto por vergonha nossa vemos a Poesia dada em droga na pátria de Camões, de Ferreiro, de Bocage, e de Filinto Elísio... Parece que a Política é inimiga da Poesia.

Estas cinco linhas pintam o ciclo negro das letras pátrias com tal precisão e relevo que parecem de Cornélio Tácito.

¹⁰ *Samardã* é de raiz persa. O sucessor de Cambises e predecessor de Dano chamava-se *Samardous*. Estes meus processos etimológicos são da escola do Amador Patrício, das *Antiguidades de Évora*. Que *Samardou* viesse e desse o nome à Samardã é hipótese melhor de aceitar que a outra de ter vindo o herói de Homero fundar Lisboa; porque chamando-se o herói *Odisseus*, não é crível que em Lisboa se crismasse em Ulisses.

*Vem rico a Samardã; vinhas, searas,
 Casas, móveis, baixela compra fofo:
 Brocados veste, vai-se nos domingos
 Espanejar à igreja, acompanhado
 De lacaios esbeltos; vem o cura.
 Saudá-lo com água benta; os mais graúdos
 Do lugarejo a visitá-lo acorrem;
 Para ele os rapapés, as barretadas
 Se apostavam de longe a qual mais prestes.
 Falavam-lhe os vizinhos e a gazeta
 Na célebre Paris, cidade guapa
 Onde todo o estrangeiro nobre ou rico
 Vai fazer seu papel. Ei-lo azoado
 Que deixa a Samardã, que se apresenta
 Na capital francesa; roda em coche,
 Alardeia Librés; passeia Louvres,
 Versalhes, Trianões. Volta enfadado
 À sua Samardã. – «Gabam tal gente
 «De polida! Oh! mal haja quem tal disse!
 «Corri casas, palácios, corri ruas;
 «Não vi um só, nem grande nem plebeu,
 «Que, ao passar, me corteje co chapéu.»*

O padre Francisco Manuel, se em vez da Samardã – serrana e fragosa aldeia, que não tem igreja nem cura – escolhesse para terra natal do seu rico parvajola alguma das cidades notáveis do Reino, teria escrito um conto verosímil.

Do Porto da minha mocidade abalavam às vezes *para a Europa*, diziam eles, uns moços dinheirosos que não tinham perfeita certeza se a Rua da Sovela ou da Reboleira, onde haviam nascido, estavam dentro da Europa. Cada um levava quatro malas inglesas, como quem ia para os confins da alta Ásia. Mandava inscrever o seu itinerário no *Periódico dos Pobres* e gastava quinze dias a despedir-se de parentes e amigos com o ar pensativo de quem ia fazer uma viagem de circunvalação.

Estes Franklins e Cooks de cabotagem deixavam as amadas com ataques histéricos, nervosas de ciúmes das dançarinas de Paris, das grandes *lorettes* ou loureiras, portuguesmente falando, da Cora Pearl, de Mad. Paiva, que tinha palácio com escadaria de ónix e era esposa daquele galhardo moço português-macaense, que lá se matou há seis anos, cerrando com o suicídio a meda dos desatinos. As princesas da *Nova Babilónia*, de Eugéne Pelletan, eram conhecidas até à Porta de Carros. Vogava então o *chic* em Paris – o *chic* nacionalizado em Portugal trinta anos depois, quando lá em França já diziam Zing.¹¹

Da parte das damas zelosas, diga-se verdade, era isto um luxo de ciúmes. Aqueles mancebos entravam em Paris, sérios e sornas como o nosso padre Simão Rodrigues quando ia ao Colégio de Santa Bárbara conferenciar coisas do Céu com o seu amigo

¹¹ «On ne dit plus *chic*. C'est recoco. C'est bourgeois. Et quand une femme a du genre et de l'élégance, on dit qu'elle a du Zing.» (*Diccion. de l'argot*, 1872, Paris.) Há quarenta anos que Th. Gauthier escrevia *chic*. A brilhante escritora, a Sr^a D. Guiomar Torresão, aplica em vez do *chic* o moderno *du chien* (*Almanaque*). Já não é bem moderno. «CHIEN. – Flamme artistique, feu sacré. Abreviation de *sacré chien* (aguardante) pris dans une acception figurée – Elle a réellement du chien, cette femme-là. (Droz), etc. Também se liga o Zing com o *chien*. Exemplo: «Une toilette pourrie de Zing et persillée de chien.» (*Vie Parisienne*, 1866.) Isto era há nove anos. Bem pode ser que hoje o vasconso dos *estaminets* e das *boulevardières* não diga *chic*, nem *zing*, nem *chien*.

Inácio de Loiola.

Escolhiam aposentos em bairro de celebrada gravidade, no Saint-Germain: *Hôtel de Londres*, ou *Hôtel des Ministres*. A barba britânica do viajante, a sua taciturnidade de inglês em jejum, o ar recolhido de quem está ruminando a *Guia de Conversação*, requeriam casa pacata, vedada a estroinas metedidos com quem está calado e a mulheres que viajam cheias de um cosmopolitismo palavroso e comprometedor para sujeitos que não aprenderam, de transfusão, as línguas como os apóstolos. Pegavam logo de estar tristes e a sentirem saudades da Porta Moré, do Café Guichard e da Assembleia da Trindade. Quando ouviam sinos em dia santificado, o coração voava-lhes para a missa do meio-dia nos Congregados – a igreja do tom onde a Fé, que manca, entra sempre encostada ao ombro do deus de Gnido.

Passeavam nostálgicos as suas indigestões de trufas pelos bulevares. À noite, esporeados pelo tédio, entravam em Mabilie e respiravam um ar saturado de *anisette*, de *patchouly*, de marrasquino e almíscar – o bafio das carnes nuas besuntadas e sacudidas pelo regambolar do *cancan et demi*.¹² Saíam dali, todavia, frios e impolutos como os sacerdotes de Cibele; e, ao outro dia, afivelavam as malas e regressavam da Europa, cheios de cansaço e com mais alguns galicismos, a restaurar-se no Jardim de S. Lázaro e nas Fontainhas.

O padre Nascimento não iria à penhascosa Samardã procurar personagens, se houvesse florescido nestes tempos modernos em que o dinheiro abriu caixas filiais da Samardã nos centros das grandes cidades.

*

Eu é que conheço a Samardã, desde os meus onze anos. Está situada na província transmontana, entre as serras do Mesio e do Alvão. Nas noites nevadas, as alcateias dos lobos descem à aldeia e cevam a sua fome nos rebanhos, se vingam descancelar as portas dos currais; à minguá de ovelhas, comem um burro vadio ou dois, consoante a necessidade. Se não topam alimária, uivam lugubrememente, e embrenham-se nas gargantas da serra, iludindo a fome com raposas ou gatos bravos marasmados pelo frio. Foi ali que eu me familiarizei com as bestas-feras; ainda assim, topei-as depois, cá em baixo, nos matagais das cidades, tais e tantas que me eriçaram os cabelos.

Na vertente da montanha que dominava a Samardã havia um fojo – uma cerca de muro, tosco de calhaus a esmo onde se expunha à voracidade do lobo uma ovelha tinhosa. O lobo, engodado pelos balidos da ovelha, vinha de longe, derreado, rente com os fragedos, de orelha fita e o focinho a farejar.

Assim que dava tento da presa, arrojava-se de um pincho para o cerrado. A rês expedia os derradeiros berros fugindo e furtando as voltas ao lobo, que, ao terceiro pulo, lhe cravava os dentes no pescoço e atirava com ela escabujando sobre o espinhaço; porém, transpor de salto o muro era-lhe impossível, porque a altura interior fazia o dobro da externa. A fera provavelmente compreendia então que fora lograda; mas em vez de largar a presa, e aliviar-se da carga, para tentar mais escoteira o salto, a estúpida sentava-se sobre a ovelha e, depois de a esfolar, comia-a. Presenciei duas vezes esta carnagem em que eu – animal racional – levava vantagem ao lobo tão-somente em comer a ovelha assada no forno com arroz.

De uma dessas vezes, pus sobre uns sargaços a *Arte*, do padre António Pereira, da

¹² *Nous avons le cancan gracieux, la Sainte-Vemonienne, te demi-cancan, le cancan, le cancan et demi, et te chant. Cette dernière danse est la seule prohibée.* (Alph. Karr.)

qual eu andava decorando todo o latim que esqueci; marinhei com a minha clavina pela parede por onde saltara a fera, e, posto às cavaleiras do muro, gastei a pólvora e chumbo que levava granizando o lobo, que raivava dentro do fojo atirando-se contra os ângulos aspérrimos do muro. Desci para deixar morrer o lobo sossegadamente e livre da minha presença odiosa. Antes de me retirar, espreitei-o por entre a juntura de duas pedras. Andava ele passeando na circunferência do fojo com uns ares burgueses e sadios de um sujeito que faz o quilo de meia ovelha. Depois, sentou-se à beira da restante metade da rês; e, quando eu cuidava que ele ia morrer ao pé da vítima, acabou de a comer.

É forçoso que eu não tenha algum amor-próprio para confessar que lhe não meti, um só graeiro de cinco tiros que lhe desfechei. As minhas balas de chumbo naquele tempo eram inofensivas como as balas de papel com que hoje assanho os colmilhos de outras bestas-feras.

Este conto veio a propósito da Samardã, que distava um quarto de légua da aldeia onde passei os primeiros e únicos felizes anos da minha mocidade.

*

Conheci na Samardã um padre, Francisco Vieira, bom sacerdote, amigo de ler, e que sabia de cor as *Viagens de Anacársis*; e, como desejasse possuir uma erudição completa, pediu-me que lhe ensinasse a conta de repartir por quatro letras, segundo o sistema do Sr. Emílio Aquiles Monteverde. Ele estava munido do *Manual Enciclopédico*; mas não percebia nitidamente o que fosse *dividendo*, *divisor* e *quociente*; todavia, como era bastante subtil, padre Francisco, com assíduo estudo e três meses de exercícios, conseguiu repartir por quatro letras, e tirar a prova pela regra dos noves. Este padre morreu novo; se continuasse a estudar, talvez viesse a responder com acerto a este *problema* do *Manual Enciclopédico*, p. 178, ed. de 1870: *Pergunta-se: quando é que uma pessoa nascida em 1864 terá completado 25 anos?*

Que recordações! E que saudades!

Nas tardes de Estio, íamos nadar a uma levada de um córrego que se despenhava da serra. A água era frigidíssima, lodosa e impenetrável ao sol. A ramaria entrelaçada dos freixos e amieiros fazia daquele poço um banho ajeitado à castidade de Susana e à nossa. Padre Francisco, a última vez que lá entrou comigo, saiu gelado e sem sentidos como Frederico Barba Roxa de certo rio da Arménia. Estou-me a ver derreado com o padre às costas, sem atentar, no auge da minha aflição, que eu o levava como se fugisse do Paraíso com meu avo Adão cloroformizado. Acudiram-me os camponeses, depois de me contemplarem de longe e espavoridos como os saloios de Tróia quando viram sair Eneias da cidade com o pai às cavaleiras. As mulheres não ultrapassaram as fronteiras de uma honesta curiosidade assim que viram aquela nudeza grega e antiga de mais para a Samardã; e os homens, com o meu exemplo, começaram a friccioná-lo com as suas mãos de cortiça tão eficazmente que o padre veio a si, dando os gritos agudos de um esfolado. Estava salvo. Fizeram ressumar à pele o sangue congestionado. Se morresse naquela ocasião, ia sem saber o que era o quociente.

As vezes, depois de jantar, saíamos pela aldeia a esmoer a galinha e o presunto. A Sr^a Luísa, esbelta e farta irmã do clérigo, dava-nos em cada jantar uma galinha loura reclinada sobre um escabelo de presunto com travesseiros de chouriço.

Havia um grande *dividendo* de aves na capoeira daquela casa; os *divisores* éramos nós; o *quociente* era metade das galinhas para cada um. Fiz-lhe compreender ao padre com este símile de cozinha os mistérios da aritmética.

E eu saía impando por aquelas barrocas da Samardã, meditando e dizendo com o meu Horácio:

Ibam forte Via Sacra, sicut meus est mos, etc.

Às pessoas esquecidas do seu latim não se figure que padre Francisco ia fazer via-sacra. Não lhe faltaria vontade e devoção; mas Samardã não tem calvário nem igreja senão a que Filinto Elísio lhe fantasiou nas citadas trovas.

*

Uma vez, em um desses passeios, ao cerrar da noite, fiz reparo num grande pardieiro descolmado com, dois descancelados portais que roçavam pelo beiral do tecto.

– Aqui vive gente. padre Francisco? – perguntei.

– Não. Este casarão era a corte da arreata do João do Couto. Mal o conheci, mas ainda me lembro de o ver à frente de vinte machos deste tamanho.

E, dizendo, levantava o braço três palmos acima da própria cabeça.

Continuou:

– Os machos traziam chocalhos grandes como sinetas que se ouviam badalar a meia légua. Quando João do Couto entrava por aqui dentro com a sua récua, vinha toda a gente às portas cumprimentá-lo. O seu negócio era lá para o sul. Ia a Lisboa todos os meses levar presuntos de Lamego e salpicões de Chaves. Ganhava muito dinheiro, chegou a ter seis mil cruzados em peças; mas, afinal, gastou tudo, arruinou a casinha dos pais. vendeu os machos, fugiu da terra, e tais proezas lei no Alentejo que foi degredado para África por toda a vida – há-de haver quinze ou vinte anos. Por aqui há homens da sua criação que podem contar-lhe as extravagâncias do João do Couto. Era um rapaz mal encarado e valente como as armas. Jogava o pau por tal feitio que, em romaria onde ele fosse, as baionetas dos soldados voavam das espingardas; e, sendo preciso, saltava por cima de um homem, e ficava em guarda com o pau atravessado. A justiça perseguiu-o por pancadas que deu; gastou com isso dinheiro grosso; mas quem no arruinou foram as mulheres.

Neste ponto da narrativa, o padre fez um parêntesis. e revelou conhecimentos não vulgares, citando filósofos e santos padres mui apropositadamente. Disse que Platão duvidara se ajuntaria as mulheres com os homens, se com os brutos. Quantas conhece o leitor unidas aos últimos para realizarem a hipótese do divino Platão! Acrescentou que lera em certo autor antigo que a cabeça do homem tem três miolos e a mulher uni.

Padre Francisco não me pareceu que tivesse os três perfeitos, teimando em dar crédito ao seu autor, depois que eu lhe mostrei anatomicamente o cérebro de uma galinha igual na estrutura e na forma ao de um capão que se comeu por amor da ciência. A instrução deste homem saiu-lhe toda da capoeira.

Não obstante, desfazendo sempre nas mulheres, contou-me o caso trágico donde se motivou a ruma do frascário almocreve.

*

Havia nos arrabaldes de Vila Real, em uma aldeia chamada Borbelinha, um cirurgião, casado com uma rapariga bonita.¹³

João do Couto, se varria uma feira, nem sempre saía com a cabeça ilesa. Quando

¹³ A novela tem a liberdade de alargar as fronteiras das províncias quando lhe convém. Estou historiando factos ocorridos na província transmontana; porém, como o remate desta biografia há-de passar-se no Minho. espero que os geógrafos se não aproveitem disto para me vedarem o acesso ao templo dos imortais, onde há lugar para todos.

lha quebravam, ia curar-se a Borbelinha, e presenteava bizarramente o facultativo. Desde que lhe viu a consorte, deixou-se avassalar da tentação. Quando estava, em casa descansando ou arranjando frete para Lisboa, ia aos domingos no seu mais nédio macho, com gualdrapa e cobrejão escarlata de borlas, e testeira de chapas amarelas, visitar o cirurgião e brindá-lo com algum mimo da corte. A esposa deste sujeito era algum tanto ligeira, e daquelas que autorizaram o sábio antigo a assinar-lhes um só miolo. O marido, não estranho à frenologia, descobriu-lhe a bossa, e começou a espreitá-la pé ante pé como quem traz pedra no sapato; e, além da pedra, trazia um par de pistolas reiunas nos coldres da égua.¹⁴ O valentão da Samardã não lhe metia medo com a sua chibantice. Aprendera o cirurgião de Borbelinha a arte nas ambulâncias do exército anglo-luso. As amputações sanguinosas, o estertor dos agonizantes e o tráfego com a morte levaram-no a dar à vida humana importância insignificante. Ganhara fama de bravo no exército, porque nunca o viram nas, bagagens. O seu posto voluntário era onde as fileiras metralhadas rareavam. As vezes, tirava a espingarda da mão ainda quente de um cadáver, mordía o cartucho e punha o fito com tal olho e firmeza que não perdia uma bala. «Vou logo. procurá-la, entre a quarta e quinta costela daquele francês», dizia ele.

Quando recolheu da guerra, casou com a filha de um lavrador, sua parenta. Granjeou merecida fama, e em poucos., anos adquiriu bastantes bens. A mulher, criada na liberdade do campo, nas romarias, nas funçanatas das esfolhadas, estranhou o resguardo que lhe impunha a sua qualidade de esposa de cirurgião. Verdade é que ela o tinha conversado de amores noutra tempo; mas então era ele simplesmente sangrador e dentista de boticão; foliava nas estúrdias, nas mascaradas, e tocava requinta. Agora, porém, achava-o mudado. A casaca de briche, o chapéu de felpe, os berloques, o tom sentencioso dos dizeres, a segura de marido que dá à esposa a honra de lhe tratar das peúgas, desconvinham ao génio trêfego da moça.

Ora João - do Couto era a encarnação do ideal de Rosa de Borbelinha. Quando ela o viu, teve uns assomos de doidice franca e lorpa como só nas aldeias ainda se encontra. Vira a forma palpável do seu sonho. Depois, o juízo reagiu à explosão da sua inconsciente e selvagem alegria. Tornou-se por isso sombria e velhaca, olhando de esguelha para o almocreve. Foi então que Manuel Baptista, o cirurgião, suspeitou e disse de si consigo, olhando para João do Couto: «Estás bem aviado...

O da Samardã temia-o; havia uma força grande que o acovardava: era o amor, ou talvez que fosse o involuntário acatamento que lhe impunha o direito irrefragável dos maridos. O certo é que o almocreve não deu aos seus desonestos propósitos o desenvolvimento que habitualmente coroava as suas empresas da mesma laia. Como cirurgião o recebesse de má catadura, absteve-se de ir a Borbelinha; mas, intermetendo uma alcofa bem remunerada nos seus planos, Rosa estava a pique de perder-se, passando-se do esposo para o amante.

Entretanto, Manuel Baptista soube que D. João VI dava no Rio de Janeiro liberalmente hábitos de Cristo a quem lá ia felicitá-lo pelo triunfo alcançado sobre Napoleão. Justamente indignado, viu condecorados uns sujeitos sem serviço algum; e resolveu por isso atravessar os mares e ir à corte apresentar os documentos da sua bravura nas batalhas e perícia nos hospitais de sangue. Queria o hábito de Cristo para inaugurar em Borbelinha a entrada daquela ordem na sua pessoa, e também para

¹⁴ Os dicionários decerto desconhecem o adjectivo *reiunas*. Nas províncias do Norte, espingarda ou pistola *reiuna* são as dadas pelo rei à infantaria ou cavalaria. Agora, depois que por um milagre de esforço e Contenção de espírito se descobriu que não é orei, mas sim o povo que paga as armas com que a linha vertical do mesmo povo se mantém entre a ponta da baioneta e a parede, as armas não são reiunas, são do Estado.

humilhar em Vila Real uns bacharéis em Medicina que o não tratavam de colega nem admitiam a votar nas consultas.

Rosa viu com satisfação preparar-se o marido para a longa viagem; mas, chegado o tempo da partida, esmoreceu, quando Manuel Baptista. Ihe disse que ela ficaria no Convento de Santa Clara, em Vila Real, enquanto ele andasse ausente. E, sem intermissão de dias, conduziu-a ao seu destino, dizendo-lhe que dava aquele passo para amordaçar as más-línguas, visto que, na ausência dos maridos, as mais castas esposas se expunham a juízos temerários.

Volvidos dias, na feira de Gravelos, João do Couto, que esbravejava em abafados rancores a sua paixão, passando rente pelo marido de Rosa, não o cortejou; e pouco depois, encontrando um seu íntimo de Adoufe, façanhudo marchante que fora dos dragões de Chaves, convidou-o a beber jeropiga, e tão copiosamente o fizeram que ali se trocaram recíprocas e íntimas confidências.

– Por uma pouca de má vergonha – disse o almocreve – é que eu não atiro ao Inferno a alma do Manuel Baptista.

– Eu cá – disse o Joaquim Roxo de Adoufe –, se a história fosse comigo, já o tinha posto a escutar a cavalaria.

– Homem – observou modestamente João do Couto –, olha que ele é teso.

– A quem tu o dizes! Vi-o eu no meio do fogo bater-se como um soldado raso, e cortava pelos franceses como um porco-espinho no mato; mas um homem desfaz-se de outro, quando é preciso, sem lhe dizer que se ponha em guarda.

– Eu cá não – redarguiu o da Samardã –; à traição não sou capaz de bater num homem. Já bati em seis de cara a cara; tenho espalhado com a ponta do pau romarias em peso; vou aí para a boca dum bacamarte como quem bebe este copo; mas palavra de honra, cato respeito ao Manuel Baptista. Ai! – e arrancou dos seios da alma um convulso arranco. – Eu tenho uma paixão de matar pela Rosa! Antes de a ver, era eu um rapaz alegre, afoito, que me não trocava por ninguém. Agora não durmo, não como, não trato de nada, os machos lá estão na estrebaria sem sair, morreram-me dois que me custaram trinta moedas de ouro, e eu fiquei como se não fosse nada comigo. E então, depois que a Rosa está no convento, e eu não sei dela nada, dão-me guinas de meter uma navalha no coração! Foi o Diabo que me apareceu, aquela mulher! O que eu devia ter feito era vir a Borbelinha, atirá-la para cima dum macho e fugir com ela por esse mundo além ... Sabes tu que mais? – bradou ele, esmurraçando o balcão da taverna –, eu sou homem para atacar o convento com mais uma dúzia de homens de pêlo na venta, e raios me partam se a não tirar de lá!

– Estás pronto, João do Couto! – atalhou o Roxo –, mete-te nisso que ficas estirado à porta do convento. Cada freira de Santa Clara tem um oficial de milícias a rondar-lhe o convento por fora, quando lá não está dentro. Se tu deres o ataque, tens de te bater com o regimento inteiro. Olha, João – prosseguiu falando-lhe ao ouvido –, só te vejo um remédio: quando ela ficar viúva, casa com ela. Sabes como se faz viúva uma mulher casada? Não te digo mais nada. Lá vai o último copo à saúde da tua Rosa. Vá a virar!

– Abaixo! – exclamou João do Couto.

E despejaram o último quartilho.

Depois montaram nas suas possantes mulas e saíram da feira pela estrada de Vila Real.

A poucos passos, viram Manuel Baptista, que levava a passo o seu cavalo adiante deles.

– Ele lá vai – disse o Roxo.

– Já o vi; deixá-lo ir.

– Tens-lhe medo a valer, ó João!

– Tenho medo mas é duma pinga à maior que me vai cá por dentro a queimar o coração. Eu não quero matá-lo, já to disse.

– Mas deixa andar o macho, não lhe puxes a rédea. O homem, se dá fé que vamos ficando, cuida que tens medo. Eu cá à minha beira não quero cobardes. Caía-me a cara, se um dragão de Chaves ficava à retaguarda do cirurgião de Borbelinha.

E, dizendo, meteu as rosetas das esporas nos ilhais da mula, que rompeu a galope. João do Couto trotava rente dele, resmoneando:

– Qual medo, nem qual diabo!

O cirurgião, ouvindo a tropeada das cavalgadas, olhou para trás; e, como reconhecesse os cavaleiros, desacolchetou os coldres, sofreu com firmeza e resguardo a rédea do potro alfario e deu-lhe de esporas quando ele se descompunha corveteando e rinchando ao aproximarem-se as mulas.

Joaquim Roxo, com o chapéu caído sobre a nuca, pau de choupa debaixo da perna esquerda e braço pendido segundo a estardiota dos de sua laia, ia do lado do cirurgião. A estrada era larga; mas quer fosse propósito, quer a embriaguez desgovernasse o freio da mula, o pau ferrado do marchante roçou rijamente na perna do facultativo.

– A estrada é larga, seu bêbedo! – disse Manuel Baptista.

O Roxo sofreu a mula; e, quase deitado na anca, deu um piparote na aba do chapéu e perguntou:

– A quem é que chama bêbedo?

– A você – respondeu lealmente Manuel Baptista.

– Anda daí! – bradou João do Couto puxando-o pelo braço.

– Larga-me, João – disse o Roxo atravessando-se na estrada e endireitando-se sobre o albardão com as dificuldades contingentes ao desequilíbrio da cabeça com a cintura. – Larga-me, já te disse! – E, voltando-se para o cirurgião: – Conhece-me, ó patrãozinho?

– Conheço; mas não quero relações com tal conhecido. Desempache-me o caminho, quanto antes, é o que tenho a dizer-lhe.

O marchante, arrancando o pau, desenroscou um canudo de cobre que escondia uma choupa de aço de mais de palmo. Manuel Baptista sacou de um dos coldres uma pistola, e esperou sem lhe erguer o cão; o destemido ébrio, floreando o longo pau de lódão, fez-lhe uma pontuada ao peito, da qual o salvou o cavalo empinando-se. O cirurgião engatilhou e disparou à cabeça de--Joaquim Roxo, que instantaneamente caiu de borco sobre o pescoço da mula.

Neste conflito, João do Couto apeou dum Salto, abriu uma navalha espanhola e cresceu sobre o cirurgião, exclamando:

– Você mata-me o meu amigo, ó su'alma do Diabo?

O agredido respondeu com. segundo tiro; mas as upas do potro não lhe consentiram aproveitar a bala com o seu costumado escrúpulo. O almocreve caiu sobre o joelho direito, por onde a bala superficialmente resvalara.

Havia já ao pé dos lutadores muito povo que vinha da feira, e entre a turba estavam alguns que conheciam o marchante, e por isso gritaram à del-rei contra o cirurgião, agarrando-lhe as rédeas do cavalo e dando-lhe voz de preso.

*

Todas as testemunhas uniformemente depuseram que viram Manuel Baptista disparar dois tiros, matando Joaquim Roxo e ferindo João do Couto. O cirurgião alegava que em justa defesa matara e ferira; mas a lei, aguilhada pela implacável vingança do

almocreve, e obrigada a ser severa, respondeu que só se dava morte em justa defesa quando o atacado não podia fugir. Ora as testemunhas depuseram que ele, se quisesse, podia fugir para trás. Foi Manuel Baptista sentenciado a degredo perpétuo para a África Oriental. Dizia João do Couto, gabando a justiça, que lhe custara dois mil cruzados aquela sentença.

Quando o condenado saiu da cadeia de Vila Real para a Relação do Porto, sua mulher acompanhou-o voluntariamente, e contra a expectativa do perseguidor do marido. Não foi o amor que a moveu a seguir o condenado; mas, na desgraça de Manuel Baptista, havia a coragem que é simpática, se a não enegrece a maldade. Rosa respeitava o marido, e acusava-se de ter sido causa do seu infortúnio, posto que ele a não arguisse, nem ela se supusesse suspeita de haver pensado em desonrá-lo. Em 1820 saiu Manuel Baptista com sua mulher para Moçambique.

*

João do Couto nunca mais curou de restaurar com o trabalho os haveres desbaratados. Seu pai, António Alves, que possuía uma pequena lavoira granjeada no fabrico do carvão de urze, morreu quando o filho vendeu os últimos machos; e sua mãe, a Tia Maria Florência, perdeu o juízo, e andava a encomendar as almas, por noite morta, trepando-se aos cabeços da serra. Entretanto, João do Couto, reduzido à pobreza pelo jogo, e perseguido pelos credores, fugiu da sua província e passou ao Alentejo, onde, para amparar a vida, se fez jornaleiro em carvoarias de Santiago de Cacém, e com o vigor de alma de um penitente se entregou a esse áspero trabalho, fazendo-se estimar de seus patrões. Para se distrair de lembranças dolorosas da sua alegre e abastada mocidade, jogava a esquineta com os seus companheiros, logrando-os, ou lhes ensinava o jogo do pau por um pequeno estipêndio, moendo-os. Corridos dois anos de vida bem comportada, foi admitido em uma sociedade de carvoaria de sobro, por onde lhe seria possível readquirir os bens esbanjados; mas, apenas a fortuna lhe sorriu, a sua índole brava, sopeada pela pobreza, partiu as algemas, e tornou às antigas proezas e ribaldarias com o femeação.

A biografia de certos personagens que floresceram antes da liberdade da imprensa está sumida nos cartórios dos antigos escrivães dos juízos de fora e corregedores. De 1833 em diante as pessoas extraordinárias têm os seus anais nas partes de polícia, no noticiário do jornalismo e na *Gazeta dos Tribunais*. A Idade Média portuguesa, pelo que respeita à obscuridade da vida social, terminou há quarenta anos, com a primeira local de gazeta em que se contou a história de duas facadas na Madragoa. Antes disso, encontrava a gente na Rua dos Capelistas um homem no meio da escolta que o levava ali à forca do Cais do Sodré; perguntava-se que mal tinha feito o homem: ninguém sabia responder. Lá o esganavam depressa ou devagar, segundo a agilidade do carrasco, e assim acabava com o padecente o segredo de um romance, em que decerto se confundiria a perversidade ingênita do homem e a estúpida rasoira da lei com admiráveis lances de paixões nobres.

Nesta espessa treva se escondem os pormenores da vida de João do Couto no Alentejo. Sabe-se positivamente que ele matara dois homens a pau e faca; disse-me alguém que os mortos foram três; quatro parece-me exageração. À justiça bastaram dois para o agarrar, não sem grandes perigos, e o meter no Limoeiro, onde esteve desde 1824 até 1827, suspenso entre o patíbulo e o degredo perpétuo com trabalhos forçados.

Nestes três anos foi socorrido pelos seus patrícios. Conheci em Vilarinho, aldeia da mesma freguesia de João do Couto, um velho de nome João Claro, almocreve, que todos os meses saía a mendigar para o seu camarada preso, e lhe levava ao Limoeiro as

esmolas. Tenho saudades deste jovial ancião, que nunca me chamou pelo meu nome; tratava-me sempre pelo Sr. Rei Teles: não sei como ele descobriu em mim aquela dinastia dos Teles. Havia nisto fundo mistério, que João Claro levou consigo aos abismos insondáveis da morte.

*

Coube a João do Couto degredo perpétuo para Moçambique. Tinha predestinação auspiciosa. Todos lhe agouravam pena última. Ninguém se empenhara a favor do homicida; salvara-o talvez dizerem as testemunhas que ele prestara bom serviço à sociedade matando os dois facinorosos.

Esta nova alegrou-o duplicadamente. Ia para Moçambique, onde estava Rosa, a perturbadora da sua vida, a única mulher que ele amara deveras, a causa adorada das suas desgraças.

Alguns degredados, cumprida sentença, voltavam da África, e iam ao Limoeiro procurar os seus amigos: não os achavam noutra pane; e procediam discretamente, não exorbitando da sua roda, porque diz um provérbio inglês que não tem esfera nenhuma quem sai da sua.

João do Couto perguntava pelo cirurgião Manuel Baptista aos repatriados que vinham da África Oriental. Todos lhe diziam que o cirurgião estava a enriquecer, que tinha a principal freguesia da cidade, que era o médico do capitão-general e do bispo, e que já havia comprado uma quinta em Mossuril; acrescentavam os informadores que a mulher do cirurgião abrira uma grande padaria na Rua de Bancanes, de que tirava muito dinheiro, com o qual mandara fazer muitos casebres na Missanga, que alugava aos Negros.

João do Couto de si para si reflexionava que Manuel Baptista, se lá o visse, o mandaria matar por um cafre ou por algum português degredado – pior casta de inimigo.

Não obstante, como adquirira o hábito de matar, dispunha-se a não perder esse costume em Moçambique, visto que é bom adoptar os usos de cada terra. Ia portanto resolvido a vender cara a vida, se o não deixassem vivê-la com sossegada honra – outra excelente disposição que ele levava –, viver honradamente em Moçambique, e implantar ali os costumes inocentes da Samardã.

Revirara-se a má cara da fortuna seis anos adversa ao degredado. Quando chegou a Moçambique, e perguntou novas de Rosa, disseram-lhe que o cirurgião era falecido recentemente na Baía de Lourenço Marques, onde havia ido por ordem do governador-general visitar o governador enfermo.

Alargou-se-lhe o vasto peito para abranger os borbotões de esperança que lhe golfavam do coração. Foi à Rua de Bancanes e parou defronte de uma grande padaria servida por mestiços. Não viu Rosa. Perguntou por ela com a voz trémula de amor, de receio e de esperança. Apenas proferira as primeiras palavras, assomou, por entre duas cortinas de chita vermelha, a viúva com e semblante espavorido de quem se ouvisse chamar do fundo de um sepulcro. Reconhece-o, hesita, avança, recua, e faz aqueles trejeitos próprios e já tão nossos conhecidos do proscénio que hoje em dia todos estamos habilitados a receber artisticamente a aparição dum pai que não conhecíamos; e de muito vermos essas mímicas, já quando topamos um sujeito que não vimos desde a semana passada, abrimos a boca e os braços como se se encontrassem Castor e Pólux nascidos no mesmo ovo, depois de uma ausência de quatro lustros!

Lá estava, pois, a imagem do galhardo almocreve, indelével e aberta a fogo de saudade, no seio de Rosa de Borbelinha. Levou-o consigo a mostrar-lhe os seus

aposentos, o seu dinheiro, tudo que valia menos que o seu amor. Ofereceu-lhe com honesta franqueza a sua casa, a sua mesa e as suas roupas. Não lhe oferecia a sua mão, porque ainda não sabia e tremia de lhe perguntar se era solteiro.

O cadáver de Manuel Baptista ainda não estava delido na lama paludosa da Baía de Lourenço Marques, e já a sua viúva conjugalmente reaquecia o tálamo, como quem quer dizer que casara com João do Couto.

Ninguém nos soube dizer por que motivo o segundo marido de Rosa começou então a assinar-se João Evangelista Vila Real. O sobrenome adoptado do apóstolo querido, Evangelista, seria para que a mulher, primeiro ligada a um Baptista, estivesse sempre em relações indirectas com S. João? Mais um enigma indecifrável nesta biografia. Quanto ao apelido Vila Real, provavelmente adoptou-o da comarca onde nascera.

Prosperou a olhos vistos o comércio de João Evangelista em todos os efeitos negociáveis na colónia. A felicidade intima correspondia à boa sorte das empresas. Amavam-se doidamente. João abençoava os desastres que o arrojavam ao degredo, abençoava a memória e rezava talvez pela alma dos dois alentejanos que ele matara à paulada; quatro que houvesse descadeirado, abençoá-los-ia também o ditoso João Evangelista. A felicidade tem generosidades quase absurdas!

A importância política do marido de Rosa – que já não traficava em padarias – principiou em 1835, quando os cafres landins fizeram provocada carnagem nos colonos de Inhambane. A sublevação dos cafres convizinhos daquela vila já a tinha previsto o governador Sebastião Xavier Botelho, quando assim descrevia Inhambane:

*[...] Povoada de degredados facinorosos e asiáticos aventureiros que ajuntam à desmesurada cobiça, aqueles a maldade em que têm jubilado, e estes uma refinada preguiça que os desvia do mais leve trabalho [...]*¹⁵.

*A guarnição da feitoria foi espotejada pela vingança dos Negros; a tropa enviada em socorro dos fugitivos pelo capitão-general fugiu diante da nuvem negra dos cafres, que excedia em disciplina e ferocidade a horda de degredados enviados de Moçambique. Aqueles aguerridos selvagens, se os acometem, não voltam rosto, jogando adargas e azagaias com alaridos, coragem e ligeireza. Enquanto as armas são de arremesso, não há dobrá-los, nem vencê-los: pelejam como leões; mas como ouçam tiros de arcabuzes, cozem-se com o chão, embrenham-se, e desaparecem na espessura dos bosques, que rompem e trilham melhor descalços que os seus inimigos calçados e armados.*¹⁶

Sabida na capital a derrota da tropa às mãos dos Negros, João Evangelista Vila Real, que era português semelhante aos do século XV e XVI, que por ali andaram a erguer padrões de civilizadores, sentiu-se arder em patriotismo, como há poucos anos, na África Ocidental, ardeu outro mais celebrado aventureiro, José Teixeira do Telhado. Em patriotismo não há como portugueses! Um grande patife, lá fora, nunca deixa de ser um grande patriota.

Dirigiu-se ao capitão-general, pediu-lhe cinquenta homens escolhidos entre os degredados, e estipulou que os vestiria e alimentaria à sua custa, contanto que se lhe desse patente de alferes. Não se consultaram regimentos militares nem pundonores de dragonas. João Evangelista cingiu a banda, disciplinou e vestiu cinquenta homens e, arrancando-se aos braços da esposa chorosa, foi para a feitoria de Inhambane, com um frenesi de acutillar caíres como se fosse vingar os manes insepultos de Manuel de Sousa

¹⁵ *Memória Estatística dos Domínios Portugueses na África Oriental*. Lisboa, 1835, p. 104.

¹⁶ *Ibid.*, p. 102.

de Sepúlveda. Rebentavam dentro do ricaço mercador umas excrescências dos fígados do carvoeiro alentejano. Foi um raio que se espargiu em coriscos por sobre aquela cafraria. Arcabuzou nas brenhas os que não retalhou nó campo, e recolheu a Moçambique com duas alcofas cheias de cabeças de sovas. O capitão-general abraçou-o e disse-lhe que ainda havia portugueses de lei. Os seus soldados, erguendo-o nos braços, conclamavam que iriam conquistar a Inglaterra, se ele os comandasse. É que João Evangelista, esbrasiado e ébrio pelo cheiro do sangue, parecia o Lúcifer de Milton despenhado no meio duns pretos que não soubessem fazer o sinal da Cruz, como de facto não sabiam aqueles.

Aumentava cada dia a consideração do alferes de milícias. A gente mais qualificada honrava-se com a sua estima e deplorava que cidadão por tanta maneira egrégio não pudesse voltar à Pátria, nem com serviços tão relevantes conseguisse suavizar a desesperada sentença de degredo perpétuo.

Sete anos decorridos, em 1842, revoltou-se o presídio da Baía de Lourenço Marques. O governador e os principais proprietários haviam sido assassinados. A plebe, oprimida e conjurada com os degredados que vestiam a farda de soldados portugueses, vingara os vexames que sofrera até perder a esperança dos recursos levados ao Governo-Geral.

Não há coisa que sirva de barreira [escrevia o enérgico par do Reino Sebastião Xavier Botelho] a certos governadores e feitores para se contentarem com grosso cabedal granjeado boamente, deixando ao mesmo tempo viver os pobres, senão que alguns querem abarcar tudo para si com absoluta exclusão dos outros, atraíçoando, roubando e matando: que de tudo isto aqui há exemplos; o ponto é enriquecerem-se no prazo mais curto, e para este efeito empregam a perfídia e a força [...]. Tem ali havido uma série de governadores a qual deles mais avaro, ambicioso [...]. Cifro-me em dizer que todas as torpezas e devassidões têm ali andado não só desenfreadas, mas autorizadas [...].¹⁷

Quem autorizava as devassidões autorizou João Evangelista Vila Real a organizar o seu terço de aventureiros e, já com a patente de capitão de milícias, ir castigar os revoltosos à Baía de Lourenço Marques.

A luta foi carniceira e longa. O gentio dos remos de Inhaca e de Manhiça, os vermes e os anzotes desceram das serranias, pensando que era chegada a hora de lavar com o sangue português as afrontas de três séculos. O bravo da Samardã entrara nesta segunda campanha com a vida entalada no dilema de morrer ou conquistar a liberdade pelo indulto. Neste propósito, os seus atrevimentos eram o espanto dos próprios soldados e o terror do inimigo. Eu, que conheci na paz a cara sinistra deste capitão de milícias, imagino o que ela seria na guerra.

Ao cabo de dezoito meses de carnificina, João Evangelista Vila Real recolheu a Moçambique, onde foi recebido em triunfo. Repicaram todos os sinos desde o bairro de S. Domingos até ao da Marangonha. A guarnição apresentou-lhe as armas e o capitão-general brindou-o à sua mesa, fazendo votos por que o Governo de S. M. F. recompensasse os serviços de tão bravo português, restituindo à Pátria, pela mesma razão que um monarca lusitano restituíra à liberdade Geraldo Sem-Pavor – o conquistador de Évora, ladrão de seu ofício.

Estava presente neste jantar um cirurgião-mor de apelido Miranda, o qual, brindando à saúde do ministro do ultramar, disse que a estrela do digno e ditoso ministro lhe propiciara a vinda de João Evangelista Vila Real para Moçambique durante

¹⁷ *Ob. cit.*, pp. 91 e segs.

o seu governo. Historiando a defesa do território português na África Oriental, comparou João Evangelista a D. Estêvão de Ataíde, que desarvorara as caravelas dos Holandeses. Depois, em vibrações de entusiasmo aquecido pelos clamores dos convivas, disse que iria ele a Lisboa solicitar o indulto de João Evangelista; e, quando os *bravos* e os *hurras* o deixaram concluir, exclamou:

– E, se eu não obtiver o indulto em Portugal,

Acabe-se esta luz ali comigo.

É inexplicável o efeito desta feliz reminiscência *d'Os Lusíadas!*

Eu também conheci este Miranda, cirurgião-mor de caçadores 3, em Vila Real, quando ele veio negociar o indulto do capitão de milícias.

Em casa estava sempre meio vestido de turco, com turbante, casacão de seda amarela, chinelas carmesins e refestelado sobre um coxim azul-ferrete, a fumar por cachimbo de porcelana. Era um pouco raquítico, pouquíssimo muçulmano de sua figura; mas em verdade parecia um sátrapa em uso dos caldos peitorais ferruginosos da Farmácia Franco. Recitava-me as suas *Africanas*, umas poesias que tinham da África somente serem versejadas em Moçambique, e pelo seu contexto e língua não desdiziam de moiras.

Foi este pois o encarregado de promover o indulto, munindo-se dos atestados do capitão-general, de uma baixela de ouro enviada por João Evangelista à casa real portuguesa, dizem uns, ao ministro competente, modificam outros, respeitando, como eu, os altos personagens. Miranda é que sabia ao certo, e também o sabe o possuidor da baixela.

Como quer que fosse, o indulto foi obtido; abriram-se as portas da Pátria ao capitão de milícias do presídio de Moçambique, assim denominado no decreto e nos subsequentes alvarás nobiliários que o esperavam na Pátria.

Devia ser imenso o júbilo do cirurgião-mor Miranda portador do indulto; mas, no mar alto, morreu abrasado incêndio do navio em que partira. Deu-se o desastre em 1851, se bem me recordo. Quem tiver curiosidade ou memória pode esclarecer a data e as miudezas do sinistro em que pereceu, na flor dos anos, o vate Miranda e, por boa sorte das letras pátrias, o manuscrito inédito das suas *Africanas*. Recordo-me que, estando eu hospedado em Lisboa num hotel – onde também se hospedara um velho cirurgião militar vindo de África e inimigo de Miranda –, aquele, ao dar-me a notícia do naufrágio com ares dolentes, acrescentou: «O mar e o fogo disputaram entre si a ver qual dos dois havia de matar aquele desmedido bruto.» Em África aprende-se esta caridade.

*

João Evangelista, o bravo, que nunca mudara de cor quando as azagaias ervadas lhe ziniam nas orelhas, chorou e desmaiou ao receber a nova de que estava perdoado. A alegria poderia enlouquecê-lo, se não se desse nos mesmos centros nervosos a repercussão de uma penetrante angústia. Rosa, quando tratava de enfardelar as suas riquezas, imaginando-se coberta de seda e recamada de ouro em Borbelinha, foi atacada de uma perniciosa, e morreu ao cabo de algumas horas de agonia.

O viúvo caiu de cama e desejou acabar. Rodearam-no, porém, as gerais simpatias da gente da terra, insinuando-lhe apego à vida para poder na sua pátria fazer brilhante figura. Quando ele ia cedendo aos rogos e à natureza, agravou-se-lhe a enfermidade, bojando-lhe na espinha cervical um antraz da pior casta. Mandaram-no confessar, e ele

teve medo a Deus naquela hora, primeira vez na sua vida em que sentiu a vaidade de se julgar tão duradouro, espiritualmente eterno como o próprio Criador. Antes, porém, de se confessar, quis ver se negociava a vida, comprometendo-se com a Divindade pelo mais extravagante voto de que tenho notícia: *casar com a primeira mulher perdida que encontrasse, assim que pusesse o pé no chão da Pátria*. Ao cabo de quarenta e oito horas, a gangrena parou, a escara do carbúnculo despegou-se, e João Evangelista Vila Real estava salvo.

Em 1852, liquidados os bens e os escravos, que perfizeram centena e meia de contos, veio para Portugal. Desembarcou no cais das Colunas às dez horas da manhã e foi direito à Ribeira Velha, em busca de uma estalagem onde costumava pousar com a recova dos seus machos, quando era o famoso almocreve transmontano. Lá estava ainda a estalagem. Os antigos donos eram já mortos. À porta da taberna estava frigindo pescadinhas marmotas uma raparigaça arremangada, de braços vermelhos, roliços e brunidos das unções do azeite que espirrava da frigideira. Era a primeira mulher com quem falava o João Evangelista do voto.

– Há quarto onde se durma? – perguntou ele.

A taverneira mediu-o da cabeça aos pés e pausou a sua observação no grosso grilhão e no alfinete de esmeraldas rutilantes que destacava da gravata escura de cetim.

– O senhor quer cá ficar?! – perguntou ela, maravilhada de hóspede tão limpo.

– Quero, sim, menina.

– Olhe que isto aqui é estalagem de almocreves e de lavradores do Ribatejo... Eu logo lho digo.

– Bem sei. Dê-me o quarto das duas janelas.

– Ah!, o senhor já conhece a casa...

– Há mais de trinta anos.

– Então suba, que lá está o patrão no primeiro andar.

– A menina não é a patroa?

– Nada, eu sou criada. Patroa! tó-carocha!, quem dera disso...

E dizia estas coisas com trejeitos muito desnalgados e frandunos.

A mocetona ainda não tinha visto a bagagem do hóspede: eram oito baús, afora malas e maletas, um casal de pretos carregados de viuvinhas, de papagaios, periquitos, um sagui, um terra-nova, tudo recordações vivas da sua defunta.

Recolhido ao seu quarto, conversou com o estalajadeiro, assombrado da bagagem.

– Vossa Senhoria – disse o homem – não sei como não quis ir para as hospedarias dos brasileiros, para o Alexandrino ou...

– Estou aqui à minha vontade. Já dormi neste quarto muitas noites... Deus me dê os regalados sonos que eu dormi nesta cama... Ainda a conheço... estou mais acabado que ela...

– Então Vossa Senhoria é cá do Ribatejo? No meu tempo não me lembro de o cá ver; e mais já aqui estou há vinte e dois anos.

– Eu tenho cinquenta e seis, e a última vez que aqui dormi tinha vinte e quatro...

O estalajadeiro fez a conta e disse:

– Isso então foi no tempo do Damião Cambado. Esse homem é que ganhou dinheirama! No tempo dele havia almocreves de rópia, que se acabava o mundo quando eles entravam com arreatas de vinte machos por essa Lisboa dentro. Eu ainda fui curador do Damião. Vinham aqui pousar o Machado de Carção e o João do Couto, lá de Trás-os-Montes, e outros que jogavam aí a ronda a moeda e mais. Vossa Senhoria há-de querer almoçar, ou já almoçou? A cozinheira não é de todo peste.

– E a rapariga que estava a frigir?

– É, sim, senhor. Boa cozinheira é ela; mas doida de pedras. Está sempre com a

tacha arreganhada a quem lhe diz graçolas, e deixa esturrar os tachos. Agora deu-lhe a telha de querer casar com um anspeçada de artilharia. Leva boa peça, não tem dúvida...

– Mande-me o almoço – disse João Evangelista a pensar no voto.

Quem pôs a toalha na mesa foi a Clemência. Chamava-se Clemência. Vinha muito rosada do lume e sorria com um esmalte de dentes irrepreensíveis. Fazia uns gestos de quadris e movimentos largos enfunando a saia cor-de-rosa e apertando o balão de junco na estreiteza da porta por onde servia o almoço. Tinha que ver então.

Findo o almoço, disse João Evangelista:

– Há muito que não comi com tanto apetite, palavra de. honra!

– Que lhe preste, meu senhor.

Tirou ele do dedo um argolão de ouro, deu-lho e disse:

– Desde hoje em diante pense em mim, se quiser ser rica.

Clemência, moderadamente espantada, pegou do anel, remirou-o e balbuciou:

– Vossa Senhoria dá-mo?... Está a mangar, acho eu!

– Dou. Ouvi dizer que a menina ia casar. Não case, sem que eu lhe faça uma pergunta.

– Está o amo a chamar-me – disse ela pressurosa para esquivar-se a suspeitas malévolas.

– Vá; que poucos dias há-de ser criada de servir.

*

A mudança de clima adoentou-o e produziu-lhe sezões diárias. Clemência abandonou a cozinha, tanto que João Evangelista avisou o estalajadeiro que desde aquela hora em diante considerasse a rapariga uma hóspeda, porque precisava dela para sua enfermeira. É inexcusável o carinho e zelo com que ela velava as noites, adivinhando-lhe as vontades, à cabeceira do leito. As carícias saíam-lhe tão espontâneas que não pareciam interesseiras.

Ao cabo de três meses, João Evangelista Vila Real erguia-se, restabelecido, e cumpria o voto repetido nesta segunda enfermidade: casava com D. Clemência, que é hoje uma senhora a quem a minha pena não ousa adjudicar as condições estipuladas no voto. As reticências são pontos sem forma literal porque só com elas se consegue não dizer nada, ao passo que todas as indelicadezas se acham contidas no *Abc*; por mais que a gente se canse em inverter a verdade com o artifício das sílabas, quando se evita a ofensa ressalta sempre a ironia. Portanto...

[...]

*

João Evangelista apresentou-se a dois ministros com as canas de recomendação do capitão-general. O dos Negócios do Ultramar gostei de conhecer pessoalmente o herói de Lourenço Marques. O sol da África bronzeou-lhe um simpático semblante de beduíno. Usava bigode espesso e grisalho. Os cabelos eram ainda bastos, negros e lustrosos. Espáduas largas, bem conformado, mas extremamente descamado no rosto, em que mais por isso realçava o coriscar sinistro dos olhos. Na testa serpeavam-lhe veias pretas, e tinha um nariz movediço e adunco. Contou modestamente ao ministro as suas façanhas, atribuindo-as à valentia dos seus soldados. Deu conselhos, propôs alvitres e pintou com acerto o estado das colónias e o modo de as conservar com utilidade. Quanto às suas liberalidades na sustentação de um troço de homens, nada disse; mas o ministro sabia que João Evangelista desembolsara vinte contos na guerra

de 1842. Ao despedir-se, o secretário de Estado perguntou-lhe se pretendia alguma coisa, alguma mercê. João Evangelista respondeu que se considerava que farte remunerado com o indulto. Não obstante, dias depois era agraciado com o hábito de Cristo.

Deliberou residir na capital da sua província, em Vila Real. Transferiu-se para lá; e, sem dizer quem era, foi à Samardã. No caminho, perto de Gravelos, viu uma cruz de pau sob um dossel pintado de vermelho, um vermelho que parecia sangue. Na peanha tosca da cruz lia-se o nome de Joaquim Roxo, o assassinado pelo cirurgião de Borbelinha. Descobriu-se e rezou-lhe um padre-nosso por alma. Dali em diante, pelo caminho fora, apossou-se do cavaleiro professo da Ordem de Cristo grande melancolia. Via em si o alegre almocreve de trinta e cinco anos antes, e tinha saudades da sua vida de então. Parecia-lhe ver a seu lado a sombra de Manuel Baptista e olhava sobre a esquerda, onde, por entre os castanhais, alvejava a torre da igreja de Borbelinha. O pensamento ia dali a Moçambique, via o rosto cadavérico de Rosa, e demorava-se a imaginar-lhe os ossos ainda vestidos de carne sob a terra gretada pela chuva.

Chegou à Samardã ao lusco-fusco. Bateu à porta dos Vieiras e pediu gasalhado por uma noite. Já não vivia o padre que me mostrara o pardieiro de João do Couto. Disse que ia para Trás da Serra e receava meter-se ao caminho. Com grande pasmo da família hospedeira, saiu noite alta, e andou percorrendo a aldeia. Sentou-se à porta da casa onde nascera, curvado, com a cabeça entre as mãos, e chorou! Chorou, senhores, aquele homem que só devia chorar quando não teve mais pratos que matar, assim à maneira de Alexandre quando viu que se lhe acabava mundo que avassalar! Ah!, naquela hora, se os cafres tivessem alma e as crianças dos cafres tivessem o direito humano de se queixarem orfanados de pais e mães, que legiões de fantasmas não voltariam em redor daquele cavaleiro de Cristo!

Ao outro dia, ao despedir-se da família que lhe dera hospedagem, revelou quem era e pediu que se avisassem os seus parentes pobres e os seus credores, ou os herdeiros deles.

Confluíram a Vila Real tantos primos que o homem antes se quisera ver a contas com os pretos da terra dos Fumos. Como ele era Alves e Gonçalves por pais e avós, todos os Alves e Gonçalves daquém e dalém-Córrego entraram às chusmas em Vila Real. Às cavaleiras dos pais iam as crianças, e escarranchados nas albardas dos jumentos cabeceavam os macróbios. A estalagem do Ferro-Velho, onde pousara João Evangelista, parecia a Caaba. As caravanas disputavam-se graus de parentesco no pátio da estalagem.

Distribuiu João Evangelista liberalmente os seus donativos pelos parentes; mas fugiu de Vila Real quando alguns vadios, que não eram seus primos, lhe enviaram cartas anónimas designando as quantias que necessitavam e indicando os lugares em que ele, se queria viver, devia depositá-las. O capitão de milícias de África fez então o elogio da civilização dos Negros e evadiu-se para o Porto, visto que não lhe era permitido chamar do presídio de Moçambique a sua ala e implantar em Vila Real alguns exórdios de justiça.

Estabeleceu-se no Porto em 1853 e começou a edificar uma corrente de elegantes casas na Rua Bela da Princesa. João Evangelista Vila Real montava sempre um cavalo preto de boa estampa; seguia-o um preto a pé e precedia-o um cão da Terra Nova. Nos dias santificados passeava sua esposa, uma senhora dotada de gorduras carminadas e arquejante debaixo do peso dos grilhões de ouro que lhe bamboavam sobre o promontório dos seios. Adivinhava-se ali um passado de fressuras e mãozinhas de carneiro ricas de açafão.

*

Tinha este homem no seu foro íntimo as seguintes cousas:

Primeira: pancadaria à mão tente na primeira mocidade; navalha espanhola na boca, e pau de choupa em riste, nas feiras e romarias.

Segunda: as raparigas da Samardã e as circunjacentes perdidas de modo que nem o Céu lhes podia valer; porque diz Santo Agostinho que nem Deus pode restituir a virgindade perdida.

Terceira: o pomo da discórdia atirado ao seio da família de Manuel Baptista; o amigo assassinado por amor dele; o cirurgião sentenciado a perpétuo desterro e morto das febres pútridas do presídio de Lourenço Marques.

Quarta: o assassínio dos dois alentejanos, que eram maus, mas tinham direito à vida, que representava o pão de muitas crianças.

Quinta: a torpe ficção de patriotismo com que se investiu para indultar-se de matador de dois brancos, espedaçando centenas de negros que haviam estrebuchado sob o pé de ferro que os esmagava no chão onde o missionário implantara a cruz.

Por sobre estas coisas do foro de dentro queria ter por fora o foro de fidalgo da Casa Real.

Isto seria absurdo, se uma fatalidade geográfica não pusesse João do Couto entre o rio Minho e o cabo da Roca. Se ele não visse duas comendas da Conceição apresilhadas nas lapelas de dois seus vizinhos apanhados em flagrante assalto de quadrilha em Ponte Ferreira; se não visse a farda escarlate num réu convicto de testamenteiro falso – ousaria pedir brasão de anuas a el-rei seu amo? Se então não corrassem de barão português um corretor de meretrizes no Rio de Janeiro, João do Couto, o homicida lavado na sangueira dos cafres, pediria a el-rei a faculdade de ir saborear um refresco nas salas da Ajuda? Ele não pensava nisso. João Evangelista Vila Real, se aceitou o hábito de Cristo, foi porque soube que Vasco da Gama o tinha aceitado; e, quando pediu o foro de fidalgo, atendeu, a que Afonso de Albuquerque e Pedro Álvares Cabral o não titih5m rejeitado.

Requereu, pois, brasão de armas para encimar o portal do palacete que tencionava construir. O real pulso rubricava o título de nobreza deste homicida reabilitado pela carniceria de África, aos mesmo passo que a indigência ralava na obscuridade os voluntários de D. Maria II nas pocilgas da cidade heróica, onde João Evangelista fabricava palácios.

O brasão é passado a 2 de Junho de 1861 e registado no Cartório da Nobreza destes reinos, no livro IX, folha 42 vº. O Sr. Visconde de Sanches de Baena traslada-o assim no seu *Arquivo Heráldico-Genealógico*, p. 286:

João Evangelista Vila Real, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, capitão de milícias da província de Moçambique; filho de António Alves, negociante, e de sua mulher, D. Maria Florência Alves; neto paterno de Manuel Alves, proprietário, e materno de José Caetano Gonçalves, proprietário, e de sua mulher, D. Maria Gonçalves. Um escudo com as armas dos Gonçalves.

O escudo dos Gonçalves é em campo verde uma banda de prata carregada de dois leões vermelhos rompentes. Timbre: um dos leões¹⁸. Este é o escudo de armas passado a Antão Gonçalves, que devia de ser tronco daquelas vergôntes que florejam na Samardã.

Darei sucinta notícia de algumas famílias Gonçalves, extintas e redivivas na

¹⁸ *Tesouro da Nobreza de Portugal*, por Fr. Manuel de Santo António, reformado do Cartório da Nobreza.

pessoa de João do Couto. No *Nobiliário do conde D. Pedro, tit. 22, p. 134, D. Egas Gomes de Sousa, senhor da Honra de Novelas, casou com D. Gontinha Gonçalves, filha de Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador*; querem outros que D. Gontinha Gonçalves fosse terceira neta de D. Ramiro II, rei de Leão. Lá como quiserem: João do Couto não discutia isso, nem lhe importava que o genealógico Manuel de Sousa Moreira pusesse aquele D. Egas na linhagem da casa de Lafões.¹⁹

Temos outra vez, nesta família dos Gonçalves da Samardã, D. Mor Gonçalves, casada com Afonso Lopes de Baião. Por este ponto os leões de João do Couto encontram-se com as águias da Honra de Azevedo, pela aliança de um neto de D. Álvaro de Baião com a supradita Gonçalves²⁰. Giravam outrossim nas artérias de João do Couto alguns glóbulos do sangue do rico-homem de Castela D. Gomes Gonçalves Girão, irmão do senhor da casa de Girões. Consulte-se Gludiel, *Compendio de los Girones*, p. 48.

Desastres, transformações, mudanças de tempos, quedas e renovações de nobreza, em tempos de Afonso III, de D. João I, de D. João II, dos Filipes, de D. João IV, fizeram que os Gonçalves avós de João Evangelista vivessem de fazer carvão nas serras da Samardã; todavia, o Lavrante do alvará, repondo os prenomes de *Dona* na Tia Maria Florência e na Tia Maria Gonçalves, mãe e avó de João do Couto, endireitou esta linhagem, que andava torta, e limpou-a do pó das carvoarias.

*

João Evangelista Vila Real, cavaleiro professo na Ordem de Cristo e fidalgo com exercício, viveu a longa vida dos anciãos que encaneceram com a serena consciência dos patriarcas e em provectoros anos se mantiveram para exemplo da mocidade. Devia de orçar pelos setenta e sete, quando há quatro anos adormeceu no infinito sono dos cavaleiros professos, envolto no manto da ordem com o seu largo peito ornado da cruz vermelha. Ali, no jazigo do último descendente bem aproveitado dos Gonçalves, apodrece o primeiro fidalgo e porventura o derradeiro da Samardã.

Não deixou descendência, porque tinha de menos na arte de fazer homens o que lhe sobrava no engenho de os desfazer. A sua viúva passou a segundas núpcias com um sobrinho remoto do defunto. Não sei se há raça de Gonçalves nesta enxertia: mas D. Clemência entrou segunda vez na corrente de D. Gontinha.

*

Nesta novela-biografia ou biografia-enovelada, não a quis fazer chorar, minha senhora. Vossa Excelência já sabe que eu

– o derradeiro cultor do romance plangente neste país, onde a literatura se está refazendo com fermentações de cores várias e jogralidades vasconças –, premindo com o dedo umas certas molas do mecanismo da sentimentalidade, faço tremeluzir no cetim de suas pestanas umas camarinhas de preciosas lágrimas. Também não quis que Vossa Excelência se risse. Este livrinho tem intuitos graves e encerra uma ideia encoberta, porque ideias descobertas já raramente aparece uma. Tenho o desvanecimento de conjecturar que a filosofia deste opúsculo há-de dar de si. Pretendo aniquilar a fidalguia, destes remos movendo Vossas Excelências a não consentirem que seus esposos, afdalgando-se como João do Couto, concorram juridicamente aos bailes do Paço com

¹⁹ *Theatro Historico-Genealogico y Panegirico de la Excelentissima Casa de Sousa*, p. 94. Nestas matérias graves a exactidão das citações é coisa capitalíssima.

²⁰ *História Genealógica da Casa Real*, tomo XII, parte I, p. 237.

facinorosos de torna-viagem.

III

A VIÚVA DO ENFORCADO

Le roman se fausse, étriqué ou perverti. Lequel vaut le mieux?
Au moins les romans rnoraux ne corrompent personne; il est vrai
d'ajouter qu'ils ne convertissent personne.

PAUL BOURGET

À MEMÓRIA
do Senhor Rei
D. Afonso Henriques

Eu não podia escrever uma novela urdida com factos de Guimarães sem me lembrar do mais notável filho daquela terra – o Senhor D. Afonso Henriques.

Procurei nas ruas e praças de Guimarães a estátua do fundador da monarquia. A cidade opulenta, que tem ouro em barda, e abriu dois bancos como os pletóricos que se dão duas sangrias, não teve até hoje um pedaço de granito que pusesse com feitio de rei sobre um pedestal!

Se eu fosse rico, ou sequer pedreiro, quem fazia o monumento de Afonso era eu. Assim, como último dos escritores e o primeiro em patriotismo, apenas posso aqui levantar um perpétuo padrão ao vencedor de Ourique – ao real filho da mãe ingrata.

PRIMEIRA PARTE

A arte da ourivesaria foi cultivada primorosamente em Guimarães no século XV. Daqui saiu Gil Vicente, o lavrante da rainha D. Leonor, mulher de D. João II. Fez aquela galantaria da custódia de Belém, que o leitor não trocaria decerto pelas delícias de reler os autos e comédias que ele fez também, o nosso Shakespeare. Eu trocava; e ousaria até propor a troca, se a custódia não estivesse na baixela de el-rei. Quanto ao poeta Gil Vicente e a Shakespeare, os dois parecem-se tanto um com o outro como o *Hamlet* com o *Pranto de Maria Parda*.

Pelo que pertence à terra natal de Mestre Gil, não impugno a hipótese que confere tamanha honra a Guimarães. Lisboa e Barcelos disputaram essa glória ao berço da monarquia; mas um notável genealógico, o desembargador Cristóvão Alão de Moraes, escreveu há dois séculos que o Plauto português era filho de Martim Vicente, ourives de prata, natural de Guimarães. Se eu pudesse desconfiar da infalibilidade dos linhagistas, justificá-los-ia um documento que possuo de 1455, vinte anos talvez mais novo que Gil Vicente. Com toda a certeza vivia então na Caldeiroa, arrabalde da vila, o sapateiro Fernão Vicente, pai de Martinho Vicente. Este, que era ourives, morava então no Casal da Laje, freguesia de Santo Estêvão de Urgezes. Aqui, provavelmente, nasceu Gil Vicente ²¹.

Isto veio a propósito de ter sido Guimarães a pátria de alguns ourives lavrantes que formaram escola de escultura. A história das artes plásticas celebra mais alguns nomes; nós, porém, diremos de um ourives deste século, ali nascido naquelas formosas ruínas abraçadas pelas frondes dos arvoredos. Não se fez célebre pela arte. O coração queimou-lhe os gomos do engenho quando iam desbotoar-se em flores.

Chamava-se Guilherme Nogueira e nascera em 1802. Por 1818 estudara pintura no Porto; mas por morte de seu mestre, João André Chiape, voltara para Guimarães, dera-se à escultura e trabalhava com ardor na oficina de seu pai, ensaiando a imitação do antigo. Não dava férias ao labor ou ao estudo. Ia para o tesouro da Colegiada, com a protecção de um parente cónego, contemplar os cálices de prata dourada, os ceptros e a gargantilha da Senhora da Oliveira com os seus dezasseis botões de ouro esmaltado e guarnições de aljófar; maravilhava-o a cruz lavrada, que dera o cónego Mendes, e a custódia cinzelada com imagens, dádiva de outro cónego do século XVI.

Uma vez, encontrou lá um abastado surrador de pelames que mostrava o tesouro da Senhora da Oliveira a uns parentes do Alto Minho e explicava imaginariamente as coisas. Dizia que o gomil das carrancas douradas era o jarro que servira no baptismo de D. Afonso Henriques e que o bordão que a Virgem leva nas procissões fora enviado por Santa Helena a S. Torcato, bispo de Citânia. Guilherme Nogueira, sem desfazer na ilustração arqueológica do curtidor, explicou também a proveniência dos seis castiçais lavrados feitos com a prata de onze anjos encontrados no espólio dos Castelhanos em Aljubarrota.

Uma pessoa do grupo ouvia a explicação do ourives com a maior atenção. Era Teresa de Jesus, a filha do surrador Joaquim Pereira.

Esta menina era filha única, bonita, muito recolhida, e confessada de um franciscano tão bem intencionado que prometia fazer dela uma santa com ajuda de

²¹ O documento a que me reporto intitula-se: *Os casais privilegiados das hortas e mais propriedades que se acham insertas na carta de privilégio de el-rei D. Afonso V, concedidos à igreja de Santa Maria de Guimarães, chamados os das Tábuas Vermelhas, são os seguintes...* De pronto se depreende que este titulo foi posteriormente dado à relação das pessoas que em 1455 habitavam os casais foreiros a Santa Maria.

Deus.

E era de esperar. Teresa ia nos vinte anos e tinha o coração inocente dos dez. Via passarem na Rua dos Fomos, à tardia, ora um ora outro rapaz de famílias ilustres ou abastadas, com os olhos fitos nos rótulos das suas janelas. Via-os, através das gradinhas de pau, e assim mesmo o pudor purpurejava-lhe as faces e uma espécie de medo dos homens a obrigava a recuar o esteirão da soleira da janela. A timorata criatura tinha escrúpulos e perguntava à mãe se os homens a veriam da rua. Isto, na verdade, era bonito em uma menina de vinte anos; mas, se a crítica pode superintender no foro íntimo de tão cândida alma, a mim parece-me que o escrúpulo é a chave que abre a porta por onde a inocência há-de escapar-se, tarde ou cedo. Se houvesse virtudes perfeitas, essas desconheciam os escrúpulos, que são de per si os prelúdios das imperfeições. O franciscano era menos casuísta que eu e talvez menos entendido na fragilidade humana. Das inquietações de Teresa tirava ele conclusões de extremada inocência: se ela tinha medo aos homens, era sinal de graça infusa, era o instinto que farejava neles as tentações do amor, as enormes diabruras que distraem o espírito da contemplação divina, abatendo-o às materialidades da vida transitória.

O surrador era um cristão regular como todos os surradores de boas contas e consciência sã que tratam dos seus curtumes com o devido esmero; mas a ideia de ter uma filha predestinada, como dizia o frade, não o entusiasmava. Como era rico, e não tinha outra prole, queria que a sua Teresa, em vez de vestir santos e acariciá-los com uma idolatria meigamente idiota, vestisse e ameigasse os filhos. Em suma, Joaquim Pereira queria ter netos, queria sobreviver neles, e continuar a surrar perpetuamente pelas de boi mediante a sua posteridade. O homem já pressentia uma das imortalidades que Pelletan idealizou quarenta anos depois – a perpetuidade da raça.

Portanto, quando Teresa de Jesus andava a jejuar um jubileu, disse-lhe ele que era necessário tratar de outro modo de vida; acrescentou que as beatices eram boas para quem não tinha que fazer; e concluiu que aprendesse com sua mãe a governar a casa, porque era necessário saber tratar do marido e dos filhos, se Deus lhos desse; e que, enfim, jubileus, vias-sacras e jejuns não serviam para o arranjo da família. Apesar de não ser extremamente lírico este estilo de Joaquim Pereira, a filha, de pasmada que ficou, parecia não o perceber; porém, alguma coisa entendeu, porque daí a pouco perguntava ela à mãe:

– Com quem quererá casar-me o pai?

A pergunta foi feita com bastante rubor e sobressalto.

Respondeu-lhe a mãe que o não sabia com certeza; mas que tinha ouvido falar no tio Manuel do Porto.

– Credo! – exclamou Teresa. – Vossemecê está a mangar comigo?

*

O tio Manuel era irmão de Joaquim. Tinha oficina de curtidor na Rua dos Pelames, no Porto, e era muito rico, e viúvo sem filhos, com cinquenta anos, sujos, sim, mas bem conservados. Tinha passado a festa do Natal de 1822 em Guimarães e levava à sobrinha, um grilhão de ouro da sua viúva dentro de uma rosca de pão-de-ló. Gostou muito de a ver entretida com o presépio do Menino Jesus, cheia de devotos carinhos, ora beijando-lhe os pés, ora incensando o recinto do religioso espectáculo, guardando em todos estes actos umas atitudes misteriosas e uns silêncios respeitosos e dignos das primitivas cristandades nos subterrâneos da Roma pagã. Acompanhou o tio Manuel a sobrinha à missa do galo e embirrou com o fidalgo do Toural, que lhe atirou confeitos a ela, e a ele dois rebuçados velhos à cara que pareciam de chumbo. Todavia, notou a

austera gravidade de Teresa, que nunca voltou o rosto para ver donde lhe atiravam os confeitos: Ao sair da igreja do Mosteiro de Santa Clara, um rancho de fidalgos, com os seus lacaios armados de lanternas, formaram alas para alumiar e acompanhar as damas que saíam. Teresa, para não ser vista, saiu pela porta travessa, dizendo ao tio:

– Vamos por aqui por causa desses homens.

– São bons brejeiros! – concordou ele, e acrescentou de si para consigo: – Juízo até ali!

Em casa disse ao irmão que Teresa era uma jóia, e contou o caso dos confeitos com a veemência de quem repete o caso de Lucrecia. O mano Joaquim, abrindo e fechando a boca com três cruces, resmoneou:

– A rapariga tem pancada na mola.

– Pancada? A que chamas tu, salvo seja, pancada na mola?!

– Está beata, entendes, Manuel?! O frade tolheu-ma. E tudo santos de pau, e de papel, e de barro, por essa casa. Novenas, confissões, lausperenes, três missas por dia, jejuns, e não faz mais nada, nem fala noutra coisa. Ver homens é como quem vê o Diabo.

– E então isso não é bom? – atalhou o mano Manuel. – Querias que ela gostasse de ver homens?

– Pois então! Quero que ela case, entendes?, quero que ela tenha filhos. A quem hei-de eu deixar o que tenho?...

– E eu?

– E verdade, e tu, que não tens outros parentes? Se ela assim continuar e ficar solteira, sabes onde vai bater o meu dinheiro e mais o teu? Aos frades e às freiras. Apanham-lhe tudo. Que o ganhem! Vão pró Inferno. Custou-me muito a amanhã-lo; não quero engordar vadios e vadias. Quando penso nisto, olha que se me atravessa aqui nos gorgomilos um nó!

– Trata de a casar, Joaquim.

– Com quem?

– Falta ele!...

– Já ma pediram; mas tu que queres? A rapariga não quer aparecer homem que venha aqui: não conhece nenhum: passa por eles na rua. como... sabes tu?, até me diz a mãe que ela fecha os olhos. São os frades, percebes? Ora agora, eu, se queres que te diga a verdade, tenho pena dela. Não hei-de levá-la de rastos pela orelha à igreja. Queria que ela gostasse dum homem, quero dizer, do marido que eu lhe escolhesse. Está aí o João da viúva Peixota, que é sério, trabalha ainda como um burro, e tem quinze mil cruzados só da parte do pai.

– Já lhe falaste nele? – acudiu o irmão com certo alvoroço.

– Falei, quero dizer, perguntei-lhe que tal o achava.

– E ela...

– Respondeu-me que não sabia como o achava. Olha tu que resposta tão asna!

– O que eu te digo, Joaquim, é que o homem que a levar leva a mulher mais virtuosa que há no mundo. Eu, se topasse

uma assim, não sei, mas... parece-me que me casava outra vez; e mais, desde que a outra defunta se foi, é a primeira vez que isto me passa pela cabeça. Ainda que ela fosse pobre, mas honradinha como é Teresa, juro-te por esta luz que nos alumia que a fazia rica... Mas, enfim, isto é por falar; que eu, ainda que ande com uma candeia, não acho outra como ela.

– Olha, se a Teresa te quer... – interrompeu Joaquim entre grave e risonho –, eu cá por mim dou-ta, e fico satisfeito. Quanto tens tu de teu? Praí quarenta mil cruzados...

– Põe-lhe por cima metade.

- Sessenta?
- Seguros.
- Pois ela não tem tanto... mas...
- Isso é que eu não quero saber, Joaquim. Dá-ma tu, que eu não te quero uma de seis.

– Isso lá, homem, quer queiras, quer não, o que eu tenho dela é. Não digas nada pelo enquanto. Eu cá fico a pensar no negócio. A coisa de sopapo não se pode fazer. Primeiramente, é mister cortar-lhe pelo beatério e meter a mãe no arranjo. Depois eu te escreverei a dizer o que se vai passando.

*

Quando Teresa de Jesus exclamou: «Credo!», a mãe logo anteviu desgostos, e talvez infortúnios na família, por causa do casamento. Esquivou-se a esclarecer a filha, receando que ela lhe fugisse para o Convento das Claras, que a solicitavam a professar por intermédio do confessor. Como era rica e virtuosa, o convento, moral e materialmente, ganharia granjeando para os esposais divinos uma noiva tão dotada das graças do Céu e do produto líquido dos curtumes. Comunicou ela ao marido os seus receios. Concordaram na inconveniência de lhe falarem outra vez no tio, posto que Joaquim Pereira, compassando os algarismos com umas suaves palmadas na espádua roliça da esposa, dizia lugubrememente:

– Sessenta mil cruzados, Feliciania!

– Deixa lá o dinheiro, com a breca! – redarguiu ela. – Amanha-lhe marido de que ela goste, ainda que seja pobre.

– Pobre! Boa vai ela! Olha! – e mostrava-lhe o rebordo purulento da pálpebra do olho direito, arregaçando-a feiamente. – Pobre!... Não, que ele custou-me a ganhar! Quem na apanhar há-de ter pelo menos tanto como ela. Ora essa!... São tantos a quererem-na como isto – e agrupava os dedos em forma de pinha, mostrando as unhas escalavradas com petrificações de lixo e gordura. – Até fidalgos, percebes? Há-os por aí que se eu lhe desempenhasse as quintas... Tu então estás a ler, Feliciania! Casá-la com homem pobre!

*

Alguns dias depois deu-se aquele encontro de Teresa de Jesus com o ourives Guilherme Nogueira, na casa da Colegiada. Ela, do mesmo passo que ouvia as explicações do artista respectivas às peças do tesouro, maravilhava-se em si mesma da condescendência com que o escutava e, mais ainda, do prazer com que o via.

Guilherme Nogueira tinha um aspecto simpaticamente doentio. Formara-se no ar impuro da oficina. O hábito do trabalho cerceava-lhe o deleite das horas de repouso. Passeava só e pesado de tédio porque se acostumara à soledade do seu quarto. Recolhia-se em si, com as suas meditações, para sentir-se viver nas quimeras do ideal na arte. Ninguém o compreenderia na sua esfera. Os seus pares no ofício eram apenas operários. Se soubessem que ele tinha ido a pé ver a epopeia petrificada do Mosteiro da Batalha, e se o ouvissem devanear coisas abstrusas a respeito de pedras rendilhadas por engenhosos pedreiros, a não o capitularem de tolo, cuidariam tratá-lo indulgentemente chamando-lhe mágico. O pai não o entendia; mas inclinava-se-lhe sobre o ombro, com os olhos embaciados da alegria que chora, quando ele nos bordos de uma salva de prata lavrava os relevos dos paços de Afonso Henriques e a jornada de Egas Moniz, com a esposa e os filhos, oferecidos à vingança do monarca leonês. Tinha as tristezas do

talento que se acha excluído das condições materiais do interesse. O pai via um equivalente a dinheiro nos labores do filho; o artista, sonhando as vagas ovações da glória, via em redor de si o riso desdenhoso da inveja e o estipêndio regateado do trabalho. Escondia-se para não ver passar às mãos de um frio possuidor de baixela a sua obra, que levava mais amor do seu coração que primores do escopro. Pungiam-lhe então o espírito violentas ambições de riqueza. Queria sagrar a sua arte esquivando-se à prostituição do dinheiro; fechar-se com as suas criações, fazê-las símbolos da sua vida obscura em uvimundo cheio de luz, espelhar na lâmina de ouro e prata a sua alma, rever-se nas suas obras quando baixasse ao poente da vida e legá-las a um alto espírito que uma vez encontrasse procurando em vão no vazio das alegrias humanas o trabalho como refúgio e as lágrimas ignoradas como consolação.

Este era o homem triste que historiava em termos chãos a batalha de Aljubarrota ao surrador, a propósito dos anjos de D. João 1 de Castela refundidos em castiçais pelo mestre de Avis.

Joaquim Pereira escutava com espanto a narrativa e perguntava ao moço se ele não era filho do Luís Nogueira da Rua de Vale de Donas. Ao mesmo tempo examinava-lhe a limpeza do trajar, como notando a demasiada decência de um oficial de ourives, filho de outro que pouco tinha de seu. As oito tocheiras de prata com brasões deram margem a que o ourives explicasse que as armas eram dos Távoras e contasse o funesto destino destes fidalgos. O curtidor, sinceramente admirado e agradecido, disse-lhe que um homem com tantas memórias devia ser mestre-escola.

– Vossemecê porque não arranja a meter-se frade? –perguntou-lhe o parente do surrador.

A isto respondeu logo Joaquim Pereira:

– Não, que ele é preciso ter património.

E o outro redarguiu:

– Eu dizia que se fizesse frade duns que chamam borras; não dizem missa, mas têm que trincar no refeitório.

Guilherme olhava com amargura para estes homens, e não respondia. Teresa de Jesus, fitando-o com a fixidez com que costumava contemplar os santos, parecia suplicar-lhe que desculpasse as bestialidades do autor de seus dias.

Os olhos deles encontraram-se, neste lance, pela terceira vez. O artista não sentiu umas estranhas comoções que todo o romancista costuma e deve mencionar quando o amor salta de repente ao peito de duas pessoas. Por via de regra, os olhos baixam-se e as faces tingem-se. Há sempre congestões nestas coisas. As excepções não são muitas; mas uma de que eu tenho notícia é este caso de Guimarães. Guilherme olhou para Teresa com a suave e serena contemplação do idealismo que transforma os seres palpáveis em uma figuração abstracta. Os olhos negros e o rosto alvo e fino de Teresa enquadraram-o em umas linhas que bosquejara a lápis quando acabara de ler a *Cantata de Dido*, de Garção. Era a malograda amante do ingrato troiano que ele queria esboçar, quando a misérrima

Pelos paços reais vaga ululando

e

Cos fui-vos olhos inda em vão procura

O fugitivo Eneias.

Os visitantes do tesouro de Nossa Senhora da Oliveira retiraram-se, e Guilherme,

daí a pouco, tinha copiado da alma para o papel duas feições fiéis do rosto de Teresa: os olhos e o mais incorpóreo deles – a doce melancolia com que o fitara no momento em que seu pai lhe concedia habilitações para mestre-escola. Depois guardou o desenho e andou pelas igrejas observando os tons das tintas, o colorido, a luz e a sombra das santas pintadas a óleo. Sentia-se menos só. Aquela imagem acompanhava-a como a estrela que vai connosco pela solidão da noite alta. Saía mais a miúdo por essas muralhas de verdura gigante que rodeiam a destemida aviltadora do condestável Duguesclin. Não ouvira até então as liras que rumorejam nas florestas; nem a franja de ouro do arrebol se erguia entremostrando-lhe o enigma da felicidade esclarecida por uma pouca de luz difusa dos olhos de uma mulher.

E ela?

*

Ela disse à mãe que, se o pai lhe falasse em casar com o tio Manuel do Porto, estava resolvida a ser freira.

– Não casas, não, Teresa – assegurou-lhe a mãe. – Não te hão-de faltar maridos à tua escolha; ponto é que escolhas com acerto e juízo. Teu pai o que não quer é que te cases com rapaz pobre. Olha lá,, menina, que te parece o filho da viúva Peixota?

– Eu o arrenego! Eu só gosto de um homem neste mundo...

– Bem sei.

– Sabe? Então quem é?

– É o Frei João de Santa Tecla; é o fradinho.

– O meu confessor?

– Pois então!

Credo! A mãe está doida! Pois eu havia de amar o frade? Aquele velhinho! Jesus, que ideia tão disparatada!

– Queria eu dizer que gostas dele porque é o teu director espiritual, tu não me entendes? Qual amor nem qual diabo!

– Ah!, isso sim; mas vossemecê falava-me em casar...

– Então quem é o homem com quem tu casarias, se te deixassem?

– É um segredo que há-de ir comigo à cova! Assim como assim, tanto faz amá-lo como não, porque é pobre; e então escuso de dizer quem é. Com outro é que eu não caso.

Estas palavras expeditas e sem refulhos inculcam amor forte; e o desempenho com que as proferiu revela e promete um ânimo enérgico e disposto a lutar. A Sr^a Feliciano entendeu que o predilecto de Teresa devia ser algum dos mancebos que passava, à tardinha, na sua rua, com os olhos pregados na gelosia. Conhecia-os de nome e de família. Um era filho segundo da ilustre casa de Simões, outro era a rica vergôntea dum cutileiro, dois eram negociantes de coiros, o quinto era o filho da viúva Peixota e o sexto, finalmente, era um tenente de milícias. A seu ver, havia de ser um dos dois – o primeiro ou o último; porque o filho segundo, de antiquíssima raça, conquanto fosse Pinto duas vezes, raras vezes tinha um pinto, celebrado trocadilho do famoso poeta João Evangelista de Moraes Sarmiento. O último, o tenente de milícias, possuía de seu apenas uma cintura tão subtil e fina que parecia sustentar-se sobre os quadris por um prodígio de equilibrista, porque o homem parecia não ter centro de gravidade. O poeta Sarmiento chamava-lhe cintura à prova de fogo, porque não havia bala que lhe acertasse. Não obstante, as damas de Guimarães não eram insensíveis ao feitio delicado deste tenente, que eu conheci pagando acerbamente os delitos da cinta de vespa, arredondando-se tão enxundiosamente que parecia todo ele a barriga do gigante Tifeu fulminado por Júpiter.

A esposa de Joaquim Pereira não podia lembrar-se de Guilherme porque não o conhecia; nem Teresa, quando voltou da Colegiada, lhe falou no explicador das peças do tesouro. Esteve indecisa entre comunicar e ocultar ao marido o despropósito da pequena; temendo, porém, o génio desabrido do seu Joaquim, e a fuga de Teresa para o convento, calou-se, e tratou de a espreitar.

Um domingo, quando saíam da missa da Senhora da Oliveira, para onde Teresa, oito dias a fio, encaminhava a mãe, entrava na igreja Guilherme Nogueira. O ourives, colhido de sobressalto, cumprimentou-a com tal perturbação que se denunciou à mãe precatada. Teresa de Jesus escondia o rosto na mantilha de sarja, quando Feliciano apertava o passo para lhe perguntar quem era o rapaz que as cumprimentara tão atrapalhadamente. A resposta não confirmou a suspeita: Teresa disse que o conhecia de o ver no dia em que o pai a levava ao tesouro da Senhora da Oliveira; e foi contando à mãe as batalhas de Aljubarrota e a morte dos Távoras consoante as ouvira ao tal rapaz.

– A mãe nunca viu aquelas riquezas? – perguntou ela.

– Eu nunca.

– Pois se quer, vamos lá um dia, que eu explico-lhe tudo.

*

Feliciano disse ao marido que queria ver o tesouro da Senhora.

– Pois vai – disse Joaquim Pereira –, e, se lá estiver um rapazola que lá topámos quando eu fui, vais-te regalar de o ouvir contar coisas e loisas que aconteceram no tempo dos Moiros; estão lá uns castiçais que eram, pelos modos, de uns anjos de prata que ficaram na batalha do campo de Ourique. Ele é que sabe, o tal sujeito, que é filho do Nogueira ourives, e a falar parece outra casta de homem. Depois que saí, o teu primo de Monção ainda quis voltar atrás e dar-lhe uma de doze; mas a Teresa disse que pareceria mal. Eu entendo que ele vai ali explicar aquelas histórias a ver se amanhã alguns patações; mas cá esta menina disse que o rapaz talvez se ofendesse, e fez com que ele ficasse sem os doze vinténs. Se o lá encontrares, dá-lhos tu.

– Então já não vou! – acudiu Teresa. – Ele não estava à nossa espera. Parece mal dar-lhe uma esmola. Um Sr. Cónego que lá chegou disse que ele ia ali muitas vezes examinar as custódias porque era ourives e as achava muito bem lavradas. O pai não ouviu também isto?

– Parece-me que sim; mas sempre lhe dá a de doze, porque o rapaz é pobre e trabalha por conta de outros ourives. Outra coisa – prosseguiu o surrador –, em vez de lhe dar dinheiro, o melhor é mandar-lhe fazer dois castiçais daquela prata velha das tigelas que já estão furadas; mas será bom primeiramente pesar a prata, que eu não conheço o homem, nem me fio em ninguém. Está o mundo cheio de ladrões.

– Ó pai – atalhou Teresa –, olhe que isso é pecado! Nem todos são maus. Ele foi tão delicado connosco! Até o pai se admirou das coisas que ele contou...

– Sim, ele palavreado tinha, e vê-se que tem memórias para arranjar aquelas histórias dos tempos antigos; mas lá se ele é ourives honrado, isso é que eu não sei, nem tu. Pesar a prata não é mau. Feliciano, ajusta com ele; porque isto de ourives só não enterram a unha quando não podem. Está o mundo cheio de ladrões, é o que eu vos digo.

*

Perguntou a mãe de Teresa ao sacristão da Senhora da Oliveira se lá estava o homem que explicava as coisas. Respondeu o sacristão que o não vira desde que lá

estivera o Sr. Joaquim Pereira; mas que um parente do Guilherme, o cónego Araújo, lhe dissera que o rapaz estava a pintar uma imagem e que só saíra dois domingos para ir à missa.

– Eu queria ver – disse a Sr^a Feliciana – se ele me arranjava dois castiçais de uma prata velha que trago aqui.

– Se a senhora quer falar-lhe, ele mora na Rua do Vale de Donas, n.^o 2. Não tem que atinar: é a segunda casa à sua mão esquerda. A senhora entra no patim e trepa em uma portinha que lhe fica à direita. E aí que ele está sempre a trabalhar. Vá lá, que ninguém lho faz melhor e mais em conta. Pessoa mais desinteressada não há em Guimarães. Aceita o que lhe dão e nunca pede conta que lhe devam. O beneficiado bebe os ventos pelo rapaz, e a falar-lhe a verdade já por aí se rosou que ele mais por aqui mais por ali era pai dele. O caso é que o cónego quer às vezes dar-lhe quatro ou cinco cruzados novos. O rapaz não aceita e diz que o seu trabalho rende mais que o bastante. E a respeito de religião? E a pérola da terra! Não consta que ele faça pé-de-alferes a mulher de casta nenhuma. Traz lá no miolo a veneta de fazer custódias como as antigas e não pensa noutra coisa. As senhoras conhecem o Pascoal ourives, aquele que meteu a mulher no Recolhimento da Tamanca por coisas e tal *et coetera*?

– Conheço – disse Feliciana.

– A filha andou comigo na mestra – acrescentou Teresa. – Chamava-se Emília.

– Pois essa Emília tem de seu só de legítima, ou deixa, ou que diabo é, duma avó três mil cruzados, e há-de ter o *trabordo* do pai, que, aqui entre nós, lá no seu ofício é ladrão como rato. Pois, senhoras, bem quis o Pascoal que o Guilherme lhe casasse com a filha; meteu-se nisso o beneficiado; casaram as senhoras? nem ele. Ouvi-lhe eu dizer com estas – e, dizendo, sacudia as rubras orelhas o sacristão – que não casava com ela nem com outra; e que, se apertassem muito com o fiado, saía de Guimarães e ia para o Porto, onde ele, pelos modos, se quisesse podia ganhar muito bem a sua vida a pintar alminhas. «Case, Sr. Guilherme, lhe disse eu, «não seja palerma; olhe que hoje em dia quanto tens quanto vales. E ele punha-se a assobiar o hino desses hereges que fizeram a revolução no Porto há dois anos. É o defeito que lhe acho: gosta deste partido que está agora a desgraçar-nos e tem encasquetada na cabeça a ideia de que os homens todos são uns, e que os fidalgos se fazem da massa dos mecânicos. Liberdade, igualdade, liberal constituição, *et coetera*. Olhe as senhoras, com licença, que asno! E é pena que tenha esta falha, porque no mais aquilo é um gosto vê-lo discorrer! Ele sabe de contas como ninguém; sabe todos os casos que sucederam desde que o mundo é mundo; sabe o nome de todos, os remos, sabe ler nos missais, e em Guimarães ninguém sabe como ele isto dos planetas que se lê nos lunários perpétuos. Mas o que ele tem é ser muito tristonho. Tem dias que não dá palavra. Vem para aí, Senta-se a pintar as custódias e não levanta a cabeça. Pois, senhoras, se vossemecês querem que eu as acompanhe, estou ao seu dispor; mas não tem onde errar, é o n.^o 2, no baixo à porta da rua.

– Queres que vamos agora lá ou manda-se lá o caixeiro? – perguntou a Sr^a Feliciana à filha.

– Já que estamos na rua, se a mãe quer, vamos lá. Se ele me fizesse a imagem da minha Santa Teresa de Jesus...

– Só se ele não quiser, menina – afirmou o sacristão. – Ele faz tudo quanto há. Uma vez tirou-me o meu retrato com tinta de escrever; mas o maganão fez-me o nariz arrebitado, e assim mesmo o demo do mono parecia-se comigo, tirante o nariz. Peça-lhe a imagem da santa, que ele, se estiver de maré, faz-lha.

Aconchegando as honestas mantilhas dos rostos, a mãe e a filha encaminharam-se à Rua do Vale de Donas. Teresa, ao aproximar-se da casa de Guilherme, sentiu-se muito

alvorçada e como que arrependida do intento. Ainda balbuciou a ideia de retroceder; porém, como visse a mãe disposta à condescendência, não insistiu. Entrou na rua, e quando viu o nº 2 disse com a voz trémula:

– É aqui.

– Parece que estás atrigada! – observou a mãe.

– Atrigada, não, minha mãe... Isto acho que é cansaço.

Entrou a Sr^a Feliciano ao patim; e, com o desembaraço próprio da esposa de Joaquim Pereira, batendo à porta de um humilde oficial de ourives, deu três palmadas na almofada da porta como se as desse em um portão de quinta.

– Quem é? – perguntou Guilherme.

– Gente de paz – respondeu Feliciano.

– Não o parece – murmurou ele. – Levante o trinco, e entre quem é.

Ela deu meia volta à argola e entrou adiante da filha. O artista, neste momento, estava em pé, defronte de um cavalete, com as costas voltadas para a porta. Quando ouviu dizer «com licença», voltou-se vagarosamente, como se com repugnância suspendesse o trabalho do pincel. Ao mesmo tempo que ele via Teresa de Jesus, encarava Feliciano a pintura e exclamava:

– Ai!, o retrato da minha filha! Ó Teresa, olha o teu retrato!

Teresa pusera os olhos na tela; e o pintor, com a paleta no dedo polegar e os olhos embelezados no original, parecia estar-se mudamente enlevado ainda na imagem que tinha na alma. Naquela surpresa havia as delícias de um sonho. A Sr^a Feliciano, única pessoa do grupo que parecia bem acordada e com algum espírito, perguntou a Guilherme quatro coisas de pancada: 1. a como tirara o retrato de sua filha sem a ver? 2ª quem lho encomendara? 3ª se o fizera para o vender? 4ª quanto queria por ele?

Guilherme Nogueira, como estas perguntas o avocassem a vida chata e real, recobrou ânimo; e, depondo a paleta, chegou duas cadeiras às senhoras e rogou que o desculpassem de as receber inesperadamente com a sua véstia de trabalho.

– Está muito bem – disse a Sr^a Feliciano –, cada qual em sua casa está como pode ou como quer. Pois o retrato – prosseguiu ela, deixando cair a mantilha para a cintura –, o retrato é a minha Teresa; falta-lhe só falar: não é assim, menina?

– Sim... ele... – murmurou Teresa.

– Ainda não está concluído – disse Guilherme.

– Pois eu quero comprá-lo, custe o que custar – insistiu a mãe.

– Não lhe custará nada, minha senhora – tornou o artista –, se me dá o prazer de lho oferecer.

– Nada, isso não quero: é o seu modo de vida.

– Não é o meu modo de vida: eu não sou pintor.

– Mas então para que pintou a minha filha?!

– Retratei-a... porque... os pintores costumam, quando pintam as imagens dos altares, reproduzir as feições mais belas que viram e não esqueceram.

Ele balbuciava. e Teresa, abaixando os olhos, torcia a pontinha do lenço.

– Ah!, então vossemecê sempre pinta santas? – acudiu com bastante lógica a Sr^a Feliciano.

– Não, minha senhora, não as tenho pintado.

– Ah!, não? É que a minha filha vinha encomendar-lhe uma Santa Teresa de Jesus.

– Estou às suas ordens, minha senhora – disse ele a Teresa. – Não me será difícil copiar alguma imagem que a senhora me indique.

– Muito agradecida. Eu não queria dar incómodo ao Sr. Guilherme.

– Com efeito! – repisava a mãe, bracejando. – Fazer assim o retrato de minha

filha, tal e qual!, olhos, nariz, a cova da barba, os cabelos ruivos! Credo! Vossemecê acho que só viu a minha Teresa uma vez...

– Duas, minha senhora; uma na sacristia da Senhora da Oliveira e outra no adro.

– Faz amanhã oito dias – confirmou a menina.

– Bem diz o meu homem que vossemecê tem grande cabeça! – tomou a mãe. –

Pois enfim, eu quero este retrato para o dependurar no meu quarto. O meu Joaquim, em o vendo, é capaz de lhe dar por ele uma moeda de ouro!, isso é!

Teresa fez um gesto de insofrido pejo. Guilherme compreendeu-a; e, no íntimo da alma, adorou-a e compadeceu-se dela.

– Já lhe disse, minha senhora – repetiu ele, sorrindo benevolmente –, que muito cedo terei o prazer de lhe remeter o retrato de sua filha, visto que a senhora me faz o favor de o aceitar.

– Pois então ficamos tratados – concluiu a esposa do surrador; e continuou: – Ainda lhe não disse tudo a que vim. Trago aqui uma pouca de prata velha, a ver se vossemecê me faz dela um par de castiçais bonitos para o meu oratório.

– Eu não trabalho nesta espécie; mas encarrego-me de os mandar fabricar, e espero que hão-de ficar ao gosto da senhora.

– Eu não pesei a prata – observou ela magnanimamente.

– Nem seria preciso... Tenho confiança nos oficiais de meu pai, que é um ourives pobre, minha senhora; bastará dizer-lhe que meu pai trabalha há quarenta anos e é um ourives pobre.

– Pobre é o Demo, Deus me perdoe! – emendou ela. – Quem tem a graça de Deus não é pobre. Ninguém é pobre senão de juízo. Ai!, que são horas, Teresa, vamos para casa, que teu pai, assim que dá meio-dia, quer ver o jantar na mesa.

E, circunvagando a vista pelas paredes do quarto, exclamou:

– O que aqui vai de painéis! Deixa-me ver isto, que é tão bonito!

Enquanto ela se abeirava dos quadros e fazia as suas reflexões mais ou menos tolas, Teresa, que não a seguira, olhava a fito para Guilherme, que a contemplava com a penetrante fixidez não sei se da arte se do coração. O que sei é que ele, de repente, pegou do pincel e retocou no retrato as sombras que orlavam as pálpebras, alternando olhares avarentos entre o original e a cópia. Teresa de Jesus, neste lance, como não pudesse voltar o rosto, coloriu-se de um vivíssimo escarlate, como se os olhos do seu retratista lhe levassem a face o ardor dos primeiros beijos.

A mãe, voltando a cabeça para convidar a filha a ir ver uma coisa, deu tento daquele colóquio mudo e achou a filha tão vermelha que, se o pintor não estivesse desviado e ocupado no retoque da pintura, cuidaria que ele segredara à pequena alguma daquelas expressões inflamatórias que o seu Joaquim lhe dizia aos dezasseis anos.

O objecto que a Sr^a Feliciano queria mostrar à filha era, dizia ela:

– Um Menino Jesus a trabalhar de carpinteiro com dois anjinhos aos pés, um a rir-se e outro a chorar.

Guilherme Nogueira sorriu-se, mas não explicou o quadro. As esposas dos surradores de Guimarães, em 1822, eram todas, honra lhes seja, como a velha da *Função*, de Nicolau Tolentino, a qual

*Pondo contra a luz a mão,
E crendo que nesta rua
Está São Sebastião,
De Vénus à estátua nua
Faz mesura e oração.*

O quadro era uma rara e preciosa gravura de Bartolozzi, cópia de um quadro de Correggio, com a legenda: *Cupid making his bow*. É o deus de Citera fabricando o arco e tem sobre o estrado de seus pés dois amorinhos alados, um que ri e afaga o outro, que chora. Soberba alegoria! Cupido prepara com um sorriso cinicamente divino o instrumento do riso e das lágrimas!

Observou Teresa à mãe que o Menino Jesus não se pinta com asas.

– Então quem é ele! – perguntou a Sr^a Feliciano.

Teresa bem sabia quem ele era. A sua mestra ensinara-lhe a bordar cupidos com a cara quadrada, com as pernas gordas e asas de borboleta. A sua criada da cozinha também possuía dois lenços brancos com um cupido a retrós preto no centro e quatro fechados corações nas pontas; e bem sabia a inocente menina que estas prendas alegóricas eram os penhores da ternura de um anspeçada. Sabia-o, e não respondeu; porém, como Feliciano quisesse por força morder naquele pomo vedado das belas-artes e estivesse para chamar o ourives a decidir a contenda, a filha puxou-lhe pela coca da mantilha e disse-lhe baixinho:

– Não pergunte.

A mãe encarou-a com a sobrancelha franzida de suspeitas e não disse mais nada a tal respeito.

– Vamos, que é tarde, vamos! – disse muito afreimada. – Adeus, Sr. Guilherme, adeusinho até à vista. Não se esqueça dos castiçais, nem do retrato.

Ora, ao despedirem-se, deu-se um caso de uma inocência pastoril digna das donzelinhas de Gessner. Teresa de Jesus, deixando ir a mãe adiante, tirou uma florinha de entre um ramalhete que estava em uma jarra do Japão, sobre a mesa contígua à porta; e, ao mesmo tempo, completou o êxtase de Guilherme com um sorriso lindo e travesso como o do *Cupido* de Correggio.

Um novelista, bem grávido de moralidades, não perderia este ensejo de dizer que naquela flor ia oculta a víbora; e, se soubesse latim, exclamaria *latoet anguis*. Eu, por mim, sei de tanta coisa pior, que factos desta singeleza dão-me vontade de os escrever como cenas adicionais ao ascético livro das *Mulheres da Bíblia*.

Este caso da flor, naquele tempo, e em Guimarães, seria considerado «um deboche» se se soubesse na Praça do Toural, onde o português se falava como hoje se escreve no Chiado. A menina arguida de semelhante devassidão seria rapada e recolhida a um asilo de convertidas que naquele tempo eram os mosteiros. Pois bem! A magnitude do crime dá-nos a medida daquele amor! E eu, à luz de 1877, não conheço nada mais infantil, mais mavioso, mais idílico. E agradecer um retrato e uma paixão levando uma florinha em troca de um coração que deixa. Lindo, lindo! Quem não tiver alma para compreender isto, não leia novelas da natureza destas. Entenda-se com o meu ilustrado amigo o Sr. Ferreira Lapa e peça-lhe que lhe preleccione acerca dos melhores adubos, para que o seu engenho se não vá deste mundo sem alguma cultura.

Joaquim Pereira foi para a mesa, mas a comida só lhe passava da garganta empurrada pelo vinho, assim que a mulher lhe contou com entusiasmo maternal que o ourives fizera o retrato de Teresa.

– Quem diabo lhe encomendou isso? – perguntava ele. – Eu quero saber que lhe importa a ele a minha filha! Se cá o vejo em casa com o retrato, dou-lhe com ele nas ventas. Não quero retratos; não dou um pataco por ele. Pedação de asno! O troca-tintas, pelos modos, não tem que fazer. Por isso o pai anda sempre com a sela na barriga! Não me tornas a pôr o pé na rua sem eu ir contigo! – vociferou voltado contra a filha, limpando com a toalha o queixo inundado do vinho do pichel. – Se eu te não levasse à Senhora da Oliveira, já o pelinirão não te via...

– E que tem que visse? – interrompeu a Teresa com os olhos afogeados e um de

sobranceria petulante. – Olhe lá que me não comesse algum bocado!

– Não me lavres fora do rego, Teresa! – redarguiu o pai. – Essa cabeça já não governa. Tu andas a chocar alguma asneira. Cuidado comigo!

– Ora vá, ora vá! – atalhou a esposa. – Também tens um génio que é preciso paciência de santas para te aturar. Que mal te faz a tua filha? O homem lá disse que o costume dos pintores é fazerem isso.

– Isso quê? – ululou Joaquim.

– Ele como disse? – perguntou a Sr^a Feliciana à filha.

– Eu sei cá ... – respondeu a menina com desabrimento.

– Que disse ele? – instou o pai. – Quero saber o que ele disse, senão vai aqui tudo com mil diabos! – e esbofeteava a mesa, fazendo dançar os pratos e o pichel.

– Disse que os pintores, acho que foi isto, quando viam raparigas, bonitas

– O quê?! – cortou ele, esbugalhando os olhos. – Quando viam raparigas bonitas

– Pintavam-nas para fazerem as santas – explicou a pobre Sr^a Feliciana, enquanto a filha enxugava os olhos alagados em lágrimas.

– Pois que vá pintar santas a casa do Diabo, esse tratante! – bradou o curtidor. – A minha filha não quero que ela ande pintada em painéis! – E voltando-se para a esposa com um sorriso denegrado pelos dentes e pela raiva, rouquejou: – Tu és uma besta! Não percebes nada! Ainda não adivinhaste que esse borra-botas te quer namorar a filha!

– Anjo bento! Ó língua danada!, cala-te, que estás a meter no Inferno a tua alma! Olha o pobre do homem, que está sempre lá metido com a sua vida; até por sinal me disse o sacristão que ele não queria saber de mulheres

– E para que foste tu perguntar isso ao sacristão? Que te importa a ti se

– Foi a conversarmos a respeito de ele não querer casar com a Emília do Pascoal.

– Fias-te em boas! Ele, que não tem onde caia morto, não quis casar com uma rapariga que há-de ter os seus dez ou doze mil cruzados pra riba, que não pra baixo! Sempre és muito tapada, Feliciana!

– É o que me contou o sacristão ... Sabes tu que mais, Joaquim? – retorquiu energicamente a ofendida esposa.

– Trata das bombas, que é ofício leve, e deixa-nos em paz e sossego. Se a tua filha se meter no convento, depois queixa-te... Olha, eu aturar não te aturo. Pego em mim, e vou para onde ele for.

– Então achas direito –olveu ele mais aplacado pela arrogância da ameaça –, achas direito que o ourives te namore a filha?

– E ele a dar-lhe e a burra a fugir, e ela importa-se tanto com ele como com o tenente da cinta fina que tu dizias que a namorava; e mais fizeste à conta disso um escarcéu, em términos de querer mandar bater no homem. Olha, trata lá dos curtumes, e não te metas nestas coisas. Eu cá estou. Não chores, Teresa. Come um bocadinho de marmelada, filha. Estás em jejum natural. Anda, come, menina.

– Não posso – soluçou ela, mais dolorida pelos afagos. – O que eu quero é ir para o convento, quanto antes.

– Vês o que tu fazes? – dizia a mãe voltada para o marido. – Vês? Aí tens! Não tenho senão esta filha ... e este maldito homem quer-me dar cabo dela! – E pegou a chorar com grande berreiro.

Nisto ouviu-se um gemer soluçante a distância. Era a cozinheira, que também levantara um pranto cheio de notas consternadas, formando tudo uma desarmonia lúgubre, que espavoriu Joaquim Pereira. Devia ser desabrida a sua dor, como a cólera dos blasfemos, quando se ergueu de salto, e desceu para o armazém, vociferando:

– Má raios os partam!

*

A criada, que chorava, era da criação da menina, andava sensibilizada pelo amor do anspeçada e tinha as condolências próprias do coração adoentado pelos desfalecimentos da ternura. Muitas vezes, confidenciando os seus zelos magoados à ama, lhe dizia que não amasse nunca, porque o amor, se dava horas boas, dava outras levadinhas levadinhas da breca. E então contava-lhe os mistérios da paixão, os infernos do ciúme e as ingratidões dos homens. Exemplificando estes casos funestos, dizia-lhe que apanhara com a boca na botija o seu anspeçada, conversando, na Rua da Carrapatoza, com a criada grave das fidalgas do Cano. E colhia duas lágrimas no avental, ao qual se assoava juntamente.

Depois que o patrão desceu para o armazém praguejando, a Caetana entrou na casa de jantar para unir os seus prantos aos da família. A menina contou-lhe o caso do retrato, a mãe ajudava a filha, e a moça, sentada de cócoras entre as duas, ora abria a boca e abanava a cabeça, ora se benzia e punha as mãos em atitudes aflitas.

– E o retrato, minha mãe? – perguntava Teresa. – A gente não o pode ter, porque o pai é capaz de o rasgar.

– Pois é, é... – obtemperou a Sr^a Feliciano. – Bem me custa, filha; mas não o quero cá. É preciso mandar-lhe dizer que o não mande.

– Vou eu lá – disse Caetana.

– Pois quem há-de lá ir senão tu? – disse a ama velha

– Amanhã, quando fores às compras, vai lá da minha parte, e dize-lhe que não mande o retrato da menina, porque houve bulha cá em casa à conta disso.

– Não digas assim – contrariou a Teresa. – O melhor será dizer-lhe que depois saberá a razão ... Parece mal falar-lhe na bulha que cá houve. O Guilherme há-de supor que o pai é um bruto.

– Ele é seu pai – disse Caetana –, mas, ó menina, que o leve o Manfarrico! Ele disse coisas que parecia que estava tocado da pinga!

– Então que é isso? – acudiu a Sr^a Feliciano, abespinhada –, você falta ao respeito ao seu patrão? Eu não quero cá esses atrevimentos. Olha que te ponho na rua!

– A senhora queira perdoar! Eu disse isto porque tenho pena da menina e mais da senhora.

– Pois sim; mas não se diz que o seu amo está tocado da pinga, ouviu? Ora vai-me fazer chá da Índia, que não me sinto boa. Vocês dão conta de mim! Veio agora também o cão-tinioso do ourives dar-me que sofrer!... O Diabo arma-as!

*

Joaquim Pereira, voltando à noite, desforrou-se na ceia e recolheu-se ao tálamo com a esposa. Aí, amarrando na cabeça um lenço de paninho de Alcobaca, cruzou as pernas como um abencerragem no flácido colchão e tirou do peito, à mistura com os arrotos do alho do bacalhau, as seguintes expressões:

– Mulher, é preciso casar esta rapariga com o tio Manuel do Porto.

– Tomara eu, homem. Isso era uma pechincha, se ela quisesse – dizia a Sr^a Feliciano espulgando uma meia.

– Sabes o que eu fiz esta tarde? Fui pedir ao confessor da pequena que a obrigasse a casar com o tio. E vai o tal fradinho da mão furada que me há-de responder? Que não se metia

nesses arranjos; que ninguém devia aconselhar uma menina nova a casar com um velho, porque era desgraça e tal *et coetera*. Vês tu que jóia é o frade? E tu a mandares-

lhe jeropiga e pastéis todos os meses! Se a rapariga lhe disser que quer casar com um menino bem maroto, isso então muda de figura... A religião foi-se, mulher! Já não há temor de Deus. Não quero que a Teresa se confesse mais ao franciscano, Ouviste?

– O fradinho bom é, homem! – contradisse a esposa insecticida. – A falar pelo direito, a nossa filha, que é uma lindeza, casada com teu irmão, não sei o que me parece! Ora faze de conta que ela pegava a doudejar com homens lá no Porto?

– O quê?, a doudejar? – acudiu Joaquim, fazendo uma corveta na cama. – Doudejar com homens, ela! Meu irmão arrebetava-a com dois pontapés na barriga. Tu então estás a ler! Não sabes que fígados ele tem. Da primeira mulher deu ele cabo com uma tranca, por causa dum caixeiro. Moeu-a, e ela ... esticou.

– Tu nunca me contaste isso! – disse a Sr^a Feliciano com pavor.

– Pois sabe-o agora.

– Olha se eu dava a minha filha a esse Herodes! Credo!, que vá casar com o Diabo que o leve, Deus me perdoe!

– Adeus, minha vida, que elas armam-se! – retrucou o marido, iracundo. – Se meus ralar prá cama, vai-te deitar com a filha, e deixa-me.

E coçava as pernas com frenesi, como se o sangue alvoroçado lhe fizesse brotoeja.

– Lá por isso não te aflijas, que eu safo-me já – disse ela de repelão; e, levantando do sobrado a troixa do vestido e do saiote, saiu com grande velocidade e um rijo bater de chinelas nos calcanhares.

Quando entrou no quarto da filha, ainda lá estava Caetana.

– Não o posso aturar – disse a esposa expulsa, atirando a troixa para cima de uma arca. – Venho dormir contigo ... Estiveste a escrever? – perguntou ela, vendo um tinteiro de chifre desenroscado sobre a mesa com uma pena de pato ao lado.

– Foi a Caetana que me pediu se lhe escrevia uma carta à mãe para a vir buscar no Natal.

Feliciano contou à filha o caso hediondo do assassínio da mulher do tio com a tranca por causa do caixeiro. Deste modo fazia a Teresa a revelação de um adultério e fermentava-lhe no espírito virginal a compreensão da culpa e do castigo. A imagem truculenta do tio Manuel do Porto apareceu-lhe em sonhos, e o meigo sorriso de Guilherme alvoreceu-lhe o despertar com as alegrias de uma revoada de andorinhas que chilreavam no beiral do telhado.

*

Ao outro dia, quando o artista abria a porta da sua oficina, já Caetana o esperava no pátio. Disse ela que era criada da Sr^a Teresinha de Jesus.

– Ah!, vem buscar o retrato? – perguntou ele, receoso de que lhe não dessem tempo a tirar cópia.

– Nada, não venho – e entregou-lhe uma carta. – E a menina que manda isto.

O ourives rasgou o papel à volta do quadrado de obreia vermelha que media polegada e meia e leu isto, que não vai textualmente ortografado:

O meu retrato deixe-o lá ficar para se não esquecer de mim. Desejo muito ter o seu para o ver a todas as horas, e morrer com ele ao pé do meu coração. Domingo espero vê-lo à missa dos carmelitas. Eu vou para o altar de S. Francisco. Desta que só por morte deixará de o amar. – T.

Não é o estilo das meninas que extasia as almas sinceras. Um coração em flor compraz-se nos delitos gramaticais da mulher adorada. Os homens que se encantam

com retóricas, e preferem uma engenhosa metáfora a uma ingénua tolice, são os que têm verdete no coração em resultado das oxidações, das ferrugens que lá se formaram pelas lágrimas das primeiras paixões. Guilherme recebia, pela primeira vez, um bilhete de amores, e deletreava aqueles caracteres com a reverenciosa adoração de Moisés quando lia as Tábuas da Lei. Queria responder logo; mas sentia-se obtuso: porque as surpresas das felicidades desta espécie entupem. Caetana, encostada à ombreira da porta, meio dentro, meio fora do gabinete, impunha-se o dever de estar só por metade na companhia de um rapaz: era um preito a si mesma e à fé jurada ao anspeçada. Guilherme mandou-a entrar e sentar-se. Ela respondeu que estava bem e que não podia demorar-se porque tinha de levar o pão para o almoço dos amos.

– Se quer responder à carta, responda – disse ela –, que eu vou às compras e volto logo por aqui.

Foi; e, entretanto, Guilherme escreveu coisas que eu não vi nem já agora seria capaz de conjecturar. Devia de ser aquela carta a alvorada de uma aurora de Junho: flores, aromas, gorjeios, murmúrios, brisas. As brisas são posteriores, agora me lembro: começaram a bafejar os poetas portugueses quando Garrett as trouxe de França em 1832. Antes disso eram termo de náutica. Os românticos é que exploraram todos os elementos para serviço e culto das damas. Hoje, portanto, é talvez impossível concertar com frases de 1822 uma carta de amor como a poderia escrever o sentimental Guilherme à filha de Joaquim Pereira.

Como quer que fosse, estabeleceu-se a correspondência de três em três dias; e, ao cabo de três semanas, Teresa de Jesus escrevia-lhe muito aflita contando-lhe que o pai teimava em a casar com o tio Manuel.

Guilherme confidenciara ao cônego, seu parente e amigo único, a história do seu coração, desde que principiou a retratar de memória a peregrina moça. O padre Norberto de Araújo assistira à miraculosa aparição de Teresa na tela e dizia que o amor fazia coisas sublimes e coisas infames. Nas sublimes arrolava aquele retrato e nas infames metia os casos eróticos dos seus colegas. Conhecia as canas de Teresa e confiava nos intuitos honestos de seu sobrinho. Não queria o ourives que se lhe falasse na riqueza da noiva; porém, o beneficiado era de parecer que o dote lhe não prejudicava as outras qualidades excelentes. Tinha dito que, amadurecidos os frutos do amor, isto é, convencidos os namorados da solidez da sua mútua simpatia, iria ele mesmo pedi-la a Joaquim Pereira. À vista da última carta de Teresa, o cônego, apressurado pelo sobrinho, procurou o surrador na fábrica, chamou-o de parte ao escritório e fez-lhe um preâmbulo comprido e fundo de mais para a capacidade do ouvinte. Afinal, ao entrar na matéria, o surrador, que o percebeu, interrompeu-o com bruta cólera:

– Ora, Sr. Cônego, sabe que mais? Bolas! Adeus, meu amigo, temos conversado. – E virava-lhe as costas.

– Que resposta é essa, Sr. Joaquim?! – disse o prebendado. – Isso são maneiras? Vossemecê cuida que está tratando com algum lagalhê? Olhe que eu sou o cônego Araújo. Comigo não se brinca.

– Nem comigo! – retrucou o surrador com um sobrecenho democrático precursor dos grandes ares que hoje em dia entumecem os curtidores de Guimarães. – O que quer então Vossa Senhoria.? Vem cá com essa asneira, e queria que eu o tratasse com toda a política, hem? Pois o senhor cuidava que eu estava aqui a trabalhar há quarenta anos para ganhar dinheiro para o tal ourives? – E, metendo as mãos nos sovacos, prosseguiu alteando o peito e sacudindo a cabeça. – Ouça lá o senhor! Um pai tem uma filha, que há-de ter um bom dote para o marido que o pai lhe escolher; mas um banazola dum oficial de ourives quer-lhe a filha e o dinheiro; e vai o pai pega na filha e no seu trabalho de quarenta anos e dá-lhe tudo. «Pegue Lá, seu pedaço d'asno, aí tem a minha

filha e o meu dinheiro! Gaste-o à vontade!» Que me diz o senhor a isto? E direito?

A indignação sufocava-o, e abafá-lo-ia, se não resfolegasse por frases que não são justamente a eloquência dos pais das comédias mas que são a nua e estreme verdade do direito dos pais rústicos e dos pais instruídos.

O padre Norberto gaguejou expressões que o industrial não ouviu, porque, bufando e coçando a cabeça às mãos ambas, andava e desandava com frenética inquietação na quadra do escritório.

De repente, parou, dardejou ao cónego um olhar minacíssimo e exclamou:

– Se vejo rondar-me cá pela porta esse patife, vou ali fora com um estadulho e ponho-lhe as costelas num molho.

– Você não é capaz de lhe bater, Sor Joaquim! – replicou o cónego casquinando um froixo de riso zombeteiro. – A cadeia não se fez para os cães.

– Não sou? Pois diga-lhe que venha cá! – bramiu o progenitor de Teresa. – Sabe que mais? Rua!

– Cá vou – concluiu o padre. – Conversaremos.

O cónego ia afrontado, enxugando as camarinhas do suor que lhe aljofravam a púrpura das faces. Entrou no quarto de Guilherme ofegando e disse com espaçados intervalos de dispneia:

– A besta fez lá o diabo. Não te dá a filha e diz que te bate, se lá passares. Parecia um energúmeno; não fazes ideia. Berrava como um boi, e fazia uns trejeitos horríveis. É a mais baixa espécie de canalha que eu tenho visto. Eu ia preparado para a resistência: esperava questionar, e movê-lo afinal; mas não me deu ocasião a raciocinar. Destemperou logo de modo que eu, se não tivesse esta coroa e estas vestes, respondia-lhe com dois bofetões quando ele me mandou pôr na rua.

– O que eu lhe fiz sofrer, meu tio! – disse Guilherme com afligido gesto. – E que fará ele agora à filha!

– É no que eu vinha cismando; mas chegaram as coisas a termos que não há que esperar nada de panos quentes. Aqui agora é meter a cabeça e ir para diante, ou desistir do casamento. Queres casar ou desistes?

– Se meu tio tem de sofrer mais dissabores, desistirei, embora a paixão me mate.

– Os dissabores que eu havia de passar, passei-os. Fui muito ofendido na minha pessoa e na minha dignidade. Eu ia pedir-lhe a filha para ti, que és um rapaz honrado; e ele repeliu-me corno se eu lhe fosse propor uma infâmia. Se o selvagem me respondesse que não, em termos hábeis, eu respeitaria o seu direito, e dir-te-ia que o respeitasses também; mas desde o momento em que ele nos insultou a ambos, jurei que havias de casar com Teresa, se ela sustentasse a palavra. Portanto, é decidir.

– Meu tio já decidiu. Ainda que ele nada lhe dê, eu trabalharei em dobro para nos sustentarmos.

– Onde tu não chegares, chego eu; mas vocês têm de fugir, porque a rapariga é menor, e as leis são rigorosas com os raptos. Tu tens um parente em Zarza, na Espanha; é meu irmão Pedro, que lá casou e vive abundantemente. Vocês vão daqui recebidos; isso por força; a minha consciência há-de ficar sossegada pelo que respeita à legitimidade da vossa união; escrúpulos em matéria de sacramento eu os abjuro. Confio em um vigário que os case clandestinamente. Depois, passam a raia e seguem para a Estremadura espanhola. Tu lá com os meios que eu te der e com a habilidade que tens podes abrir loja de ourives e viver confortavelmente pelo teu ofício, até que teu sogro se reconcilie. Ou isto, ou nada.

– Pois seja assim! – disse Guilherme Nogueira sem aquela veemência dos corações alucinados.

Olhou em volta de si com um semblante mortificado. Parecia estar já sentindo

saudades do seu laboratório, dos utensílios que o serviam nas suas serenas horas de trabalho. Olhou para os quadros, e deteve-se a contemplar o retrato de Teresa. Carecia de animar-se e convencer-se de que a formosa menina merecia que ele se privasse dos sossegos desambiciosos do artista e se abalançasse às perturbações e ao desterro. Não era escassez de amor aquele antagonismo que lhe punha a alma em dolorosa perplexidade. Era o hábito da solidão, era a fantasia, a formidável, a pior rival das mais adoradas mulheres.

O cónego parece que não tinha a experiência pessoal daquelas lutas interiores. Estranhou-lhe a frieza e perguntou-lhe se estava triste com a ideia de fugir.

– Triste... sim. Custa-me a deixar meu pai, que não tornarei a ver. Quase que passei a minha vida neste quarto... Tudo isto me faz... pena...

– Então, Guilherme, deixa-te estar – atalhou o cónego –, cuidei que amavas apaixonadamente Teresa, por isso me prestei a coadjuvar-te. Faze de conta que nada feito. Se podes ser feliz sem ela...

– Feliz!... Nem com ela nem sem ela, meu tio.

– Essa é boa! Vão lá entender este esquisito homem!

Ainda esta manhã me falavas em morrer por ela... Que contradições, que incoerências!

– Olhe, meu tio, eu não me desdigo... Posso morrer por ela... mas não desejo a vida que ela me pode dar sacrificando-lhe meu pai e a minha reportada pobreza nesta oficina.

– Bem – tornou o cónego, menos maravilhado do amor filial do moço que espantado da sua versatilidade. – Não falemos mais nisto. O casamento convinha-te, se a noiva viesse, a beneplácito do pai, da igreja para aqui, com o seu dote...

– Não me diga isso! – interrompeu Guilherme. – Eu teria menos dificuldade em desamparar meu pai e desterrar-me se ela fosse tão pobre como eu. Ninguém foge com as mulheres pobres... Toda a gente dirá que eu arrebatei uma rapariga como quem rouba uma esperançosa herança...

Neste momento batiam com precipitação à porta e chamavam Guilherme. Era a criada de Teresa de Jesus. A esbaforida Caetana titubeou quando viu o cónego.

– Pode falar – disse Guilherme.

– A menina não pôde escrever-lhe e manda-lhe dizer que o pai deu ordem para estar pronta depois de amanhã, que vai para o Porto. Acho que a vai meter num recolhimento ou vai casá-la com o monstro do velho. A Sr^a Feliciano está a chorar e o patrão anda a barregar e a fazer espantos pela casa que é mesmo um horror da morte! A menina já disse que se mata, se o pai a levar. Ai!, que inferno lá vai em casa! Caramba!

Guilherme olhou para o padre. O cónego encolheu os ombros, estendeu os beiços, abriu os olhos e disse:

– Eu não digo nada... Lavo as mãos. – E fez o trejeito de Pilatos.

Guilherme, que não queria tratar o novo assunto diante de Caetana, disse-lhe que viesse de tarde contar o que se houvesse passado, e então levaria uma carta à menina.

– Escreva-lhe ao menos duas palavras para a sossegar, Sr. Guilherme... – pediu a criada.

O artista sentou-se à banca, pegou da pena e, com a mão trémula e fria, escreveu:

Teresa: conta com o meu amor e com a minha vida. Se por minha causa fores desgraçada, morrerei.

E mostrou o bilhete ao cónego, que lhe observou:

– Vê lá o que fazes, Guilherme!... E se ela te entrar por aquela porta dentro?

– Isso quer ela! – afirmou Caetana. – Já me disse que foge, passado amanhã, assim que for noite. O senhor conte com isso, senão ela é capaz de tomar rosalgar.

Guilherme apertou a fronte nas mãos, curvou a cabeça e murmurou:

– Que fatalidade! – Depois levantou-se de golpe e disse com resolução à criada: – Entregue-lhe a carta e venha dizer-me as tenções da sua ama, logo que puder.

A criada sofraldou a saia e desatou às carreiras com grande alegria; mas, como encontrasse o anspeçada, pôs a mão na cintura, assentou o pé de esconso mostrando a chinela amarela, pôs-se a trincar a ponta do lenço azul e abriu colóquio de amores e ciúmes por causa da criada grave das fidalgas do Cano. E, querendo confundir o ingrato amante com um exemplo de amor de raiz, contou-lhe que a sua ama ia fugir para a companhia do ourives e que ele era tão amigo dela que até por sinal lhe escrevera a dizer-lhe que se piasse. E mostrou a carta fechada.

– Olha o milagre! – disse o anspeçada. – Tomara eu que as moças que abezam chelpa quisessem fugir comigo! O ourives então apanhou a franga, hem? Que grande maroto! Pechinchou, sim, senhor. O velho há-de dar urros quando souber que a pequena se pirou.

*

Entretanto, dizia o cónego a Guilherme:

– Se ela fugir, não pode entrar nesta casa sem ser tua esposa. Todas as paixões de origem nobre se coonestam por actos religiosos. Grite embora o mundo; mas purifique-se a paixão. Deus está na consciência. Eu figuro nesta cena; e portanto quero sair dela segundo o meu carácter sacerdotal. Primeiro vou prevenir minha irmã de que Teresa de Jesus irá para sua casa. Depois vou escrever ao vigário de Ronfe para que vos dê lá as bênçãos. Quer-se-me cá meter na ideia que o Joaquim Pereira, em sabendo que vocês estão legitimamente casados, não te persegue judicialmente, e afinal ficas em Guimarães, com a tua família, e mais hoje, mais amanhã, fazes as pazes com o sogro, e estás aí rico e feliz, trabalhas quando quiseres como divertimento, e alguma peça que queiras vender hão-de pagar-ta pelo que tu pedires. Ganha alento, rapaz! Parece que não tens o sangue dos vinte anos! Olha como ela está olhando para nós tão meiga e apaixonada! – E apontava com a bengala para o retrato.

*

O cónego saiu e Guilherme subiu ao quarto de seu pai, que estava doente.

– Há tanto tempo que me não vieste ver, Guilherme!

– disse o velho. – Esteve contigo o cónego?... Parece que choras?. Que tens, filho?... Aquele retrato... aquele retrato!... Todos amam, toda a gente tem a sua época de loucura; mas... amor que faz tristeza..., melhor fora que o não encontrasses, meu filho... Ao princípio vi-te mais alegre, passeavas, trabalhavas com satisfação... Depois, assim que começaste a escrever-lhe, caíste num abatimento impróprio dos teus anos; e, afinal, agouro-te grandes desgostos. O pai decerto não ta dá, e eu tenho a certeza de que um meu filho é incapaz de casar com uma menina contra vontade de seu pai...

Guilherme, com as lágrimas no rosto, pegou da mão do velho, beijou-lha inclinando-se-lhe sobre o peito e disse, soluçando:

– Vou-lhe confessar tudo, meu pai...

Referiu todos os sucessos ocorridos naquele dia, desde a ida do cónego a casa do Joaquim Pereira até ao bilhete que ele enviara a Teresa de Jesus. O pai ouviu-o e murmurou com a voz serena, mas com o coração traspasado:

– Não te amaldiçoo; para tua desgraça, será bastante o ódio do mundo. Devias ter-me dito a mim o que disseste ao padre Norberto. Aconselhou-te mal, porque a sua mocidade foi má e não pagou o mal que fez. Devias consultar aqueles que caíram nos barrancos dos caminhos infamados. Consultasses teu pai, que até aos vinte e cinco anos dissipou a saúde e os bens; daí em diante fez penitência no trabalho e na pobreza; aos quarenta mereci que Deus me desse tua mãe; e quando ela me deixou contigo nos braços, pedi-lhe que te deixasse a ti o seu bom coração. Não chores agora, que não remedeias nada. Pede a Deus coragem para quando te vires em grandes trabalhos.

Descansou um pouco e prosseguiu:

– Não te ficaria mal escrever a essa imprudente menina a pedir-lhe que não fuja de sua casa. Se és capaz de o fazer, és homem de bem. Se ela por isso te aborrecer, acharás indemnização na tua consciência. Podes fazer isto?

– Posso, meu pai – disse Guilherme afoitamente.

– Pois então, abençoado sejas! E se, para a esquecer, precisas distrair-te, na gaveta pequena daquele contador estão vinte moedas, vai até à corte, tens lá muito que ver em artes, e volta quando te chegarem saudades do teu buril e do sossego da tua vida passada.

Guilherme desceu ao seu quarto heroicamente. Ia cheio da coragem de Eneias; mas faltou-lhe Mentor que o atirasse de chofre às vagas. Assim que abriu a porta, o retrato de Teresa pôs-lhe uns olhos tão suplicantes que ele sentiu-se vexado da sua pusilânime ingratidão. Sozinho, em frente dela, parecia-lhe amá-la em dobro; volvia àquele amor, sem esperança e por isso mais intenso, dos dias em que a retratara. Escrever-lhe a carta, como o pai lhe pedira, figurava-se-lhe agora uma vilania. O homem era desgraçado porque era fraco. Nem tinha uma razão rígida nem sentimentos poderosos. As suas grandes faculdades eram abstracções e fantasias. Agora entre sacrificar o coração ao pai ou o amor filial a Teresa, nem tinha severas virtudes de filho nem fortes energias de amante. Marasmara-lhe a alma a sua própria actividade, estranha às correntes naturais da vida exequível. Havia de ser muito infeliz quando o peso da realidade o não deixasse exceder o nível dos contentamentos pautados pela razão.

*

O anspeçada, cõnscio da missão de Caetana, posto que ela lhe recomendasse segredo, logo que se apartaram, foi ao Rossio do Mestre-Escola, entrou na loja do barbeiro Anselmo e contou que a filha do Joaquim dos Coiros fugira com um ourives mágico da Rua das Donas. (Chamavam dos Coiros a Joaquim Pereira em razão da sua indústria.) Dali passou à Rua de Alcobaça e disse a um sapateiro que os vira fugir às quatro horas da manhã, cada um em seu macho.

Duas horas depois, por toda a vila e extramuros de Guimarães grassava a notícia de ter fugido Teresinha, a rica e linda herdeira da Rua dos Fornos, com o Guilherme Nogueira. Uns diziam que para Lisboa, outros para a Galiza; mas já havia quem os tivesse encontrado em Santo António das Taipas, caminho de Braga.

Joaquim Pereira tinha bastantes inimigos que o lastimassem, e a Sr^a Feliciania também tinha as suas relações. Três senhoras da Rua das Pretas, proprietárias rurais e fabricantes de colchas, de alcunha as Palaías, assim que souberam o caso funesto, vestiram-se de sarja e foram visitar a infeliz mãe. Da Rua Sapateira também saiu no mesmo propósito, com aspeito mortuário, o Sr. Francisco Pote com sua mulher e filha. Dos grupos que se apinhavam nas Praças do Toural e da Oliveira destacavam pessoas das relações de Joaquim Pereira a ir dar-lhe os pêsames, e pelo caminho iam vociferando contra o corregedor e juiz de fora, que não mandavam quadrilheiros à cata

do raptor. Esta gente escandalizada chegou quase simultaneamente à porta do surrador, e entrava no pátio em silêncio, dizendo entre si à surdina expressões condoídas pela sorte daqueles desgraçados pais.

Bateram à porta de mansinho. Uma das Palaias asseverava que ouvia gemer. A esposa de Pote parecia-lhe que ouvia cantar a moça.

Caetana abriu a porta. Viu aquele povoleu no pátio e foi dizer à ama que eram as Palaias e mais o poder do mundo. Felicianiana assustou-se e mandou entrar para um salão decorado

com boa mobília de jacarandá e rimas de coiros prontos para embarque.

Entraram as famílias a passo surdo e fúnebre na sala. Joaquim não estava em casa. Apareceu Felicianiana com assombrado rosto. As suas amigas da Rua das Pretas acercaram-se dela com as caras compungidas, abraçaram-na uma por cada vez, em silêncio, e depois disseram todas de pancada:

– Tenha paciência, Sr^a Felicianinha...

– Desgraçado de quem nas tem! – disse o Sr. Francisco Pote, pai de família, que era sogro de um segundo-sargento que lhe arrebatara uma filha. – Desgraçado de quem nas tem, Sr^a Felicianiana! – repetiu ele, amaciando o pêlo arrepiado do chapéu alto com o cotovelo.

– Quem diria!, uma menina tão rezadeira! – acrescentou uma das Palaias. – Quem diria!...

– Quem diria o quê? – perguntou a dona da casa. – Se eu os percebo, sebo!

As três irmãs olharam-se com recíproco espanto e Francisco Pote olhou de esguelha para a esposa, que estava mais desviada, segredando à filha mais velha:

– Olha que bons trastes de pau-santo têm estes brutos debaixo dos coiros!

Felicianiana, como ninguém respondesse à sua pergunta, voltou-se para todos a um tempo e interrogou:

– Que diabo de história é esta, Deus me perdoe? Tanta gente! Parece que morreu aqui alguém!

– A mim disseram-me... – tartamudeou Francisco Pote.

– E a nós também ... – ajuntaram as Palaias.

– Que lhe disseram? Desembuchem! – atacou a mãe de Teresa.

– Que a sua filha tinha fugido – responderam duas vozes.

– Que a minha filha tinha fugido? Oh!, que almas danadas tem Guimarães! – E voltando-se para dentro, bradou: – Ó Teresa!, ó Teresa!, vem cá dentro mostrar-te a esta gente!

– Melhor foi assim! Quanto me alegre! Dê cá um abraço, minha Sr^a Felicianiana! – acudiu o Pote por entre um estrídulo vozear de alegres exclamações.

Ao mesmo tempo, entrava Teresa com jovialíssimo rosto e subia as escadas Joaquim Pereira, esbaforido.

Quando assomou à porta e viu tanta gente, o surrador bradou:

– Cá está a mesma pouca-vergonha, não querem ver vocês?! Venho a fugir da fábrica. São os meus inimigos que espalharam esta patifaria. Um magote de pessoas a dizer-me que a minha filha fugiu esta madrugada! Os meirinhos a perguntarem-me se eu quero que eles a vão prender a Braga! E a minha filha aqui! Ó senhores!, eu dou cinco moedas de ouro a quem me disser quem foi que espalhou esta peta! Dou dez, dou dez moedas de ouro!, quero levar à forca o ladrão ou a ladra que pôs a boca em minha filha!

E, voltando-se para Teresa, prosseguiu:

– Rapariga!, não queiras estar nesta terra de brejeiros! Depois de amanhã vamos para o Porto, está decidido; mas amanhã hás-de passar o dia no Largo do Toural; quero que toda a gente te veja na janela de tua tia Rosa!

– Não se apoquente, meu pai! – atalhou Teresa. –Deixe-os falar! Que me importa a mim o que diz a canalha?

– Nem todos são canalha, minha Sr^a Teresinha! – observou Francisco Pote, ofendido pelo gesto de desdém com que ela relançou a vista ao grupo das visitas. – Eu vim cá e mais a minha família cumprir um dever de política.

– Ora adeus! – contraveio o surrador. – Não entendo essas políticas.

– Se vossemecê não entende – retrucou o Pote –, isso é outro caso. Ninguém nasce ensinado. A política manda isto; ora agora...

– Ora agora o quê? – replicou Joaquim Pereira. – Olhe, Sr. Francisco Pote, eu de políticas entendo que o melhor é cada qual meter-se com a sua vida. Vá com esta.

– Boa asneira fiz eu em cá vir, é o que se segue.

– Fez, e não vá sem resposta – concluiu o surrador –; olhe se se lembra que eu, quando a sua filha fugiu com o segundo-sargento, não fui a sua casa. Importa-me lá que as filhas dos outros fujam, nem que as leve o Diabo?!

SEGUNDA PARTE

Depois que as visitas saíram despedidas com a mais original ingratidão que tenho divulgado em letra redonda, Joaquim Pereira dirigiu à filha palavras extraordinariamente meigas. A menina pintava-se-lhe uma criatura exemplar, logo que, podendo ter fugido como se espalhara, não fugiu; antes pelo contrário, se mostrava satisfeita com a ida para o Recolhimento portuense de Nossa Senhora, que depois se chamou de S. Lázaro, e naquele tempo era um proscénio obscuro de farsas e tragédias que eu bosquejei na *Filha e Neta do Arcediogo* quando fazia a história dos cabidos do meu país. Animou-se a falar-lhe ainda no tio Manuel, sem atender aos cotovelões disfarçados que a esposa lhe atirava; e a menina, com a mais capciosa indiferença, não se denunciava alegre nem triste pela pertinácia do pai.

Assim que pôde esconder-se para escrever, Teresa de Jesus deu trela ao coração, traçando com firme pulso o plano da fuga, a hora, a ocasião, os pormenores, tão confiada na felicidade que dava ao amado como disposta a remover pela energia ou pela dissimulação todos os tropeços.

Formara-se de improviso aquela condição viril e temerária. As suas crenças religiosas, feitas no confessionário, eram superficiais, sem bases sólidas de raciocínio, tecidas das formidáveis bagatelas que um raio de luz inteligente, ou um sentimento forte da personalidade, desfazem sem deixar sequer como resíduo as santíssimas coisas que Jesus Cristo ensinou para dirimir as péssimas que os rabis ensinaram. A Teresa bastou-lhe o amor humano para que, de improviso, se lhe esfriasse o calor artificial em que a flor do divino amor se abria não espontânea e bela, mas forçada e fenecida ao lume dos castigos materiais. O seu confessor era bom, era misticamente instruído como o maior número dos melhores frades da ordem seráfica; mas não sabia recomendar de outra maneira o amor de Deus. Encarecera-lhe a bem-aventurança dos que renunciam aos bens do mundo e se absorvem na contemplação de delícias incorpóreas. Influía em um organismo de dezoito anos ideias que as almas abraçam agradavelmente quando a matéria cansada já não se revolta, se a imolam ao espírito. Aconteceu, porém, que os dezoito anos de Teresa de Jesus exuberavam sangue rico de glóbulos rubros, uma estrutura nervosa bem tecida e vitalizada nas rijas fibras que herdara da mãe sanguínea e do pai possante – um casal de minhotos duros, com o pulso de aço e estômago de diamante. Nos elementos da educação religiosa que lhe incutiram, a submissão aos pais era a mínima parte do catecismo; porque o principal dever que lhe insinuaram havia sido a submissão de Kempis, o exalçamento da alma às aspirações do Céu. Ora quando os primeiros estremecimentos de uma força involuntária lhe impulsaram os olhos embelezados no rosto de Guilherme, as iriadas nuvens que lhe envolviam o sol místico da vida eterna rarefizeram-se; e ela, em vez de achar um Deus, encontrou um homem. E, como entre Deus e seus pais a mal explicada religião lhe não intermetera deveres, Teresa, afeita a amar a Deus estreme de submissão aos pais, entendeu que não carecia do beneplácito deles para amar um homem. Isto não seria um raciocínio de primeira força; mas era muito pior, porque vinha a ser a primeira força dum raciocínio – trocadilho que, por ser desprezado, faz que muitos pais troquem os pés pelas mãos.

*

A carta de Teresa de Jesus chegou no momento em que o ourives punha a sua ternura de filho em uma das conchas da balança e na outra o seu amor de namorado; porém, na segunda concha, quando ambas se equilibravam ouro fio, caiu um excedente

de peso: eram as lágrimas. Esta fragilidade, devo pois de haver prometido ao pai haver-se honradamente, atormentava-o; e, além disso, vexava-o a vergonha da sua fraqueza feminino perante a mulher forte que varonilmente lhe dava exemplo das paixões decisivas. Uns brios, que então movem a vaidade, são mais violentos que o amor. Todo homem tem parte dos cavaleiros das antigas novelas; se não expõe a vida no passo defeso em honra da sua senhora com a lança no riste, sacrifica-lhe o pundonor, o sossego e a felicidade. Se ainda há estímulo a heroísmos perigosos, é a mulher Estive quase a escrever: é o dinheiro; mas eu, quando penso em assuntos amorosos, tiro vinte anos à minha vida como quem tira vinte bagos sorvados de um cacho de uvas; depois, transfiguro-me, refaço a sociedade como a deixei, e imagino que ela parou comigo.

No meu tempo amava-se muito. É por essa quadra de flores que a minha imaginação se esvoaça como a abelha à volta das corolas de um ramal de rosas. Sou do período dos aéreos perfumes; este agora é o dos sons metálicos. As almas então eram leves, voláteis, e vestiam-se com os raios prateados da Lua; hoje, ouço dizer que os corações estão pesados e retraídos dentro dos seus espinhos de ambição, cobertos de pomos de ouro como os ouriços-cacheiros no estrado das macieiras.

Minhas senhoras, Vossas Excelências não imaginam como suas mães foram amadas! Nós éramos românticos. Não tínhamos mais dinheiro que estes bancos rotos de hoje em dia; mas tínhamos papéis que valiam mais que os deles: eram sonetos. Estes sonetos é possível que não fossem muito boas acções; mas não enganavam tantas famílias como as bancárias. Um rapaz com seis pintos, uma lira de pinho de Flandres e alguns suspiros fazia conquistas de lágrimas: e quando ele passava, envolto no capote e no mistério, alta noite, a olhar para os terceiros andares, fazia desmaios de amor. Sei de casos lacrimáveis, que hoje fazem sorrir a geração nova, que nasceu com a alma oxidada como um pataco de D. João VI.

Entre 1846 e 1856, o amor no Porto era um contágio sagrado. Foi uma década que fez época. Os matrimónios, contraídos então, ainda hoje se distinguem na ternura com que a esposa obesa inclina a cabeça suavemente desfalecida na espádua derreada do esposo. Quando virdes, na tristeza dos cinquenta anos de um homem, algum relance de olhos em que lampeje revérberos a mocidade do coração, compadecei-vos dele. Esse homem é um *bouquet* murcho que, há pouco mais de um quarto de século, vaporava fragrâncias nos altares de várias pseudónimas. Ei-lo aí passa pelas veredas mais sombrias de uma sociedade que não conhece, nostálgico e trôpego como o velho urso de Henri Heine. Costumes, coisas, pessoas, tudo lhe foi arrebatado pela corrente turva da vida moderna: é um inundado sem recursos, sem bazar, sem nada.

Não me podem esquecer os prantos que se destilavam por ingratidões, ciúmes e bagatelas que levavam, há trinta anos, um rapaz ao suicídio ou à embriaguez. Larra, Poe, Musset e Espronceda eram os fanais satânicos dos nossos naufrágios. A gente não os lia, porque não tínhamos vagar; mas, se éramos desditosos, parece que os bebíamos. Fazíamos holocausto das próprias entranhas às perjuradas. Dava-se uma tal abnegação do *eu* que se escalavravam os fígados com absinto, exibiam-se as olheiras acobreadas e tossia-se diante da mulher amada com a dispneia dos derradeiros tuberculosos. E às vezes a tosse era simplesmente o pigarro dos maus charutos do Governo – de vintém. Desgrenhávamos os caracóis das nossas madeixas, escantoávamos a fronte no barbeiro e exibíamos fraudulentamente as grandes testas de Byron e de Vítor Hugo, que também só conhecíamos pelas testas litografadas. Sobretudo, o que a gente fazia quando andava infeliz no amor era chorar reciprocamente no seio dos seus amigos. Eu não me envergonho de ter derramado grandes pérolas de sentimento e de ter embebido em meus lábios outras não menores de uns sujeitos que hoje passam por mim com uma gordura tão vermelha que parece que o amor se lhes converteu lá dentro em paio do Alentejo. Ainda

assim, cabem aqui umas patéticas expressões de G. Sand no prefácio da *Lelia*: «Ne rougissons pas d'avoir pleuré avec ces grands hommes. La postérité, riche d'une foi nouvelle, les comptera parmi ses premiers martyrs.»

*

Das cinzas quase apagadas daquela sociedade é que eu tiro umas faúlhas que escassamente me alumiam as coisas do amor. Por isso antepus a todos os incentivos de heróicos infortútuos a mulher e concebi o artista de Guimarães apertado entre o estremecido seio do pai e o coração impetuoso de Teresa.

Neste conflito interveio o cónego Norberto de Araújo, que ajudou o instinto do mal a refrear a rebelião dos bons propósitos no ânimo de seu sobrinho. Insistiu na hipótese de que Joaquim Pereira perdoaria à filha logo que a sua paixão se honestasse pelo sacramento; e, por isso, dali a poucos meses ou talvez dias, Guilherme voltaria para Guimarães com sua esposa, rico e feliz.

Joaquim Pereira, no outro dia, acompanhou a filha ao Toural, a casa da tia Rosa, e recomendou-lhe, pela primeira vez na sua vida, que se deixasse estar bastante tempo na janela para cegar os seus inimigos que espalharam o boato da fuga. A menina, quando o pai saiu, agachou-se em cima de um capacho, meteu a cabeça no regaço e soluçou alguns minutos, até que a tia Rosa lhe disse que ia mandar chamar seu cunhado Joaquim, se ela não explicava o motivo de tamanha choradeira. Teresa enxugou os olhos, lavou a cara esbraseada e foi para a janela.

Aquelas lágrimas eram as mais sentidas que pode chorar uma filha. Saíra de casa com tenção de lá não voltar. Abraçara-se na mãe com ansiosa ternura, dizendo-lhe repetidos adeuses com ofegantes suspiros. A mãe, cuidando que Teresa chorava por ter de ir para o Porto e talvez para os braços homicidas do tio Manuel, dizia-lhe meigamente:

– Não te atrigues, moça, que isso a respeito de casares com teu tio ainda há-de ser o que disserem dois doutores. Eu cá fico para marralhar com teu pai; e, se Deus quiser, não vais para o Porto; mas hás-de prometer-me de mandar o pintor à tabua.

Teresa expedira um ai agudo – ais daquele tempo que ainda a tradição conserva no teatro de Guimarães –, beijou ambas as faces da mãe e saiu depressa para não ser instada a mandar o pintor à tabua. As lágrimas, como vimos, rebentaram outra vez quando viu desaparecer o pai, e uma voz interior lhe dizia – *para sempre*.

Depois, o ar fresco do Toural, o sol, que tem belezas desconhecidas a quem não ama, as fragrâncias da frondejante Guimarães em Junho, que fazem lembrar as alcovas perfumadas das noivas e coam doce letargia pelos nervos como as finas essências das açucenas e das violetas, enfim, o amor – não digamos mais nada –, o amor melhorou consideravelmente o espírito da menina.

Ao cair da noite, Teresa saiu da janela e disse à tia Rosa que ia ao quintal colher um ramo de flores para as suas santas. A velha tia estava a concluir o seu rosário: acenou-lhe que fosse, e deixou cair pelo cordão enebado uma conta enorme de jacarandá puída e amarelada de simonte. A sobrinha enrolou a mantilha de sarja, que deixara em lugar conveniente, e desceu ao quintal. Depois espreitou pela fechadura da porta que dava para a Rua dos Pasteleiros e viu dois vultos parados na envasadura da porta de uma casa fronteira. Um vulto era de mais no programa que ela traçara. Quedou-se irresoluta se abriria a porta; mas, neste comenos, ouvira e conhecera o andar do pai subindo as escadas. O medo do pai, a confiança que pusera na pontualidade de Guilherme e sobretudo a perspectiva pavorosa do tio Manuel apressaram-lhe a determinação de abrir a porta e esperar que os dois vultos se aproximassem e dessem a

conhecer.

Guilherme e uma mulher de mantilha abeiraram-se de Teresa. Ele ia trémulo como donzela que se estreia em encontros nocturnos na escura Rua dos Pasteleiros, que, em 1822, era apenas alumada por duas lamparinas que bruxuleavam piedosamente em dois nichos de alminhas santas: chamavam-lhes santas; mas, à cautela, os poucos transeuntes pediam por elas ao Senhor, na hipótese de que estivessem ardendo. Santas ou condenadas, não teriam aquelas almas senão motivos de admirarem a honestidade do artista quando viram Teresa caminhando ao lado da Sr^a D. Inácia Norberta, irmã do cônego – uma senhora com cinquenta primaveras tão sem mácula como os lírios brancos e tão respeitada das más-línguas que até as vizinhas lhe chamavam tola pelo excesso da sua antipatia com pessoas do sexo oposto e fedorenta pela rabugice com que roía na reputação das senhoras amigas de amar sujeitos para fins honestos. Um pouco mais atrás ia Guilherme, com uns ares de vendido e um semblante pasmado que eu me esquivo de adjectivar, porque, se ainda mal que pertenço a uma geração corrompida, conservo-me aquém da protérvia de injuriar com chalaças a cândida alma daquele rapaz.

A Sr^a D. Inácia morava na Rua da Arrochela. Havia espaço para os dois noivos exprimirem com frases cortadas de suspiros a sua recíproca felicidade. Não trocaram duas palavras; pareciam dois casados ao cabo de seis meses; tocavam-se pelos extremos, como diz o provérbio; mas não tocaram um no outro, como ordena a moral.

Quando chegaram a casa, encontraram um terceiro personagem no pátio: era o cônego Norberto. A irmã entrou esbofada e disse «que o suor lhe pingava pelas costas abaixo». Transpirava-lhe o corpo e a virtude; porque todo o seu afã era evitar, apertando o passo, que o mancebo não abusasse, antecipando ao matrimónio algumas finezas que lhe pesassem a ela na consciência.

– A Cascais, uma vez e nunca mais... – disse ela ao irmão. – Meteu-me em boa, mano cônego!

– Então que foi? Viu-as alguém? – perguntou o padre.

– Ninguém conhecido – disse o artista.

– Subam, que eu vou montar a cavallo imediatamente, e prevenir o abade de Ronfe – tornou o cônego.

– Subam!, quem? – perguntou Norberta. – O Guilherme não sobe. Não pode subir enquanto não for legítimo esposo desta menina. Amigos, amigos, negócios à parte. Rabos de palha não os quero.

Estavam às escuras no pátio como se a cena se passasse dentro de um tonel. Teresa de Jesus, aderente pelo ombro à espádua roliça de D. Inácia, abria os olhos quanto podia a fim de achar na treva o vulto de Guilherme, enquanto ele não estremava a sua escuridão interior da de fora. Se via alguma imagem, era a do pai, a pesar-lhe na alma como um remorso. Aquele esquisito sofria as tribulações do tardio arrependimento. A luz do amor era-lhe como a Lâmpada do mineiro que se apagou no momento em que o veio de ouro lhe apareceu. Os homens assim são raros; e, quando os cenóbios acolhiam os foragidos do mundo, os que lá iam eram daquela têmpera. No seio da sociedade, além de desgraçados, fariam uma triste figura; ao passo que, no mosteiro, abstraídos de si, na contemplação teológica das coisas imortais, cumpriam um sério destino; e, quer morressem santos, quer não, acabavam felizes.

Quanto a subir Guilherme Nogueira, isso é que D. Inácia não consentiu, apesar da réplica, do cônego.

– Sabe o mano que mais? – alvitrou ela. – O Guilherme vai para Ronfe com vossemecê e espera lá por Teresinha; enquanto o mano nos vem buscar, o noivo deve confessar-se. Assim que chegarmos, Teresinha confessa-se também, e está tudo terminado como deve ser e sem escrúpulos de parte a parte. O que se puder fazer com

toda a limpeza de consciência, faça-se, não é assim, menina? – perguntou ela à filha de Joaquim Pereira.

Teresa respondeu com a afoiteza de voto deliberativo:

– O melhor é irmos todos já.

– Era isso mesmo o que estava determinado – interveio o cónego –, mas esta senhora minha mana teve um ataque de escrúpulos parvos à última hora. Decidam depressa, que a gente não há-de estar aqui no pátio às escuras com ar de tolos. O plano era irmos todos a pé; mas...

– Então vamos todos... – disse peremptoriamente Teresa de Jesus.

*

Pela energia das decisões, Teresa justificava-se filha, por índole e por sangue, de Joaquim Pereira.

O surrador, assim que voltou do quintal convencido de que a filha fugira pela porta que estava aberta, expediu quatro berros que espavoriram a cunhada; e quando ela lhe dizia que estava respondendo ao milagroso padre Santo António a sobrinha, o cunhado respondeu-lhe que fosse para o Diabo, e desceu as íngremes escadas às escuras e sem escorregar, como se a fúria lhe tivesse dado de noite a pupila luminosa dos gatos. Enfiou direito a casa do meirinho-geral, que o levou ao juiz de fora. Acusou clamorosamente o raptor Guilherme Nogueira e pediu justiça, com os braços estirados para o Céu e os dedos nodosos enovelados em dois murros que pareciam os do Ajax sacrílego, ou, melhor comparados, os de Crises, quando pedia a Apolo a sua filha Criseida, roubada por Agamémnon.

O juiz de fora, se não podia dispor da peste como o Apolo da *Ilíada*, pôs-se à disposição do surrador os quadrilheiros da comarca e mandou prender o raptor e a raptada. O próprio Joaquim Pereira, desenvolvendo uma actividade banhada de suor copioso, pôs-se à frente dos aguazis, e às dez da noite foi à Rua do Vale de Donas, e alternadamente com mãos e pés, estrondosas como catapultas, tais pancadas deu na porta do ourives que a vizinhança acudiu às janelas com candeias, cuidando que era fogo.

O pai de Guilherme, prostrado pela enfermidade, mandara abrir a porta por um aprendiz e sentara-se no catre, arquejando em aflitivas conjecturas do facto que logo adivinhou.

Joaquim galgou, escada acima, chamando pela filha, e perguntando ao aprendiz onde ela estava.

O rapaz encarava aterrado o surrador e perguntava:

– Ela, quem?!

– Onde está o ladrão? – exclamava Joaquim, afuzilando sobre o aprendiz os olhos fosforescentes.

– Que ladrão?! – tomava o rapaz, sentindo vontade de largar a candeia e desatar a fugir.

O pai de Guilherme, quando ouviu proferir a palavra *ladrão*, fez um esforço miraculoso como o dais entrevados que escutam o estalejar do travejamento incendiado, resvalou do leito, lançou mão do seu capote e, cambaleando, assomou à saleta onde o surrador interrogava o rapaz.

– Quem é ladrão nesta casa? – perguntou Luís Nogueira com a voz tremente.

O meirinho-geral, que conhecia o ourives honrado e pobre, respondeu:

– Sr. Luís, isto não é com vossemecê – disse o meirinho. – O caso é que procuramos a filha aqui do Sr. Joaquim

– E mais o ladrão! – acrescentou o surrador. – Hei-de pô-lo pela barra fora!

– Ladrão, não, Sr. Pereira! – acudiu o ourives, convulso, amparando-se no ombro do rapaz. – Meu filho não é ladrão!

– O patife rouba-me a filha e não é ladrão! – observou o surrador cruzando os braços e lançando em redor os olhos espantados como quem consultava os circunstantes. – Que me dizem vocês a isto?

– Sr. Pereira – disse o chefe dos quadrilheiros –, eu conheço as coisas e faço justiça direita. Um homem pode furtar uma pequena, e mais não ser ladrão, nem má pessoa.

Aqui, Joaquim Pereira soltou uma interjeição que não se pode tirar do tinteiro, por ser portuguesa de mais e ter passado a obsoleta depois de haver sido o cognome ilustre de uma família heráldica. As boas palavras correm seus fados, como dos bons livros dizia Marcial.

O caso foi que o meirinho, avincando o sobrolho, redarguiu:

– Fale bem, que ninguém lhe fala mal, Sr. Joaquim! Bem sei que é a paixão que o faz falar; mas vossemecê não remedeia nada com isso. Vamos ao caso: Sr. Luís, seu filho e mais aqui a filha deste homem estão cá em casa?

– Não, senhor – respondeu o ourives.

– Onde estão eles então? – perguntou o surrador.

– Não sei.

– Você mente! Você sabe!

– Não minto, Sr. Pereira; nem mesmo sei que meu filho lhe tirasse de casa a sua filha. Às oito horas da noite esteve ele à beira do meu leito. Nada me disse, nem eu sou pai a quem ele contasse o mau propósito de fugir com uma mulher. Sei que ele tinha o rosto coberto de lágrimas; mas isso não me admirou, porque meu filho é desgraçado desde que lhe perturbaram o sossego da sua vida honesta e ocupada no trabalho de gravador. Nada mais lhe posso dizer. A casa aí está franca; procurem; mas peço que me deixem deitar, porque me não posso ter em pé.

– Sr. Joaquim Pereira – disse o meirinho, sacudindo o surrador amigavelmente pelos ombros –, sabe vossemecê que mais? Deixe-os casar e está acabada a pendência. Assim como assim, o pior da história já não tem remédio... sim, o senhor bem me entende. Com a rapariga do Pote aconteceu o mesmo, olhe se se lembra. O sargento foi preso e mais ela; o pai queria que o rapaz fosse arcabuzado – prosseguiu o farsola do meirinho, a rir –; mas eu, quando os prendi, achei-os ambos debaixo da cama, em uma estalagem de Braga, e logo disse ao

Pote: Homem, você faça de conta que eu não encontrei a sua filha a rezar as contas com a tropa; e a maneira de tapar as bocas do mundo é deixá-la casar com o segundo-sargento, senão ela amanhã foge-lhe com um cabo de esquadra.»

– Você então não sabe com quem fala! – retorquiu Joaquim Pereira. – Se eu lhe botar as unhas, ele há-de ir para as pedras negras e ela para o Recolhimento da Tamanca. Ora agora, se eles casarem, raios me partam se virem um pataco – você sabe o que é um pataco? –, nem um!, entende o senhor? Arre, ladrões!, eu cá vou para o corregedor. Hei-de persegui-lo nas profundas do Inferno!

E, como desse alguns passos para sair, o meirinho, temendo ser arguido de frouxo na diligência, disse-lhe que estava às suas ordens para dar busca onde ele mandasse.

– Vamos a casa do cónego Araújo – bradou Joaquim Pereira. – É lá que eles estão.

– Homem... – atalhou o meirinho –, veja lá no que se mete. Isto de cónegos... sempre são cónegos. O Sr. Joaquim espeta-se.

– Bolas, meu amigo! Esse tempo já lá vai! Nem que ele fosse o arcebispo me metia medo! Agora reina a Constituição do Porto. Todos somos uns, percebe o senhor?

Se ele não abrir a porta. vou à fábrica buscar três oficiais e meto-lha dentro a machado. Vem daí ou não vem?

– Às suas ordens, Sr. Joaquim; mas não faça asneiras; olhe que sem ser dia claro não se pode atacar a casa do cidadão. Isto aqui não é Fafe, onde a justiça diz: «Nós e el-rei.» Cá o pobre Luís Nogueira não se queixa; mas o cónego Araújo é dos jacobinos, está bem com esta gente da Constituição, e não é bom de assoar. Dê tempo ao tempo. Se vossemecê quer, vou eu lá como particular, e vejo o que ele me diz.

Neste momento, um sapateiro da vizinhança, que se fornecia de cabedal na fábrica de Joaquim dos Coiros, chamou-o de parte ao pátio para lhe dizer que encontrara na estrada do Porto quatro pessoas, duas mulheres e dois homens a pé, e que um deles era o cónego Araújo, e o outro, que levava uma lanterna, era o Guilherme ourives.

O surrador comunicou a denúncia ao meirinho, esperando que a quadrilha se abalasse imediatamente na peugada dos fugitivos; porém, o funcionário entrou a discorrer conjecturalmente a respeito da outra mulher do rancho, e lembrou a hipótese de ser ela a D. Inácia, uma das senhoras mais sérias da vila.

– Se o era – acrescentou ele –, a sua filha, Sr. Joaquim, se fosse com a própria mãe, não ia mais bem acompanhada; pode vossemecê dormir descansado, que a Inácia é uma senhora muito direitinha; e tão pura tivesse eu a minha alma como está a sua Teresa.

Mas vamos agarrá-los! – atalhou o surrador, tirando pelo braço do meirinho. – Se formos já, ainda os pilhamos à ponte da Lagoncinha. O senhor não se mexe?

– Eu não me mexo, porque nos vamos estafar sem proveito. Pois vossemecê não entendeu ainda que o cónego e a irmã acompanharam os noivos para assistirem como padrinhos do casamento?, não percebe que eles vão casar-se a uma dessas igrejas que aí estão perto da estrada e que o juiz os manda embora logo que eles apresentem certidão de casados?

– E onde eles foram casar sei eu... – interveio um dos aguazis. – O reitor de Ronfe é como a unha e a carne com o cónego Araújo, quando vem a Guimarães é seu hóspede, e foi ele quem o colou na reitoria.

Joaquim Pereira, ouvido isto, desligou-se dos quadrilheiros e foi revelar ao juiz de fora o que ouvira. Este magistrado, além de ser recto, devia cinquenta moedas ao curtidor e pensava em casar o enteado, aquele tenente de milícias da cintura de vespa, com Teresa de Jesus. Mandou o juiz chamar um meirinho e ordenou-lhe que imediatamente fosse a Ronfe e avisasse o reitor que, se ele praticasse a irregularidade de casar uma filha menor contra a vontade de seus pais, ele mesmo juiz o perseguiria na Relação eclesiástica de Braga até o fazer exautorar das ordens e condenar a degredo.

Joaquim Pereira era de opinião que se enviassem os seus operários com o meirinho para agarrarem o ourives; mas o juiz convenceu-o da volta da filha para a casa paterna, por conselho do mesmo reitor.

– Isso é o que eu quero – concordou o pai, sem interpor suposições desairosas ao descrédito da filha. Tal qual como o pai de Criseida: o que ele queria era a filha em casa, fosse como fosse. Muitos casos de Guimarães conservam ainda um sabor homérico como as ruas.

*

Quando o meirinho bateu ao portão da residência de Ronfe, Teresa de Jesus, deitada com D. Inácia, que ressonava os silvos estridentes de uma sã consciência de uma ceia indigesta, acordou a companheira de leito e disse-lhe alvoroçada que ouvira bater rijamente ao portão e que lá dentro andava gente a pé. A mana do cónego sentou-

se, cobriu as polposas espáduas com o saiote, encanudou com a mão um tubo na orelha. Teresa vestiu-se rapidamente, e abriu a porta do quarto, para escutar no corredor.

– Que ouve? – perguntou D. Inácia.

– Palavras que não entendo; mas quem fala não é pessoa minha conhecida. Vou escutar ao fundo do corredor.

– Não consinto, menina; venha para aqui – impugnou D. Inácia, sacrificando a curiosidade ao zelo preventivo de encontros casuais e funestos em corredores.

– Então que tem que eu vá? – recalcitou a menina. – A senhora tem coisas!

– Já lhe disse; tenha paciência, espere; o que for soar.

Depois cresceu o rumor dos passos por alguns minutos, fechou-se o portão com estrondo e recaiu tudo em silêncio.

– Não era nada – conjecturou D. Inácia –, é que vieram chamar o reitor para assistir a algum enfermo em perigo. Deite-se, e vamos dormir, que eu estou a pingar com sono.

Na sala, depois que o meirinho saíra, juntaram-se os dois padres e Guilherme. O reitor repetiu o recado que o juiz de fora lhe enviara e perguntou ao cónego o que queria que fizesse.

O cónego reflectiu breves instantes e respondeu:

– Celebras o matrimónio de meu sobrinho tão clandestinamente que nem o livro dos casamentos o saiba. Aqui a questão é ressaltar as nossas consciências e incutir no espírito dos contraentes a dignidade de esposos. Quando amanhã a justiça os vier procurar, responderás que saíram de noite, como dois amantes; não sabes para onde, nem queres saber se seria mais decoroso abençoar-lhes a sua paixão. Atiras com isso à consciência do juiz de fora. Quanto a ti, Guilherme, vai com tua mulher para Espanha. Lá tens teu tio Pedro, e não tardará que voltes para Guimarães.

Guilherme não contraveio nem aplaudiu a deliberação do tio.

Passados momentos, disse:

– Vá pedir a meu pai que me perdoe, e ampare-o, enquanto eu não o puder levar para mim.

– Vais triste, Guilherme? – perguntou o cónego, abraçando-o.

– Vou triste; mas cumpro um dever: porque depois de um passo mau o retrocesso leva a desonras maiores. Conheço que esta situação é uma violência na minha índole. Se eu pudesse voltar ao que era há três meses, teria dó de um homem na minha situação de hoje; mas, se recuasse agora, seria irremediavelmente desgraçado, porque me sentiria infame diante de mim mesmo.

– Hás-de ser feliz... – asseverou o cónego.

– E sê-lo-á ela? – perguntou Guilherme.

– Isto é um homem extraordinário! – explicou o cónego ao reitor, espantado. – Não vás tu pensar que este rapaz não está apaixonado por Teresa. Sabes o que é? É o aleijão do talento, é a anomalia destes infelizes imaginários, que são uns mentecaptos sublimes no meio de nós, que vemos o mundo como ele é. Este rapaz chorou na minha presença por amor dessa formosa criatura que o adora...

– Bonita é ela a valer! – interrompeu o reitor.

– Chorou como tu nem eu sabíamos chorar quando pagávamos o tributo do coração que nos mandaram estrangular debaixo da batina. E depois, quando ela, a formosa e rica herdeira, se lhe deu com a alma doída de alegria, renunciando pai, mãe, esposos que se lhe ofereciam fidalgos e ricos, este homem começa a sentir que a felicidade o abafa e quase que repele com uma ingratidão original a mulher que o adora!

– Não me compreendeu, meu tio – disse Guilherme. – É que eu tinha um affecto imenso ao meu trabalho, à minha obscuridade ... a uma coisa impalpável

– Percebeste-o, reitor? – perguntou o cónego.

– Eu não; se o senhor tem afecto imenso ao trabalho, trabalhe, que ninguém lho impede. Se quer viver obscuro, meta-se em casa, e não há melhor vida; ora agora, lá esse afecto a uma coisa impalpável, isso, meu amigo, não entendo, palavra de honra.

– É a poesia – explicou o cónego.

– Ah!, o senhor faz versos? Não lhe sabia da prenda; mas eu conheci bons poetas que apalpavam tudo e todas, a torto e a direito. Olha o Bocage, ó cónego!, e o João Evangelista, e o Mormo de Vila Real, e o Paulino Cabral! Para estes o que havia mais impalpável contra sua vontade eram as peças de duas caras.

*

Joaquim Pereira recolheu a casa depois da meia-noite. A Sr^a Feliciano tinha acendido quatro velas de arrátel a Santo António e passara todas as horas em oração alternada com objurgatórias à criada Caetana, a quem prometia tirar a pele se viesse a descobrir que ela fora recoveira de recados da filha ao ourives. Caetana jurava pela salvação da sua alma que não levava recado nenhum, nem era mulher dessa casta; mas tencionava fugir de madrugada, receando que o surrador lhe fizesse à pele ameaçada o que fazia à das vacas.

Quando o amo entrou, Caetana foi escutar,, e ouviu-o referir à mulher as coisas acontecidas, gabando-se da sua finura e do seu desembaraço. Disse-lhe que a filha estava em Ronfe com o ladrão do ourives e mais o cónego e a bêbeda da mana Inácia.

– Olha a desavergonhada! – exclamou Feliciano. – Como não serve para panela, serve para testro.

Acrescentou Joaquim Pereira que o meirinho trouxera de Ronfe uma carta ao juiz de fora, em que lhe dizia que não os casava; mas que não prometia podê-los separar.

A isto atalhou a Sr^a Feliciano, aflita:

– Então eles aí vão na má vida por esse mundo fora!

– Não tenhas medo – respondeu o marido. – Já venho da fábrica; daqui a duas horas sai o meirinho com catorze dos meus rapazes para Ronfe; e, quando romper a manhã, está a casa cercada, e o troca-tintas há-de entrar em Guimarães no meio das espingardas.

– E a minha filha também? – acudiu ela, consternada.

– Essa já combinei com o juiz metê-la em casa da tia Rosa alguns dias, e depois veremos. O juiz falou-me que tencionava pedir-ma para o enteado... conhece-lo, aquele estoira-vergas?

– O tenente?!

– Isso. É bem asno o juiz! Entre o ourives e o tenente, que venha o Diabo e escolha. O que eu quero é meter o Guilherme na cadeia; e não há-de ser ele só, se Deus quiser. A Caetana também lá vai malhar cos ossos, porque o João do Richoso, que é um sapateiro vizinho do Luís Nogueira, vai, sendo preciso, jurar que ainda ontem de manhã a viu entrar para lá. A minha vontade era esganá-la já; mas o juiz aconselhou-me que o melhor era prendê-la, porque nos é precisa para o processo.

Caetana sentiu várias sensações durante este diálogo. A mais notável eram os rugidos intestinais, acompanhados de espasmo nas goelas, quando se sentiu esganada por hipótese. Entretanto, como adquirira certa bravura no trato com o exército, e nomeadamente com o anspeçada, cobrou ânimo e fez duas figas com os dois dedos polegares, dirigindo-as aos patrões. Feito isto, foi ao seu quarto, enfardelou o mais precioso da sua caixa de pinho, desceu ao pátio e, com a subtilidade usualmente empregada na abertura de um postigo confidente dos seus amores nocturnos, escoou-se

por ali e endireitou para Ronfe.

O reitor e os dois hóspedes estavam ainda conversando, dispostos a não adormecerem, quando Caetana aldravou no portão.

– Nova embaixada! – disse o reitor. – Querem vocês ver que temos a justiça em peso à porta e que a mensagem do juiz foi uma perfídia para ter a certeza de apanhar os fugitivos?

E, dizendo, abriu uma janela e perguntou quem era.

– Diga à Sr.³ Teresinha que está aqui a Caetana – respondeu a criada.

Abriam-lhe a porta e ouviram-lhe repetir o programa do curtidor. Chamaram D. Inácia e Teresa, para as informarem das ocorrências que elas ignoravam. Deram-se pressa em preparativos de saída. O casarem-se foi acto mais fácil que o arranjo duma cavalgada para um dos fugitivos, porque o reitor só tinha uma égua e contava com a de um vizinho, que sucedeu estar desferrada. Esta circunstância não é muito épica num conflito de certa grandeza romântica; ainda assim, entendo que não devo omiti-la, porque por um triz que a falta de uma ferradura esteve a ser a salvação ou a catástrofe daqueles personagens. Afinal, o reitor achou um macho, mas não pôde amanhar uma jumenta para Caetana, que à fina força quis seguir sua ama, ou prometia afogar-se no rio Ave, se a não levassem.

O itinerário dos fugitivos foi assim traçado pelo cónego: deu ao sobrinho uma carta para um seu amigo também cónego e mestre-escola da Colegiada de Guimarães, que residia no Porto, de apelido Guerra, sujeito desempoadado de escrúpulos e serviçal. Nós, os velhos, todos conhecemos aquele mestre-escola, aqui há vinte e cinco anos, com os braços e as pernas escalavradas por insultos apoplécticos, mas com o espírito remoçado de sonetos eróticos de Bocage, que recitava com ênfase e às vezes com uma unção digna dos salmos penitenciais, que ele não conhecia.

Chegados e hospedados em casa do mestre-escola de Guimarães, esperariam ali o cónego, que iria provê-los de dinheiro, de passaportes obtidos no Porto e de um guia fiel que os conduzisse à Estremadura espanhola.

*

Eram quatro horas da manhã quando o meirinho com quatro ajudantes e os catorze operários de Joaquim Pereira chegaram a Ronfe e cercaram a casa da residência. O cónego Norberto de Araújo dormia o primeiro sono; a mana Inácia tomava uma tigela de leite de vaca com sopas e canela; o reitor rezava matinas e laudes no seu quarto, com a serenidade dos mártires que liam as epístolas de S. Paulo quando os quadrilheiros de Diocleciano infestavam os áditos das catacumbas. Acabada a reza, ergueu-se, abriu a janela, saudou a turba, que esperava que o Sol nascesse para invadir a casa, e perguntou o que queriam.

– Cumprir um mandado do Sr. Juiz de Fora da comarca.

O reitor mandou abrir as portas e disse:

– Procurem; mas não acordem o meu hóspede, o Sr. Cónego Norberto, que está naquela alcova. Entrem lá devagarinho; apalpem-no, se quiserem, mas com suavidade, que não o despertem. Hão-de encontrar no jardim a Sr^a D. Inácia Norberta: não a confundam com a menina que fugiu. É uma senhora que passeia os seus leites, e não tem nada por onde a justiça de Guimarães lhe pegue, que eu saiba. Feita a sua diligência, Sr. Meirinho, queira asseverar ao Sr. Juiz de Fora que o reitor de Ronfe, assim que recebeu as suas ordens, pôs no meio da rua Guilherme e Teresa. dizendo-lhes que não podia legitimar o seu amor em virtude da recomendação de Sua Senhoria; e, como não podia prender tais aves cada uma em sua gaiola, mandei-os que se pusessem

lá fora e que vivessem desaforadamente à sua vontade, o que eles fizeram com a mais exemplar obediência, de braço dado, cantando o hino de 1820 e dando vivas à liberdade. Diga-lhe isto.

O meirinho fez um simulacro de busca, não ousou apalpar o leito do cônego e foi-se embora à frente dos operários de Joaquim Pereira, os quais, durante o regresso, iam revelando o malogrado propósito de anavilharem o ourives; mas reservavam a realização do intento para melhor oportunidade.

*

No entanto, Guilherme e Teresa lá iam caminho do Porto por entre os milharais de Requião, sob as copas de carvalheiras e parras, que faziam da estrada um suavíssimo e chilreado caramanchel. Era um arraiar de manhã de Junho.

Caetana ia a pé, ao lado do criado do reitor, um mocetão de clavina de dois canos, de faixa escarlata, que dizia à cachopa umas graças alpestres que tinham a cor local e pareciam tender a imitarem as brincadeiras amorosas de uns gaios que bicavam os seus carinhos nos galhos dos picheiros. Ele, às vezes, beliscava-lhe o braço e ela dava-lhe um safanão, engolindo umas lágrimas que iam lá dentro a pouco e pouco apagando as cinzas do amor ao seu quase extinto anspeçada.

As índoles mais excêntricas amoldam-se à eterna lei do belo, dadas certas condições. Guilherme, ao lado de Teresa, sentiu o coração em toda a plenitude de um ideal que o enamorava quando, na soledade do seu quarto, copiava da alma as peregrinas feições daquela mulher. O ingrato sentimento que o levava para o passado com saudade da sua melancolia, cheia de fantasias agrídoces, desfez-se como o toucado de brumas que o Sol daquele dia esvaeceu nos visos do Monte Córdova.

Se o cenário convidava o coração a desejos ardentes de amor vago, que faria a presença real da esposa linda que até no descair das pálpebras sonolentas parecia elanguescer-se em quebrantos de meiguice?

Parece, porém, que nem ele nem ela sabiam as frases rudimentares, aqueles doces colóquios que têm o que quer que seja de um crestar raios de mel novo do colmeal, e com esse mel emelam os noivos a Lua que os ouve, e não os perceberia, se não fosse casta; e o leitor, se o não é, também me não percebe a mim.

Conversavam em coisas da vida comum, se falavam; e se trocavam entre si ditos extraordinários é quando iam silenciosos. O amor é isto. Os períodos redondos com adjectivos angulosos são coisas caldeadas na cabeça, é um pouco de fósforo do cérebro que reluz na alma apagada como a atrito de um lume-pronto na parede de um quarto escuro.

– És feliz, Teresa? – perguntava Guilherme.

– Muito – respondia ela, acenando com a cabeça loura e apertando-lhe a mão quando a estrada, a espaços, permitia este desafogo. – E tu? – perguntava ela.

– Muito feliz respondia ele, curvando-se para lhe beijar a mão.

E o criado do reitor, que ia atrás e via isto, levava a paródia até ao abuso, querendo beijar o cachaco penugento de Caetana.

E com estas e outras intermitências de poesia e prosa chegaram ao Porto. Guilherme, que ali passara alguns anos da mocidade estudando as artes, conhecia a residência do amigo de seu tio. O mestre-escola da Colegiada de Guimarães, assim que viu os hóspedes, escusou-se de ler a carta. O cônego Araújo já o tinha precavido para a eventualidade da fuga. O prebendado ministrou-lhes uma ceia delicada e mandou-os deitar delicadamente.

No outro dia chegou o cônego, apressurando a saída dos esposos, porque da

comarca de Guimarães no mesmo dia vinham deprecadas para o Porto. O padre Guerra já tinha agenciado passaporte.

A jornada para a Estremadura espanhola, naquele tempo, era um agradável passeio de doze dias de liteira. Dois esposos, face a face, naquela redoiça pintalgada, se tivessem bom estômago que resistisse ao balanço e ao enjoio, iam felizes. A criada também ia alegre: porque o arneiro, logo ali na altura de Grijó, falou-lhe de casamento e furtou laranjas de um pomar para refrigério da moça, que dizia estar em brasa. Guilherme, como qualquer noivo destes nossos tempos de via férrea, de vez em quando, abria um *Guia de Viajantes* e dizia à esposa os nomes das povoações e as léguas que os distanciavam do almejado repouso. Já então os Portugueses possuíam um *Guia de Viajantes* nas cortes e nas cidades principais da Europa. Não se persuadam que o autor fosse algum literato do Café Nicola com subsídio, algum *touriste* fidalgo, algum diplomata, ou militar que visitasse a Europa triunfantemente com Napoleão. Não, senhores: o autor era um frade agostinho descalço e chamava-se Frei Anastácio de Santa Clara. Os frades eram para tudo. Este andou bastante mundo e experimentou, diz ele, um sem-número de incomodidades *que atacam aqueles que destituídos de condutor empreendem semelhantes viagens*. Hoje em dia, apesar dos numerosos *Guias*, não há livrar-se a gente das incomodidades que nos *atacam* nas estalagens do Minho.

A última estalagem em que pernотaram os nossos noivos foi em Zibreira, na raia de Espanha. Ao outro dia, percorrida légua e meia, chegaram ao seu destino, a Zarza, ou Sarsa de Alcântara, como escreve Frei Anastácio.

*

Pedro de Araújo, irmão do cónego, fugira de Guimarães em 1810, por causa de um homicídio, estabelecera-se em Zarza, e daqui negociava para Portugal em vários artigos. Estava rico, velho e solteiro. Recebeu os sobrinhos com alegre rosto e agradeceu aos Céus aquela inopinada família que lhe ia adoçar os azedumes da velhice valetudinária.

Guilherme Nogueira, logo que pôde arranjar uma câmara bem alumada e em condições convidativas ao labor do buril e do pincel, começou a retratar a esposa, e depois o tio. Em seguida reatou as inspirações interrompidas da sua arte predilecta; gravava reminiscências da sua terra; era-lhe um delicioso suspirar saudades, esculpir as ruínas, dar relevo às lendas da gótica Guimarães e lampear de escamas prateadas as superfícies do Ave e do Vizela por entre alcantis de verdura, sobranceada de penhascais. Teresa de Jesus cansava-se de o ver trabalhar, porque nem o entendia nem o admirava. Em geral, e por condescendência, achava tudo *bonito*; mas pedia-lhe que fosse passear com ela e não estivesse sempre a malucar naquelas coisas.

– *A malucar!* – murmurava o artista com secreta amargura; e, às vezes, passava-lhe pelo espírito a desconfiança de que a esposa era uma organização rude, com a formosura casual que não passa de um jeito feliz da matéria, alheia de todo às qualidades do espírito. Isto dissaboreava-o e abria-lhe no coração brecha por onde a saudade se ia em busca da sua isenção e pobreza independente de artista obscuro. Depois, uma carícia de Teresa dava-lhe ao coração alegres reacções e, por um pouco, o sentimento real de renovados prazeres subjugava as destemperadas aspirações ao tal ideal impalpável, que o reitor de Ronfe não percebia, nem eu.

Em cartas frequentes, relatava o cónego Araújo o que ouvia contar de Joaquim Pereira. Dizia-se que o curtidor, perdida a esperança de capturar o raptor da filha, adoecera criando postema no fígado, de que esteve a passar-se; e que, por essa ocasião, fizera testamento, declarando que devia a seu irmão Manuel quarenta mil cruzados, a

fim de deserdar a filha. A Sr^a Feliciana, por sua parte, cedera com dificuldade a tão vingativo desamor e tencionava, se o marido falecesse, declarar que seu cunhado não era credor de um vintém. Felizmente, Joaquim Pereira restabeleceu-se; mas persistia no propósito de deserdar Teresa, acabando com o fabrico dos curtumes e repartindo em vida os seus haveres como bem lhe parecesse; porém, como a Sr^a Feliciana houvesse sido dotada com dez mil cruzados, e os quisesse ressalvar para a sua filha, os dois cônjuges travaram-se tão rijamente em descomposturas que chegaram a bater um no outro, pela quarta ou quinta vez. Por fim, a mãe de Teresa fugiu para a companhia de sua irmã Rosa e o marido foi para o Porto viver com o irmão Manuel. Primeiro choravam ambos abraçados; depois, Joaquim principiou a meter-se muito pelo mau vinho da Companhia, para se distrair, e cessou de chorar, como coisa indigna de um homem. Dir-se-ia que ele achara à mão um exemplar dos *Diálogos*, de Frei Amador Arrais, onde se lê isto:

As lágrimas hão-de ser poucas em homens, ainda que haja causa de muito sentimento, pois com a continuação delas nos vai faltando a vista e o juízo.

Quanto a juízo, o ex-surrador não ganhou nada com a troca do líquido da garrafa pelo líquido das glândulas lacrimais. Embriagava-se todas as noites, e pegou este feio vício ao irmão, que não tinha motivo justificado para se emborrachar por concomitância. Rompiam ambos então em diatribes contra o sexo feminino. Manuel exhibia a vigésima edição da perfídia da esposa; e, pintando ao vivo a cena, mostrava e floreava no ar a tranca com que a contundira. Algumas vezes terminavam ambos por chorar; mas deste lance já o sentimentalismo sério não tinha a responsabilidade. Eis a desgraçada vida daquele pai que trabalhara vinte anos para deixar uma filha opulenta.

Feliciana conseguira segurar o seu dote em propriedades urbanas e passava a vida com resignada compostura, bebendo apenas o necessário para se conservar num *embonpoint*. Por linhas travessas, soube o paradeiro da filha, e escrevia-lhe com a bondade misericordiosa das mães; mas, ainda assim, não a incitava a vir para Guimarães, porque receava que o marido matasse o genro.

Estes casos decorreram no lapso de um ano, ao fim do qual Pedro de Araújo, quando a vida mais cara lhe era no seio da família, expirou, legando avultada quantia a seu sobrinho Guilherme.

A opinião de Teresa, quando viu o cofre das onças herdadas, era que mudassem para a cidade de Alcântara, onde havia tertúlias, teatros e sumptuosas festas de igreja. Queria divertir-se entre o sagrado e o profano. A vila de Zarza figurava-se-lhe mais sem sabor que o próprio burgo de Muma Dona, e os hábitos caseiros do marido até lhe tolhiam o prazer de sair ao campo, arejar, às brisas tépidas da tarde, a beleza que se esmaecia em reclusão contrafeita. Guilherme não condescendeu. Achava-se bem ali, justamente porque a terra avultava umas feições de Guimarães. Às cinco horas das tardes de Inverno baixava a morte sobre o povoado e por acaso aparecia, de vez em quando, uma lanterna móvel, como se um defunto se levantasse do seu jazigo a passear com uma lamparina na mão. Tal qual como no berço da monarquia, onde o progresso, ainda agora, também está no berço de touquinha e cueiros, a sugar nos peitos secos da Câmara Municipal.

Não me atrevo a decidir que estes esposos se amassem até ao delírio. Teresa aborrecia-se ao lado do marido, abria a boca, fazia uma cruz; mas não evitava, com este símbolo cristão, que o demónio do tédio lhe entrasse no espírito. Não conheciam ninguém com intimidade. Guilherme esquivava-se a visitas que o obrigassem a erguer mão das suas ocupações. Esta soledade melhorou algum tanto com a ida de Luís

Nogueira para a companhia do filho. O velho entretinha a sua nora com a bisca de acuso e ia passear com ela nos domingos. Como desejava trabalhar, pediu ao filho que o deixasse abrir uma ourivesaria. Guilherme deu-lhe abundantes recursos para um vasto estabelecimento e ocupou-se em modelar e lavrar baixe-la, com que muito prosperou a fama do ourives português. No entanto, o cismador, o poeta, raro descia do olimpo da arte a contemplar os primores naturais da esposa. O ciúme nunca lhe roçou com a sua asa negra os cândidos voadouros do génio. Esvoaçava-se por muito alto; e, se pousava cá em baixo, no regaço de Teresa, a cabeça febril, era como o condor que se abate ao sopé dos Alpes somente quando uma necessidade orgânica o força a descer em cata da presa.

*

Por 1825 morreu Luís Nogueira.

Guilherme estremecia seu pai. A morte fora repentina quando os dois se estavam recordando da sua terra natal, com a nostalgia dos exilados. Tinha dito Luís Nogueira:

– Deus me deixe lá ir morrer; mas só lá irei se tu puderes ir comigo para me cerrar os olhos.

E, minutos depois, queixou-se de uma opressão que o ansiava; depois disse que se sentia melhor, e assim expirou suavemente, ensinando ao filho que não custa a morrer.

Esta surpresa, sem precedente doença que afizesse o filho à ideia de o perder, ulcerou na alma de Guilherme uma saudade insanável. Nunca mais teve um sorriso que não fosse forçado e de comprazimento com o génio jovial de Teresa, cuja sensibilidade com o morto sogro não era mais dolorosa que a sua saudade dos pais.

A loja de ourivesaria continuou aberta, porque Teresa assim o quis para se entreter. Desde que ela apareceu no balcão, a freguesia cresceu. Vinham *hidalgos* de Alcântara comprar argenteria à portuguesa loira. Guilherme, quando a esposa lho contava com um desdém jactancioso, respondia-lhe com um sorriso triste e dizia-lhe:

– Melhor seria que não descesses à loja. A curiosidade dessa gente não te faz mal, mas também te não honra.

Havia questões mansas a respeito disto. Ela dizia que a respeitavam até ao ponto de lhe não dirigirem a menor fineza; ele pedia-lhe que traspassasse a loja, porque eram bastantemente remediados; ela replicava que havia de voltar rica para Guimarães; ele pedia-lhe que não fosse ambiciosa como a gente ordinária.

Algum tempo, o visionário teve a sua manifestação de marido vulgar: sentiu ciúmes, e espreitou. Nada viu; mas uma gota de peçonha, o ciúme, caiu-lhe na alma, e lavrou de modo que lhe envenenou o sangue. Tomou-se de uma tristeza silenciosa, como a dos anémicos no derradeiro estádio do abatimento, quando se concentram sombriamente e parecem estar-se vendo morrer. A presença da mulher, tocada a primor, com as madeixas entrançadas, alegre, formosa, rindo e imitando o *salero*, falando as frases guturais das espanholas, entristecia-o.

Uma vez disse-lhe ela que tinha adquirido uma amiga, e pediu-lhe para a receber em casa. Guilherme encolheu os ombros e respondeu:

– Se é digna da tua amizade... Quem é? Eu não conheço ninguém...

– É a filha de D. Rojo de Valderas, do alcaide.

– Ouvi falar mal desse homem.

– São calúnias. A Inês é um anjo, tu verás.

– Mas disseram-me que nenhuma senhora acompanha com a filha do alcaide – objectou Guilherme.

– Bem sei; não queres que eu tenha uma amiga que me entretenha; não queres que

eu vá para o balcão, porque os cavalheiros me fazem a fineza de vir comprar à nossa casa. Ensina-me então a gravar e a pintar, porque preciso gastar o tempo.

– Tua mãe, Teresinha, não gravava, nem pintava, nem estava ao mostrador, e passava o tempo. Uma mulher de casa tem sempre que fazer.

Eis aqui outra manifestação muito humana do nosso artista, arrebatado em visualidades etéreas. Queria que sua mulher cuidasse do amanho do bragal, da despensa, da economia da capoeira, etc. Não se parecia com o estouvado Leonardo da Vinci; mas, se cuidasse em ter galinhas no choco, poderia parecer-se com Shakespeare.

Teresa achava-o então inferior à sua poética estatura; parecia-lhe trivial e maricas; porém, nunca venialmente sequer o comparou com outro homem.

O que se dizia do alcaide autorizava a repugnância do ourives.

Rojo de Valdera, o pai de Inês, fora nomeado alcaide de Zarza por Fernando VII, aclamado rei absoluto, em 1823, por numerosos caudilhos, que, primeiramente salteadores de encruzilhada, fizeram depois a evolução política sem ofender a lógica dos acontecimentos. Rojo de Valderas capitaneou desde 1820 até 1823 uma quadrilha de bandoleiros na Castela Velha. Granjeou, com audazes empresas, grosso cabedal. E, quando lhe cumpria garantir-se a segurança do adquirido encostando-se ao esteio da política, acercou-se de Madrid, a tempo que Fernando VII aí regressava também. Ainda assim, Valderas ia temeroso de que o repelissem; porém, quando viu à volta do rei caracteres da sua têmpera, recobrou alentos e ergueu a sua voz patriota com a afoiteza dos grandes romanos invocados na hora do perigo. Os facinorosos que floream a espada em volta do trono acolheram-no bizarramente e deram-lhe a alcaidaria de Zarza, terra mui afastada do teatro das suas notórias proezas²². Empregou o seu dinheiro em propriedades rústicas, para fazer de vez paragem e gozar-se sossegadamente de uma velhice honrada. Queria ser tolerante para ganhar amigos que o protegessem se as instituições liberais voltassem; humilhava-se a ponto de avisar secretamente os revolucionários indigitados para a força; aliviava quanto podia a opressão dos encarcerados, e tudo isto fazia, tão ao invés da sua índole, para assegurar o futuro património de sua filha, que lhe era um castigo providencial. Aquele sentidíssimo amor de pai custava-lhe muita baixaza, muitas amarguras, profundos sobressaltos e um contínuo espedaçar-se a si mesmo nas febres mais rijas e doridas de sua péssima compleição.

Não obstante, a voz pública dizia baixinho quem tinha sido o seu alcaide. Em Badajoz havia homens que o tinham visto, cara a cara, à frente dos salteadores de Castela Velha. As pessoas honestas esquivavam-se à sua intimidade e nenhuma senhora trocava uma vista afectuosa com a filha do salteador.

Teresa de Jesus compadecera-se do isolamento de Inês. Parecia-lhe injusto o desprezo votado à filha inocente dos delitos políticos do pai. Não engraçava com ele, e uma vez disse ao marido:

– O alcaide faz-me horror; mas ainda assim não creio que ele tenha sido o malvado que dizem, porque tem à filha um amor imenso; e, se ele tivesse matado gente, como dizem, é natural que alguém o matasse também.

– Nem todos os assassinos são castigados – observou Guilherme. – Alguns são nomeados alcaides pelo rei.

²² A lista destes chefes vem arrolada no periódico espanhol, publicado em Londres em 1824, e intitulado *Ocios de Españoles Emigrados*. A p. 438 é assim compendiada a biografia de Rojo de Valderas:

Capitan de una cuadrilla de vandoleros en Castilla la Vieja, célebre por sus robos y muy temido por sus atrocidades de los pasajeros y de los pueblos.

Não obstante, este homem havia sido um distinto académico em Salamanca.

– A mim que se me dava disso, se ele matasse meu marido ou outra pessoa que eu amasse...

– Que fazias tu, Teresa?

– Matava-o – respondeu ela serenamente e quase risonha.

– Eu não sabia que tinha casado com uma Judite –murmurou Guilherme; ela, porém, que não conhecia o desastre de Holofernes, quis saber a história e pediu encarecidamente ao esposo que lhe pintasse uma Judite. Fazia estranheza aquela mulher de cabeça ideal como um anjo de Murillo começando o seu curso de história ilustrada pelo estudo da heroína de Israel!

Desde 1826 até Março de 1828, Inês de Valderas frequentou a casa de Guilherme com assiduidade. O ourives não se arrependera de condescender. Procedia honestamente a filha do alcaide; e, nas suas intimidades com Teresa, deplorava que a paixão política e, principalmente, o amor ao trono e ao altar arrastassem seu pobre pai a excessos que lhe ensanguentavam a reputação.

*

O leitor está cansado de ler em livros nacionais e estrangeiros aquele funesto caso dos estudantes de Coimbra que, em 18 de Março de 1828, no sítio do Cartaxinho, mataram dois lentes e feriram outros personagens do cabido que iam a Lisboa felicitar D. Miguel. Sabe que um dos três ou quatro estudantes que puderam evadir-se à força se chamava António Maria das Neves Carneiro, aluno do 2º ano de Matemática. Se leu os *Apontamentos para a História Contemporânea*, por Joaquim Martins de Carvalho, pôde ir no encalço do fugitivo ate ao Paul e seguiu-o até ao Fundão, onde o médico António das Neves, pai do homicida, exercia a sua profissão. Não simpatiza decerto com os vinte e cinco anos daquele conjurado da sociedade dos «divodignos», porque lhe vê um punhal despontado nos ossos de dois velhos e uma quantia grande de dinheiro que se presume roubada dos baús dos lentes.

Este mancebo era um estudante dos melhormente conceituados per inteligência e dos mais avançados do Partido Liberal. Em 1824, à volta dos vinte e um anos, é da roda de Manuel, e José da Silva Passos, de José Maria Grande, e dos mais notáveis propulsores da revolução. Já então foi riscado da Universidade e readmitido pela amnistia de 5 de Junho do mesmo ano. A sociedade dos «divodignos» era numerosa e presidida por Francisco Cesário Rodrigues Moacho, falecido na Bélgica em 1866, com o estigma que lhe fechou a porta da pátria e lhe denegriu a do túmulo, ao cabo de trinta e oito anos de voluntário desterro. Os treze estudantes ajuramentados na morte dos lentes eram os sorteados. Um dos mais velhos era António Maria das Neves; o mais novo era o filho do capitão-mor de Sintra e contava dezoito anos.

Como quer que fosse, quando nove dos treze académicos eram enforcados, às quatro horas da tarde, no Cais do Tojo, em 20 de Junho, António Maria das Neves Carneiro digerira sossegadamente o seu jantar em Zarza, na sala do alcaide D. Rojo de Valderas, em companhia de seu pai, que o acompanhara para a Estremadura espanhola.

Era António Maria um esbelto homem, alto, de compleição delicada, algum tanto louro, rosto alvo, comprido e proeminente, olhos negros, serenos e brandos. Tinha o gesto soberano e a linguagem concisa e rápida do homem que se crê ou finge crer o herói duma façanha que a tirania frustrou; mas que aí fica cimentada ao meio da sociedade como o alicerce do edifício do futuro.

Como foi que este apóstolo da liberdade de 93 achou um talher à mesa do alcaide de Fernando VII? Seria a simpatia do sangue? Os dois lobos cervais lambiam-se mutuamente as manchas do sangue espadanado no dorso? Não. Quando os dois Neves

Carneiros, pai e filho, entraram em Zarza, o alcaide jazia enfermo e desesperava da cura. O médico apresentou-se como tal à filha de D. Rojo, foi recebido com jubilosas lágrimas, viu o doente e... salvou-o. Desde este dia, o estudante homicida não escondeu o seu crime; coloriu-o, porém, com os matizes da cor rubra do sangue que a história faz gotejar na balança que pesa a favor dos destinos da humanidade. D. Rojo deplorava-o, abraçando-o.

A cura do alcaide criou a reputação do médico. A clínica sobejava-lhe à decência da vida. O filho pensava em recomeçar a sua carreira na Universidade de Salamanca, Entretanto, as esperanças no movimento militar de 16 de Maio de 1828 retiveram-no ali, a légua e meia da raia, para, no caso do triunfo, se apresentar entre os adais da regeneração de Portugal.

Interromperam-se então as miúdas visitas de Inês a Teresa de Jesus. Não sobejava o tempo à espanhola. António Maria era como da família. O alcaide não comia sem o seu médico salvador ao lado; e a filha correspondia ao fastio do pai, se o filho do médico não estava à mesa.

Um dia, Inês não concorreu ao jantar. O pai correu sobressaltado à alcova da filha e levou consigo o médico. Acharam-na com os olhos espasmódicos, rangendo os dentes e recurvando os dedos: era um ataque histérico. Uma hora antes, António Maria tinha-lhe dito que a mulher mais formosa de Zarza era a portuguesa casada com o ourives, e acrescentou:

– Em Portugal não há três mulheres tão lindas como ela.

Recobrou-se do ataque a ciosa menina, odiando Teresa de Jesus. Tinha vergonha deste despeito infame; porém, vendo-se no espelho, achava-se menos formosa que a portuguesa; e então o ódio reacendia-se atizado pelo amor.

A mulher de Guilherme espantava-se da ausência de Inês: não sabia que o filho do médico lhe roubara o coração da amiga; todavia, amarguras de outra espécie a distraíam dessa suportável falta.

*

O artista, desde que o pai falecera e simultaneamente as inquietações do ciúme o preocuparam, entrou de adoecer de febre lenta. Desde criança revelam sintomas de vida curta; os pais tiravam esse horóscopo da melancolia desnatural do menino; os médicos pressagiaram-lhe a brevidade da vida pela configuração do tronco e pobreza de sangue. O labor assíduo do buril e da paleta contribuíram a deteriorar-lhe os órgãos da respiração e a deprimir-lhe os pulmões pela curvatura sobre os instrumentos da gravura.

Em 1828, quando o médico António Maria das Neves adquiriu renome, Guilherme Nogueira foi obrigado pela esposa a consultá-lo.

– Se tenho de morrer – disse ele – da moléstia que matou minha mãe, escusado é iludir-me com as ilusões da medicina e as drogas da farmácia; porém, se tu te queres iludir, minha amiga, consulte-se o doutor milagroso.

O médico examinou o enfermo e aconselhou-lhe o clima da Madeira. Guilherme sorriu-se e disse à esposa:

– A única madeira aproveitável nos enfermos da minha espécie são as quatro tábuas com que se faz o caixão.

Teresa lançou-se a chorar nos braços dele, porque tinha lido nos olhos do médico a sentença de morte. Foi a primeira vez que o marido lhe viu lágrimas.

– Ainda bem – disse ele, sorrindo – que é esta a primeira vez que te vejo chorar! Três vezes senti lágrimas no meu rosto: as de minha mãe, quando se despediu de mim; as de meu pai, quando há seis anos adivinhou que eu me despedia dele; e agora as tuas

que... Mas não chores, Teresa! Olha que a vida não vale a pena... Eu, se te visse morrer adiante de mim, saía do mundo mais contente com a certeza do teu destino... Que fazes, se eu morrer?

– Por Cristo! – exclamou ela –, não me digas que morres... Se tu me faltas, suicido-me!

– Não te suicidarás, não, Teresa. Irás para tua mãe; teu pai, que é um desgraçado que se atolou em vícios, há-de regenerar-se quando tu puseres as tuas mãos puras sobre as suas cãs desonradas. Agruparás em redor de ti a tua antiga família, e eu serei no meio de vós uma saudade para ti e um delinquente perdoável para teus pais. Se fizeres isto depois da minha morte, agouro-te dias serenos; mas, se uma visão infernal que às vezes me fulgura na escuridão das minhas noites não é um delírio da febre, ai!, minha querida Teresa, tu não terás seio tamanho como o cálix de amargura que te está esperando...

– Que imaginação a tua, meu Deus! – clamou ela, pondo as mãos. – Como te veio isso ao espírito, Guilherme?

– Poderei eu dizer-to? A febre, a febre que devora o corpo e deixa a alma livremente avizinhar-se do mundo dos espíritos. Não faças caso das visões do teu pobre Guilherme. Sê virtuosa; não precisas de outro escudo contra o cálix amargo das minhas quimeras.

*

A consumpção era lenta e, a intervalos, vitoriosamente combatida pelo médico, que se interessava pelo amável artista e pelas suplicantes lágrimas de Teresa. Passava o doutor longas horas no *atelier* de Guilherme, conversando de coisas de Portugal. Apresentou-lhe o filho académico, como um dos treze mártires devotados à redenção de Portugal. O artista encarou o aspecto sadio do estudante e não se convenceu do martírio daquele sujeito; e, como tivesse diante de si a sentença proferida pela Relação de Lisboa contra os nove moços enforcados, disse a António Maria das Neves:

– Estes seus amigos supliciados não morreram como mártires, porque todos se desculpam com a influência de Vossa Senhoria. Parece que nenhum deles quis morrer com a glória pessoal da façanha. Não eram assim os Cévolas e os Catões dos antigos tempos. Eu já não verei a árvore da liberdade cobrir piedosa os ossos de tais mártires em Portugal; mas se ela um dia ali medrar, Vossas Senhorias verão que os liberais hão-de repelir de si os que sobreviveram à desgraça da tentativa dos seus companheiros.

E, como o académico franzisse a testa à afoiteza do artista, Guilherme prosseguiu:

– Vossa Senhoria acha duro e indelicado talvez que um pobre ourives se intrometa com jeitos de profeta em uma questão que tão de perto lhe toca; mas eu, querendo recompensar em Vossa Senhoria a caridade com que seu pai me tem tratado, vou dar-lhe um conselho. Afaste-se de tão perto das fronteiras de Portugal; não se fie na protecção do alcaide de Zarza: porque no dia em que D. Miguel exija de Fernando VII a entrega de um estudante condenado à morte como os seus sete companheiros, o alcaide de Fernando VII trocará o filho de seu médico pela sua alcaidaria.

– E injusto, Sr. Guilherme – atalhou o médico.

– Injustíssimo – acrescentou o estudante.

Devo dizer-lhe tudo – prosseguiu o doutor – para lhe desvanecer o preconceito em que está acerca de D. Rojo de Valderas. Meu filho vai ser brevemente esposo de D. Inês. Foi o próprio alcaide que me fez a proposta. Já vê que ninguém quereria para genro um mancebo exposto a ser entregue ao carrasco por seu próprio sogro. Meu filho tenciona casar, passados alguns meses, e não o faz já porque se suspeitam movimentos graves em Portugal, e a sua presença há-de ser ali precisa. Logo, porém, que case, irão

os noivos para Salamanca, onde meu filho vai formar-se em Medicina: é esta a condição que lhe põe o sogro, por querer por força ter um médico permanente ao seu lado. Mudou de opinião?

– Se Vossa Senhoria quer, mudarei de opinião; mas nem assim considero seu filho salvo em Espanha. Melhor seria casarem-se já e passarem-se para a França ou para a Bélgica. Quando o alcaide fosse um honrado sogro, não teria tanto valor em Castela como tinha em Portugal o pai do enforcado Domingos Joaquim dos Reis, que era afilhado da infanta D. Isabel Maria. Parece-me que Vossas Senhorias se comprazem em ouvir referver a lava da cratera que têm debaixo dos pés!

*

– Este homem é um visionário! – disse o doutor ao filho. – Estas doenças têm daquelas crises; e muitos dos antigos profetas suponho eu que eram uns enfermos em que o fluido nervoso preponderava sobre os outros fluidos.

– O que de me parece é tolo e pretensioso – modificou António Maria das Neves com o tom desdenhoso de académico, conversando no *O* da ponte de Coimbra.

No Inverno de 1829, Guilherme Nogueira piorou e sentiu ardentes desejos de ir morrer a Guimarães. Dizia-lhe o tio cónego que fosse, porque Joaquim Pereira havia falecido no Porto, de uma congestão cerebral, em resultado da embriaguez de genebra. A viúva escreveu também a Teresa, rogando-lhe que fossem para a sua companhia, que ela os receberia como filhas, e que não se importassem com riquezas, porque ela tinha que parte para as três, apesar das extravagâncias dó mande, Deus lhe perdoe – acrescentou ela, não sabemos se pré-forma, se por caridade cristã.

Preparava alegremente a bagagem Teresa de Jesus; quando o médico lhe disse que o marido não chegaria vivo a Guimarães.

– A senhora – acrescentou ele – vai ver-se em grandes angústias com a agonia de seu esposo, em uma péssima estalagem; se, pior ainda, não tiver de receber um cadáver nos braços no descampado de uma estrada. Iluda seu marido por mais alguns dias, que eu apenas lhe vaticino três de vida.

Guilherme não desistia de partir, e ela sentia-se sem forças para o contrariar.

O carinho com que ele encaixotava os seus desenhos, os seus modelos e as suas gravuras! Quando empapelava, extenuado e trémulo, a gravura de Rartolozzi – *Cupid making his bow* – , disse ele a Teresa, mostrando-lha:

– Lembras-te, filha, quando a tua pobre mãe teimava que este cupido era um Menino Jesus trabalhando de carpinteiro, com dois anjos aos pés?

Teresa chorava.

– Choras? E eu cuidei que te faria sorrir com esta recordação! Que dia aquele!, que dia, e que momento quanto tu colheste a florinha da minha jarra! Se bem reparo em ti, és linda como então. Nem nos meus olhos, nem na minha alma, perdeste a menor das tuas belezas, depois de sete anos! Que singularidade! Parece-me que te adoro hoje mais do que nunca! E o coração que te foge e por isso te ama com mais sofreguidão... Será?

– Tu não há-de morrer, Guilherme, pois não? – exclamava ela, pondo as mãos.

– Outra singularidade! – disse ele. – Parece que hoje me amas mais do que nunca!

– Oh!, filho!...

– Isso é natural, Teresa! Assim como eu me sinto a amar-te mais, é bem de crer que tu, quando me vês, e penes que daqui a pouco nem uma sombra, sequer...

Guilherme sentou-se, tomou o rosto entre as mãos e soluçou largo espaço, arquejando e tossindo violentamente. Ela ajoelhou-se, aconchegada dos joelhos dele. cingiu-o pelo peito e exclamou, traspassada de angústia:

– Não chores assim, Guilherme!

Ele fitou-a com a vista desvairada, Pegou-lhe da cabaça entre as mãos, baixou a sua para lhe beijar os lábios; ajuda lhos roçou na fronte e murmurou:

– Estou mal... Vê se me encostas... Chama o médico...

Era o terceiro dia prognosticado pelo Dr. António Maria.

Ela transportou-o para um canapé. Veio o médico e deu-lhe uma poção reanimadora. Defronte deste ean4é estava o primeiro ;trato que ele fizera de Teresa. Fitava-o com a fixidez de olhar que sente nevoar-se-lhe a luz e murmurava com vozes entrecortadas:

– Olha, Teresa, nasceu-me o coração quanto fazia aquele retrato, e sempre pensei que havia de morrer a vê-lo...

Deste momento em diante o seu estado era quase suave. A respiração era alta, mas sem agonias.

[...]

Morreu no dia predito e à hora vaticinada pelo doutor do Fundão.

Era um grande médico aquele! Estava tão relacionado com a morte que sabia, de antemão e pontualmente, quando ela chegava!

TERCEIRA PARTE

O desamparo de Teresa seria mais aflitivo se o médico não providenciasse com zelo paternal na situação da viúva em terra estrangeira. Inês visitou-a, quando o cadáver de Guilherme estava sobre terra; e sentiu desoprimir-se-lhe a alma logo que Teresa lhe disse que tencionava ir para a companhia de sua mãe. A filha do alcaide pressentia que a presença daquela mulher fascinadora seria sempre uma ameaça à sua felicidade: pois que António Maria das Neves, a propósito da doença do ourives, tinha sempre uma alusão que fazer à gentileza da sua patrícia. Desde que a viúva, com um enfatiado trejeito, lhe deu a certeza de se retirar para Portugal, Inês arrependeu-se de a ter tratado tão desamoravelmente; e, querendo explicar com fúteis pretextos a longa separação e quebra aparente da antiga amizade, a portuguesa interrompeu-a com uma sobrançeria ainda mais ofensiva que estas palavras:

– A senhora quis justificar as damas de Zarza que a não querem conhecer.

Nesta impetuosa rudeza havia ideias do defunto Joaquim Pereira retemperadas com melhor linguagem, porque o idioma castelhano, em que Teresa fulminou a apaixonada do académico, é muito sonoro e adequado à ironia e ao sarcasmo.

A espanhola não replicou à afronta desfechada na presença do médico. Não lhe faltaria eloquência; mas temia que o pai do prometido esposo, averiguando a causa do menospreço havido com Inês, remontasse as suas pesquisas até às encruzilhadas em que Rojo de Valderas, à frente dos seus *vandoleros*, cumprimentava de trabuco e *navaja* os viandantes.

O primeiro impedimento à saída de Teresa de Jesus foi a enfermidade. O doutor achou-a febril e proibiu-lhe sair do leito. Ela mostrou-se alegre, porque desejava morrer; dizia-o estendendo os braços com arrebatamento para o retrato de Guilherme. Depois, a febre remitiu; ficou pálida, fraca, e sentava-se a chorar, a cada instante, porque via o esposo em tudo que lhe sugeria uma recordação. Passada esta crise, outro motivo lhe estorvou a saída: era a ourivesaria, cujo valor merecia atenção. Concorreram a propor-lhe a compra alguns ourives de Alcântara; mas a transacção era morosa. Quis a viúva delegar poderes no doutor que tão paternalmente lhe zelava a saúde e os interesses; mas António das Neves desculpou-se com a sua ignorância de tais negócios.

Neste intervalo, o apalavrado esposo de Inês acompanhou uma vez o pai para o ajudar ao arrolamento dos artigos vendáveis. Teresa vira este homem um dia e dissera ao marido: «É pena se o prendem! Que rapaz tão bem feito!» Franca e sincera! Ora, como Guilherme não era zambro nem carcunda, a franqueza da esposa não lhe motivara ciúmes. O que faz arder o peito de um marido que tem as plantas alcantiladas de joanetes é gabar-lhe a mulher os pés pequenos de outro sujeito.

A visita inesperada do estudante perturbou-a. Parecia-lhe que o fitá-lo com a simples atenção da civilidade seria manchar o seu luto cerrado. Estava inquieta: acusava-se de ingratidão ao esposo, porque a presença daquele rapaz lhe não era repugnante; pelo contrário, como a sua tristeza era tamanha, a intervenção de uma pessoa agradável naquela soledade, até certo ponto, ser-lhe-ia salutar como distracção.

Caetana, a estúpida Caetana, era a sua companhia única. Tinha engordado muito a criada, e perdera o sestro de amar a força armada. Embirrava com galegos, dizia ela, desdenhando dos espanhóis de Zarza, e manteve-se sempre honesta e patriota. Pensava ainda no último anspeçada e calculava encontrá-lo já furriel, quando voltasse para Guimarães, e amá-lo outra vez.

Por isso, Caetana apressava-se a enfardelar as coisas para a viagem, e mostrava nestes arranjos untas alegrias brutais que irritavam a ama, principalmente se a palerma

lhe dizia que a senhora ainda tomava a casar, porque estava cada vez mais fera. Esta espécie de fereza no Minho é sinónimo de formosura. A viúva exasperava-se; alcunhava-a de epítetos beneméritos da sua bestialidade e mandava-a para a cozinha. Portanto, algumas pessoas que a distraíssem, não seriam de mais na sua solitária viuvez.

Era justo. A maioria das viúvas têm as suas parentas e amigas a rodearem-nas nas horas lúgubres em que soa o dobre por um marido mais ou menos amado; essas mesmas, posto que tenham um regaço de amigas onde chorem e os braços de outra onde desmaiem, dizem-se *inconsoláveis*, e os jornais repetem isto ultrajando um adjectivo, triste como a morte, que só devia escrever-se nas lápides sepulcrais, quando as mulheres se suicidam como a viúva do ilustre professor Rego, ou morrem ao cabo da agonia de vinte dias como a viúva do grande poeta Guilherme Braga.

Ora, cumpre saber que Teresa de Jesus achou-se sozinha com Caetana, que gritou até adormecer com a cabeça entre os joelhos. Depois veio o médico, movido pela compaixão do abandono em que ficara a sua patrícia, sobejando-lhe aliás bens de fortuna para atrair a si o concurso das pessoas que sabem os três lugares-comuns da situação. Depois veio também o estudante, com o seu semblante condolente, e umas palavras bem penteadas, como diz o padre Manuel Bernardes, cheias de resignação com a fatalidade da morte, e de censuras à cruel Providência, que arrancava um esposo amado, na flor dos anos, aos braços de um anjo que ele decerto adorava. Estas e outras frases procedentes de Coimbra, onde António Maria das Neves Carneiro conhecera os grandes lapidários da palavra, Castilho e Garrett, soavam docemente e docemente lhe tiravam do coração umas lágrimas com que ela se sentia melhorar como os pletóricos com a sangria. Chorar é sempre bom nestes casos; e quando as lágrimas são provocadas por uns trenos sentimentais que afaçam e acariciam a dor da viúva, é contar que a referida viúva agradece a justiça que lhe fazem, e acha-se bem na presença da pessoa que lhe sabe vibrar as finas cordas do sentimento.

E António das Neves sabia, porque, além de inteligente, estava apaixonado.

Aquilo é que era uma organização excepcional de homem! Os seus amigos, companheiros das lides escolares, sócios das alegres cavalgatas, cúmplices na hedionda carnificina do Cartaxinho, passavam das masmorras da Universidade para a enxovia do Limoeiro e daí para o patíbulo. E ele, no entanto, namorava publicamente a filha do alcaide, amava secretamente a esposa do ourives; talvez tivesse coração, vagar e pachorra para se andar de amores com uma terceira criatura, e ainda lhe sobrava tempo e espírito para pensar nas liberdades pátrias e no galardão que lhe cabia se Portugal se emancipasse.

É natural que sua mãe lhe fizesse saber que a tropa e os esbirros assaltaram a casa no Fundão; é de supor que ele visse a sentença dos seus cúmplices que o responsabilizavam como um dos três mais carneiros esfaqueadores dos lentes; devia de julgar-se enforcado apenas o agarrassem; devia temer que o Governo espanhol absolutista o internasse e pusesse nas mãos da justiça devia, sobretudo, temer a Providência. Pois nada! Namorava, tocava flauta e esmerava-se no alinhamento dos seus cabelos loiros e na elegância dos seus coletes amarelos e fardetas à caçador, trajo seu predilecto, de que usava no dia da execranda emboscada. E tinha vinte e quatro anos, era um talento, no dizer dos seus contemporâneos, um rapaz de uma gravidade exemplar em Coimbra – me dizia, há cinco anos, um dos seus companheiros de casa!

*

Os concorrentes à compra da ourivesaria, sabendo que a viúva não tinha protectores entendidos no negócio e desejava retirar-se depressa, mancomunaram-se

para lha comprarem ao desbarato. O médico, examinando a escrituração de Luís Nogueira e do filho, conheceu a velhacaria dos ourives espanhóis e aconselhou a viúva a não sacrificar alguns mil cruzados sem absoluta necessidade.

– Se vai para Portugal – ajuntou ele – porque sua mãe a chama, diga a Sr^a D. Teresa a sua mãe que venha para Zarza, e continue a sustentar e negócio, até poder liquidá-lo com vantagem. Enquanto eu estiver exilado, conte a senhora com a minha assistência e considere-me seu pai, assim como eu a tenho tratado como filha; e, se eu algum dia voltar à Pátria com o meu infeliz António, então lhe pedirei que vá connosco e adopte como suas irmãs as minhas filhas.

Estas palavras do velho impressionaram Teresa tão agradavelmente que a moveram a não vender o estabelecimento. O académico achava-se presente a esta súbita deliberação, que ele agradeceu com um sorriso e quebranto de olhos mais expressivo que a melhor carta do *Secretário dos Amantes*. Ela percebeu a metafísica daqueles trejeitos e corou.

Depois, estando deitada, a cismar no mistério do sorriso e do olhar amoroso, deu de rosto com os olhos do retrato do defunto cravados nela e escondeu a face no lençol. Teve medo, pejo e remorso.

No dia seguinte mudou de quarto; de mobília e de coisas que pudessem assustá-la.

Escreveu à mãe, pedindo-lhe que fosse para a sua companhia. A Sr^a Feliciano respondeu que estava muito pesada, que tinha abafações e que lhe inchavam os tornozelos nas luvas novas; e por isso não podia fazer viagem lá para cascos de rolhas, *no fim* do mundo. Dizia-lhe que se fosse ela para Guimarães, que lhe não faltava que comer e beber; enfim, acabava por acusá-la de filha ingrata, que não tinha amor à mãe nem à sua terra.

Caetana, quando soube que sua ama positivamente ficava com os Galegos, pediu que lhe fizesse contas. Teresa entregou-lhe as suas soldadas e fez-lhe presente de uns brincos ou cabaças de filigrana de ouro como lembrança dos serviços que lhe devia. À vista das cabaças, Caetana sensibilizou-se e chorou tão compungida como se Pie batessem; por fim, abraçou-se na ama, soluçando que nunca a deixaria enquanto o mundo fosse mundo. Naquele tempo ainda havia criadas dignas.

Continuou, pois, Teresa de Jesus a negociar; passados alguns dias, apareceu no balcão; os fregueses voltaram em barda e os mais gafados de donjuanismo diziam-lhe amabilidades. Uma vez, António Maria, o académico, estava na loja e ouvira uma dessas finezas derretida por um fidalgo da terra. Fitou-o com os olhos fulgurantes de coriscos e empalideceu silencioso. O cavalheiro saiu, e o académico, com propósito mau ou casualmente, ia sair também, quando Teresa lhe perguntou se estava incomodado.

Ele parou, contemplou-a, os coriscos dos olhos apagaram-se nas lágrimas, demudou-se-lhe todo o semblante na maviosa ternura da súplica.

– Não responde, Sr. António Maria? – tomou ela.

Respondi – disse ele. – Não vê que eu choro?

Ela abaixou os olhos. Estavam feitas as recíprocas declarações com um; pureza rara de gestos e palavras. A língua portuguesa é a melhor das três mil e sessenta e quatro línguas e dos dialectos conhecidos – se Frederico Adelung contou bem – para exprimir honestamente coisas que nem sempre ocultam a pureza das onze mil virgens. Neste sentido, o nosso idioma pode comparar-se ao hebraico que se chamava *santo*, porque era limpo de palavras frescas e exprimia santamente as frescuras de Salomão e Ezequiel.

O caso é que Teresa de Jesus nunca mais desceu à loja; e caso ainda mais assombroso é que o estudante escassas vezes ia a casa do alcaide, e, nessas raras visitas, revelava o sacrifício que fazia ao pai, cuja dependência de D. Rojo de Valderas o trazia desassossegado de receios.

Teresa amava-o ardentemente. Aquele rapaz era, com efeito, o que devem ter sido o artista de Guimarães para que as duas almas se identificassem. António Maria era arrojado nas aspirações e invejava a morte duns heróis revolucionários, cuja história contava à viúva entusiasta. Dramatizava coisas insignificantes com atitudes trágicas. Declamava com o timbre metálico de pulmões que se ensaiavam para o fôlego comprido das pugnas parlamentares. Sabia o gesto e a palavra atoadora de Desmoullins e Mirabeau. Era iam homem antípoda do defunto Guilherme. Não tinha cismas, arroubos, nem enlevos pelo azul dos céus além. O seu amor manifestava-se em convulsões assustadoras, e às vezes ajoelhava-se aos pés de Teresa com a humildade de uma criança, e não ousava beijar-lhe a barra do vestido. Se lhe apertava, porém, a mão, os seus dedos fincavam-se como garra do açor e o sangue latejava-lhe nas falanges. Dizia que tinha vontade de afogá-la nas suas lágrimas e morrer. Chamava-lhe a sua redentora, porque já não pensava em estrangular os tiranos da Pátria, desde que todo o seu futuro estava no amor ou no desprezo da única dominadora do seu orgulho. Se Teresa um &a lhe desse o seu destino, queria ir com ela para a América inglesa, para o coração do mundo onde pulsa a liberdade humana. Se lá a não encontrassem, iriam procurá-la no deserto; à sombra de uma palmeira fariam uma cabana, e no seio de um areal cavariam a sepultura de ambos. Este homem tinha lido as melhores asneiras de 1829: a *Adriana de Brianville* e *Amélia ou os Efeitos da Sensibilidade*; e conhecia *Atalá*, traduzido em 1820, e as *Aventuras do Último Abencerragem*, em 1828. Possuía literatura bastante para levar a peçonha dos romances ao serralho de Mahmoud II.

*

Entretanto, o alcaide assistia, com o coração atravessado de receios, ao definhamento de Inês. Ela não lhe confessava a ingratidão do académico, porque sabia que o infeliz seria castigado severamente. Conhecia a índole do pai; tinha-lhe ouvido dizer: «António Maria, se aqui estivesse outro alcaide, já o carrasco o tinha cavaleado.» D. Rojo de Valderas estava, não obstante, sobejamente informado. Sabia que o académico visitava todos os dias a viúva; e lá jantava algumas vezes com o médico; uma criada sua sabia, por lho dizer Caetana, que Teresa andava alegre e aliviara um pouco o luto ao fim de dois meses, desafogando o vestido e cobrindo ou descobrindo os ombros com escumilhas pretas. Acrescentava Caetana:

A minha ama está ali está casada com o homem. Já não o fala tio outro defunto que Deus tem. A cada canto havia um painel com a cara dele, Deus lhe fale na alma; e ela meteu-os todos num gavetão. Anda toda arrebitada, não faz ideia! O espelho não ganha pó. Ai! – suspirava e dizia apontando para o céu –, se o defunto visse o que cá vai!... Pobre de quem morre!

O alcaide sabia isto e recomendava à criada que o não contasse à menina; Inês escusava que lho dissessem: o seu amor, acendrado no fogo da paixão e do ciúme, adivinhava tudo.

Por fim, disse ao pai que a levasse algum tempo para Madrid, porque precisava de se distrair. O alcaide abraçou alegremente o desejo: ele queria tirá-la de Zarza sem lhe declarar o motivo; mas, num ímpeto de rancor, reparando no abatimento de Inês, exclamou:

– Serás vingada!

– Peço-lhe que não me vingue – pediu ela. – Se o pai quer que eu viva, não me faça ter pena de ninguém. Eu antes quero sentir ódio que compaixão.

Ele rugiu um rugido interior como um urso amordaçado e não respondeu.

O médico achou um dia fechada a porta da casa do alcaide. Disseram-lhe que D. Rojo de Valderas fora acompanhar a menina a Madrid. O velho estremeceu e disse ao filho:

– Estamos perdidos, António! O alcaide desembaraçou-se da filha que lhe atava as mãos, porque te amava. Fugamos de Espanha se queres viver.

– Eu não fujo! – disse António Maria. – Se para viver é preciso deixar Teresa, antes quero a morte.

O pobre pai arrepelou-se, bramiu e amaldiçoou a hora do seu nascimento.

Algumas pessoas da sua amizade aconselharam-no que se mudasse para outra província, ou passasse à França, porque o Valderas, para vingar a filha, que o regeneram, tomar-se-ia feroz como tinha sido. Toda a gente limpa de Zarza sabia que o estudante era um dos assassinos dos lentes. Os liberais compreendiam o crime na indulgente área dos delitos políticos e os absolutistas, por amor do médico, pai extremoso daquele infeliz, se o não acolhiam, também não o delatavam. Em Espanha as mãos tingidas de sangue de homem ou de touro nunca horrorizaram ninguém. Ali o sangue humano e o chocolate são dois artigos nacionais. O matar é um idiotismo na moral espanhola, assim como na gramática de cada língua há umas aberrações que se chamam também idiotismos. Portanto, António Maria, com o patrocínio do alcaide, poderia talvez, excluído Deus da comédia humana, viver sossegadamente em Espanha, se a consciência o não inquietava.

Teresa de Jesus recebera uma carta anónima em espanhol ao outro dia da retirada de Inês. Uma pessoa que mal a conhecia – dizia a carta – lhe vaticinava a morte do marido às mãos do verdugo, se ela casasse com ele. E acrescentava: «Se Vossa Mercê o ama, como ele era amado por outra, faça em benefício dele o que a outra fez; fuja de Zarza para Portugal; não o sacrifique ao seu amor, porque esse desgraçado, se tiver um inimigo poderoso em Espanha, passará dos seus braços para os do carrasco.»

Denunciara-se o coração de Inês, se a não denunciasse a letra mal disfarçada.

Teresa tragou um grande cálice, teve previsões horrendas, experimentou a dor que atormenta sem desafoço. Premeditou fugir para o salvar. Fugiria talvez, se o amor lhe não figurasse diante a artificiosa Inês, armando-lhe uma insídia encapotada em generosidade; mas quer fosse traição, quer fosse uma renúncia nobre a favor da vida ameaçada do homem que ambas amavam, não se lhe despintava do espírito a prisão e o suplício de António Maria.

Ao mesmo tempo, quando ela se atirava sobre a cama, em ansioso pranto, entrava o médico, pálido, alvoroçado, dizendo que considerava seu filho perdido se não fugisse imediatamente para França. Contou as suas apreensões, viu a carta anónima que as confirmava e implorou a Teresa que afastasse de si o desditoso moço, que estava sentenciado à força.

– Pois sim – disse ela, enxugando as lágrimas –, iremos todos para França.

– Sim? – exclamou o velho. – Vai conosco, D. Teresa?

– Estou viúva há três meses; esperava que passasse um ano para casar com seu filho; assim lho prometi; casarei já. e iremos.

*

Inês vivera muito na intimidade da mulher do ourives; sabia as miudezas da sua história amorosa; conhecia de nome a viúva do surrador e o cónego Araújo. Antes de se

afastar de António Maria e de avisar Teresa, escrevera em pseudónimo ao cónego relatando-lhe que a viúva de seu sobrinho, apenas o marido expirara, sem dignidade nem pudor, provocara o galanteio de um português residente em Zarza; depois esclarecia-o a respeito da qualidade do expatriado, falava-lhe na forca, na infâmia da amante ou da viúva de um enforcado, e concluía pedindo ao tio de Guilherme Nogueira que afastasse a viúva de seu sobrinho de Zarza, porque era ela a responsável do suplício do homem que fascinara com a sua desonrada beleza. A pobre Sr^a Feliciania também recebeu carta menos floreada e sentimental, mas bastante cruel para lhe agravar a gota e tolher-lhe de todo as articulações dos joelhos. Mandou chamar o cónego e mostrou-lhe a carta, pedindo-lhe a gritos que mandasse os belinguns à custa dela prender a filha. Esta boa matrona tinha confiança na justiça de Guimarães até além das fronteiras.

O cónego Norberto de Araújo em 1829 estava realista esturrado. Convertera-se às cortes de Lamego, porque os constitucionais lhe não deram uma conezia de Braga; e estava agora esperando que o conde de Basto lha desse, em galardão de ele ter assinado em Guimarães o auto da aclamação de D. Miguel, rei absoluto. Se o desastre da matança dos membros da deputação se desse em 1822, o cónego Araújo talvez dissesse que a árvore da liberdade medrava com o sangue; mas o crime dos estudantes em 1828 classificou-o acima de todas as barbaridades, e achou que a pena da forca não correspondia ao delito, porque as leis antigas tinham o esquarterar a repelões de cavalos e o extirpar o coração pelas costas. Tudo isto por causa de uma murça, de uns três mil cruzados e de umas meias escarlates na Sé bracarense.

Horrorizou-o, pois, a perspectiva da viúva de seu sobrinho casada com um dos facinorosos que ajudara a fazer vinte e duas feridas, como reza a sentença, na nádega esquerda do seu amigo o deão de Coimbra, António de Brito; e deplorava que os doze mil cruzados de seu irmão Pedro, cujo herdeiro fora Guilherme, passassem às mãos de um assassino, de um sanguinário foragido da forca.

Na febre da sua indignação, meteu-se em uma liteira do Gaitas e foi para a Estremadura espanhola, disposto a trazer a viúva e a fazer agarrar, se pudesse, o criminoso.

Quando Teresa ouviu parar a tropeada de uma cavalgadura à porta e viu o cónego a desapertar os colchetes de um capote de seis cabeções para se descavalgar do macho, recuou aterrada e disse a António Maria, que estava na sala:

– Esconde-te naquela alcova, que aí está o tio cónego!

Este lance ocorreu no dia imediato àquele em que Teresa resolvera casar para seguir o marido a França.

Caetana descera ao pátio quando o arneiro aldrabou na porta. O cónego perguntou-lhe pela ama. Ora, a criada, que não tinha sido advertida por falta de tempo, respondeu:

– A Sr^a D. Teresinha está na sala com o Sr. Estudante português.

O padre esbugalhou os olhos como se quisesse inundar Caetana de fluido magnético. Meteu-lhe medo; porque ao mesmo tempo assoprou dois bafos de estalo que pareciam o estoirar de duas castanhas no borralho.

– Ui! – murmurou ela, fazendo pé atrás. – Vossa Senhoria a modo que não vem bom! Sume-te!

O cónego voltou-se para o arneiro de Idanha-a-Nova e perguntou-lhe se havia estalagem em Zarza.

Neste momento, Teresa assomou no patamar da escada e disse:

– O meu tio cónego pergunta por estalagem estando em sua casa?

– Pergunto – respondeu ele, acenando três vezes a cabeça armada do chapéu triangular. – Pergunto onde poderei repousar decentemente uma noite; e a Sr^a Teresa de

Jesus Pereira, quando achar que a sua casa não cheira a sangue de salteadores, terá o cuidado de me mandar chamar, que eu preciso ouvi-la.

– Que quer isso dizer? – acudiu ela, descendo ao pátio –, sangue de salteadores! Explique-se, Sr. Cónego.

– É verdade, explique-se – repetiu a voz de António Maria, o dramático, que vinha descendo placidamente as escadas.

O padre tinha cinquenta e oito anos: andava bem alimentado; as suas mãos eram grandes, escarlates, e sobre o domo de cada dedo tinha um espinhaço de cabelos rijos como as cerdas de um javali. Tinha sido um pródigo de pancadaria, quando se ordenava. Batera-se com os Franceses em Carvalho de Este e disse missa por alma de alguns que matara quando duvidou da legitimidade da sua missão de sacerdote do mansíssimo Jesus e de ajudante de ordens do bispo do Porto, que mandava mar os parlamentários de Soult e os jacobinos portugueses. Depois, ao declinar da vida, uma vez por outra, saía do seu sério e esbofeteava os seus colegas da colegiada, umas vezes por causa de contas, outras por política; batia alternadamente, em 1820 nos realistas, em 1829 nos liberais. Como quer que fosse, viu o estudante a descer as escadas com uns ares trágicos e não lhe ganhou sombra de medo.

– Que é o que querem que eu lhes explique? – perguntou o cónego. – Ao senhor – ajuntou ele dirigindo-se a António Maria – tenho a dizer-lhe que esta mulher foi casada com meu sobrinho, um moço honrado que por amor dela se expatriou, que morreu há menos de quatro meses e não pede ainda estar desfeito debaixo da pedra. Vim aqui chamado pela noticia da desonra desta viúva, que chegou até Guimarães, e foi assentar-se ao pé do leito de uma velha enferma, que é mãe desta mulher. As explicações que tenho a dar ao senhor estudante estão dadas. Ora agora, à Sr^a Teresa, viúva de Guilherme Nogueira, venho dizer-lhe, da parte de sua mãe, que aquele senhor, que me interrogou há pouco tão altivamente como as pessoas honestas interrogam os caluniadores, é um dos tão ferozes quanto covardes assassinos e salteadores que maniataram dois lentes, dois padres e duas crianças para matarem uns e anavlharem os outros²³.

António Maria das Neves não se arremessou contra o cónego, como o leitor fantasista esperava, supondo essa arremetida o mais dramático desfecho. Seria também o mais inverosímil, se eu subscresse a isso por amor da arte. É de saber que os infames têm os seus momentos de convicção, de consciência e de queda sob o peso esmagador de si próprios. Ainda mesmo os celerados, que deram prova de valentia, e se avançaram contra um grupo de homens, estacam frios de tenor se as sombras da noite lhes avultam um fantasma. O fantasma do homicida do Cartaxinho, aqui, era o cónego. Não direi que o sócio dos «divodignos» temesse materialmente o velho; mas também não afirmo que não; o certo é que António Maria quedou-se estupefacto e maniatado a encarar aquele homem como um réu confesso fita o juiz que lhe lavrou a sentença de morte.

Quem não sucumbiu foi a filha de Joaquim Pereira- A mulher, quando ama, tem heroísmos e abnegações de que o homem – o ser mais egoísta do reino animal – é incapaz. Acabava o cónego de expectorar a objurgatória, quando Teresa de Jesus, com um sorriso eriçado de crispações coléricas, cruzou os braços com um jeito herdado da mãe e disse:

– Faltou-lhe acrescentar, Sr. Cónego, que este senhor, além de tudo isso que o senhor disse, é.... ou vai ser, meu marido.

²³ Uma das crianças de então ainda hoje vive e reside em Lisboa: é o Sr. Manuel Falcão Cotta e Meneses, uns dos sobrinhos que acompanharam seu tio, o cónego Pedro Falcão, que sobreviveu a dois ferimentos no peito, a dezassete buracos de chumbo na cara, e algumas punhaladas na espádua direita.

– Sim?! – acudiu o padre. – Que novidade me da!... Quem devia de ser mulher dele senão a Sr^a Teresa?! Cá vou dar essa boa nova a sua mãe. Seu pai teve a felicidade de morrer embriagado, antes deste caso. Salvou-se a tempo. – E voltando-se para o arneiro: – Conduza-me à estalagem: preciso comer; que isto não vai a matar.

O arneiro levou o macho à rédea; o cónego ia limpando as camarinhas de suor e olhando de esconso sobre o ombro direito. Parece que não tinha a maior confiança na lealdade cavalheiresca do sujeito que ajudara a fazer os vinte e dois buracos na nádega esquerda do seu amigo deão da Sé de Coimbra.

*

Por aqueles dias chegou D. Rojo de Valderas a Zarza, de volta de Madrid.

O médico procurou-o e foi recebido com o agrado habitual. Ainda assim, não pôde nem quis dissimular a sua aflição. Foi direito ao assunto e começou pela eloquente sinceridade das lágrimas. Depois perguntou ao alcaide se ele e seu infeliz filho podiam contar com a sua protecção em Espanha.

O alcaide sacudiu as mãos como quem quer esquivar-se à prática de umas coisas desprezíveis e disse:

– Ora adeus, D. António Maria!, não falemos disso. O melhor é não falarmos em seu filho, enquanto a saudade de minha filha me estiver roendo as entranhas. – E mudou de cara; fez-se roxo, esfregou as mãos, que davam o sonido do atrito de dois guantes; e acrescentou: – Doutor, eu cá não sei nem posso chorar. A minha desgraça é não poder chorar. Nunca chorei. Acho que todas as minhas lágrimas estão empoçadas à espera que a minha Inês feche os olhos...

– Sua filha não tem doença que nos assuste, D. Rojo! – atalhou o doutor. – Amargamente sinto que o senhor me retirasse a confiança que eu lhe mereci como médico. Se me tivessem dito que D. Inês ia procurar saúde a Madrid...

– Não foi procurar a saúde – interrompeu o alcaide. – Minha filha foi-se divertir... Fale-me de outras coisas agradáveis... Então seu filho casa ou já casou?

A transição súbita e serena desta pergunta penetrou dobrosamente no peito do velho. Antes ele quisera que o alcaide lhe injuriasse o filho, rebaixando-o à ignomínia por toda a escaleira do insulto, desde a imputação de salteador até assassino.

– Casou já? – insistiu o *Vandolero de Castilla-la-Vieja*.

– Não, senhor, meu filho não casou – gaguejou o médico, desanimado e desarmado pelo ar sarcástico do alcaide.

– A. viúva do ourives é rica, hem? – tornou D. Rojo.

– Não é rica, senhor... é a fatalidade... tem os filtros infernais que enlouqueceram meu filho...

– Caramba! – exclamou o castelhano a rir. – Cuidava eu que isso de filtros eram bruxarias em que um doutor médico não podia crer! Com que então, ainda se crê em magia lá por Portugal?! Escapou a tal Teresa à Santa Inquisição por não vir com os seus feitiços aqui há dez anos! Tenho pena do seu pobre e inocente filho, doutor! Pois pensava eu que ele se apaixonara pelo espólio da viúva e pelo palmo de cana que os cavalheiros por aí dizem que é apetitosa!...

– Sr. D. Rojo! – exclamou o médico com veemente angústia –, as suas ironias matam-me! Por Deus lhe peço que acuse meu filho, que razão lhe sobra para o fazer; eu não o defenderei; mas de mãos postas lhe peço que lhe perdoe; pela vida de sua filha lho rogo!

António das Neves ia ajoelhar-se, quando o alcaide, num ímpeto de fúria, passou paro o interior da casa. Momentos depois, um aguazil da alcaidaria entrava na sala e

intimava ao médico que o Sr. D. Rojo de Valderas o despedia de sua casa.

O atribulado velho socorreu-se de alguns cavalheiros mais distintos da terra como intercessores. Ninguém se quis baixar a pedir-lhe. Todos aconselhavam ao português a fuga. No entanto, um fidalgo, irmão do arcebispo de Xerez de los Caballeros, residente em Badajoz, ofereceu-lhe o patrocínio daquele potentado eclesiástico, na certeza de que as justiças daquela cidade não prenderiam o expatriado, em respeito a seu irmão. Ainda assim, este protector qualificava de temível o alcaide e opinava que o estudante andaria melhor avisado se fosse a Madrid pedir perdão a Inês e casar com ela. Também o médico abundava neste parecer; mas o filho argumentava deste feitio:

– Ponha-me o pai, à direita, a tal Inês com um bem dote e a liberdade; e, à esquerda, Teresa, pobre, e ao lado dela o patíbulo, que eu vou para a esquerda. Não se atreva com tão pouco – acorçoava o estudante, cheio de sinceras esperanças. – Nós vamos para França, e de França voltaremos brevemente com D. Pedro. São favas contadas. Que me importa a mim o alcaide, o salteador, o bandoleiro! O pai queria ser o avô dos netos de um capitão de ladrões? Pergunte aos mancebos de Zarza se algum quereria ser marido da rica herdeira de Rojo de Valderas! Ninguém! O homem aproveitava no expatriado, no liberal perseguido, um marido para a filha, à falta de homens! Quem!, eu? Chamam-me outros destinos. Ou hei-de ser um dos primeiros homens no Portugal livre, ou desterrar-me-ei voluntariamente e pata sempre dessa cafraria. Caso com Teresa porque preciso de um coração de mulher que suavize as asperezas da minha alma de espartano. Se o amor me não roubar a mim mesmo, serei capaz de ir a Portugal cravar o ferro no peito do tirano e pegar o fogo ao alcouce do Ramalhão, e pôr luminárias à liberdade incendiando os mosteiros e vestindo os frades de alcatrão, como Nero fez num dia de justiça. Preciso do amor desta mulher como os sublimes doidos que têm no cérebro a salvação dum povo carecem de capacetes de neve para lhes esfriarem a ebulição generosa do sangue. A morte deixou de ser afrontosa desde que Danton e Robespierre atiraram com as cabeças ao prato da balança em que se pesava o futuro dos povos. Chamem-lhe forca ou guilhotina, que me faz a mim o nome? Eu hei-de ter o meu dia de martírio ou de glória. Hei-de fazer desenterrar os ossos dos meus companheiros e fazê-los adorar nas aras da Pátria; hei-de reparti-los como relíquias dos santos da segunda redenção da humanidade e perguntarei aos bonzos se os eremitas da Tebaida fizeram tanto como eles e como Marat e como Saint-Just pela restauração da alma humana! Que me importa a mim o objecto alcaide deste objecto burgo de Zarza? Se ele se atravessar no meu caminho, meto-lhe o meu punhal na garganta e poupo a história espanhola à infâmia de numerar este Cartouche no número dos seus alcaides. Nada de sustos. Iremos para Badajoz enquanto Teresa não traspassa este embaraçoso negócio; depois lá se marcará o nosso itinerário, se o pai quiser seguir-nos; e, se tem saudades da família, vá para Portugal, que ninguém o perseguirá, e deixe-me a só com o meu destino. Eu preciso da luta para ser grande como os anacoretas precisam das tentações para serem santos! A minha vida é uma molécula de um novo caos em que vai entrar a humanidade, para depois se reconstituir. Os homens da geração presente não são de si mesmos, são da geração vindoura. Os que hoje morrerem ressurgirão na vida nova das sociedades. A forca de 1828 e 29 é a apoteose de 1838 e 39. Dentro de dez anos, António Maria das Neves Carneiro será ministro ou terá o seu nome inscrito ente os mártires do Cais do, Tojo e da Praça Nova.

E assim por diante, com grandes gestos, e não menor assombro do pobre velho, que, através da lente do amor paternal, media o filho pela estatura de Catão.

Teresa de Jesus Pereira e António Maria das Neves Carneiro casaram, em Badajoz, em Dezembro de 1829. O arcediogo de Xerez de los Caballeros, bom católico e entranhado partidário de Fernando VII, escrupulizava em proteger um escapadiço da forca; todavia, condoera-se do pai e acedera aos rogos do irmão.

Os noivos alteraram o plano da saída imediata para França, primeiro porque se interpuseram delongas na venda da ourivesaria, depreciada pelas solicitações da vendedora, depois pela dificuldade em obter passaporte para França com as legalidades miudamente exigidas. O Governo espanhol espionava os que se moviam na direcção do, foco revolucionário. Estava em ebulição o movimento de Julho de 1830.

Entretanto, Inês de Valderas voltava de Madrid, aconselhada a procurar saúde nos ares de Zarza, e em Janeiro de 1830 expirava nos braços do pai, no momento em que se esforçava por destruir um pequeno maço de cartas que lhe caíram das mãos moribundas.

A vingança do alcaide principiou quando ele se ergueu de rezar a última prece sobre a campa da filha. Inês não acabara tão santa e resignadamente quanto se faria mister para que esta página parecesse um pedaço de folha arrancada ao flós-santório do padre Ribadenera. Ela amaldiçoara António Maria quando soube que Teresa lhe chamava esposo e galeava nas suas tranças loiras soltas sobre a espádua do marido na Plaza de San Juan. Disse que, se fosse homem, iria apunhalá-los ambos. O pai ouviu-a e murmurou:

– Deixa esse cuidado ao verdugo, quanto a ele; quanto a ela, há-de viver para o ver na forca.

Inês teve então um frouxo de riso feroz. Nunca se parecera com o pai senão quando se nu assim.

O alcaide conhecia o pulso do braço poderoso que defendia o filho do médico. A bandeira protectora de António Maria era a ciência do facultativo. O arcediogo salvara-se do terceiro insulto apoplético pelos desvelos do médico português. Redobrou, pois, de zelo pela segurança dos emigrados.

D. Rojo, conversando com o irmão do arcediogo em Zarza, não denunciava intento malévolos; pelo contrário, inculcava piamente que a sua Inês era a santa do Céu que mais patrocinava o seu ingrato matador.

O fidalgo, escrevendo ao irmão, referia-lhe o que passava com o alcaide – a quem chamava parvo – e era de opinião que o homem, alquebrado pela perda da filha e pelos achaques da velhice, não premeditava vingar-se, e até pensava em vender os bens e retirar-se a um mosteiro, como quem já nada tem que ver com o mundo, e tinha muitos pecados que estrangular nos rins com o cilício.

O arcediogo e o médico desconfiavam das conjecturas do logrado apreciador do alcaide; mas António Maria, ensandecido daquela demência que acomete os destinados por Deus à perdição, consoante dizem os Livros Santos, era um leviano que se pavoneava soltamente com a esposa e parecia fazer gala do patrocínio e da impunidade. Como lhe fosse necessário receber dinheiro em Alcântara, foi com a esposa, uma gentil amazona, cujos cabelos soltos impregnavam as brisas do seu perfume.

O arcediogo, quando o médico lhe disse que o filho e a nora iam a caminho de Alcântara, afligiu-se e exclamou:

– Eu hoje soube que entre o Governo português e o nosso há inteligências a respeito de seu filho. Vá depressa, siga-os, e faça-os sair de Alcântara antes que o alcaide de Zarza saiba que eles estão lá. Seu filho não tem juízo e sua nora entendeu que uma mulher bonita é um arnês que defende o marido. São ambos doidos. Vá chamá-los e que se escondam até nova ordem na minha quinta, e não me apareçam em Badajoz.

O médico entrou de noite em Alcântara e soube que o filho e a nora tinham ido para os arrabaldes assistir a uma festa do 1º de Maio, convidados por um joalheiro, principal comprador da ourivesaria. De madrugada, quando ia a sair da estalagem, foi preso por dois aguazis, que o levaram à presença do alcaide. Após uma breve interrogação, conduziram-no à cadeia para ulteriores averiguações. Um dos esbirros, que o conheceu em Zarza, rio trânsito para o cárcere, disse-lhe que o alcaide D. Rojo de Valderas estava em Alcântara havia quatro dias e ofereceu-se para lhe levar algum recado, se o preso precisava da protecção dele.

O médico perguntou-lhe se ele teria dúvida em receber duas onças pelo favor de procurar seu filho, na aldeia que nomeou, e disse-lhe que seu pai estava preso.

– É inútil – disse o quadrilheiro – porque seu filho deve já vir no caminho do cárcere.

– Perdidos! – exclamou o velho, amparando-se no ombro do esbirro.

– Pelo que vejo – disse o outro –, o seu crime é coisa de maior! Em Espanha não é costume prenderem-se os emigrados políticos de Portugal...

O Dr. António Maria recobrou alento e caminhou para iludir a curiosidade dos transeuntes. O povo farejara espectáculo nas lágrimas daquele velho e queria saber a história. O carcereiro deu-lhe um quarto espaçoso, expôs-lhe os costumes da casa, indicou-lhe a melhor estalagem para se fornecer de viveres e retirou-se porque o chamavam para receber um preso: era António Maria das Neves.

Como não havia recomendação especial, o carcereiro alojou-o no quarto do pai. Teresa de Jesus acompanhava o marido; mas ia livre. O velho abraçou-se no filho, em clamorosos gritos. O estudante abraçava o pai; mas não desfitava os olhos da mulher. Ela encostara o rosto a um travessão de ferro da grade e soluçava.

– Teresa! Teresa! – exclamou António Maria –, eu começo desde já a pedir-te perdão, porque te desgracei.

Ela correu para ele, beijou-o, lavou-lhe o rosto de lágrimas e murmurou:

– Não percas a esperança... Eu vou já para Badajoz... O arcediago há-de valer-nos... Eu hei-de salvar-te, António!...

– Melhor fora que na tua volta me encontrasses morto... Se eu me suicidar, Teresa, não consintas que me chamem covarde... Mato-me para que sobre ti não caia a infâmia da morte que me vão dar...

– Pelas cinco chagas de Cristo! – acudiu ela. – Não te mates, que eu tenho esperanças de te arrancar daqui!

E abraçava-o com frenética paixão.

– Tu tens aqui um punhal... – disse ela, sentindo a rijeza do punho de bronze contra o seio. –z- Dás-me este punhal, António? Receio que te mates... Dá-mo!...

– Leva-o – disse ele com indiferença. – Será tudo quanto te fique de mim... esse punhal...

Teresa olhou para o ferro e disse com serena majestade:

– Se mo deixares... olha que fica nas mãos de um homem.

– O alcaide, afinal, venceu disse o estudante. –O infame espiava-me os passos... Leva-me ao patíbulo...

Teresa foi rapidamente à porta do quarto, como receosa de que a ouvissem; voltou para entre o marido e o sogro, ia exprimir uma ideia que lhe rutilava nos olhos brilhantíssimos, e susteve-se, murmurando:

– É cedo...

É cedo o quê? – perguntou António Maria.

– Nada... Não me perguntes nada... Deixa-me por enquanto conservar uma pouca

de serenidade, senão a esperança foge-me, e eu,, que sou necessária à tua vida, posso morrer primeiro.

Eis aqui o diamante bruto de Guimarães lapidado por António Maria. O primeiro marido alumiará-lhe o espírito com a suave luz das estrelas; o segundo encherá-lho dos clarões intensos do relâmpago. Ela aí está olhando para o punhal das três esquinas, com os mesmos olhos com que nove anos antes olhara para a flor colhida na jarra de Guilherme Nogueira. Latão, os seus olhos tinham a meiguice de uma pastora da Arcádia de Poussin; agora chamejavam como os da Carlota Corday.

*

Foi a Badajoz e pediu ao arcediogo que lhe salvasse o marido e o sogro. Lançou-se-lhe aos pés, abraçou-lhe os joelhos, beijou-lhe as mãos. O ancião foi a Madrid. Conseguiu reter a ordem que mandava conduzir à fronteira os presos, até ver se revogava a deliberação do Governo. Saíram grandes protectores contra as instâncias do alcaide de Zarza. O mais que o arcediogo, ainda assim, obteve, foi uma detenção que poderia dar azo a uma esperança – à mudança dinástica em Portugal ou Espanha. Esperava-se a revolução de França. Mas D. Rojo de Valderas estava em Madrid, aguilhoando o representante de Portugal.

– Não posso vencer a influência de um antigo caudilho de salteadores! – disse o arcediogo a Teresa de Jesus. – O alcaide de Zarza é implacável. Trabalha como se D. Miguel delegasse nele os direitos que a lei lhe dá à cabeça de seu marido.

Teresa não consultou o marido. Foi a Madrid. Informou-se da residência do alcaide. Entrou-lhe imprevista no seu quarto, onde o rodeavam os antigos cabecilhas da aclamação de Fernando VII absoluto. Pediu com altivez que perdoasse a seu esposo uma culpa que era só dela.

– Fui eu que o roubei ao amor de sua filha! – exclamava a louca no delírio de um mau romance –. fui eu que o fascinei com um poder sobrenatural!, arranquei-o aos braços de sua filha como quem afira um cego a um abismo. Não tenha compaixão de mim, senhor; mas tenha misericórdia com ele que ainda não fez vinte e cinco anos e vai morrer numa forca!

– A senhora – disse sossegadamente o alcaide – está muito iludida a meu respeito! Seu marido foi preso pelo alcaide de Alcântara, se bem me recordo; e eu sou, como sabe, alcaide de Zarza. Seu marido é um criminoso cuja extradição é pedida pelo legítimo monarca de Portugal, ou pelo seu representante em Espanha. Eu sou tão estranho a esses convénios entre os dois países como estes meus amigos que não conhecem seu marido nem sabem talvez do que se trata.

– Sr. D. Rojo! – voltou Teresa de Jesus –, pela alma de sua querida filha lhe suplico que não se oponha a que os amigos do meu infeliz marido o protejam em Madrid. Ajoelho-me diante do seu coração de pai e dos seus cabelos brancos! Deixe-me crer que há Deus pela misericórdia dos seus olhos! Veja que estes seus amigos me encaram com piedade: seja piedoso também comigo! Lembre-se que meu marido é enforcado logo que entre em Portugal!

– Õ senhora! – replicou o alcaide –, parece que me não percebeu! Rogo-lhe que me não importune! Deixe-me, que eu nada lhe posso fazer.

Teresa de Jesus ergueu-se inteiriça e hirta como uma estátua de bronze. Fixou-o como dois dardos que se apontam à cara de um homem e disse:

– Quer que o deixe?... deixarei... E até à vista.

E saiu.

Dizia Pajillas a Missas:

– Que mulher! Eu dava o marido ao Diabo e ficava-me com ela.

Jaime Alonso, *o Barbudo* de alcunha, limpava as lágrimas ao canhão da farda de tenente-coronel. O francês Georges Bessières disse que a ia seguir e seria capaz de arrombar a cadeia de Alcântara para lhe dar o marido em troca de um beijo. Pantisco pedia em termos honestos ao seu amigo que, se podia, salvasse o tal emigrado da forca, e dizia ao ouvido do francês: «Recorda-te que já estiveste para ser enforcado.»²⁴

O alcaide de Zarza relanceou os olhos, que espumavam sangue, aos circunstantes, e disse cavernosamente:

– Vocês não sabem talvez que eu sentei à minha mesa o homem desta mulher; abri-lhe a minha bolsa e franqueei-lhe de dia e de noite as portas da minha casa; deixei-o galantear minha filha, a filha única, o meu único amor, a minha pobre Inês. Pediu-ma para esposa, e eu dei-lha; e vai ele depois, quando a minha Inês não via outra coisa no mundo, e parecia até amar-me menos por amor dele, o infame abandonou-a, casou com essa que aí viram, e a minha filha morreu-me nos braços. Sabem agora quem é o homem que está preso?

Todos os *defensores da fé* disseram, à uma, que lhe teriam arrancado um olho pelo buraco do outro e desejaram-lhe outros suplícios assim imaginosos no calão dos salteadores.

D. Rojo redarguiu:

– Estou velho e cansado. O carrasco que faça a sua obrigação.

*

No dia 5 de Junho de 1830, depois de mês e meio de prisão em Alcântara, os dois portugueses receberam ordem de estar prontos para marcharem ao seu destino. Com este aviso, António Maria perdeu o ânimo. Não vislumbrava a mínima feição daquele homem que discorrera tão pomposamente acerca dos heróis e dos mártires. Não lhe ocorria nada de André Chenier nem de Saint-Just. Caiu a chorar nos braços da mulher, enquanto o médico, por uma espécie de egoísmo, que está no instinto da vida, se agachara a um canto perguntando a si mesmo se seria também enforcado pelo simples facto de ser pai do réu. Teresa era admirável de coragem. Apanhava a frente do marido entre as mãos e dizia-lhe:

– Então?... queres tu? Suicidemo-nos!

E mostrava-lhe o punhal, como a Árria, que dizia a Poetus, seu marido, condenado por Cláudio: «Isto não dói!», e apontava a ponta do aço ao coração.

– Queres que eu me mate primeiro?

– Quem sabe? – dizia ele. – Quem sabe se rebentará a revolução!... Esperemos...

Nem a valentia do suicídio, atem a vergonha diante daquela mulher esplêndida, sinistra, formosa, com todas as seduções da morte!

E o velho tiritava a usa canto e oltava como um idiota para uma fiska que separava duas tábuas.

Ela encarava ora um, ora outro, e parecia ganhar nojo à vida.

Ao escurecer, o carcereiro mandou-a sair; e, fora do quarto, disse-lhe:

²⁴ *Georges Bessières* desertara de um regimento francês em 1810, depois de haver matado na Catalunha o capitão. Apresentou-se ao exército espanhol, justificando ser oficial, com os papéis do capitão assassinado, e fez guerra aos Franceses. Quando ia desertar, foi agarrado e exonerado da farda. Em 1820 conspirou contra os liberais, e foi condenado à forca. Salvaram-no os constitucionais, que ele perseguia em 1830. Pajillas havia sido ladrão célebre era Castilla e esteve condenado à morte por assalto às malas de um correio. Missas infestou as estradas de Catalunha. Jaime Alonso foi chefe de ladrões quinze anos em Valência e Múrcia. Pantisco capitaneou unia malta em Andaluzia. Chamavam-se estes homens em Espanha os *defensores da fé*. – *Ocios de Españoles emigrados, periodico mensal*. Londres, 1824.

– Eles são amanhã ao meio-dia entregues à tropa portuguesa, que os espera em Segura, na fronteira. Previna-se a senhora.

Deteve-se ela dois segundos a meditar e respondeu:

– Diga amanhã a meu marido que eu fui adiante.

EM PARÊNTESES

Posto que a arte me ponha preceito de exterminar todo o elemento cómico destas páginas fúnebres, a natureza das coisas obriga-me a fazer menção de Caetana, que não podia deixar de receber urna tintura melancólica em contacto com tantos infortúnios. Estava magra; era uma desgraça que ela expunha à ama todos os dias – o estar magra como uma cadela. Às vezes davam-lhe guinas de fugir para Margaride, sua pátria, e quem as armou que as desarmasse. Depois a fidelidade de criada antiga reagia, e um lenço ou uni saio de da ama ajudavam a vitória dos bons instintos. A saída de Badajoz para Alcântara buliu-lhe com o coração. Tinha ali atado as duas fibras mais sensíveis do seu peito, nove anos cortadas pelo golpe da saudade. A Espanha conseguira conquistá-la afinal, na pessoa do despenseiro do arcediogo: era o primeiro paisano e primeiro estrangeiro que amava; e nestes amores de espécie nova e pachorrenta a sua nutrição dava-lhe cor local. Tudo concorreu, porém, a adelgacá-la.

Vendo a sua ama chorar dia e noite, dizia que se sentia arrebrantar por dentro, e eu não duvido da sinceridade deste incómodo. O que sei, e colho dos apontamentos desta mal contada história, é que Caetana no dia 6 de Julho de 1830 entrou em Portugal com Teresa de Jesus, e assim que pisou em Zibreira terra da Pátria, se a não beijou como os sublimes repatriados, voltou-se para o lado de Espanha e bradou: «Que leve o diabo os Galegos, Sr^a D. Teresa! Se me vejo em Guimarães, tomo a encher!»

*

Teresa de Jesus Pereira era um pouco parenta do conde de Basto, José António de Oliveira Leite de Barros. Contara-lhe sua mãe que uma sua prima, a Joaquina Russa, dera em droga, estando a servir na Brea, em casa de André de Oliveira, pai do desembargador. Deste dar em droga nascera o bastardo que, em 1830, era ministro do Reino. Por conseguinte, à esposa fantasiosa de António Maria das Neves figurou-se-lhe que, apresentando-se ao primo conde, salvaria o marido. A fim de arranjar carta de apresentação, foi a Guimarães, fiada também no patrocínio dos parentes da Sr^a Condessa de Basto, D. Catarina Leite, filha do primeiro visconde de Azanha:

Feliciana, quando ouviu a voz de Teresa perguntando por ela, saltou do leito e fez do seu reumatismo umas asas de amor maternal. A filha espantou-se do envelhecer da sua pobre mãe no breve decurso de oito anos. Parecia-lhe ouvir ainda o pai. Os sítios, visitados depois de muitos anos de ausência, revivem recordações, figuras, existências e vazes que aí vimos e ouvimos quando os deixámos. Teresa ouvia o vozear estrondoso de Joaquim Pereira, sentia no olfacto o odor nauseabundo dos curtumes, no ladrilho das janelas estavam ainda os seus quatro vasos de craveiros, apalpava para assim dizer o cadáver galvanizado da sua infância e mocidade. Não seria saudade o sentimento que a fez debulhar-se em lágrimas abraçada na mãe: saudade ou remorso, a sua dor era uma contração da alma que a fazia debater-se em ânsias desesperadas.

Explicou à mãe a sua situação. A Sr^a Feliciana escutava com a boca mais aberta que o entendimento, benzia-se de vez em quando, olhava para o crucifixo do seu oratório, meda a cabeça nas mãos, e nestes aflitos trejeitos ouviu a pungente

história do segundo marido de sua filha. Quando Teresa lhe disse que queria falar ao conde de Basto e apresentar-se como segunda prima de sua mãe, Feliciano não deu importância nenhuma a tal recurso.

Valha-te Deus! – disse ela –, A Joaquina Russa, mãe desse brejeiro, fizeram tanto caso dela que, se não fossem as esmolas dos parentes, morria a pedir por portas. Deixame ir falar com o Sr. Bernardo Correia, que é cunhado do conde, a ver se ele te dá uma carta para a irmã... Olha, filha, se isto fosse coisa que se remediasse com dinheiro, eu tenho aí algum; mais de seis mil cruzados; e, se não chegar, vendem-se as casas, ainda que eu fique a pedir pelas portas.

Feliciano encontrou Bernardo Correia, o coronel dos voluntários realistas de Guimarães, insensível às suas súplicas. Segundo ele, o estudante devia morrer enforcado como os outros, e a mulher devia ser açoitada por casar com tamanho assassino e ladrão. Disse mais que o cônego Araújo lhe contara o que passara em Espanha com a tal jóia da Teresinha do Joaquim dos Coiros. Este fidalgo era um homem de bom fundo; mas à superfície tinha-lhe rebentado um pouco da lepra do cunhado conde de Basto. Deus lhes perdoe a todos e lhes desconte nos seus pecados a época em que floresceram e o muito que cavaram no seu próprio abismo.

Voltou a velha com a resposta do fidalgo. Teresa abafava na estreiteza da casa; não respirava; queria sair naquela mesma noite, ao encontro do marido; queria matar-se depois de lhe beber as lágrimas no derradeiro beijo. Declamava isto em altos gritos, enquanto a mãe, ajoelhada diante do seu lívido Jesus Crucificado e da Virgem das Dores, lhes implorava que dessem alívio à desesperação de sua filha.

No dia seguinte, Teresa de Jesus voltou pelo caminho de Espanha, a longas caminhadas, com um arneiro, sem receio, sentindo alternativamente o desejo da morte como esquecimento; mas, se um leve desfalecer de cabeça, aturdida pelas insónias, a ameaçava de morte, então pedia a Deus a vida para se vingar, como se Deus fosse o Jeová das sanguinárias vinganças de Israel.

Quando chegou às Cernadas, soube que os dois presos estavam na cadeia de Castelo Branco, havia cinco dias. António Maria, quando entrou em Idanha, recebeu do carcereiro um bilhete em que a esposa lhe contava os seus planos de salvação; e quando a viu aproximar-se da cadeia, tão cedo, perdeu a absurda esperança que tem ar de zombaria quando afaga certa espécie de perdidos.

Teresa de Jesus não conseguiu entrar no cárcere. Havia proibição de comunicarem os presos com quem quer que fosse.

No dia 14 de Julho seguiram jornada apressada para a capital e no dia 20 entraram no Limoeiro.

Pelo mesmo tempo, Feliciano, aconselhada pelo cônego, foi para Lisboa com Caetana. O tio de Guilherme Nogueira condeou-se de Teresa e dissera à mãe que a fosse amparar na imensa desventura de uma viuvez tão afrontosa. Recomendou-a na capital de modo que mãe e filha fossem acolhidas com decência e veladas pela compaixão de um comerciante natural de Guimarães.

Instaurou-se processo ao médico, pai do estudante. Quanto ao filho, esse estava processado; restava, apenas, acrescentar à sentença o depoimento de algumas testemunhas que ficara secreto nos autos. O Dr. António das Neves Carneiro foi condenado a degredo para as províncias do Sul do Reino, O seu crime era ter acompanhado o filho para Espanha. Houve com ele a misericórdia de o retirarem do Limoeiro antes que o filho saísse com a alva dos padecentes.

A energia de Teresa quebrantou-lha a enfermidade, desde que em Castelo Branco lhe estorvaram aproximar-se das grades. Seguiu os presos através de trinta e quatro léguas, podendo apenas comprar a condescendência de um soldado que uma vez

conseguiu entregar uma carta a António Maria, cujas algemas lha não deixavam lar. Quando chegou a Lisboa e encontrou os braços da mãe, pediu a Deus que a deixasse então morrer; mas, a espaços, sacudia o fantasma da morte com as tranças soltas da cabeça vertiginosa, empunhava o ferro dos três gumes e dizia umas palavras soltas que arrancavam clamorosos brados à mãe.

Entretanto, António Maria das Neves Carneiro era interrogado. Cumpria-lhe ser então homem e afrontar a morte com a dignidade dos seus modelos republicanos; nós, porém, a falar verdade, não tivemos no prefácio sanguinolento da nossa liberdade uma só dessas ilustres vítimas que soubesse morrer, confessando o delito de nos querer resgatar da tirania. Todos traíram os seus intuitos generosos, renegando-os. Nem Gomes Freire, o primeiro mártir involuntário, dera o exemplo da grandeza do sacrifício pelo desprezo da morte. António Maria, em frente do irremediável patíbulo, nem aí teve brios de aceitar o quinhão que lhe cabia na façanha. Um dos seus companheiros, Manuel Inocêncio de Araújo Mansilha, quando já não tinha onde firmar a âncora da esperança, declarava que não era cristão e queria morrer católico: cristão era ele como dizem que são os baptizados; mas esperava prolongar a vida com a cerimónia de um novo baptismo²⁵. E todos assim, sobre criminosos, deploráveis nas suas duas covardias – a do assalto e a da morte!

Quanto ao marido de Teresa de Jesus, esse²⁶, «interrogado nos autos de perguntas constantes do apenso último respondeu que não tinha concorrido para o referido delito, que não acompanhara os co-réus que o perpetraram, nem com eles fora pelo caminho de Condeixa, porquanto se havia antecipado com uma- licença de oito dias do vice-reitor da Universidade para ir passar as férias da Páscoa em Góis, para onde partira das nove, para as dez horas da noite do dia antecedente, próximo ao em que se cometeu o dito delito, indo a pé como costumava fazer muitas vezes; e que no mesmo dia em que houve aquele delito- em Condeixa, viera um seu amigo de Coimbra, e lhe contara aquele acontecimento, dizendo-lhe que em Coimbra se falava no seu nome como envolvido nele, e que por isso se retirou para o Paul e de lá para Espanha».

Eis aqui o tiritar do herói diante do aspeito carrancudo dos Ornelas, dos Maciéis Monteiro, dos Casais Ribeiro e dos Martens Ferrão, que envergavam as becas desembargatórias, e, ouvida ou lida a deplorável defesa, assinavam a sentença que rubricariam se ele então vaticinasse a alguns daqueles juizes que ia alegremente morrer no altar da liberdade onde mais tarde os filhos deles desembargadores implacáveis iriam buscar as suas cartas de conselho e as suas coroas de conde. E, se ele dissesse isto, pouco mais ou menos, o nobre conde de Casal Ribeiro e o Sr. Martens Ferrão, preceptor do príncipe, que Deus guarde, haviam de cuidar hoje que a sua posição fora profetizada há trinta e seis anos.

Não, senhores. António Maria das Neves não profetizou nada, não proferiu uma frase sequer imitada das muitas que immortalizaram os girondinos, e de tantas que uma valente mulher, a esposa de Roland, dizia aos seus companheiros da carroça, no caminho da guilhotina. Ouviu ler serenamente a sentença até ao terceiro período. Depois, saltaram-lhe as lágrimas em torrentes. Ouvira proferir o nome de sua mulher, porque a sentença principia assim:

Acórdão em Relação, etc. Que vistos estes autos que com o parecer do seu

²⁵ Veja *Memória do Que Aconteceu na Cadeia do Limoeiro com os Nove Réus Estudantes de Coimbra Que no Dia 20 de Junho de 1828 Padeceram o Suplício em Que um Deles, Manuel Inocêncio de Araújo Mansilha, Foi Baptizado*. Por Fr. Cláudio da Conceição, Lisboa, 1828.

²⁶ Palavras textuais da sentença que cone impressa e vem trasladada nos *Apontamentos para a História Contemporânea*, por Joaquim Martins de Carvalho. Coimbra, 1868.

Chanceler que serve de regedor, se fizeram sumários pelo acórdão fl. 119 vº ao réu António Maria das Neves Carneiro, estudante do segundo ano de Matemática na Universidade de Coimbra, casado com Teresa de Jesus Pereira... etc.

Depois recobrou os sentidos, emergindo daquela doce aniquilação de instantes, e desde que ouviu ler o final da sentença- ganhou alentos dignos de melhor causa. O final da sentença rezava assim:

Portanto e o mais dos autos; considerando que o réu António Maria das Neves Carneiro se acha incurso na disposição da Ordenação, etc., o condenam a que com baraço e pregão seja levado pelas ruas públicas desta cidade ao lugar da forca que se acha levantada no Cais do Tojo, e aí mona morte natural para sempre, e depois lhe sejam decepadas cabeça e mãos, que ficarão expostas nos ângulos da mesma forca até que o tempo as consuma: outrossim o condenam na indemnização dos efeitos roubados, 2000\$000 réis para cada uma das viúvas dos falecidos Mateus de Sousa Coutinho e Jerónimo Joaquim de Figueiredo e em 100\$000 réis para despesas da relação, e nas custas dos autos que lhe forem relativas.

*

A sentença foi lida no dia 6 de Julho, e no dia 9, ao meio-dia, o justicado passava caminho da forca, pela Rua das Pedras Negras, onde morava o negociante que hospedara Teresa de Jesus ²⁷.

²⁷ O meu amigo Augusto Soares Barbosa de Pinho Leal, testemunha ocular do suplício de António Maria das Neves, referiu-me, em numa carta mais histórica do que sentimental. o trânsito doloroso do marido de Teresa de Jesus.

Eis aqui a carta:

[...]

Vou narrar-lhe tudo o que desse facto me lembro; e, apesar de eu ter então treze anos e quase oito meses, não me saem da ideia algumas particularidades do que presenciei nesse dia. Pode afoitamente fiar-se na minha palavra.

Eu estava no Cais do Tojo com meu pai (que era então quartel-mestre de caçadores nº 4 – batalhão que estava então aquartelado no Mosteiro da Boa Hora, de Belém).

Neves Carneiro pareceu-me um homem já dos seus trinta anos (parece que ainda o estou vendo!). Ia muito pálido (pudera!...) e tinha cara de poucos amigos. Nariz grande- (judeu no caso) e dos chamados de bico de papagaio, e estatura regular. Pareceu-me largo dos encontros. Ia muito descarado, a gingar, e olhando para as janelas onde estavam senhoras. Mesmo com as mãos amarradas uma à outra, fazia a diligência de pentear o cabelo com os dedos! Não levava crucifixo entre as mãos, porque – segundo me disseram – tantas vezes os frades lho punham, como ele o atirava para o chão; mas isso não vi, porque já disse que estava no Cais do Tojo. Andava com o maior desembaraço.

Não sei quem lhe tinha prometido que havia de haver uma revolta, e que muitos liberais viriam em barcos, e, saltando inopinadamente no Cais do Tojo, o salvariam.

O diabo do homem, subiu com todo o desembaraço as escadas da forca (era de madeira e pintada de roxo-rei). Sentou-se no último degrau, e dali fez um speech, que meu pai escreveu na sua carteira (pouco mais ou menos – porque não era taquígrafo; nem então ainda cá os havia). Não sei que caminho dei ao tal speech, do que agora tenho bastante pena, porque lhe mandava a cópia. Estou perfeitamente lembrado que – em suma – disse que o que praticou foi um acto de justo desforço (!) e que, o que então era reputado crime, seria julgado um acto de patriotismo pela posteridade. Que não era aos homens que tinha de dar conta dos seus actos, mas ao Ente Supremo. (Os pedreiros não dizem Deus, nem Omnipotente – dizem Ente Supremo, ou Supremo Arquitecto), etc.

A escada da forca era do lado do norte, e, portanto, ficava ele – enquanto esteve sentado – com as costas para o Tejo; mas, no meio do seu discurso, virava-se frequentemente para o rio. Já sabemos porquê.

O carrasco, quando viu que ele papagueava de mais, e querendo acabar com aquilo, deitou-lhe o capuz pela cabeça, mas ele tornou a tirá-lo, e continuou a perlenga. Segunda vez o carrasco lhe deitou o capuz,

Ela já ali não estava, desde o dia em que a sentença foi lavrada.

Na manhã do dia 6 levantara-se ao romper da aurora com um semblante lívido, inerte, estupidamente sereno. Vestira-se de preto, de rigoroso luto, e pediu à mãe que não chorasse e lhe desse ânimo, porque havia sete noites que não dormia, e sentia-se morrer. Disse ao dono da casa que seu marido, segundo lhe afirmara o procurador, era sentenciado naquele dia, e enforcado três dias depois, como sucedera aos outros estudantes; que ela não queria ali estar, porque sabia que aquela rua era caminho para o Cais do Tojo; que ia passar alguns dias fora de Lisboa e voltaria depois a buscar sua mãe para se recolherem a Guimarães. O hospedeiro compadecido quis embargar-lhe a resolução, não quanto à saída, mas quanto ao incerto destino que ela levava. Ofereceu-lhe uma sua quinta em Sacavém. Teresa deteve-se um momento indecisa e aceitou; porém, como a mãe quisesse acompanhá-la, a filha impugnou que ela fosse, dizendo que precisava estar sozinha, e apenas levaria Caetana.

Pouco depois, entrava numa sege com a criada e com o negociante. Durante o caminho, ia como entorpecida, reclinada sobre o ombro da criada. Às vezes tremiam-lhe as pálpebras, e as lágrimas apontavam por entre as pestanas como pequenas pérolas. Não respondia e parecia ouvir com repugnância as perguntas.

Em Sacavém, ao recolher-se a um quarto, beijou a mão ao seu velho patrício e despediu-se.

– Se eu morrer – disse ela –, peça a minha mãe que me perdoe... Tencionava pedir-lhe perdão antes de sair; mas,.. não a quis fazer chorar.., nem eu podia chorar também.

O negociante realmente compreendeu que Teresa de Jesus devia esperar de Deus a misericórdia da morte.

Assim que se viu livre da opressora companhia daquele homem, indagou do abegão se havia em Sacavém cavalos de alquilaria. Mandou alugar dois para uma longa jornada e saiu com a criada, na noite daquele dia. Tinha dormido três horas e acordara com tremuras de frio. Batiam-lhe os dentes, quando o ardor das faces secava logo as lágrimas. O dia fora ardentíssimo; mas, à noite, a brisa do mar arrugava levemente a superfície do Tejo prateado pela Lua. Aquela mulher passava com a sua desesperação pelas formosuras dessa noite de Julho como os anjos réprobos de Milton despenhados do Céu por entre as rutilantes constelações do espaço.

*

Contara-se que o alcaide de Zarza, perdida a filha, ia vender os seus grandes casais e acolher-se ao sagrado claustro. Citavam-se exemplos de alentados malfeitores convertidos, e até ladrões bíblicos. Dimas, por exemplo: chamavam-lhe já um dos bons ladrões de Espanha. Estava-se a ver qual era o convento que apanhava a pechincha da doação.

D. Rojo volveu de Madrid a exercer as suas funções executivas com a costumada rectidão. Parece que não pensava em claustros nem em converter os seus haveres em títulos pagáveis na eternidade. Vivia triste, preocupado e talvez farto de viver; todavia, faltava-lhe a crença religiosa que busca no frade o bálsamo cicatrizante dos golpes que

com o mesmo resultado; mas à terceira, o carrasco, já farto de o aturar, segurou o capuz com ambas as mãos, escarrapachou-se-lhe nos ombros, empurrou-o, com os pés, para fora da escada e zás.

[...]

Parece que sempre se desconfiou de alguma tentativa de roubo do tal herói, porque o Cais do Tejo, e todas as suas imediações, principalmente do lado do rio, estavam cobertos de tropas, e não se deixava aproximar do largo senão militares.

nos fazem os nossos irmãos em Cristo. -

Disseram-lhe os seus aguazis que Teresa, a viúva do enforcado, havia entrado em Zarza na madrugada do dia 14 de Julho, ao- mesmo tempo que o correio lhe levava a notícia do suplício do estudante; acrescentaram que ela e urna criada se encerraram na casa de sua antiga residência; e perguntaram-lhe se deviam prendê-la ou vigiá-la.

- Não a prendam nem a vigiem - respondeu o alcaide. À meia-noite desse mesmo dia, quando D. Rojo de Valderas regressava de um largo passeio para se refrigerar da calma da tarde, entreviu rente da sua casa um vulto, esbatido na sombra do alpendre que encimava o portal. Não se deteve em conjecturas nem em precauções. Prosseguiu o seu caminho com o descuido de quem não divisava coisa suspeita; e, ao avizinhar-se três passos do portão, viu ressaltar o vulto da sombra e correr contra ele com o braço erguido. O aço de um punhal lampejou no ar e quedou-se trémulo um instante, enquanto o agressor proferia estas palavras:

- É a viúva da tua vítima que te mata, infame!

O braço desceu e encontrou entre o ferro e o peito uma garra que lhe empolgava o pulso. A heróica viúva tinha diante de si o mais valente caudilho das hordas da Castela Velha. Não pensou de antemão que Holofernes dormia e Marat estava no banho quando foram assassinados.

Neste conflito, a ronda, que vigiava *de moto* próprio as avenidas da casa do seu alcaide, viu aquele vulto de mulher a debater-se na presa inflexível de outro vulto. Correu para o grupo.

- Conduzam esta mulher à minha presença - disse o alcaide - e tragam esse punhal que está no chão.

Os aguazis pegaram dela pelos braços com arremesso.

- A modo! - obstou D. Rojo. - Conduzam-na sem violência.

O alcaide abriu a porta e entrou no pátio alumiado por um lampião pendente. No patamar assomou um criado com um candeeiro, e foi adiante do amo.

- Para a casa da audiência - disse D. Rojo.

Pouco depois entrou Teresa de Jesus com os dois esbirros. Um deles trazia o punhal.

- Ponham o punhal sobre aquela mesa e esperem no pátio - disse ele, e foi fechar a porta da sala.

Depois aproximou uma cadeira da mesa que ocupava o topo da sala e disse a Teresa:

- Queira sentar-se.

Ela movia-se como um autómato; era perfeitamente a mulher, como a natureza a fez, aniquilada, abatida, sem reacção.

O alcaide abriu uma gaveta, tirou um macete de cartas, desdeu o laço da fita preta que as cingia, tirou duas ou três, que abriu, e disse:

- A Sr^a D. Teresa de Jesus recebeu cartas de minha filha Inês; deve recordar-se da letra dela. Veja. Estas cartas foram escritas a seu marido, quando ele abandonou minha filha; depois, estas cartas voltaram à mão de minha filha, quando, segundo o costume, se trocaram de parte a parte as correspondências, como desenlace final das relações. Queira ler, Sr^a D. Teresa, o que a sua antiga amiga e minha pobre filha escrevia ao cavalheiro que a senhora amava.

Teresa leu mentalmente a primeira carta que o alcaide lhe ofereceu. Parecia comovida e espantada.

- Agora esta - disse o alcaide, oferecendo-lhe segunda.

- Já compreendi tudo - respondeu ela, recusando ler a segunda.

- Não compreendeu tudo; leia - instou ele. Teresa leu até ao meio e depôs a carta

sobre a mesa, murmurando entre soluços:

– Que desgraça, meu Deus!

– Acaba de ver a Sr^a D. Teresa – disse pausadamente, com pungentíssima serenidade o pai de Inês – que eu não vinguei minha filha ofendida somente no seu coração; vinguei minha filha traída desonrada e abandonada como qualquer dessas ínfimas mulheres que se acham na miséria e se mudam da miséria para o alcouce. E não só traída, e desonrada, senhora! Ai há alguma coisa mais atroz nessa segunda carta que viu. Inês, a perdida, para matar um filho que havia de apregoar a sua desonra, matou-se a si própria. Imagine, se pode., as torturas da minha desgraçada filha, e recorde-se das alegrias com que seu marido festejava em Badajoz as suas núpcias quando minha filha agonizava ali naquele quarto. Meditou, Sr^a D. Teresa?

O alcaide levantou-se, pegou do punhal, aproximou-se de Teresa e ofereceu-lho, dizendo:

– Agora, aqui tem o seu punhal, e aqui tem o peito que não pôde ferir há pouco. Vingue-se! Aperfeiçoe a obra de seu marido. Mate o pai da mulher que ele desonrou e matou!

Teresa, com o rosto entre as mãos, arquejava afogada em lágrimas e dizia, soluçando:

– Como eu me perdi, meu Deus!, corno eu me perdi!

– Olhe, senhora – volveu D. Rojo de Valderas. – É espantoso que seu marido não visse a força levantar-se diante dos pés a cada passo que dava! Pois aquele homem, cheio de crimes, esperaria ser feliz? Eu nunca o fui, porque delinqui na minha mocidade. Expiei, estou expiando nesta duríssima penitência de pai que não tinha mais nada neste mundo senão ela. Nós, os criminosos, somos mastins danados que nos atassalhamos uns aos outros. Ele desfez-me debaixo dos pés do seu desprezo, enterrou-me na lama da desonra; e eu matá-lo-ia, se o verdugo mo não disputasse. Se este seu punhal, Sr^a D. Teresa, me tivesse entrado no coração, eu morreria negando a justiça de Deus. Não é crível que a Providência consentisse a grande iniquidade de eu ser assassinado pela viúva de um homem que me tirou dos braços uma filha única e me atirou à sepultura! E, pois que Deus não quis que eu fosse morto às suas mãos, vá a senhora com Deus, que eu de mim lhe perdoe a tentativa, e não sei mesmo se lhe perdoaria a morte, porque as dores da minha vida são mais intensas que a instantânea agonia de uma punhalada. Vá em paz, vá para a companhia de sua mãe, restabeleça a sua alma enferma com a consolação das lágrimas, e da oração, se crê noutra vida; e, quando pedir a Deus que chame a si as almas que padecem, lembre-se também de mim, e daquela pobre menina a quem a senhora alguns anos chamou a sua querida Inês.

D. Rojo abriu a porta, passou ao topo da escada, chamou os aguazis e disse-lhes:

– Vão acompanhar esta senhora a sua casa e recebam as suas ordens. Tem de acompanhá-la até à fronteira, e daí seguirão até onde a Sr^a D. Teresa quiser ser acompanhada.

Depois conduziu-a até ao pátio e disse-lhe, comovido:

– Adeus! Neste mesmo sítio a vi eu muitas vezes abraçada com minha filha... Adeus!

*

Logo que entrou em Portugal, Teresa de Jesus escreveu ao comerciante do Polo, dizendo-lhe que esperava sua mãe na Golegã para dali seguirem para Guimarães.

A viúva de António Maria das Neves, sedutor de Inês de Valderas, ia compenetrada da certeza de morrer. Traçara o plano da sua agonia, encenando-se no

quarto onde nascera, esquivar-se aos olhares afrontosos de toda a gente, e assim acabar.

Não sucedeu assim. É verdade que se encerrou; mas não morreu. Na solidão, muitas vezes, é que as almas doentes convalescem e se fortificam. Saudades do segundo marido não podiam ser mais pungentes do que costumam ser as saudades dos maridos honrados. O tempo entrou a ministrar-lhe os seus antídotos, e o coração portanto a sentir-se, de mês para mês, mais desobstruído, o apetite a aparecer, e as primaveras dos anos subseqüentes a abrirem-lhe na alma umas novas auroras e renovadas florescências.

Por morte de Feliciano, que ainda durou doze anos, Teresa de Jesus herdou o necessário e o supérfluo a uma abastada mediania. Na volta dos quarenta anos, afervorou-se na religião de Jesus Cristo, compreendendo-o pela divindade dos preceitos da esmola, Era muito caritativa; não rezava muito; mas indagava as misérias envergonhadas; e acontecia sair de casa para ir à igreja e esquecer-se da igreja se acertava de encontrar uma casinha de pobres onde houvesse fome de pão e de palavras confortadoras.

*

Em 1873, vindo eu de Santo António das Taipas a Guimarães, por uma manhã de Junho, entrei no cemitério com um meu amigo.

Estava o coveiro a aplanar com a enxada um valo de sepultura.

– Quem se enterrou aí? – perguntou o meu amigo.

– Foi a D. Teresa da Rua dos Fomos.

– Ah!, já sei ... – disse o meu companheiro. – Era a viúva do enforcado.

– A viúva do enforcado? – perguntei eu. – Que é isso?

– Eu lhe conto.

E referiu-me a história.

Perguntei-lhe, afinal, por Caetana, porque eu – que excentricidade! – achei aquela Caetana uma peça verdadeiramente nacional, portuguesa de todos os quilates.

– Caetana – explicou o meu amigo –, voltando para Guimarães, já não encontrou o anspeçada; e, passados dois anos, soube que ele capitulara em Évora Monte e se recolhera a Cabeceiras de Basto com as divisas de segundo-sargento e sem o braço esquerdo. Pediu licença à ama para o ir ver e consolar na sua decadência e valer-lhe na pobreza. Foi, com efeito, e encontrou-o deitado na eira de um lavrador, a fumar cachimbo, de barriga ao ar. Reconheceram-se e exclamaram mútuas expansões e protestos de nunca mais se apartarem. Casaram; e como Caetana amealhara, nas águas turvas dos infortúnios da ama, algumas dúzias de moedas, abriram uma estalagem em Cavês. Viviam felizes, quando apareceu em Portugal o MacDonell por 1846. O sargento apresentou-se ao caudilho escocês e foi logo feito tenente quartel-mestre. Na refrega de Braga morreu o marido de Caetana batendo-se valentemente nas trincheiras da Cruz da Pedra. A viúva, quando teve a funesta notícia, parece que esteve a morrer; mas resistiu, porque estava muito nutrida. Fechou a estalagem e começou a emprestar dinheiro a juro de 10 por cento ao mês e a rezar muito por alma do marido.

E assim a rezar, a emprestar dinheiro e a engordar, ainda vive neste ano de 1877, em Margaride, sua terra natal.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1999

<http://www.ipn.pt/literatura>
